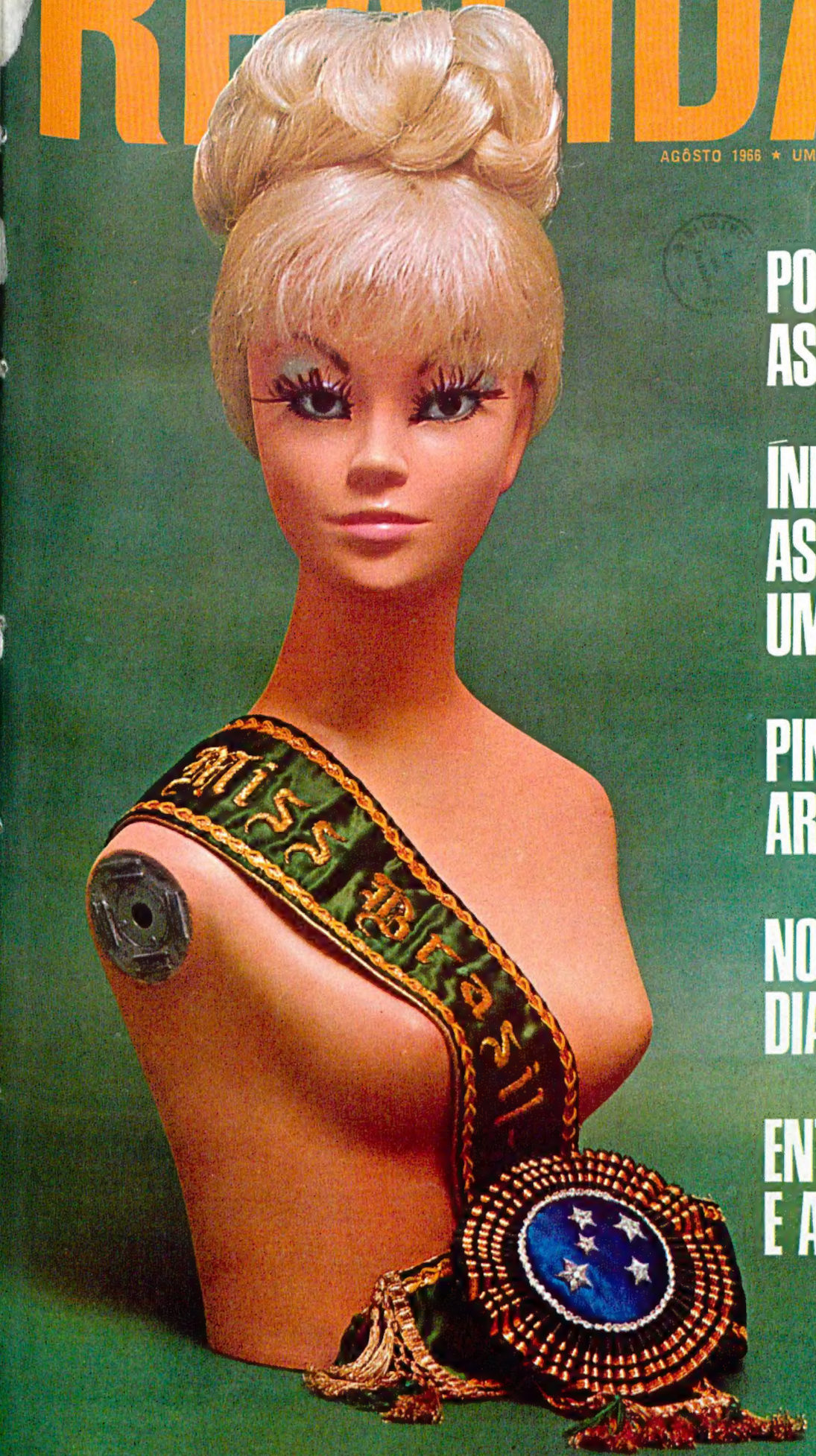
REALIDADE

AGÔSTO 1966 ★ UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL ★ Cr$ 700



PORQUE CHORAM AS MISSES

ÍNDIOS: ASSIM NASCE UM GUERREIRO

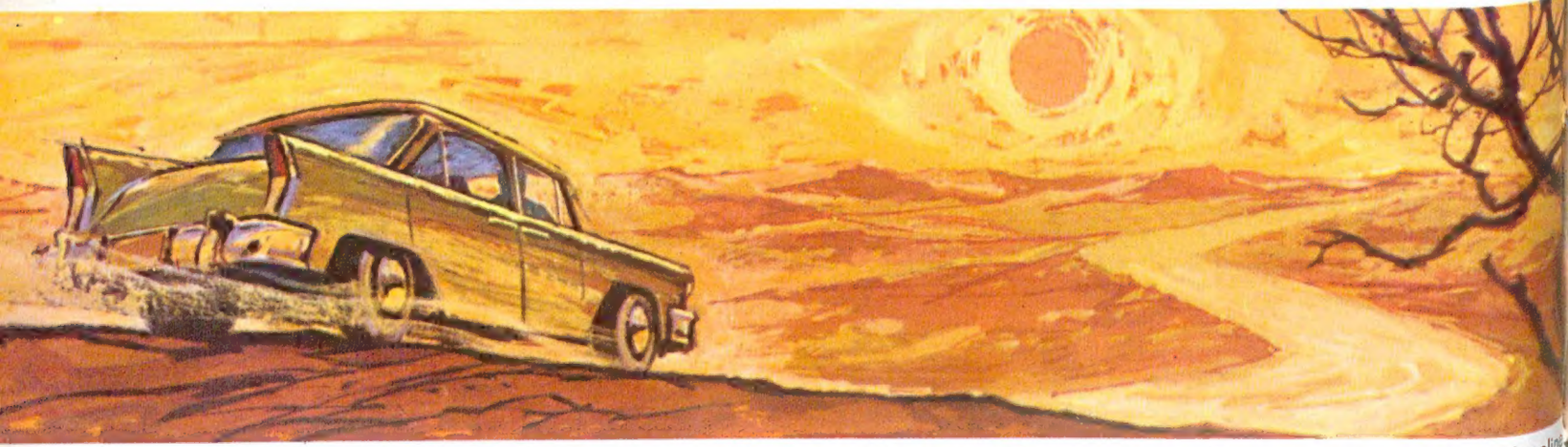
PINTURA MODERNA: ARTE OU LOUCURA?

NOSSA JUVENTUDE DIANTE DO SEXO

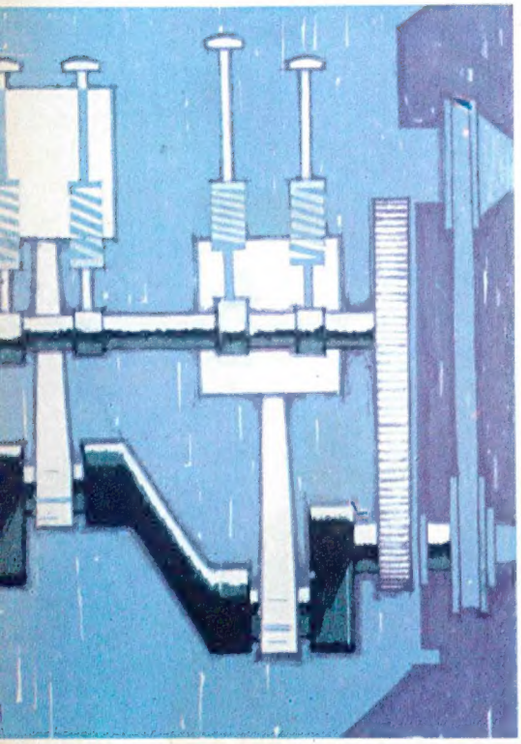
ENTRE NA SALA E ASSISTA À OPERAÇÃO

Quanto tempo sem ir à oficina?

É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sómente HAVOLINE o HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na oficina.



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havoline Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruida a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do motor.



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e **Havoline All Temp** para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificações API: ML, MM, MS, TG e ITM. Para sua comodidade, **Havoline All Temperature Motor Oil 20W-40** atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amigo do seu carro

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 5 — AGÔSTO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I-0000022292-DL
2,058,01,02
Et. 8789 23 B. 213659

Capa		O rosto é bonito, a faixa de miss cobre um manequim, símbolo do que fazem das môças que disputam concursos de beleza. Foto de Lew Parrella.
Internacional	19	**Os governos caem; a Argentina continua** — Um retrato do maior vizinho do Brasil, um país rico, mergulhado em crise política há quase 36 anos.
Futebol	28	**As copas que eu ganhei** — Há quatro meses, Paulo Machado de Carvalho nos deu uma entrevista. E nunca como agora, foi tão oportuno publicá-lo.
Aventura	36	**Indinho brinca de índio** — Piqui-Diauá sabe conversar com os peixes e a natureza do Xingu, onde vive, bastante feliz, sua vida de criança inocente.
Perfil	50	**O homem Amado** — Pai de Gabriela e de dona Flor, o romancista Jorge Amado vive em Salvador fabricando êxitos. Como é êsse amigo do sucesso?
Arte	58	**Esta é a arte do nosso tempo** — Cinco novos pintores brasileiros, a caminho da consagração, ilustram uma introdução à discutida arte moderna.
Pesquisa	68	**A juventude diante do sexo** — Mil jovens foram consultados para se obter um retrato do que pensa, fala e faz a mocidade em matéria de sexo.
Política	82	**E agora, Governador?** — Governar, palavra fácil para designar uma coisa difícil: como um môço de 37 anos está tentando responder a essa pergunta.
Mulher	88	**Pobre menina Miss** — Quando as mocinhas bonitas jogam seus sonhos na passarela dos concursos há, invariàvelmente, muito mais lágrimas do que risos.
Personagem	99	**Um homem contra o mundo** — O General De Gaulle não perde o gôsto pela luta. Vai ano, vem ano e lá está êle na sua amada trincheira: a França.
Medicina	106	**Silêncio: êles estão abrindo um coração** — Mas o coração não pára de bater nem quando recebe o corte do bisturi. E a todo tempo a morte ronda a sala.
Religião	116	**Poemas para rezar** — Trechos de cinco orações diferentes de Michel Quoist, ilustrados pelo fotógrafo Olivier Perroy. Há até futebol e uma nota de mil.
Crime	122	**De agrado também se morre** — Quatro mulheres, doze cadáveres, muito doce de mamão e uma feijoada mortal compõem um misterioso drama.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, Roberto Freire José Hamilton Ribeiro
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci

Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 700. Assinatura semestral Cr$ 4.200, Assinatura anual Cr$ 8.400. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901.

/ Todos os direitos reservados.
/ Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.
As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

cartas

Um aviso honesto

Sr. Diretor: No mundo de hoje, onde a honestidade é uma palavra fora de moda, os senhores foram surpreendentes quando avisaram que, pelo aumento de tiragem para 450 mil exemplares, eram obrigados a usar papel pior em algumas partes da revista. REALIDADE é tão boa, que se não houvesse o aviso ninguém ia perceber.

Antônio C. Carvalho
Brasília — DF

— Ainda êste mês, a revista aparece com papel de inferior qualidade em algumas páginas. A partir da próxima edição, tôda ela voltará a ser impressa em papel-REALIDADE.

Divórcio: prazo e anonimato

Sr. Diretor: Comprei REALIDADE no fim do mês e estou me apressando em lhe enviar minha resposta à pesquisa sôbre o divórcio. Espero que ainda esteja em tempo, pois acho o assunto muito importante.

S.J. Fernandes
Rio — GB

Sr. Diretor: Envio anexa a minha resposta sôbre a pesquisa "Desquite ou divórcio?" Aposto, porém, que vocês vão receber pouquíssimos cartões, pois ninguém vai querer dar seu nome e enderêço.

Solange Pacheco
Araçatuba — SP

— REALIDADE, até o momento, já recebeu milhares de cartões de todos os cantos do País. O prazo final para o recebimento das respostas é 31 de agôsto. Não é necessário fornecer nome e enderêço: bastam os dados referentes a idade, sexo, estado civil, profissão, cidade e Estado.

Contra o divórcio

Sr. Diretor: A sociedade atual já enfrenta muitos obstáculos para obter a paz social. O divórcio iria ser mais um problema a ser enfrentado. É melhor pensar em instrução obrigatória para os noivos, com atestados de freqüência que deveriam ser apresentados na hora do casamento.

Felisberto Troaskaitis
Comerciário
São Caetano do Sul — SP

Sr. Diretor: Tanto o divórcio quanto o desquite não representam um amadurecimento cultural. Pelo contrário, são marcha à ré para o abismo. Tudo não passa de pretexto para destruir a família brasileira e deixar crianças no abandono.

Diva R. Arruda
Escriturária
Jundiaí — SP

Sr. Diretor: A separação conjugal é um câncer, que não pode ser curado e só prevenido. Quem casa deve estar ciente de que recebeu um sacramento indissolúvel.

Eduardo F. Breda
Postalista
São Paulo — SP

A favor do divórcio

Sr. Diretor: Sou a favor do divórcio, porque um casamento fracassado já não é mais casamento como Deus o deseja.

Ulrich Feisher
Pastor
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Quando o casamento fracassa, rui por terra, só o divórcio é solução racional, moral e lógica. O desquite, como a lei brasileira faculta, é uma imoralidade, um êrro grosseiro de direito.

Lauro de Queiroz
Funcionário público aposentado
Curitiba — PR

Sr. Diretor: Sou a favor do casamento experimental, por dois anos, sem filhos, que seria a fase de melhor conhecimento e adaptação do casal. Quem vai casar **imagina** o que é o casamento, mas só depois de casado é que **vê** o que é. Mesmo assim, passado êste estágio, seria justo conceder o divórcio, após um ano de separação do casal.

Y. Mendes
Professôra
São Paulo — SP

No meu banheiro eu exijo a qualidade ATMA

Porque todos os assentos sanitários ATMA são sanitizados.* Isto quer dizer: O plástico recebe uma imunização que o protege a vida tôda contra as bactérias e os germes. Além disso, os assentos sanitários ATMA são resistentes, duráveis e apresentados em bonitas e variadas côres. Uma delas, pode notar, sempre combina com as peças do seu banheiro. Sòmente a ATMA tem vários modelos diferentes, para facilitar sua escolha.

Uma exclusividade ATMA

O Vigilante RC é o responsável pela qualidade dos produtos

ATMA PAULISTA S.A.
Rua do Curtume, 434 - São Paulo

Perna de sanfona... ou Nycron?

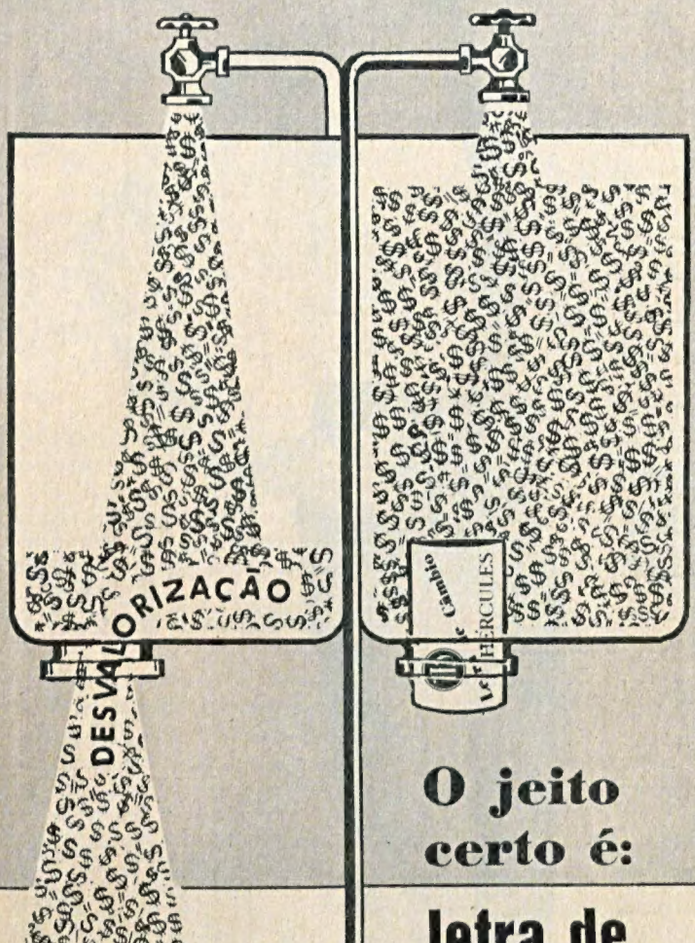
Nycron lhe oferece um vinco vertical (em cada perna, naturalmente). Nenhum horizontal.

NYCRON

um tecido SUDAMTEX

É impossível economizar...

assim!



O jeito certo é:

letra de câmbio

HÉRCULES

LUCRO SEGURO, TRANQÜILO E ANTECIPADO.

DINHEIRO DEPOSITADO, É COMO ÁGUA EM TANQUE FURADO.

Guarde bem sua letra de câmbio Hércules!
Ela é uma ordem de pagamento ao portador!

HÉRCULES S.A.

Crédito, Financiamento e Investimentos.
C. Pat. 205 - Capital e Reservas 894.719.547

B. Horizonte: R. Espírito Santo, 495 - 13.º andar
Fones: 2:5843 e 2:2604.

São Paulo: Rua 15 de Novembro, 184 - 9.º andar
S/ 903 - Fones: 35:8798 e 36:7800

Curitiba: R. Marechal Floriano, 96

Guanabara: Av. Rio Branco, 114 - grupo 83
Fones: 42:3929 e 22:5883

Av. N. Senhora de Copacabana, 897 - grupo 201
Fone: 57:5878

Juiz de Fora: Gal. Belfort Arantes, loja 14

cartas

Quem está ganhando a votação?

Sr. Diretor: Gostaria de saber logo como anda a votação da pesquisa sôbre o desquite?

Luísa Azevedo
Cuiabá — MT

— As respostas ainda não foram tabuladas. Até o momento de fecharmos esta edição, entretanto, os votos favoráveis ao divórcio apareciam em grande maioria.

Continuem como até aqui

Sr. Diretor: As pessoas do nosso imenso Brasil que não gostam das reportagens sôbre sexo, genética e ciência em geral, procurando condená-las, são pessoas recalcadas e mal orientadas. Existe por aí o sistema de educar os filhos afastando-os da verdade. Disso surgem os preconceitos e falsos pudores. A revista REALIDADE deve continuar sempre como vem sendo até agora.

Gertrudes S. Rogler
Curitiba — PR

De nôvo, as suecas

Sr. Diretor: A respeito da reportagem "As suecas amam por amor", publicada no primeiro número de REALIDADE, nossa igreja enviou-lhe correspondência, que foi transcrita na seção "Cartas". Quero esclarecer que o sermão que na ocasião proferi não era favorável à atitude da atriz Ingrid Thulin. É bem diferente a ética do Nôvo Testamento, tido por nós como a palavra de Deus.

Pastor Roberto V.C.T. Lessa
Primeira Igreja Presbiteriana Independente
Curitiba — PR

Não é demagogo

Sr. Diretor: Os leitores que qualificaram o sr. Jânio Quadros — após reportagem publicada em REALIDADE — de "pernicioso e nefasto demagogo" devem ter sido, êles que me perdoem, muito justamente castigados pelas vassouradas do ex-Presidente.

Paulo Lucena
Belém — PA

Revistas postas no bôlso

Sr. Diretor: Parabéns pelo n.º 4 de REALIDADE. Êle veio mostrar a potência da revista, que está colocando tôdas as outras publicações nacionais no bôlso.

Roberto Alves
Araraquara — SP

Flintstone sou eu

Sr. Diretor: Ao contrário do que publicou REALIDADE número 3, quem faz a dublagem da voz de Fred Flintstone — assim como as de Bela Lugosi, Leo B. Carrol, Lon Chaney Júnior e outros — sou eu.

Marthus Mathias
São Paulo — SP

Médicos e pedreiros

Sr. Diretor: Tenho em mãos um exemplar de REALIDADE, que me deixou fascinado: é uma revista para ser lida por médicos e pedreiros, advogados e empregadas domésticas, professôres e alunos, jovens e velhos, engenheiros e agricultores.

Zeno Simm
Rolândia — PR

Pesquisa sôbre a juventude

Sr. Diretor: Tenho notado que certas revistas estão copiando suas reportagens. Creio, e por isso lhes escrevo, que os senhores não devem se preocupar, pois as tais revistas a cada dia caem mais no conceito dos leitores. Sugiro a REALIDADE, também, fazer uma grande pesquisa entre os jovens, para saber o que êles pensam do futuro profissional e do amor, principalmente.

Júlio C.S. Roriz
Rio — GB

— Veja a reportagem na página 68 e seguintes.

A esquerda desanimada

Sr. Diretor: Não posso deixar de felicitá-los pela espirituosa reportagem "Esquerda, volver!". Através dela fiquei sabendo que a minha esquerda é a desanimada. Mas por via das dúvidas, não dêem o meu nome e endereço completos.

M.A.C.S.
Belo Horizonte — MG

*

Correspondência para REALIDADE: R. João Adolfo 118, S. Paulo — SP.

Os fabricantes do Ron Merino - "o mais fino" são tão fanáticos pela qualidade de seus produtos que conseguiram produzir um rum de categoria "hors-concours":

CUBA LIBRE RON

o fino do fino...

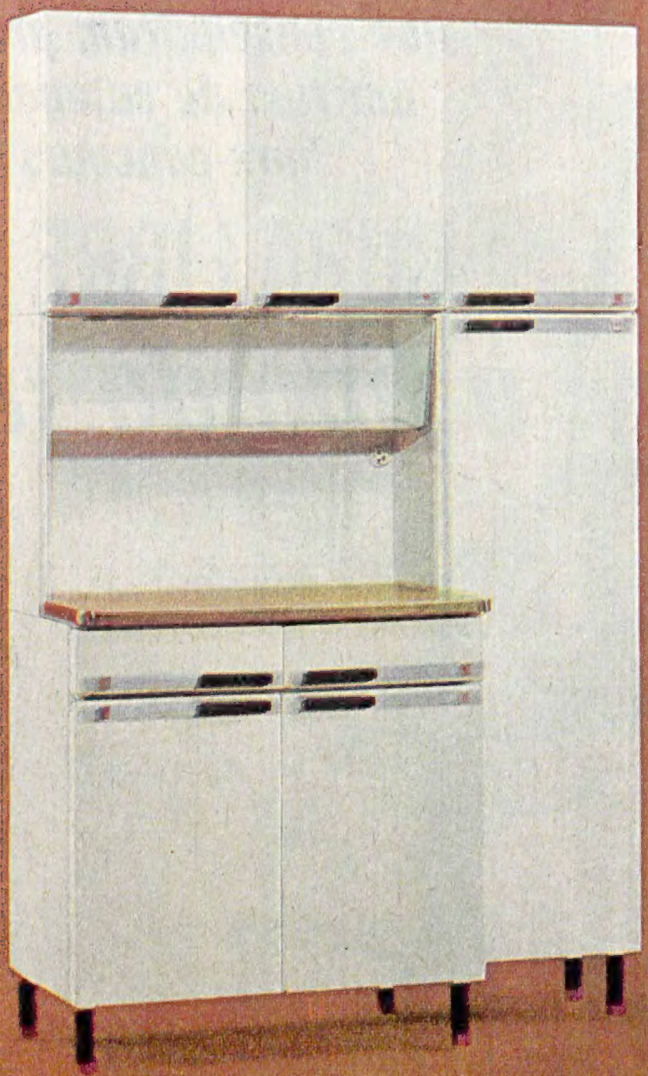
PEÇA AGORA RUM PELO NOME QUE A QUALIDADE LHE DEU:

CUBA LIBRE RON

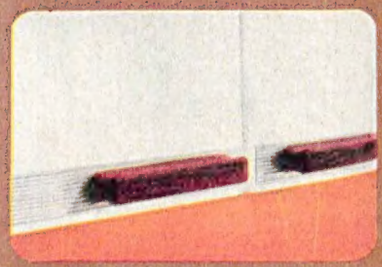
BEBIDAS MERINO S. A. fabricaram o primeiro rum do Brasil em 1946. Desde então ainda produzem com a mesma fanática dedicação o RON MERINO o RIO CLUB RUM, o CAFE ROYALE o CAFÉ LICOR e o VODKA PRINCIPE IGOR.

BEBIDAS MERINO S.A. UMA EMPRÊSA 100% NACIONAL

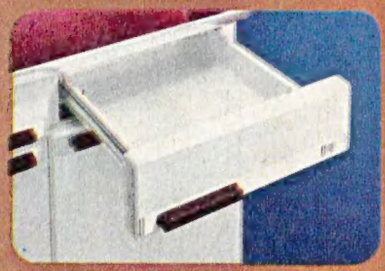
Observe os detalhes...



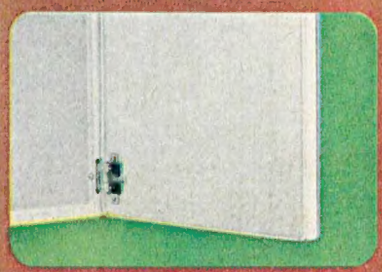
mod. 062



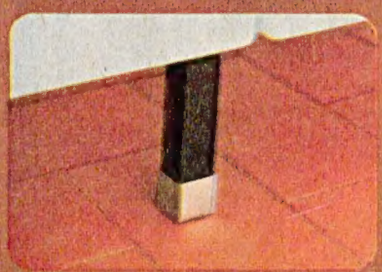
- Puxadores de jacarandá da Bahia e frizos de cromo-alumínio.



- Gavetas de cantos arredondados e plano de fórmica.



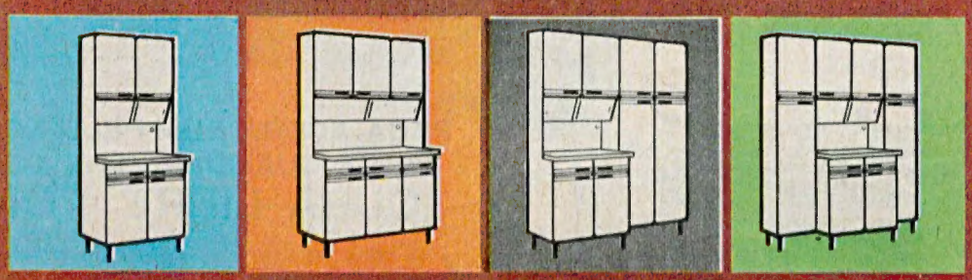
- Portas forradas e dotadas de amortecedores de dupla ação.



- Pés de aço reguláveis protegidos por sapatas inoxidáveis.

... e a beleza do conjunto

Tudo foi planejado para oferecer a você um móvel prático, resistente, para durar anos e anos com a mesma perfeição e beleza do primeiro dia de uso. E que fôsse, ao mesmo tempo, um móvel estèticamente incomparável.



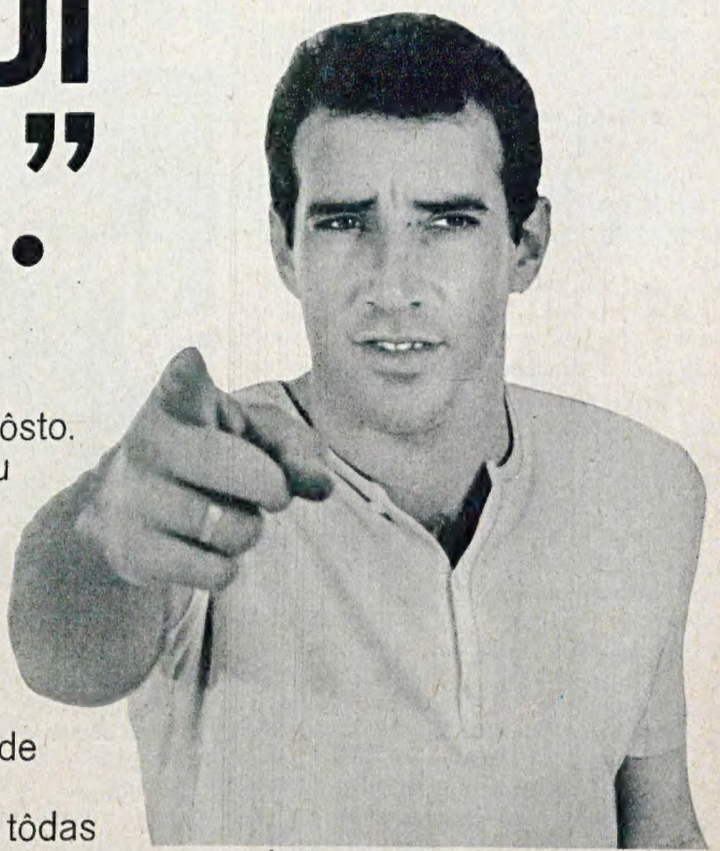
mod. 042 mod. 072 mod. 082 mod. 0122

SECURIT

conjuntos para copa e cozinha

À venda, em todo o país, nos revendedores Securit autorizados

"Quero explicar a todos vocês, porque não usei as lâminas Gillette Super Azul por 3 dias."



Êste é o desabafo do Gerson.

"Detesto brincadeiras de mau gôsto. E foi justamente isso que aconteceu comigo. Não vou dizer o nome mas um gozador muito conhecido escondeu as minhas lâminas Gillette Super Azul. As lâminas só apareceram quando eu devolvi a gaiola do passarinho dêle. Tive de ficar 3 dias sem fazer a barba, porque já acostumei com a suavidade da Super Azul. Estou contando tôdas essas coisas, prá acabar de uma vez por tôdas com a falação dêsse pessoal que vive pondo reparo na vida da gente."

A lâmina Gillette Super Azul desliza com tanta suavidade e custa tão pouco, que é muito mais vantagem fazer a barba em casa!

televisão

Cantor se ouve com os olhos

— Vai, vai; não vou,
vai, vai; não vou.

Ellis Regina marca a música com balanço do corpo, fazendo-a crescer até a explosão. Então, joga os braços para o ar e afirma com grandeza:

— Não vou!

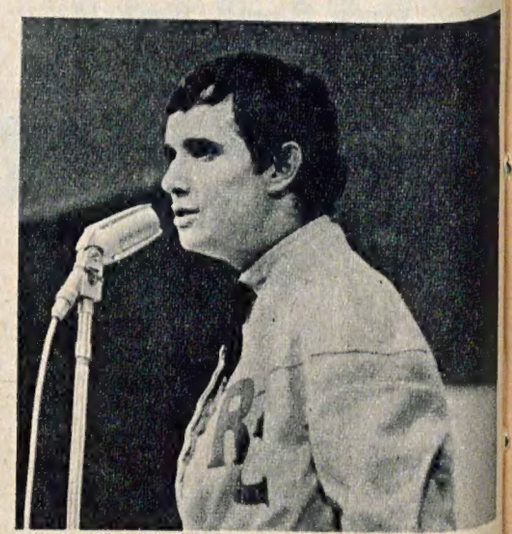
Voz, música e gesto fundem-se nesse instante, um dos mais sugestivos da televisão brasileira: o da cantora que se ouve com os olhos.

A nossa TV nasceu com a música. Sua primeira imagem foi a de um cantor, num programa exclusivamente musical: Frei José de Guadalupe Mojica.

A luta pela criação de um tipo de música que correspondesse às necessidades visuais da televisão começou quando esta surgiu no Brasil. Inicialmente, a inspiração veio do mundo do rádio e do disco. E, assim, os espetáculos de televisão repetiram, com poucas variantes, as fórmulas das "paradas de sucesso" radiofônicas e funcionavam como câmara de eco do êxito que o disco já garantira. "Times Square" é exemplo do brilho momentâneo dêsses programas.

O samba, comunicativo e rico em apelos, já chegou à TV com as cicatrizes dos maus tratos que lhe impôs o cinema nacional. Assim, por 15 anos a TV se frustrou nos esforços para a criação do seu musical. Os cantores românticos não lhe serviram bem e o vídeo foi incapaz de sustentar o intimismo da bossa nova.

Por isso, quando, há um ano atrás, a televisão resolveu entregar uma hora de programa a uma menina que não tinha seis meses diante das câmaras, a TV-Record de São Paulo podia confiar apenas parcialmente no sucesso do programa. Nunca, porém, teria previsto a revolução que desencadeou. As grandes audiências pertenciam às telenovelas. Derrotada nesse campo, a emissora descobriu no sucesso dos **shows** de bossa nova do Cinema Paramount, em São Paulo, o caminho para sua recuperação. Ellis Regina acabava de se impor como o grande astro do momento, defendendo de forma excepcional "Arrastão", canção vencedora do 1.º Festival de Música Popular. Mas não ficaram em Ellis: contrataram com exclusividade os melhores cantores e instrumentistas do País para a produção de "O Fino". Entusiasmada pelo êxito alcançado, a Record repetiu o mesmo esquema de programa com os artistas Roberto Carlos e Elisete Cardoso, com os **shows** "Jovem Guarda" e "Bossaudade".



Ellis Regina, Agnaldo Rayol, Côrte Real e Roberto Carlos

E vingaram porque televisão é coisa para se ver, ouvindo. Nos musicais essa fórmula existia em "Brasil, 60" com Bibi Ferreira, do qual "O Fino da Bossa" é versão melhorada e atualizada pelo mesmo produtor: Manuel Carlos. Ellis entra com o necessário encanto, a inteligência e a comunicabilidade de apresentadora. Além disso, sabe cantar o que o público de hoje gosta, do jeitinho que o público de agora quer. Os ingredientes são diferentes, porém a fórmula é a mesma em "Jovem Guarda", onde Roberto Carlos é considerado, por seus admiradores, tão bom de se ver quanto de se ouvir. Juntar a presença agradável e a bela voz de Agnaldo Rayol ao humor sadio e inteligente de Renato Côrte Real — no "Côrte Rayol Show", outro passo da televisão Record — no fundo, vem dar no mesmo: representação e canto, isto é, musical para televisão.

Considerar "O Fino da Bossa" e Ellis Regina em decadência, apenas porque "Jovem Guarda" e "Côrte Rayol Show" alcançaram maior audiência, é grave êrro. Problemas de concorrência interna dentro da própria emissora, causados por motivos estranhos ao valor de seus artistas e não compreensão de suas diferentes faixas de interêsse popular, levaram os responsáveis pelo "Fino da Bossa" a descuidarem do que tinham feito de melhor nesse campo. O que não podem, os produtores e o público, é responsabilizar apenas a cantora por erros eventuais cometidos. Se houve erros, êles podem ser corrigidos.

Mesmo que êsse programa saísse do ar não se poderia modificar o que Ellis criou. As raízes de sua expressão de cantar ultrapassam os modismos e mimetismos. Foi no vigor expressivo da música negra que Ellis encontrou os instrumentos de criação. Quando canta **Zumbi, Arrastão** ou **Canto de Ossanha,** o seu balanço nada tem de comum com a ginga do samba carioca e com a bossa nova. É a própria fôrça primitiva do canto afro-brasileiro que a embala e possui. O canto negro, a quem o disco e o rádio negaram valor artístico, vinga-se do desprêzo antigo encarnado na arte de Ellis Regina, o mais sofisticado dos instrumentos de divulgação musical.

rádio

A voz oficial fala sòzinha

Sete e meia da noite em ponto. Em milhões de rádios ligados por todo o País o locutor já anunciou que está aguardando a formação da Rêde Nacional de Informações, e milhões de brasileiros só esperam ouvir os primeiros acordes da abertura de **O Guarani** para desligar o aparelho durante os próximos 30 minutos: ninguém quer ouvir a **Voz do Brasil.**

Foi Getúlio Vargas quem criou o programa durante a ditadura, para manter o povo informado do que o Govêrno ia realizando e para fazer propaganda política. Nestes anos todos, sai Govêrno entra Govêrno, a **Voz do Brasil** nunca parou de falar, às vêzes mais, às vêzes menos. Mas até agora só ensinou uma coisa a quem tem aparelho de rádio: sete e meia é hora de virar o botão para a esquerda, e rápido.

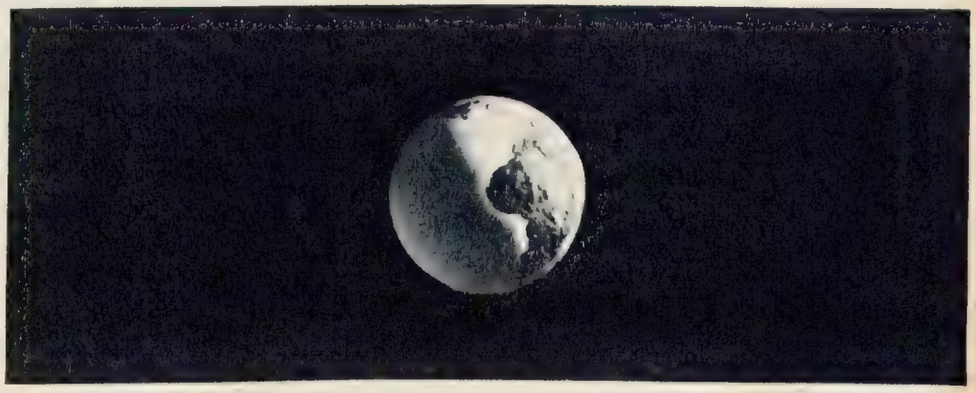
No entanto, cada vez mais brasileiros se interessam por política e administração pública. Outros programas de rádio e de televisão, que tratam dos mesmíssimos assuntos da **Voz,** têm grande audiência. Tudo isso mostra que nessa meia hora está faltando alguma coisa. Vamos fazer o que não fazem, no mínimo, 90 em cada 100 brasileiros: ligar o rádio, justamente às 19h30, e ouvir o que diz a **Voz.**

É um dia qualquer. Dois narradores vão falar no mesmo tom, frio e monótono, meia hora sem parar. Primeiro vem um editorial. Em cinco minutos a linguagem sêca procura provar que o custo de vida baixou. É meio difícil perceber quando os locutores mudam de assunto. Êles já estão relatando agora as atividades do Presidente da República. Continuamos ouvindo e ficamos sabendo que nesse dia o Presidente recebeu prefeitos, sancionou uma lei, vetou outra, decretou, nomeou, ordenou, memorandou e informou.

O programa se arrastou por 25 minutos, os últimos foram guardados para informar de como o Presidente compareceu a um casamento, para ser padrinho do noivo. Êste assunto, e muitos outros do programa, todos os jornais da tarde, os rádios e as televisões já tinham noticiado. O narrador anuncia que não tem mais nada a dizer, vem **O Guarani** outra vez, milhares de brasileiros voltam a ligar o rádio. São 20h. Vai começar o **horário nobre.**

Parece ter ficado claro que o jornalismo a serviço do mundo oficial parou no tempo. Um anacronismo que não se pode entender, porque o Govêrno tem meios técnicos, financeiros e humanos para editar um jornal falado tão bom como qualquer outro. E a **Voz do Brasil** poderia transformar-se no programa onde todo brasileiro fôsse colhêr informações em primeira mão, ouvir entrevistas e opiniões. Mas tudo moderno e bem feito. A **Voz** deixaria de falar sòzinha, e o chamado **horário nobre** começaria meia hora mais cedo.

primeiro demonstramos
que o mundo é redondo
agora estamos demonstrando
que é pequeno



Todos os dias os jatos da Alitalia voam a 84 cidades em 49 Países, no mundo inteiro. O mundo ficou menor è a cada ano, Alitalia cresceu mais. Mais aviões, mais vôos, mais serviços, mais passageiros. Três milhões de passageiros sòmente no ano passado. Isto significa que voar pela Alitalia é algo mais que viajar de uma cidade à outra. Faça esta experiência quanto antes. Comprovará assim que o mundo é pequeno e também como é maravilhoso viver nêle utilizando os jatos Alitalia em suas viagens para qualquer cidade dos cinco Continentes.

ALITALIA

cinema

A volta da chanchada

O cinema brasileiro, que conquistou 26 prêmios internacionais nos últimos três anos — tornando-se, proporcionalmente ao seu volume de produção, o cinema mais premiado do mundo — volta a caminhos que lhe garantam a sobrevivência como indústria. Alguns produtores, no lugar de troféus, preferem lucros e, assim, teremos mais uma vez a velha fórmula da chanchada.

A receita é simples: um comediante de sucesso da televisão, uma pequena equipe, alguns milhares de metros de filme e está organizada uma produção "barata", no máximo 50 milhões de cruzeiros. Se o filme fôr do gôsto do público, ótimo: o lucro será grande. Se o filme fôr mal nos grandes centros, não há problema: o faturamento do interior sempre será suficiente para cobrir com vantagem o capital empatado. Nas pequenas cidades, **pastelão** com Grande Otelo, Oscarito, Ankito e seus sucessores ainda gozam de grande prestígio.

A chanchada já dominou — há alguns anos — a indústria cinematográfica nacional. Eram duas as suas grandes linhas: na época do carnaval, qualquer enrêdo servia para alinhavar os principais sambas e marchinhas; no resto do ano, parodiava-se uma obra famosa ou acontecimento de sucesso. Dentro dêsse estilo, foram produzidos, entre outros, **Nem Sansão nem Dalila, O Barbeiro que se Vira e Falta Alguém no Manicômio.** O início da corrida espacial serviu de tema para **O Homem do Sputinik** e a conquista da Copa do Mundo justificou **O Homem que Roubou a Copa do Mundo,** reprisado há poucos meses quando alguns inglêses sabidos roubaram a **Taça Jules Rimet.**

Em 1950, surgiu a primeira tentativa de produção de alto nível e em escala industrial: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Os estúdios erguidos em São Bernardo do Campo, São Paulo, pareciam ser um golpe de morte na chanchada. Entretanto, as primeiras produções da Vera Cruz — **Caiçara, Ângela** e **Terra é Sempre Terra** não deram o lucro esperado e a própria Vera Cruz resolveu apelar para a chanchada, lançando **Sai da Frente,** com Mazzaroppi, antes de produzir **Tico-tico no Fubá, Sinhá Môça** e **O Cangaceiro.**

A liquidação da Vera Cruz deixou novamente o mercado todo para a chanchada, até que, em 1955, Nélson Pereira dos Santos produziu **Rio, 40 Graus,** marcando o início de uma nova fase do cinema brasileiro, o que coincidia com a decadência da chanchada nos grandes centros. O público já não precisava fazer fila para vê-las. Podia ter tudo de graça, em casa, através da televisão.

Mas foi só em 1962 que surgiu o chamado **cinema nôvo.** O sucesso de **Os Cafajestes** foi a senha para muitos talentos jovens, que logo assumiram a liderança do movimento cinematográfico. Então, mesmo os velhos produtores aceitaram o nôvo caminho. Os prêmios começaram a surgir, vindo de lugares que até então eram apenas cenários de sucessos alheios — Karlova-Vary, Cannes, Veneza, Berlim. Mas o faturamento não correspondia ao prestígio. **Vidas Sêcas,** apontado pela crítica internacional como obra-prima, mal permitiu ao produtor Herbert Richers salvar o dinheiro empatado. **O Pagador de Promessas** foi um dos poucos filmes desta fase a dar lucro ao seu produtor, Osvaldo Massaíni. Roberto Farias ganhou muito com **Assalto ao Trem Pagador,** mas também perdeu muito com **Selva Trágica.**

Costinha em mais uma chanchada

Os diretores do cinema nôvo exultavam com os prêmios obtidos, mas os produtores estavam assustados com a insegurança da parte comercial.

Jarbas Barbosa, irmão do Chacrinha, em meio à confusão, descobriu a fórmula mágica. Se a televisão matou a chanchada, bem poderia agora devolver com juros. Assim, o produtor de **Bôca de Ouro** e **Os Fuzis** resolveu aproveitar o sucesso dos ídolos da TV. E produziu uma chanchada — **007 1/2 no Carnaval** — com o irmão, Costinha e muitas mulheres bonitas na retaguarda.

Rodado e lançado em tempo recorde, o filme rendeu o suficiente para que Jarbas Barbosa decidisse aproveitar a embalagem e partir para a produção em série de chanchadas: as primeiras são **O Homem de Duas Caras,** com Costinha, e uma outra, com Dedé Santana e Renato Aragão. Mazzaroppi aparece nas duas seguintes e há planos para várias, com ritmo de ié-ié-ié e encabeçadas por Roberto Carlos, Jerry Adriani, Erasmo Carlos, Vanderléia e Wanderley Cardoso.

Os homens do cinema nôvo, entretanto, acreditam ainda que há uma nova e irreversível mentalidade no cinema nacional que, mais cedo ou mais tarde, acabará de vez com a chanchada.

A guerra está declarada. E o certo é que a chanchada, tida por todos como morta e enterrada, está de volta.

pintura

Quadros para todos

A pintura moderna vem deixando de ser privilégio de **entendidos** para se tornar gôsto de muita gente que freqüenta as galerias e exposições, embora a maioria fique apenas nisso, pois, em geral, quadro é caro.

São Paulo e Rio somados têm cêrca de 40 galerias de arte, onde estão expostas e à venda obras de todos os gêneros, estilos e tendências de artistas nacionais e estrangeiros. As galerias apresentam muitos quadros bons, porque nossos pintores estão em boa fase, superando fronteiras e vencendo bienais estrangeiras. O problema é que estão mais ao alcance dos olhos do que do bôlso, com preços que variam de 80 a 600 mil cruzeiros. Mas 600 mil não é preço teto. Quadros de Di Cavalcanti e de Manabu Mabe, por exemplo, já ultrapassam o milhão. E obras de Pancetti, Portinari e Guignard, falecidos, chegam a muitos milhões.

Assim, mesmo com o aumento dos interessados em artes plásticas, não cresceu, proporcionalmente em função dos preços, o número de compradores. Vários expedientes foram tentados para superar essa desproporção. Alguns mostraram-se bastante eficientes.

Valorizar e promover artistas jovens foi uma das soluções, pois seus quadros são vendidos a menores preços. Entre os compradores, existe hoje a esperança de que podem estar adquirindo um "Portinari" de amanhã, quando — por algumas dezenas de milhares de cruzeiros — ficam com a obra de pintores jovens e ainda desconhecidos.

Um outro mercado surgiu com os crediários, quando as galerias passaram a financiar quadros em três, cinco ou dez prestações, conforme o freguês ou o capital disponível. Não se conhecem "canos" nesse campo. Mesmo porque, quadros de reconhecida qualidade não se desvalorizam nunca, constituindo-se em seguro emprêgo de capital.

Há dois anos, uma galeria de São Paulo — a Atrium — descobriu mais um meio de popularizar a arte. Com bastante antecedência, a galeria encomenda pequenos trabalhos aos artistas nacionais, para serem vendidos por ocasião do Natal — pelo preço fixo de 5 mil cruzeiros. No ano passado, obras de Bonadei, Clovis Graciano, Zanini, Rebolo, Mucci, Carmélio, Collete Pujol e outros perfizeram, em venda, cêrca de 6 milhões de cruzeiros. Êste ano de nôvo, em dezembro, a geleria oferecerá pelo mesmo preço obras de Augusto Rodrigues, Volpi, Aldemir Martins, Djanira, Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, Manabu Mabe, Marcelo Grassmann, Mílton da Costa, Maria Bonomi, Maria Leontina, Carlos Scliar, Flexore Wesley. Todos já foram convidados e enviarão suas obras, principalmente para que ter quadro de bom pintor não seja mais privilégio de poucos.

Será esnobismo ouvir um Dominante Telefunken?

Talvez seja. É uma questão de ouvido. Se você quer em casa a pureza de som das salas de concêrto, ouça um Dominante. Você sentirá a extraordinária pureza de um equipamento de categoria, resultado de 65 anos de experiência Telefunken. De uma técnica que se faz beleza em seus ouvidos.

Veja esse Dominante. Esnobismo. Realmente.

TELEFUNKEN VOCÊ SENTE É OUTRA CATEGORIA

livros

A solidão do Apanhador em Campo de Centeio

A única foto de Sallinger

"Se querem mesmo ouvir o que aconteceu, a primeira coisa que vão querer saber é onde eu nasci, como passei a porcaria da minha infância, o que meus pais faziam antes que eu nascesse, e tôda essa lenga-lenga tipo David Copperfield, mas, para dizer a verdade, não estou com vontade de falar sôbre isso. Em primeiro lugar, êsse negócio me chateia e, além disso, meus pais teriam um troço se eu contasse qualquer coisa íntima sôbre êles. (...) São sensíveis pra burro. E, afinal de contas, não vou contar tôda a droga de minha autobiografia, nem nada".

Assim começa o jovem Holden, de 17 anos, a contar, com tôda a franqueza, o que êle chama de "a porcaria" de sua vida. E êsse é também o começo de um dos mais sérios ensaios sôbre a adolescência moderna: "The Catcher In The Rye", de J.D. Sallinger, livro que vendeu 3 milhões de exemplares nos EUA e que no Brasil, com o título de **O Apanhador no Campo de Centeio,** já está em segunda edição.

Tudo no livro é autêntico. A história, aparentemente banal e sem importância, é bastante profunda. Mostra as contradições, as dúvidas, as incertezas, as intolerâncias e, simultâneamente, a segurança absoluta, as opiniões definitivas, as definições claras, o amor e a poseia que marcam a instabilidade de um adolescente que se debate entre o sexo e Deus. E quanto à forma, se a maioria das traduções perdem um pouco da **verdade** do original, pode-se dizer que **O Apanhador no Campo de Centeio** é uma exceção. Três jovens diplomatas brasileiros — Álvaro Alencar, Antônio Rocha e Jório Dauster — realizaram uma obra-prima de tradução.

Em centenas de reuniões, êles conseguiram achar todos os têrmos correspondentes às frases, expressões, gíria e maneirismos do pequeno, mas complicado, vocabulário do jovem Holden. E a tradução é tão autêntica e tão perfeita que a transferência da situação do jovem norte-americano para o jovem brasileiro é fácil e natural.

E **O Apanhador** tem mais um mérito: expõe ao público Jerome David Sallinger, o estranho escritor que vive escondido atrás dos altos muros de uma mansão em Cornish, uma cidadezinha no interior americano. Embora popular nos Estados Unidos (publicou quatro livros e alcançou o sucesso em 1951, com **O Apanhador**), Sallinger é o romancista mais misterioso que os críticos literários já viram: não vai a lugar algum, não recebe visitas, nunca respondeu aos críticos que lhe escrevem de todo o mundo, o número de seu telefone é um segrêdo e só permitiu que lhe tirassem uma única fotografia até hoje.

E David Sallinger, em seus 47 anos de vida, nunca explicou a ninguém a razão dessa atitude, a sua necessidade de solidão. Apenas o jovem Holden conseguiu burlar a vigilância do autor e trazê-lo um pouco a público:

"Para ser franco, não **sei** o que eu acho disso tudo. Tenho pena de ter contado o negócio a tanta gente. Só sei mesmo é que sinto uma espécie de **saudade** de todo mundo que entra na história. (...) É engraçado. A gente não devia contar nada a ninguém. Mal acaba de contar, a gente começa a sentir saudade de todo o mundo".

fábula

A galinha e o ôvo

A galinha andava muito nervosa, estava ficando neurótica. Apareceu a coruja e lhe disse: "Não fique assim sem fazer nada. Por que parou de botar ovos?"

A galinha seguiu o conselho, fêz um esfôrço grande e botou um ôvo branquíssimo. Sentiu-se aliviada, continuou na sua faina de sempre e sarou completamente.

Moral: A ação espanta problemas.

a exclusiva

as vitrines de Mobilinea V. conhecerá
essoalmente móveis de vanguarda.

perfeição

Personalidade, atualização.
Agora com as capas soltas ficou muito mais fácil trocar constantemente os tecidos das poltronas e sofás de maneira a variar o ambiente de sua sala de visita.

mobilinea

Côres sofisticadas e originais é a linha de vanguarda Mobilinea.

MOBILINEA S.A.
San Paulo
Augusta, 875
São Luiz, 258 - Lojas 34 e 36
Rio
Montenegro, 74
Revendedores
Salvador
Móveis Raif Ltda.
7 de Setembro, 249 - tel. 5-0205
Belo Horizonte
Morada Arq. Int. Ltda.
Tamoios, 200 - 7.º and. - tel. 4-7321
Goiânia
Taba Móveis e Decor. Ltda.
23, esq. r. 4

MOBILINEA
BILINE

ABRIL CULTURAL
APRESENTA

MARAVILHOSAS COLEÇÕES DE DISCOS LP PARA VOCÊ

OS CLÁSSICOS QUE VOCÈ MAIS APRECIA COM SEUS MELHORES INTERPRETES

A. VIVALDI, "As Quatro Estações".

RIMSKY-KORSAKOV, Scheherazade op. 35, Suite Sinfônica.
A. BORODIN, Danças Polovetzianas do "Príncipe Igor".

W. A. MOZART, Sinfonia n.º 41 em dó maior K 551 "Júpiter".
L. VAN BEETHOVEN, Aberturas: Egmont op. 84; Zur Namensfeier op. 115; Coriolano op. 62.

P. I. TCHAIKOVSKY, Concêrto para piano n.º 1 em si bemol menor op. 23.
FRANZ LISZT, Concêrto para piano n.º 1 em mi bemol maior.

A. DVORAK, Sinfonia n.º 5 em mi menor op. 95, "Do Nôvo Mundo".
B. SMETANA, O Moldau, Poema Sinfônico n.º 2 de "Minha Pátria".

J. HAYDN, Concêrto para violino e orquestra de cordas em dó maior n.º 1.
W. A. MOZART, Divertimento em fá maior K 138.
T. GIORDANI, Concêrto para cravo e orquestra de cordas em dó maior.
W. A. MOZART, Divertimento em si bemol maior K 137.

A. VIVALDI, Concêrto para trompete e orquestra de cordas em ré maior.
J. P. SWEELINCK, Coral e variações "Minha jovem vida tem um fim".
GEORG-PHILIPP TELEMANN, Divertimento para dois trompetes e orquestra de cordas em ré maior.
A. E. M. GRÉTRY, Suite de Danças.
HENRY PURCELL, Suite de Danças.
FRANÇOIS FRANCOEUR Concertino para flauta e orquestra de cordas em sol menor.

ROSSINI, Aberturas das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Sêda" e "Guilherme Tell".
N. PAGANINI, Concêrto para violino e orquestra n.º 4 em ré menor.

F. CHOPIN, As 14 Valsas.

VERDI, Caro Nome — "Rigoletto"; Se Quel Guerrier Io Fossi — Celeste Aida — "Aida"; Un Di Felice — "La Traviata"; La Donna è Mobile — "Rigoletto".
PONCHIELLI, Cielo e Mar — "La Gioconda".
ROSSINI, Una Voce Poco Fa — "O Barbeiro" de Sevilha"; Largo Al Factotum — "O Barbeiro de Sevilha"; Bel Raggio Lusinghier — "Semiramide".
DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio — "Lucia di Lammermoor"; Una Furtiva Lacrima — "O Elixir de Amor".

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

OS MAIORES SUCESSOS DA MÚSICA BRASILEIRA E INTERNACIONAL 2

MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA

Batucada — Chuva — Nanã — Primavera — Preciso Aprender A Ser Só — Imagem — Arrastão — Reza — Chegança — Garôta De Ipanema — Ela É Carioca — A Minha Namorada. Intérpretes: Tamba Trio — Os Gatos — Sérgio Mendes/Bossa Rio — Luís Eça — Rio 65 Trio — Walter Wanderley.

MÚSICA DA VELHA GUARDA

Se Você Jurar — Só Dando Com Uma Pedra Nela — Luar Do Sertão — Ai Que Saudades Da Amélia — De Papo Pro Ar — Gavião Calçudo — A Tua Vida É Um Segrêdo — Pelo Telefone — Chão De Estrêlas — O Trem Atrasou — Se A Lua Contasse — Atire A Primeira Pedra. Intérpretes: Ismael Silva — Lamartine Babo — Paulo Tapajós — Ataulfo Alves — Gastão Formenti — Almirante — Sílvio Caldas — Dilermando Pinheiro — Aurora Miranda.

MÚSICA DE JUVENTUDE

Quero Que Vá Tudo Pro Inferno — Se Piangi Se Ridi — Trinidad — Io Che Non Vivo Senza Te — I Only Want To Be With You — Que C'Est Triste Venize — Il Mondo — The Game Of Love — Ma Vie — Canto De Ossanha — Abbracciami Forte — Escândalo Em Família. Intérpretes: Os Balanceiros — Mina — Bob Smart — Orquestra Pop De Sucessos — Dusty Springfield — Wayne Fontana/The Mindbenders — Cocki Mazzetti.

DISCOTECA DANÇANTE

Quando Calienta El Sol — Around The World — O Trovador De Toledo — Love Is A Many Splendored Thing — Tequila — Tornerai Suzie Wong — Tarde Fria — The Green Leaves Of Summer — Multiplication — Tender Is The Night/Exodus — Cachito — Serenade In Blue — Noites De Moscou — El Manisero — I Can't Stop Loving You — Murmúrio. Intérpretes: Sandoval Dias — Steve Bernard — Carlos Piper — Cipó — Don Pepito — Sexteto Plaza — Bonèca — Gerson — Plinckas — Don Pacheco — Paulo Roberto.

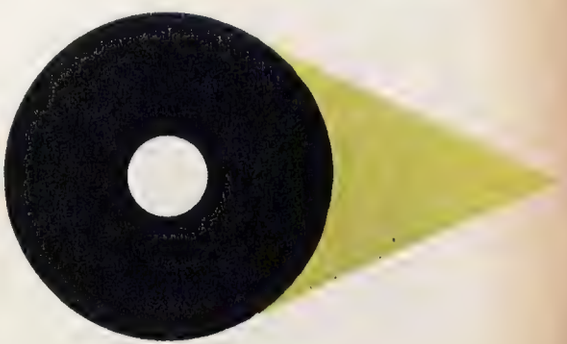
MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS

Al Di La — Beyond The Sea — Gigi — Stairway To The Stars — I Hear A Rhapsody — Stella By Starlight — Misty — My Silent Love — Love Letters — Tonight — You Are Beautiful — Stranger On The Shore. Intérprete: Caesar Giovanini.

RITMOS E ROMANCE

The Donkey Serenade — Eine Schwarzwaldfahrt (Walk In The Black Florest) — Get Me To The Church On Time — Sing-Song — My Yiddisch Mamme — Clair De Lune — Toselli Serenade — Simpel-Gimpel — Parlez-Moi D'Amour — Caroline-Denise — Bald Klopft Das Gluck Auch Mal An Deine Tur — With A Little Bit Of Luck. Intérpretes: Jankowsky Sua Orquestra e Côro.

LANÇAMENTO ESPETACULAR!
Lps da mais alta qualidade, da mais legítima fidelidade.



Gravações de alto nível técnico por menos de Cr$ 4.500 o Lp É oferta de lançamento.

À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 2372
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**

☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**

☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**

☐ À VISTA = Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

Nome .....
Endereço .....
Fone: Bairro .....
Cidade ..... Estado .....

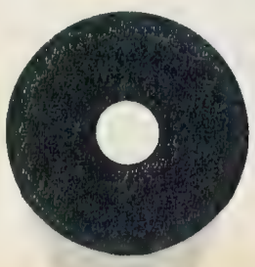
NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Enriqueça sua discoteca com os maiores sucessos de hoje e de sempre na música erudita e popular. Êste é o sistema mais econômico: menos de Cr$ 4.500 por Lp. E com a vantagem de você receber os discos em sua própria casa.

NÃO MANDE DINHEIRO

Escolha a Coleção de sua preferência e espere para pagar quando receber os discos em sua casa. E, se quer fazer um negócio muito melhor, compre as duas coleções. Nós lhe daremos um DESCONTO ADICIONAL correspondente ao valor de um LP. Remeta ainda hoje o cupom de OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO, preenchido com clareza e aguarde para breve o recebimento de suas coleções.

APROVEITE ESTA OFERTA DE LANÇAMENTO



CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

Cultura e prazer através da música em 10 Lps da mais alta qualidade. Reunidas numa única coleção 47 peças famosas da música erudita, executadas pelos mais categorizados intérpretes de nossa geração. Discos especiais para as pessoas de gôsto especial. Coleção acondicionada em magnífico estôjo. Acompanha libreto com gravuras e pequenas biografias dos autores. E em condições realmente vantajosas para você.

PREÇO NORMAL Cr$ 75.000

NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO Cr$ 42.000

À VISTA OU Cr$ 20.000 INICIAIS E TRÊS MENSALIDADES DE Cr$ 10.000.

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

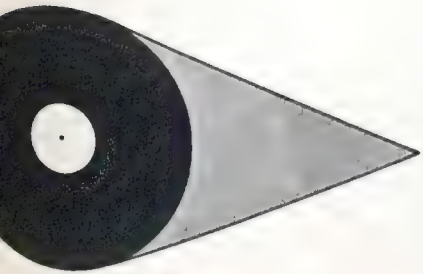
Seis extraordinários Lps reunindo numa só coleção 76 êxitos da música brasileira e internacional. Música para dançar, para ouvir, para enternecer, para vibrar: bossa nova, velha guarda, ié-ié-ié, música romântica. Um "hit-parade" espetacular, exclusivo, ao seu alcance por um preço excepcional e ótimas condições de pagamento.

PREÇO NORMAL Cr$ 45.000

NOSSA OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO Cr$ 26.000

À VISTA OU Cr$ 12.000 INICIAIS E DUAS MENSALIDADES DE Cr$ 9.000.

▲ corte aqui



À Abril Cultural Ltda.
Caixa Postal n.º 2372
São Paulo — SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**

☐ À VISTA = Cr$ 42.000 ou ☐ Cr$ 20.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**

☐ À VISTA = Cr$ 26.000 ou ☐ Cr$ 12.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**

☐ À VISTA = Cr$ 64.000 ou ☐ Cr$ 30.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

Nome .....

Endereço .....

Fone: ..... Bairro .....

Cidade ..... Estado .....

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Cartão Resposta
Autorização N.o 727
Portaria N.o 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE CARTÃO

O SÊLO SERÁ PAGO POR

ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.o 2372
SÃO PAULO - SP.

Ao fim de uma conspiração centralizada no Exército, e incentivada por grupos conservadores e interêsses petrolíferos internacionais, o general entrou na sala principal da Casa Rosada e afirmou resolutamente: "Presidente, o senhor está deposto. Acompanheme". Era o ano de 1930. A Argentina — "país orgulho da América do Sul" — estava no auge. A renda per capita era apenas 25% mais baixa que a dos Estados Unidos. Carlos Gardel empolgava a Europa; vendera 70 mil discos em dois meses, e o Presidente da França foi ver seu recital na Ópera de Paris. A Argentina era o primeiro exportador mundial de carne; havia quatro cabeças de gado para cada argentino, e fartura no consumo interno. Agora, 36 anos depois, a cena se repete, com ligeiras diferenças, na Casa Rosada. Nesse período a Argentina teve treze presidentes — sete militares e seis civis — sem contar o atual. Nenhum dêles começou ou terminou normalmente o seu mandato. A média de permanência na Casa Rosada foi de dois anos e seis meses. Com um recorde: o General Franklin Rawson governou três horas. E o mandato presidencial lá é de seis anos. SEGUE

OS GOVERNOS CAEM: A ARGENTINA CONTINUA

Reportagem de Hamilton Ribeiro

GALERIA PRESIDENCIAL

Irigoyen

Perón

Aramburu

Frondizi

Illia

Desde 1930, muitos foram os ocupantes da cadeira presidencial da Casa Rosada, e bem variados os processos para que alcançassem o poder:

1928 — Eleições. Vence o líder do Partido Radical, Hipólito Irigoyen, que já fôra presidente seis anos antes.

1930 — Golpe de Estado. Assume Uriburu.

1931 — Eleições fraudadas, com cassação dos direitos políticos do candidato radical. Assume o General Agustin P. Justo. Perseguições, prisões e assassinatos políticos.

1937 — Eleições fraudadas, ganha o candidato Roberto Ortiz, que assume em 38.

1940 — Ficando cego, Ortiz renuncia e sobe Ramón Castilho.

1943 — Golpe de Estado. Assume o General Franklin Rawson, que — três horas depois — é substituído pelo General Pedro Ramirez, da facção pró-nazista GOU (Grupo de Oficiais Unidos). Um dos coronéis do GOU — Juán Domingo Perón — é designado Ministro do Trabalho.

1944 — Golpe de Estado. Sobe o General Edelmiro Farrel. O Coronel Perón transforma-se no homem forte, acumulando a Vice-presidência e os Ministérios da Guerra e do Trabalho.

1946 — Eleições. Ganha Perón, com maioria absoluta. Vai governar apoiado pelo Exército, Igreja e Sindicatos. Institui o voto feminino.

1955 — Junho — Conspiração contra Perón é vencida após luta militar.

1955 — Setembro — "Revolução Libertadora". Perón foge; assume o General Leonardi.

1955 — Novembro — Golpe. Assume o General Pedro Aramburu.

1956 — Conspiração de militares peronistas, pelo retôrno, fracassa. O chefe do movimento, General Valle, e centenas de rebeldes são fuzilados.

1958 — Eleições. Ganha Arturo Frondizi, do Partido Radical, com apoio peronista.

1962 — Golpe contra Frondizi. Assume José Maria Guido, em nome das Fôrças Armadas.

1963 — Eleições. Com abstenção dos peronistas, ganha Arturo Illia.

1966 — Junho — Golpe. No poder está o General Juán Carlos Ongania.

Mas também, nesse meio tempo, aconteceram coisas. Como a adaptação de uma ilha — Martin Garcia, no rio da Prata — exclusivamente destinada a receber presidentes depostos. Ou a adaptação do violão elétrico para acompanhar o tango, em lugar da guitarra crioula das orquestras, que não são mais tão típicas. A carne está racionada: na sexta e no sábado não há abate de gado no país, para resguardar o rebanho. E a renda per capita dos argentinos, hoje, é seis vêzes e meia menor que a dos norte-americanos.

Um jornal de Buenos Aires, na edição dedicada ao 150.º aniversário da independência do país, que se comemorou no dia 9 de julho dêste ano, assim definiu êsse período: em 1930 a Argentina era **o celeiro do mundo;** em 46 **um país jovem;** êste ano faz fôrça para fugir da imagem de nação subdesenvolvida.

Dez vêzes o Estado de São Paulo

Está em construção na Argentina uma estrada chamada Ruta 40. Vai de Jujuy, no extremo norte, à província patagônica de Santa Cruz, no Sul, cortando todo o país. Quando pronta, terá cêrca de 7.000 quilômetros de extensão — mais de três vêzes a Belém-Brasília.

Muito mais comprida no sentido norte-sul, a Argentina cobre 2 milhões e 800 mil quilômetros quadrados de área, quase dez vêzes o Estado de São Paulo. Tem 22 províncias, um território federal (a Terra do Fogo), disputa com a Inglaterra a posse das ilhas Malvinas, e goza de reconhecimento internacional numa fajxa da Antártida. É terra que não acaba mais, ainda que uma das preocupações dos argentinos seja ter como vizinho um país algo maior.

A Argentina tem uma religião oficial: a Católica. Com isso os bispos são nomeados pelo Presidente da República, ouvido o Senado (quando havia), e são funcionários do Estado.

A História do país é rica e variada e as três maiores datas são 1516, descobrimento, pelo espanhol Juan Diaz Solis; 1810, Revolução de Maio, primeiro grande passo para a independência; 1816, independência, lavrada no Congresso de Tucumán.

San Martin é o grande herói nacional, libertador também do Chile e do Peru.

Apenas 18% de todo o territó-

Questão urgente: um segundo andar para "la pampa"

não se prestam à exploração agropecuária — são montanhas (numa delas está o Aconcagua, o ponto mais alto da América Latina) ou áreas desertas de mares extintos. Da parte aproveitável, 40% são inteiramente utilizados sem necessidade de adubo ou irrigação. Essa faixa é chamada "pampa húmeda", e cobre tôda a Província de Buenos Aires, a mais rica do país — quase 40% de tudo o que a Argentina tem ou produz está ali. O Distrito Federal — a cidade de Buenos Aires — está ligado à Província de Buenos Aires e a grande concentração humana em tôrno da capital faz com que o país tenha uma cabeça grande demais em relação ao corpo. Isto cria não poucos problemas à Argentina, com tôdas as grandes decisões dependendo dos interêsses e da disposição do eixo Capital Federal-Província de Buenos Aires, o que provoca queixas das outras Províncias.

Mais automóveis que o Brasil

A população argentina é de 23 milhões. Povo essencialmente classe média, com uma renda per capita (460 dólares) que o coloca em plano de destaque na América Latina, só abaixo do Uruguai e da Venezuela, e com o dôbro da renda per capita brasileira.

A riqueza da Argentina vem da sua imensa planície fértil. Metade da terra boa é ocupada na criação do gado. Raças de origem inglêsa, aclimatadas e selecionadas ao longo do tempo, dão alto rendimento e são de qualidade apreciada no mundo inteiro. A outra parte do campo destina-se à exploração agrícola — trigo, milho, aveia, centeio, uvas, frutas, cana, mate. Exportando quase exclusivamente os produtos da terra (95% das exportações), a Argentina tem uma receita anual de divisas equivalente à do Brasil — 1 bilhão e 500 milhões de dólares, apesar dos nossos 85 milhões de habitantes contra 23 milhões de argentinos.

Petróleo há mais do que o suficiente, já localizado pelo Yacimientos Petrolíferos Fiscales (monopólio estatal), principalmente na Patagônia — que é uma espécie de Amazonas da Argentina, pela grande esperança que se tem nela para o futuro do país. Atualmente, na Patagônia só há petróleo e ovelhas. A Argentina, no govêrno de Frondizi, conseguiu produzir tanto petróleo quanto precisava. Problemas de govêrno, aliados a um grande aumento do consumo de gasolina, fizeram com que se reiniciassem as importações, a partir de 1964. No ano passado o custo da gasolina estrangeira foi de 100 milhões de dólares, soma igual à que o Brasil gasta importando petróleo.

A indústria argentina está em desenvolvimento, mas o povo ainda acredita que produto nacional bom mesmo é mulher. A expressão "artigo importado" vale muito.

Em matéria de indústria automobilística, entretanto, a situação lá é melhor que no Brasil. Foram produzidos em 1965 cêrca de 200 mil veículos, e a relação é de 1 carro por 16 habitantes, contra 1 por 40 no Brasil.

E, proporcionalmente, o automóvel é mais barato. Para comprar um Citroen 2 CV, ou um Fiat 600, o argentino de salário-mínimo (22.000 pesos, cêrca de 200 mil cruzeiros) precisa trabalhar, sem gastar um tostão, durante 2 anos. No Brasil, um operário deveria economizar durante 7 anos para ter o o mais barato dos nossos automóveis.

Planície quer um segundo andar

Mas mesmo num país tão rico nem tudo são flôres. O balanço de pagamentos vem sendo negativo há alguns anos, e para êste ano o orçamento da República (que não chegou a ser aprovado) prevê um déficit equivalente a dois trilhões de cruzeiros. Estudo recente do Conselho de Desenvolvimento Argentino revelou que, para cada 60 centavos que o Tesouro recolhe, há um pêso (100 centavos) de compromissos a pagar. Só a rêde ferroviária transporta, de um ano para outro, um saldo negativo de mais de meio trilhão de cruzeiros.

Problema agudo é a falta de casas. Um quarto das famílias da grande Buenos Aires (7 milhões de habitantes, a maior concentração humana de língua espanhola) estão alojadas em condições precárias. Meio milhão de pessoas vive nas "vilas miséria", as favelas de lá. E no país todo há um déficit de 1 milhão e 400 mil moradias.

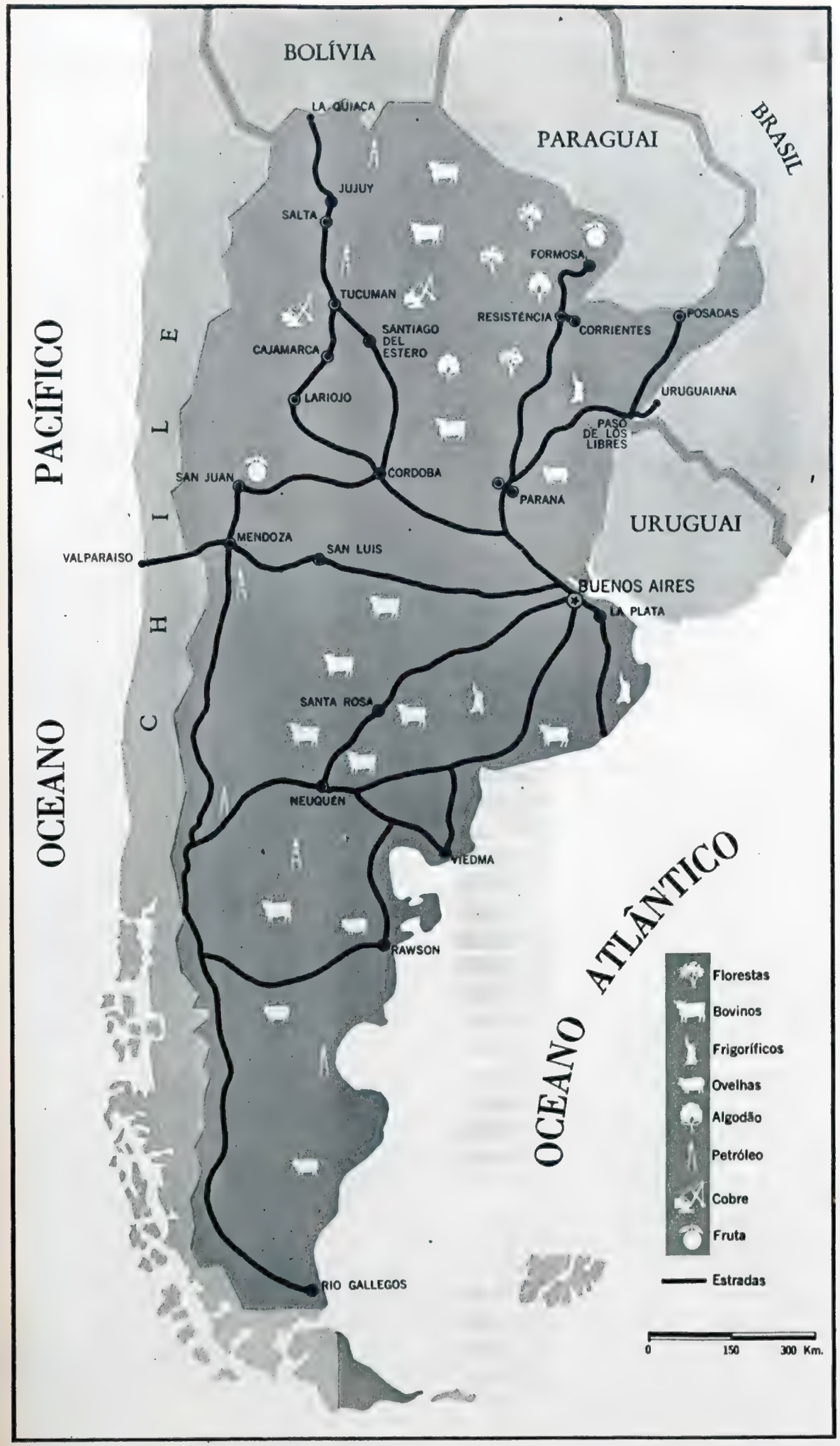
O próprio campo argentino, tão rico, tem problemas. Há a questão da Província de Tucumán, com 65% da sua área cobertos com cana de açúcar, que abastece engenhos antigos, de baixa produtividade. Ali, a grande massa camponesa só encontra trabalho na época da safra, e ainda assim tem dificuldade para receber os salários. E nem há mercado para todo o açúcar de Tucumán — as Províncias de Salta de Jujuy também o produzem, com maquinaria mais moderna. A timidez do govêrno Illia com respeito a êsse problema é apontada como uma das causas de sua queda.

Mesmo dentro da "pampa húmeda" há o que resolver. Desde 1950 a produção agropecuária dessa zona vem sendo a mesma, contra um grande aumento da população. O Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária está empenhado, agora, em promover uma **recauchutagem** da terra, "un segundo piso para la pampa". Calcula-se que a Argentina encaminha à Europa, junto com os cereais que exporta, cêrca de 350 mil toneladas de fosfatos, nitrogênio e potassa por ano. Outra meta do Instituto é substituir a pastagem natural por sementeiras permanentes, o que permitiria triplicar o rebanho bovino na mesma área, ou, mantendo o mesmo rebanho, ganhar 4,5 milhões de hectares para a agricultura.

O agrônomo Horácio Gilberti, ex-presidente do INTA, diz que a economia argentina tem três pregos no sapato: o estancamento da produção agrícola em razão da baixa produtividade; o escasso e desarmônico desenvolvimento industrial.

SEGUE

O gado é riqueza racionada; a mulher, o "melhor produto nacional"



E, o terceiro "prego", uma desequilibrada expansão do setor de serviços.

O argentino em geral pensa, entretanto, que as dificuldades são passageiras. "Somos tão ricos — diz êle — que não há govêrno capaz de nos arruinar".

Um boi, duas leitoas e dois carneiros por ano

Um dos povos mais saudáveis do mundo — eis como a ONU considera o argentino. É que êle come bem, e bastante. Principalmente carne, legume, e massa. Um casal com dois filhos consome um boi, duas leitoas, e dois carneiros por ano — média de 65 quilos de carne de vaca e 25 de carneiro e porco em cada ano, por pessoa. O argentino dá muita importância ao ato de comer. Em suas duas instituições nacionais — a **parrilla** (grelha) e o **puchero** — êle aproveita tudo do gado. Na **parrilla** vai o assado, o bife, as vísceras, até o ubre. No **puchero** come o resto, até a pata. Só escapam o chifre e o berro.

Cada argentino é um entendido em assado e **parrillada.** Tem na sua casa o instrumental necessário e, êle próprio, no domingo, comanda a operação, enquanto toma chimarrão. E também bebe bem: cada argentino consome 86 litros de vinho por ano.

Mas alimentar-se assim tem o seu preço. Os argentinos lutam com o maior índice mundial de gordos per capita. E o que mais preocupa é o índice de **gordotas:** em cada quatro mulheres argentinas, uma está sempre brigando com a balança.

Se fica doente, o argentino tem à disposição mais médicos por habitante (1/700) do que os EUA (1/900), muito mais do que o Brasil (1/2.500). Se precisa de hospital, há seis camas por mil habitantes, e 80% dos hospitais são do Estado, gratuitos.

Dois terços dos argentinos vivem na cidade. A média de vida é de 62 anos para o homem, 68 para a mulher. As três principais causas de morte são: velhice, câncer e coração.

O argentino se chama Juán, Ricardo, Carlos ou Susana. Nunca se chamará Jean, Charles ou Suzzane. Nem Argentina, Fedra ou Elizabeth, porque uma lei de 1943 impede que se registrem crianças com nomes estrangeiros, figuras mitológicas ou símbolos nacionais. Libertad Lamarque seguramente nasceu antes dessa lei. Que vale

Argentinos já foram minoria em seu próprio país

também para os casos de naturalização, e se pode imaginar o espanto de um William, que passa a chamar-se Guillermo, ou de uma Micheline que vira Miguelita. Nem a rainha Elizabeth escapa: é "reina Isabel".

Um Ministério que só tem "estrangeiros"

Não há prêto na Argentina. Um ou outro que aparece em Buenos Aires chama logo a atenção, mas é muito bem tratado. A população é quase tôda descendente de europeus, principalmente de italianos e espanhóis.

Quando o conquistador espanhol chegou à Argentina, em princípios do século 16, não encontrou uma civilização índia desenvolvida. Os nativos eram nômades, primitivos. O "criollo" — de que o gaúcho dos pampas é o maior representante — foi o fruto da união do conquistador espanhol com a mulher índia. Mas como só de "criollos" não foi possível povoar o país, criou-se a filosofia de que "governar é povoar". E em 1860, logo depois de firmada a Constituição Federativa, iniciaram-se as grandes correntes imigratórias que iriam crescer até 1914, para diminuir e outra vez aumentar logo depois. Até 1939 tinham entrado no país 6 milhões e 700 mil imigrantes, 44% italianos e 31% espanhóis. Mas também franceses, inglêses, poloneses, judeus. Houve tempo em que mais da metade da população argentina era européia.

O índio foi aniquilado: sòmente pequenos redutos sobrevivem hoje, nas províncias do Norte. E a imigração marginalizou o "criollo".

O imigrante europeu, fixando-se na terra e sabendo explorá-la, promoveu a grande explosão de riqueza no campo. É uma raridade na Argentina de hoje um **quatrocentão.** A constituição do govêrno de Ongania (êle é neto de bascos) dá uma idéia disso: Ministro da Guerra, Pascual Pistarini; da Marinha, Benigno Varella; Energia e Combustíveis, Luís Gotelli; secretário de Comunicações, Júlio Teglio; Banco da Nação, A. Moro; Ministro de Economia, Nestor Salimei; Banco da Indústria, Gunther Krause; Caixa Econômica, Alberto Atilio; Casa da Moeda, A. Tornese; Junta Nacional de Grãos, Ambrosio Ciminari; Serviço de Imprensa, Luís Premoliti; Prefeito de Buenos Aires, Coronel Schettini. São poucos os de sobrenome castelhano — como Teodoro Alvarez, da Aeronáutica, e Costa Mendez, do Exterior — e mesmo êsses podem ser de origem espanhola recente.

Além de grupos de outras nacionalidades, há na Argentina perto de meio milhão de judeus, contra os quais, de tempos em tempos, florescem pontas de um preconceito que se mantém amortecido na população.

Uma peça em cartaz em Buenos Aires — **Os Próximos,** de Carlos Gorostiza, — põe em foco uma instituição argentina, o "não te metas". É um traço psicológico saído do egoísmo, de um lado, e do mêdo do ridículo, de outro. Os **próximos** para o argentino não são **muito** próximos. Êle é capaz de grandes atos de bravura e camaradagem, mas procura manter-se sempre numa atitude de reserva. O próprio tango é uma canção solitária, para uma só pessoa cantar, remoendo suas angústias. Apesar disso, há no bairro La Boca, em Buenos Aires, duas ruas repletas de cantinas tipo italiano, feitas para atrair turistas, mas onde grandes grupos de argentinos — moços e môças — cantam em côro o **Sole Mio,** depois de muito vinho.

Inglêses de rugby e futebol

Os inglêses dominaram econômicamente a Argentina durante muito tempo. A indústria de frigoríficos, e todo o sistema de transportes — das estradas de ferro aos bondes — estava em mãos de súditos britânicos. E sua influência é bem visível ainda hoje. O "chá das 5" não é levado muito a sério, mas os mais antigos times de futebol têm nomes inglêses — River Plate, Racing, Banfield. E o **rugby** — cuja violência vai bem com o gôsto do povo — é hoje o terceiro esporte praticado no país.

O primeiro continua sendo o futebol. Numa disputa River-Boca, tudo pode acontecer, principalmente se perde o Boca, cuja torcida se diz **metade mais um** do país.

O boxe é também muito difundido, e não é por acaso que a Argentina já teve diversos campeões mundiais. O rei dos môscas, atualmente é um dos seus — Acavallo. Automobilismo e corridas de cavalo arrastam multidões, e os jornais dedicam um espaço ao polo e a atletismo que surpreende a qualquer brasileiro.

Mas a manifestação argentina mais extravagante para nós é o duelo. Periòdicamente o jornal está anunciando a nomeação de padrinhos e a escolha de armas para uma refrega de esgrima ou de garrucha, no melhor estilo espanhol. Com a ascensão do General Ongania ao poder, voltou a ser comentado o seu duelo a "espada com filo, contrafilo, punta y busto descobierto" com Carlos Acuña, um juiz de polo. Durante uma partida, de que o General participava, houve uma troca de palavras entre os dois e logo a exigência de retratação. Esta não se deu a êles se bateram. Ninguém morreu porque não se morre hoje nos duelos argentinos: são mais para constar do que para valer.

Foram concedidos até agora três prêmios Nobel na América do Sul. Um para a poetisa Gabriela Mistral, do Chile; os outros dois para a Argentina: Saavedra Lamas, Nobel da Paz, e Bernardo Houssay, Medicina. E isso de ganhar prêmios — dizem os argentinos — não é coincidência. O país tem um dos mais baixos índices de analfabetismo do continente. Só perde para os EUA e o Uruguai.

O curso primário, obrigatório, é de sete anos. O médio varia de três a sete anos, conforme o ramo. E a universidade é regida de maneira especial: o Conselho Diretor é formado por professôres, alunos e ex-alunos.

SEGUE

Violência do rugby: gôsto da terra; tango e gordos: dois problemas.

Resolvemos o problema habitacional e ganhamos o "Prêmio Governador do Estado de São Paulo"

Sabe lá o que é ganhar o 1.º lugar no setor de construção e o 3.º lugar no geral, em um concurso tão importante como o congresso dos inventores? E com o prêmio, recebemos também um diploma de honra ao mérito. Nós concorremos com um bloco, que faz uma casa de 68 m² em 8 dias apenas. E a máquina que faz êsses blocos, têm também matrizes para paralelepípedos, galerias pluviais, guias, sargetas, calçadas, muros, alicerces, paredes, vigas terminais, pilares, caixas d'água, fossas séptica, piscinas, arquibancadas, pavilhões, pisos para grandes tonelagens, taludes, drenos para charcos, canalização de córregos, vertentes, etc... Tudo com durabilidade indefinida.

Estas duas paredes foram construídas ao mesmo tempo (52 minutos)

não é genial?

Visite nossa Fábrica-Pilôto.
Comércio e Exportação de Máquinas, Blotec.
Av. Gonçalves Júnior, 342, Caixa Postal, 119.
Enderêço Telegráfico BLOTEC - Fone: 2-1734
SOROCABA - Estado de São Paulo
Informações:
Rua Sena Madureira, 323 - Fone: 70-8592
São Paulo – Capital

Jefferson

Há sete meses uma revista avisava o dia do golpe

Só a Universidade de Buenos Aires — uma das 29 da Argentina — tem 80 mil alunos. E não há vestibulares.

A tiragem diária de apenas um dos jornais de Buenos Aires — **La Razón** — é equivalente à venda somada de todos os jornais de São Paulo ou do Rio: 520 mil exemplares. Imprimem-se, na capital argentina, perto de dois milhões de jornais por dia. O diário mais modesto — **El Mundo** — alcança 180 mil exemplares, o que já seria um feito no Brasil. Entre os jornais de província são vários os que ultrapassam os 100 mil. E há sete diários em língua estrangeira, editados em Buenos Aires: dois em alemão, dois em inglês, um em italiano, um em ídiche e um em hebraico.

As 750 revistas argentinas têm tiragens igualmente expressivas, além dos seis milhões de exemplares estrangeiros (principalmente mexicanos) que entram todo ano no país.

O livro é vendido em tôda parte, até em quiosques na rua. Algumas livrarias ficam abertas até uma ou duas horas da manhã, nos pontos centrais de Buenos Aires. Uma editôra, que tem como trunfo vender livros a preço de um maço de cigarros, acaba de comemorar o seu décimo-milionésimo exemplar.

Assim mesmo a Argentina ainda importa livros. No ano passado despendeu 14 milhões de dólares com êles.

Teatro: 50 *peças sempre em cartaz*

Num ano, vende-se cêrca de 1,5 bilhão de cruzeiros de ingressos de teatro em Buenos Aires. Mas é bom ter um elemento de comparação: nesse mesmo período as entradas nos hipódromos correspondem a 15 bilhões de cruzeiros.

Há quatro orquestras sinfônicas em Buenos Aires e dez outras nas províncias (São Paulo só há pouco conseguiu a sua). O famoso Teatro Colón mantém um programa de atividades — óperas, balé, concertos — preparado anualmente. A maioria das entradas e assinaturas são vendidas com seis meses de antecedência. O Colón mantém duas orquestras e um corpo estável de 800 pessoas. Para isso, recebe uma dotação anual de cêrca de 15 bilhões de cruzeiros. Entre nós, o Serviço Nacional de Teatro, para cuidar do Brasil inteiro, conta com 500 milhões (exatamente trinta vêzes menos).

Colón à parte, Buenos Aires tem em cartaz, permanentemente, 50 peças de teatro. Aos sábados há seções **transnoche,** que acabam às duas da madrugada. E isso não é nada excepcional, pois a cidade, a essa hora, tem um movimento espantoso de gente nas ruas, passeando, vendo vitrinas, tomando café, comprando discos ou livros.

Intelectuais querem salvar o tango

Quem visita a Argentina não escapa de ir ouvir o tango. E, se não procurar, o argentino o leva. Afinal, a música faz parte da alma nacional. Mas não vai bem a velha canção platense. O grande inimigo é a "nueva ola", música da faixa do ié-ié-ié, que faz com que seu ídolo — Palito Ortega — venda oito de cada dez discos comprados na Argentina.

Quando estava em grande voga, o tango — música de subúrbio — era desprezado pela inteligência do país. Agora, todos correm para ajudá-lo. Primeira coisa é entendê-lo. Então fazem-se conferências, ciclos de estudo, seminários. Sociólogos revolvem-lhe as origens, na busca de alguma saída. Os esquerdistas trazem ao debate implicações políticas: nas letras do velho tango havia sempre um "bacán" roubando a mulher do "borracho", pela fôrça do dinheiro. Escritores de renome fazem novas letras de tango e as entregam a maestros, para as composições modernas. Assim fêz, por exemplo, Jorge Luís Borges, indicado para Prêmio Nobel de Literatura, e agora autor de uma milonga: "Los dos Hermanos". Em bares sofisticados da cidade procura-se a fórmula para um tango revivido, em sessões de **tango-sesión,** para improvisação e pesquisa.

Astor Piazzola, com bandoneon e típica, é o homem do "nuevo tango". Faz coisas belíssimas e dá recitais no mundo inteiro. Mas quando o rádio está tocando uma de suas músicas, é possível que alguém logo peça:

— Muda de estação, vê se acha um tango...

Ao cinema: Antes da fita, um avião

A baixa cotação atual do tango tem como contrapartida uma valorização do folclore argentino, gauchesco, que está entrando em moda.

Os cinemas argentinos são cineteatros. Antes do filme, há um **show** com orquestra e cantor. Depois vêm os comerciais ao vivo: aparece no palco um automóvel nôvo ou mesmo o Caravelle que mais depressa leva o espectador à Europa. Nos intervalos, baleiros circulam com chocolate e sorvete. Só então vem o filme, sempre estrangeiro, porque o cinema argentino está em crise — o Instituto de Cine anda funcionando mal e não há produção.

O golpe tinha data marcada

Na edição de 23 de dezembro de 1965, uma revista argentina — **Confirmando** — fazendo previsões sôbre o ano nôvo, disse que a 1.º de julho as Fôrças Armadas tomariam o poder. Illia seria levado prêso para Martin Garcia e General Ongania, unificador do Exército, assumiria a cadeira presidencial. Errou, escrevendo sete meses antes, em apenas duas coisas: o golpe foi a 28 de junho e o ex-presidente não foi prêso. Teve até dificuldade de condução para ir do Palácio para sua casa.

Uma semana antes de 28 de junho, outra revista — **Primeira Plana** — publicava grande reportagem sôbre quais as personalidades, no Govêrno e fora dêle, que estavam prontas para depor Illia.

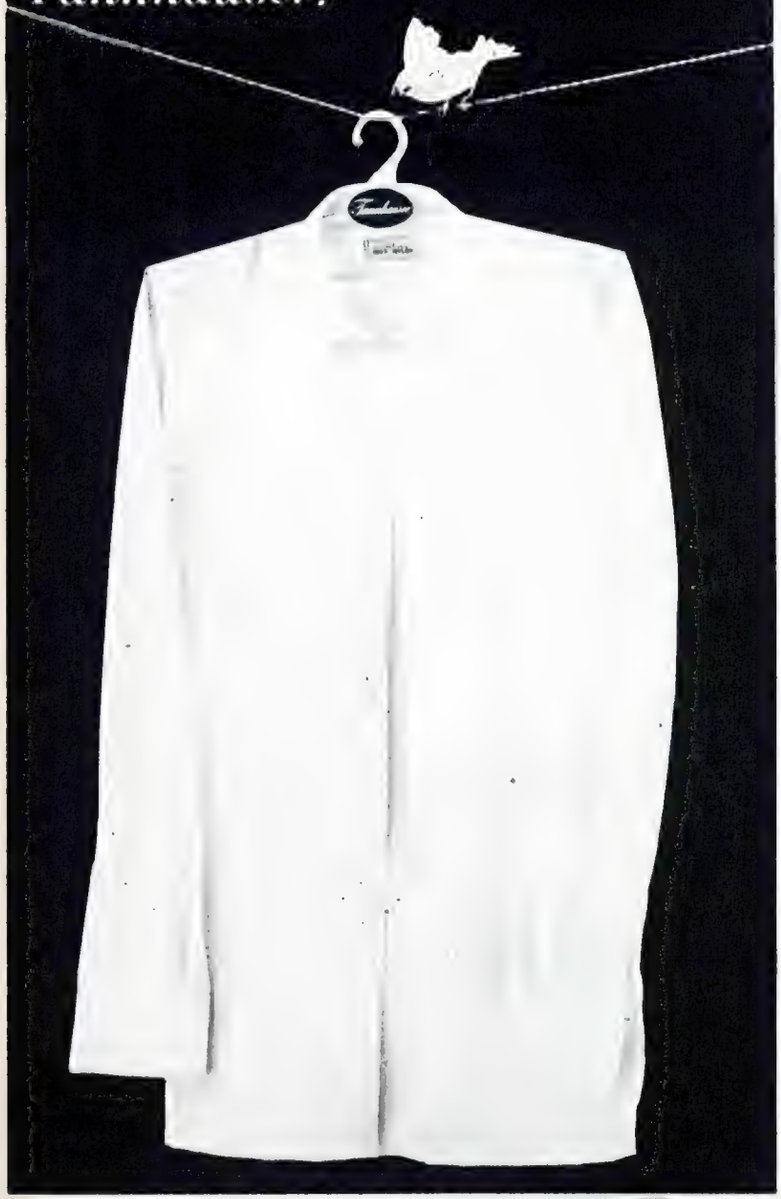
Êsses dois exemplos servem para fixar uma coisa: a queda de Illia era vista como coisa normal. Questão apenas de acêrto de detalhes.

O povo assistiu como "um convidado de pedra" ao desenrolar dos acontecimentos, conforme descreveu uma revista argentina. Derrubado o Govêrno, manifestou indiferença nas primeiras horas e foi substituindo-a aos poucos por uma aprovação muda e, logo em seguida, por uma grande esperança — uma quase euforia. A Bôlsa de Valores de Buenos Aires registrou, no dia 4 de julho, a maior venda de títulos dos últimos 15 anos. Foram negociados 4,5 bilhões de cruzeiros de ações de emprêsas argentinas.

Uma semana depois da posse do General Ongania, 100 pessoas da classe média de Buenos Aires, numa pesquisa feita para REALIDADE, davam a seguinte opinião: contentes com a troca de govêrno, 66%; indiferentes, 27%; descontentes, 6%; ignoram, 1%. SEGUE

O General Ongania é o 8.º militar que governa o país em 36 anos.

Além das vantagens do nylon, que mais deve ter a camisa? - a qualidade de confecção Tannhauser.



RHODIANYL®

-Camisa

Tannhauser

100% NYLON

Contra Peron há o tempo

Ouvindo, ao acaso, gente na rua, a maioria das respostas era de que a situação ia melhorar. Duas definições típicas: 1) de um artista de teatro suburbano: "A Argentina tinha um pêso sôbre a cabeça; agora tem um sôbre o pé — dói menos"; 2) de um motorista de praça: "Só o fato de substituir o outro Govêrno, já é um mérito para êste".

Era opinião unânime que a equipe do Presidente Illia não trabalhava — não podia trabalhar. Nem sequer o orçamento da República para êste ano tinha passado no Congresso. A maioria parlamentar do Govêrno era fraca. A Argentina estava sufocada.

Política: de um lado Peron, do outro o resto

Quando o Congresso foi fechado pela Junta Militar, havia nêle quinze partidos políticos representados. A política argentina estava visìvelmente conturbada. As lideranças, divididas e em choque. O partido Radical, da classe média, que ganhou (mas não levou) tôdas as eleições livres desde 1916, estava dividido em quatro partidos diferentes. O Conservador, em três. O Socialista sofrera sete divisões nos últimos três anos. O Democrata Cristão estava repartido em dois. O Comunista na ilegalidade. E o Peronista, funcionando sob concessão e contrôle, era o único que crescia e se organizava, capitalizando as dissidências e os choques dos partidos tradicionais.

A vida política argentina reparte-se em duas eras: antes e depois de Peron. Os nove anos de administração espetaculosa do ex-coronel se gravaram na alma do povo.

Uma cabeça grande demais

Hoje, polìticamente, há Peron de um lado; o resto do outro. Tem-se como fato pacífico que, nas eleições de 1967 — que não acontecerão mais — Peron sairia vencedor, se o deixassem ser candidato. E, se não o deixassem candidatar-se, os peronistas teriam a fôrça suficiente para tumultuar a vida política do país, a ponto de não lhe permitir a necessária estabilidade.

O peronismo não tem um rumo filosófico ou político claramente estabelecido. Suas origens são fascistas, mas as ações geralmente se confundem com a esquerda. Alia-se ora a uns, ora a outros. É nacionalista e antiimperialista; um dos **slogans** do partido, na sua primeira eleição, foi "Peron ou Braden" — Braden, era o embaixador americano. O peronismo assenta-se nos "cabecitas negras", as camadas mais pobres do campo e da cidade. Sua base de organização é a CGT, confederação operária que tem três milhões e meio de associados regulares. Mas é, sobretudo, um movimento que gira em tôrno de um homem. Com 71 anos, lá de Madri, Peron manobra para voltar a governar a Argentina.

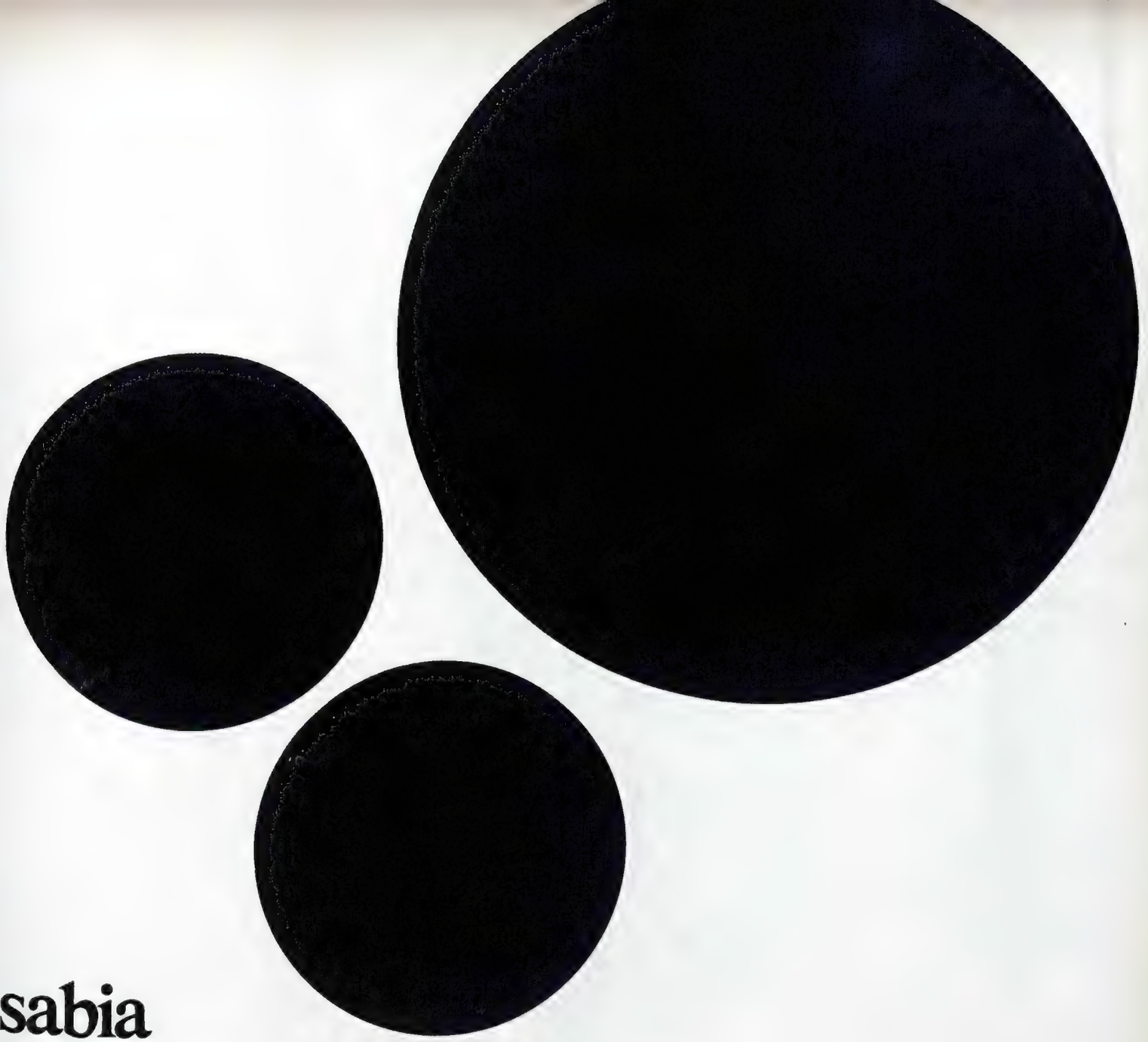
Seu retôrno já estêve mais próximo; o golpe dificulta-o talvez para sempre. Um dos objetivos do atual Govêrno, no âmbito político, é justamente livrar a Argentina do dilema Peron e não-Peron. Mas convém lembrar que o golpe que depôs Frondizi também tinha êste objetivo.

No tempo que fôr necessário

O que o povo sente até agora do nôvo Govêrno argentino, é que é um Govêrno forte — muito forte. Todos os cargos importantes — dos Govêrnos de províncias à Prefeitura de Buenos Aires — estão ocupados por militares. O homem da rua diz que até o soldadinho do anúncio mata-mosquito vai ser designado para alguma coisa.

Fala-se abertamente na aplicação da pena de morte aos que levantarem a cabeça contra o Govêrno, mediante enquadramento nas sanções militares de tempo de guerra.

O General Ongania não promete nada, nem fala, sôbre a normalização democrática do país. O "Estatuto da Revolução", vago e amplo, vigora sôbre a Constituição. E vigorará no "tempo que fôr necessário". Especula-se sôbre êsse "tempo necessário", com hipóteses. Uma delas gira em tôrno da idade de Peron; afinal, êle já está bem maduro. Mas há um elemento concreto: no fim do ano passado, o General Ongania preparou um "Plano de Reestruturação do Exército" que foi por todos considerado um verdadeiro plano de Govêrno. Tempo para sua aplicação: dez anos.



V. sabia que o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. tem a experiência e o potencial de dois bancos?

A fusão do Banco da Lavoura e Comércio do Estado de São Paulo com o Banco Nacional do Paraná e Santa Catarina originou a formação do Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. Um Banco que possui a experiência de dois Bancos no trato diário dos problemas do comércio, lavoura e indústria. Capaz, portanto, de prestar melhor e maior atendimento a êsses setôres básicos da economia nacional. Remessa de valores, cobranças rápidas nas principais praças dos Estados de São Paulo, Guanabara, Paraná e Santa Catarina, crédito rural, financiamento de exportação, operações de desconto, recolhimento de impostos federais, estaduais e municipais, tudo isso faz com perfeição o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A., um Banco que surge com experiência e potencial para ativar o desenvolvimento desta jovem nação.

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
End. Teleg. "NOSSOBANCO"

WH - Publicidade

Num encontro promovido por REALIDADE em março último, Paulo Machado de Carvalho, a nosso pedido, contou a história das duas Copas que trouxe para o Brasil e fêz advertências sôbre o campeonato mundial na Inglaterra. Seu depoimento já estava preparado para publicação, quando — por temer repercussão de suas declarações no espírito dos novos comandantes da seleção e para fugir a possíveis más interpretações — Paulo Machado de Carvalho solicitou a não divulgação de suas opiniões. Agora, na hora da derrota, suas palavras ganham fôrça nova, ao mesmo tempo em que caem as razões que desaconselhavam a publicação. Eis aí, então, o que pensa um homem, cuja simples presença poderia ter alterado a Batalha da Inglaterra. É preciso lembrar sempre que seu depoimento foi feito há quatro meses. Mas a importância do que foi dito não se alterou no tempo, no espaço ou nos campos de Liverpool.

AS COPAS QUE EU GANHEI

contado a Carlos Azevedo por

Paulo Machado de Carvalho

Ganhei duas Copas porque nunca quis discutir o que os jogadores devem fazer dentro do campo. O importante é manter a delegação descontraída, alegre e informada de que a Pátria não está em jôgo numa partida de futebol. Nem no Chile nem na Suécia, jamais se falou do Brasil aos jogadores, ninguém teve de beijar a bandeira nacional, não apareceu nunca a imagem da Pátria sob a ameaça da desonra. Eu só tenho uma virtude de que não abro mão: a de ser um bom camarada, que usa um pouco de psicologia e uma boa dose de paternalismo no trato com os atletas.

"Eu nunca pregava moral"

Os jogadores são muito simples, impressionáveis e mais ou menos fáceis de manobrar psicològicamente. O Pelé, por exemplo, é um homem extraordinário, o mais belo caráter que encontrei em tôda a minha vida. Êle era um menino de 17 anos em 1958. Na Suécia, após as nossas vitórias, eu entregava o **bicho** a todos os jogadores menos a êle. Êle me perseguia pela concentração reclamando:

— E o **meu,** dr. Paulo? Me dá o meu, dr. Paulo.

E eu lhe dizia:

— Você ainda não sabe gastar dinheiro macaquinho. Fica pra lá. Amanhã nós vamos passear em Estocolmo (ficava perto da nossa concentração) e eu vou ajudá-lo a gastar seu dinheiro.

Êle não agüentava de impaciência quando no dia seguinte a gente saía. E eu o fazia primeiro comprar um belo presente para a mãe:

— Pense na dificuldade que sua mãe tinha para lhe comprar pirulito quando você era menino.

E êle comprava malhas e vestidos para dona Celeste. Só depois do presente eu entregava o resto da gratificação de Pelé.

Nunca fiquei a pregar moral para a rapaziada na concentração. Fazia apenas discursos engraçados. Na Suécia, logo de início, comecei a falar com uma escôva de dentes na mão:

— Vocês sabem o que é isso?

Êles riram e eu expliquei: — É uma escova de dentes e serve para escovar os dentes, assim como pente é para alisar cabelo — continuei, mostrando um pente.

Depois ergui uma gilete no ar, informando que era para fazer a barba tôda manhã. Disse ainda que os tapêtes dos apartamentos não eram lugar de cuspir e que os cinzeiros do hotel não podiam ser roubados.

— Quem quiser cinzeiro me peça, que eu compro no hotel.

Dias antes uma delegação de jogadores venezuelanos tinha roubado até uma cortina do hotel, sem falar nas toalhas e cobertores. Os hotéis europeus têm muito mêdo de hospedar atletas da América Latina. Eu contava isso e êles riam, se divertindo.

"Tenho remédio contra saudade"

Problema que se encontra tôda hora é o do jogador com saudade de casa. Eu tenho um remédio tiro-e-queda para isso. O jogador estava lá, no saguão do hotel, esparramado na poltrona, triste, inconsolável, eu começava a rodeá-lo sem dar bola para êle. De repente, eu dava o bote, dizendo:

— Que é que há, **seu** trouxa, que é que você fica fazendo aí enquanto os outros estão passeando?

SEGUE

Nada de simbólico.
A Camisa Volta ao Mundo é ótima para o Dia do Papai porque é um presente prático e útil.
Nunca precisa passar a ferro.
(Pense na mamãe, também!)

CAMISA 'VOLTA AO MUNDO'
(M. R. 457.333)

Valisère

Antissèpticamente pura, graças ao processo Sanitized

RHODIANYL

INDÚSTRIA BRASILEIRA

"Vocês são uns burros, uns ignorantes"

A primeira Copa: Paulo Machado, Pelé e Zagalo. Pelé não passava então de um menino.

— Estou com saudade da família, dr. Paulo. Não agüento mais.

— Bem, se você quer, eu providencio para você voltar. Mas veja só como você é frouxo. Você está com saudade de sua mulher e de seu filho, não é? Eu também sinto saudade, não sei se você sabe. E tenho mulher, três filhos, três noras e sete netos. Sinto saudade de todos. São 14 saudades e você só tem duas. Então ganhei. Ganhei de você em sofrimento e estou firmão aqui. Ganhei ou não ganhei, de 14 a 2?

— É, ganhou.

E pronto. O jogador não se via mais com o direito de sofrer por isso.

Um caso de melancolia que me preocupou muito foi o do Gilmar, no Chile, em 62. O caso dêle era sério, porque Gilmar é um rapaz inteligente e sempre ajudara muito a manter a alegria da turma. No Chile estava arrasado. Andava pelos cantos se acabando, ia ser um desastre. Olhei bem o seu jeitão e matei a jogada. Pensei: "Vou dar uma paulada nesse sujeito." Fui para o telefone e pedi uma ligação para o Brasil. Sua casa não tinha telefone, chamei na casa do vizinho. Foi um trabalhão achar o número. A mulher de Gilmar veio atender e eu lhe disse:

— Escute, vou pôr o Gilmar no telefone, mas fique quietinha aí, mesmo que seu filho esteja doentinho não diga nada, afirme que vai tudo muito bem e sobretudo não chore; êle está muito triste e precisa de alegria. Entendeu? Se você não fizer isso êle vai ser o goleiro mais frangueiro da Copa.

Ela entendeu. Fui ao jardim, chamei Gilmar.

— Telefone para você.

— Quem é?

— Acho que é um chato de um cronista pedindo uma entrevista.

— Eu não vou atender, não.

— Vai sim senhor. O que é isso? Onde está o famoso cavalheiro?

Êle foi, muito contrariado. Quando ouviu a voz da mulher, eu nunca vi uma coisa assim, ficou branco como uma fôlha de papel. Falaram pouco e quando acabaram me olhou sem dizer nada. Nunca mais falamos nisso, mas êle voltou a ser uma das alegrias da concentração.

"Eu tomo conta de tudo"

Eu leio tôdas as cartas, todos os telegramas, intercepto recado e tudo que entra e sai da concentração. E me justifico assim:

— Vocês são uns burros, uns ignorantes. Suas mulheres são mais ainda. Se elas escrevem dizendo que o Joãozinho está gripado, vocês perdem a cabeça e vão me aborrecer: "preciso voltar, preciso telefonar, o que é que eu faço?" e muitas coisas mais. Vão me encher de problemas e vão jogar mal. Por isso, leio tudo primeiro. Para vocês não se preocuparem, já deixei no Brasil médicos para cuidar de suas famílias, médicos tão bons como vocês nunca tiveram, advogados para cuidar de seus problemas e um monte de dinheiro para suas mulheres. O que vocês podem fazer daqui, melhor do que isso?

Horas antes do jôgo com o País de Gales, em 1958, chegou à concentração um telegrama da filha do Didi. Dizia: "Papai, quero que você marque um gol para mim contra o País de Gales". Li e meti no bôlso. Veio o jôgo, foi muito difícil, mas ganhamos. No dia seguinte chamei Didi para passear comigo pelo jardim e lhe contei:

— Ontem recebi um telegrama de sua filha, mas não lhe entreguei. Toma, agora você pode ler.

Didi, um grande sujeito, sempre muito nervoso, mas contido, leu várias vêzes, pensou e me disse:

— Dr. Paulo, o senhor fêz bem. Se eu tivesse lido êsse telegrama ontem, eu ia me atrapalhar todo. Ia fazer tudo errado na partida, só pensando em marcar êsse gol. Êle não sairia, viu como foi difícil o Pelé marcar aquêle gol, e nós íamos ficar mal.

Pensou mais um pouco e prometeu:

— Mas no próximo jôgo vou marcar um gol para minha filha.

Contra a França, Didi marcou o seu gol.

É evidente que para alguns êsse cuidado seria desnecessário. Mas a gente, numa concentração, está lidando com pessoas muito diferentes entre si. O Belíni, por exemplo. Para mim o Belíni é **o homem.** Disciplinado, digno, correto, sério. Nós já tínhamos vencido a Copa e êle ainda me trazia tôdas as suas cartas abertas para eu ler, conforme a determinação. Eu dizia:

— Belíni, deixa de ser chato. Nós já ganhamos, não precisa mais disso, sô!

E êle:

— Não, dr. Paulo. É a lei.

Fora das reuniões convocadas especialmente para isso, jamais falo de futebol para os jogadores. Em 1958, eu só fiz um pedido, relacionado com o jôgo, ao pessoal. Foi um dia antes da partida com os russos. Eu lhes disse:

— Vocês podem perder tôdas as partidas que restam, mas têm de ganhar dos russos. É um pedido do Presidente Juscelino que eu transmito a vocês. Ganhem dos russos!

Juscelino Kubitschek tinha me feito êsse pedido antes de sairmos do Brasil. Disse que precisava muito dessa vitória, por questões políticas. E todo mundo ainda se lembra com que raça ganhamos aquêle jôgo.

"Eu já barrei um bispo"

Quando estávamos nas vésperas de seguir para a Europa, em 1958, Guiomar, espôsa de Didi, foi à concentração visitá-lo. Queria ir para a Suécia também, e veio falar comigo. Fui sêco com ela:

— Guiomar, se você aparecer na Suécia, o Didi volta no primeiro avião. Chamei o Didi e o informei disso. Guiomar foi embora com muita raiva de mim, mas depois da Copa ficou minha grande amiga.

Guiomar teria criado muitos problemas na concentração indo à Suécia. Assim como qualquer pessoa que fôsse influir na disposição dos jogadores.

SEGUE

Mobília MC não tem avêsso

V. não precisa mantê-la de costas para a parêde

R

Todos os lados, mesmo as costas, têm o mesmo acabamento.
Isto significa maiores possibilidades de arranjo.
Um armário como êste, por exemplo, pode ser usado para
dividir ambientes: almôço do lado de ca, estar do lado de lá.
Quem mora em apartamento pequeno, já percebeu a vantagem.

MC MOBILIA CONTEMPORANEA

Lojas em S. Paulo, Rio, B. Horizonte, Curitiba, Belém, Goiania e Salvador.

"Quedê minha espingarda, doutor Paulo"

1958, *Suécia: o Brasil acabava de vencer sua primeira Copa. Feola ganha um abraço.*

Por isso é que barrei a visita de peregrinos brasileiros chefiados por um bispo paulista. Êles vinham de Lourdes, na França, e queriam ver os jogadores. Eu não permiti. O bispo disse que estava me estranhando, pois aqui no Brasil eu sempre tinha sido tão cordial com êle. Disse que me desculpasse, mas estava no cumprimento de uma missão e não podia transigir. Pediu-me para deixá-lo abençoar a delegação. Também não permiti e lhe fiz ver que a influência religiosa poderia perturbar o espírito esportivo da seleção. Porque ali alguns acreditavam em Deus, outros não. O que acreditasse iria ficar impressionado. E o que não tivesse fé iria se aborrecer.

Depois dos jogos eu permiti o encontro dos peregrinos com os atletas. Então, o bispo concordou comigo.

"Levei cem mil balões para o Chile"

Eu sempre exigi da delegação que tratasse da melhor forma possível as torcidas estrangeiras. Na Suécia, quando nós voltamos, éramos muito queridos. No Chile, ficamos queridos logo de início. Levei para lá 100 mil balões coloridos, com a seguinte frase escrita nêles: "As crianças do Brasil saúdam as crianças do Chile". Quando a delegação saía levava balões que os jogadores enchiam e entregavam às crianças. Elas levavam para casa e isso virava simpatia para nós. Foi assim que tivemos a torcida do Chile quase sempre do nosso lado. Mesmo quando jogamos contra êles, a multidão ficava sem jeito de torcer contra nós.

É preciso forçar o diálogo com os jogadores. Eu faço um esfôrço para conseguir que conversem naturalmente comigo e exponham suas preocupações. Digo sempre a êles: "O meu trabalho é resolver seus problemas". Isso inclui pedir presentes. Antes da Copa de 1958, Orlando chegou para mim e disse:

— Eu vou para a Suécia, mas o senhor tem que me dar uma Lambreta. Promete?

— Orlando, **seu** burro, **seu** louco — eu respondi — para que uma Lambreta?

— Porque quero. O senhor promete?

— Prometo, mas acho que você é um burro, poderia pedir coisa melhor.

— Nem um Impala eu quero, dr. Paulo. Pus na cabeça que o negócio é uma Lambreta.

Bem, essa Lambreta, que, voltando da Copa, lhe entreguei aqui em São Paulo, foi um constante ponto de contato entre nós durante os dois meses da Copa do Mundo. Tôda vez que êle me via perguntava:

— E a minha Lambreta, dr. Paulo?

Até o fim do campeonato. Depois do último jôgo, fui abraçá-lo, eufórico.

— Grande, Orlando, você foi extraordinário!

E êle me perguntou:

— Ganhei minha Lambreta?

Êles são assim, simples com uma aparência de complicados. Resta entender que Orlando não estava jogando bem só por causa de uma Lambreta. Jogava bem porque joga bem e queria ganhar. A Lambreta era nosso assunto, a forma de eu mostrar carinho por êle e de êle mostrar que estava integrado, que o nosso trato estava valendo.

"Teje prêso, dr. Paulo"

Em 1958 Garrincha não tinha nada na cabeça. Eu dizia para êle:

— Você é uma coisa que anda.

Não sabia nada de assunto algum, era uma autêntica fôrça da natureza. Perseguia-me pela concentração o dia inteiro, repetindo a mesma brincadeira durante dois meses. Pegava-me no braço, dizia:

— Teje prêso.

Depois me soltava, acrescentando:

— Teje sôlto.

Durante dois meses, fazendo isso, poderia cansar. Não cansou, pois era sua forma de mostrar alegria, e era realmente muito alegre, divertido. Na volta, dei-lhe uma espingarda, que vem sendo o nosso assunto até hoje, porque êle não foi buscar:

— Quedê minha espingarda, dr. Paulo?

— Está em minha casa. Você tem de ir lá buscar.

Êle não vai, nem eu lhe entrego. E o assunto vara os anos. Recentemente, êle me disse:

— Para esta Copa vão ser necessárias duas espingardas. Uma para mim, outra para o Pelé.

"Amarildo não era nada burro"

No Chile, Pelé estava deitado em sua cama com aquela sua ingrata distensão muscular que o tirou da Copa. No quarto só Amarildo, conversando, buscando no diálogo com Pelé ganhar mais confiança para os jogos. Pensei: "vou ajudar estas conversas". Disse-lhes:

— Vou à cidade e queria dar um presente para vocês. O que você quer Pelé?

— Um medalhão para minha mãe.

— Muito bem, aprendeu hein? E você Amarildo?

— Uma capa de couro forrada de lã.

— Mas seu maluco, onde está você com a cabeça? Você mora no Rio de Janeiro, para que lhe servirá uma capa assim?

— É isso que eu quero, dr. Paulo.

— Está bem. Eu dou, mas aviso-o de que vou contar para todo mundo.

É outro costume meu. Dentro da concentração não há segrêdo. Tudo o que acontece eu conto para todo mundo na reunião e, em geral, resulta em muitas risadas e brincadeiras. No dia seguinte, tôda a turma reunida, eu perguntei:

— Qual é o mais burro dessa turma de burros? Cada um falava um nome, todo mundo já ria, antegozando a piada.

— Ninguém acertou. O mais burro é aquêle ali. O Amarildo.

E contei a história da capa que rendeu uma imensa gozação. Mas tenho de reconhecer que o Amarildo tinha razão: a capa está lhe servindo na Itália.

SEGUE

"Eu amo os latinos: são uns malandrões"

Em 1958 foi Mário Américo. Em 1962 foi Zózimo. Nas duas Copas êles roubaram para mim a bola do jôgo final. Eu fazia questão delas e o problema era que isso quebrava a tradição: o juiz da partida final fica sempre com a bola. Mas a história mais engraçada foi a de Mário Américo, em 1958, na Suécia. A partida terminou e o juiz, o francês Guigue, correu para apanhar a bola, botou embaixo do braço e foi receber cumprimentos dos jogadores. Mário Américo veio correndo por trás dêle, deu um cutucão com o dedo na bola e a apanhou no ar, sem parar de correr. No instante seguinte a torcida estava vendo, admirada, o juiz correndo atrás do massagista do Brasil. Mário entrou no vestiário, e veja que malandro, jogou a bola do jôgo num saco de bolas.

O juiz chegou em seguida. Pediu-lhe a bola, em francês. Mário bem que entendeu, enfiou a mão no saco e lhe deu uma. O juiz disse que não era aquela, mas aí Mário Américo deixou de entender francês, fêz uma confusão, não deu a bola. O juiz ficou aborrecido e não se conformou nem no dia seguinte quando fui falar com êle. Disse-lhe em vão que eu também tinha muita vontade de ficar com ela, que êle não se aborrecesse.

No jantar de despedida estavam as quatro delegações finalistas e os juízes, em cinco grandes mesas. Eu estava jantando tranqüilo quando vi o Mário Américo — careca, baixo e gordinho — levantar-se muito elegante. A careca brilhava. Êle apanhou uma bandeja de prata, colocou nela uma caixa de charutos brasileiros e saiu muito empinado andando pelo salão. Atravessou-o todo, sob a expectativa geral. Acercou-se da mesa dos juízes e dirigiu-se a **monsieur** Guigue, o juiz aborrecido. Inclinou-se entregando-lhe a caixa de charutos. Veja que danado êste Mário Américo. Foi gentilíssimo. O juiz levantou-se muito emocionado, abraçou-o e beijou-o na face. É por isso que eu amo os latinos. São todos uns malandrões, mas se emocionam como ninguém.

Em 1958 e 1962 foi assim. Eu desejo muito que daqui para a frente se consiga mais do que isso. Depois, aquelas normas primárias que foram necessárias, não são mais. Nestes oito anos de campeões do mundo, os jogadores brasileiros evoluíram muito. Aproveitaram aquelas lições. Êles são inteligentes e simples, e lhes sou grato pelas grandes alegrias que seu futebol me deu e por ter convivido com êles nessas inesquecíveis experiências humanas.

Porque perdemos

Dos enviados especiais Sérgio de Souza e Cláudio de Souza

Liverpool — Depois de dar sua camisa suada ao português Tôrres, Pelé caminhou mancando para os vestiários. Sentia mais frio do que o frio que fazia e a mão do policial inglês, que suavemente estendeu sôbre as costas do rei deposto uma capa preta, praticou uma grande justiça. Pelé a aceitou humildemente e, sem chorar (desta vez, não), continuou arrastando a perna enfaixada até um lugar qualquer, longe da multidão. Lá nas arquibancadas, depois que o último jogador de Portugal tinha saído e que o juiz guardara para si a bola de jôgo, cinco mil pessoas continuavam imóveis, olhando para o gramado do estádio do Everton.

Colhidos pelo choque, os torcedores brasileiros tinham se imobilizado na última posição de torcer: alguns em pé, outros grudados aos bancos, com a cabeça entre as mãos. Pareciam esperar ainda que alguma coisa acontecesse. De repente, um grito cortou o ar. Alguém disse em claro português:

— Vamos linchar o Nascimento.

Ninguém prestou atenção ao grito, mas êle os tirou do transe. Nesse instante todos compreenderam: o tri estava perdido. E alguém começou a enrolar uma bandeira brasileira que estava pendurada na ponta de uma vara.

Estavam arrasados tanto o balconista da loja Exposição, de São Paulo, que fêz a maior dívida de sua vida para viajar, como o fazendeiro de Mato Grosso; tanto o comerciante de Uberaba, no interior de Minas, como o bancário carioca, que estava assinando promissórias no Galeão meia hora antes de embarcar; tanto o vereador gaúcho, que juntou tôdas suas economias, quanto o estudante pernambucano que vendeu seu automóvel.

Uma pergunta assaltava tôdas as cabeças: "Mas o que aconteceu? Onde está o grande futebol brasileiro?"

Estas são as respostas:

No fim de abril, a Comissão Técnica divulgou a lista de 45 jogadores convocados para a seleção brasileira. Na CT não estava mais Paulo Machado de Carvalho, afastado da chefia por "intransigência". E na lista faltavam os nomes de Coutinho, o melhor companheiro de Pelé em todos os tempos, Abel, Ademir da Guia, Mengálvio, Tupãzinho. Mais tarde a lista cresceria: Amarildo e Jair da Costa, que jogam na Itália, foram incorporados. Dêsses 47, o maior contingente de jogadores convocado para formar uma seleção, sairiam os 22 para a Copa.

Imediatamente a CT começou rigorosíssimos exames médicos. Até a televisão inglêsa filmou como se preparavam os nossos supercraques. Ao fim dos exames a CT anunciou: todos os 47 estão em perfeita saúde (mais tarde, as contusões freqüentes mostrariam o contrário). Em seguida, começaram os treinos e as concentrações. Quatro equipes jogavam entre si, com times mineiros, cariocas, paulistas. Jogavam sempre separados, ganhavam quase sempre, mas se igualavam em ruindade. Nada de montar a defesa, nem o meio-de-campo, nem o ataque: a única preocupação era achar o companheiro de área para Pelé. Experimentaram-se vários, ninguém acertava. E o seu companheiro ideal ficara em Santos.

Era preciso fazer cortes, mas o tempo passava e a CT não dizia nada. Pouco antes de viajar para a Europa, onde faria uma excursão desnecessária, ela, afinal, cortou. Foi aí que o povo se assustou: a CT ressuscitara um velho costume que nas duas Copas anteriores parecia ter morrido — fizera cortes segundo interêsses clubísticos e bairristas. Depois mandou embora Djalma Dias, o melhor zagueiro-central do País; Carlos Alberto, o único herdeiro de Djalma Santos, que agora, mesmo velho e sem condições, ficou no time. Ficaram também os velhos Dino e Zito, êste com uma distensão muscular que até hoje não sarou, em prejuízo de Roberto Dias, que em muitos jogos da seleção já se havia sobressaído.

Na Europa, ainda com 26 jogadores, a seleção viajou por Espanha, Escócia e Suécia. A CT, que até então refutara críticas dizendo que estava fazendo um trabalho científico, continuou mostrando indecisão e dissensões internas. O time ainda não estava armado, ninguém sabia quem seriam os quatro últimos cortados. Havelange, Feola, Nascimento e Paulo Amaral estavam indecifráveis em seu pretensioso silêncio. E a indisciplina havia começado: barrado por Brito, Belíni disse que não ficava como reserva. Substituído por Altair, Orlando reclamou de clubismo e injustiça. Vários jogadores brigaram. As viagens se sucediam cansativas, jogadores dormiam tarde, outros bebiam demais. A comida nem sempre era satisfatória. Quando o último corte veio, o time ainda não estava esboçado. Servílio, que até então tinha sido centro-avante titular em 25 treinos ao lado de Pelé, foi cortado junto com Dino, Valdir e Amarildo.

Ao fim de viagens que dariam para fazer a volta ao mundo, 22 jogadores entediados e 30 dirigentes, muitos acompanhados da família (calcula-se que foram gastos 4,5 bilhões de cruzeiros), chegaram à Inglaterra. Só então a Comissão Técnica descobriu que Lymm, a cidade escolhida para nossa concentração com dois anos de antecedência, estava a 30 quilômetros do mais próximo campo de futebol e a 38 quilômetros de Liverpool, onde o Brasil teria de jogar. Havelange ficou hospedado em Londres, no Royal Gardens Hotel, indo a Lymm só nos treinos.

Ao estrear na Copa o **treinamento científico** do Brasil tinha rendido isto: não havia defesa estruturada; não havia meio-de-campo, nem havia formação de ataque: não havia time. Gérson, o titular do meio-campo se contundira num jôgo sem importância na Suécia (mas que rendera dólares para a CBD). Djalma Santos e Belíni estavam sem condições físicas. Seus reservas, Fidélis (contundido em outro joguinho) e Brito, jogando mal, não os podiam substituir. Então, o Brasil, que sempre teve futebol ofensivo, teve que escalar o médio Denílson de quinto-zagueiro, para reforçar sua defesa. Mesmo jogando mal Garrincha foi escalado, pois isso era de interêsse da Comissão. E Jairzinho, seu substituto, como também não podia ficar de fora, foi para a ponta-esquerda, posição em que não sabe jogar, em prejuízo de Paraná e Edu, os dois pontas-esquerdas convocados. Em 1958 a equipe tinha sido um todo formidável. Em 1962, ela tinha uma grande defesa que empurrava o ataque desfalcado de Pelé. Agora não havia nem defesa nem ataque. Depois de 33 jogos-treino o Brasil chegava à mais importante Copa de sua história sem ter time formado.

A conseqüência foi que os torcedores e a imprensa esportiva do mundo viram a equipe brasileira estrear jogando com menos fôlego do que qualquer outro time presente à Copa, ganhando medìocremente da Bulgária. E, depois, ser derrotada pela Hungria, um time de excelente ataque, por ter a Comissão retirado Denílson, que era o reforço de nossa cansada defesa, e por ter poupado Pelé para o jôgo com Portugal, "um jôgo mais difícil".

E viram mais. Contra Portugal assistiram ao absurdo de a Comissão mudar, de um jôgo para o outro, nove jogadores na equipe, coisa nunca vista num campeonato do mundo. Mas os reservas — que haviam se sentido injustamente barrados por uma chefia tão parcial — não tinham também condições psicológicas e físicas para salvar o Brasil da derrota. Jogados no fogo, lutaram como desesperados, mas sem tática, sem ritmo.

Foram derrotados, mas puderam sair do campo dignamente.

Que o Brasil aproveite a lição: uma equipe de futebol não pode depender exclusivamente do brilho individual de seus jogadores, nem de sua capacidade de improvisação. O futebol de hoje exige preparo físico, tática, trabalho de equipe e planejamento inteligente. Exige, enfim, dirigentes à altura do desafio. Por desgraça nossa, não os tivemos. FIM

-Quer apostar como lá fora tem um Itamaraty?

©Willys-Overland - 66.1124 - ITA

Itamaraty - o mais elegante. Estofamento em couro legítimo. Tapetes de veludo. Ventilador elétrico. Rádio de cinco faixas, dois altofalantes. Portas forradas de lã prêta, com painel de jacarandá da Bahia. Trava de direção conjugada em uma só peça com chave de ignição. Cinzeiro central na parte traseira do banco dianteiro com acendedor de cigarros embutido no seu interior. Luz de leitura com foco dirigível (como nos aviões). Garantia de 20.000 km ou um ano de uso.

ITAMARATY '66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

Indinho brinça de índio

Texto de Carlos Azevedo/Fotos de Jorge Butsuem

O paraíso amanheceu outra vez em paz. Piqui-Diauá, vestido só com um cinto de caramujos, saiu pelo buraco que serve de porta da sua casa de sapé e veio espreitar o sol. Uma mulher passava, vestida apenas com um cinto de miçangas. Ia até o rio, com uma panela na cabeça e um nenê enganchado nas ancas, seguida pela filha que imitava a mãe no andar curtinho, nos cabelos longos e na nudez tranqüila. Piqui calculou que estava na hora de sair para pescar. E foi se arrumar sem pressa: o dia seria longo, gostoso, e mal havia acabado de nascer.

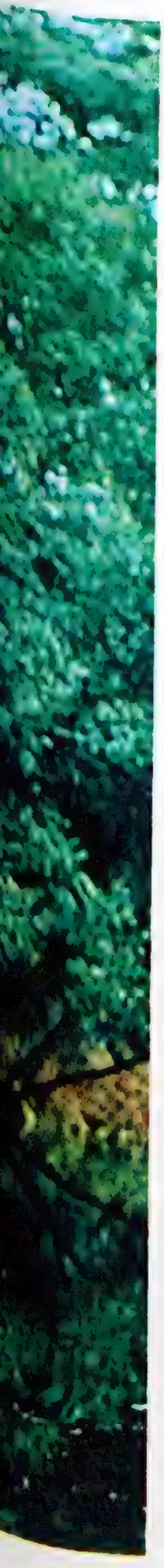
Piqui-Diauá é um menino índio que mora no Parque Nacional do Xingu, reserva indígena que fica no extremo norte do Mato Grosso, num lugar em que vários rios se encontram para formar o rio Xingu. Rio e São Paulo estão muito distantes: dois mil quilômetros, e ali ninguém tem consciência do que seja êsse longínquo mundo dos homens brancos.

Neste parque de terras virgens vivem 600 índios remanescentes de nove povos que há muitos séculos conseguem conviver em paz. O comércio entre êles permitiu a formação de uma cultura única, semelhante nas crenças, festas, danças, lutas, enfeites, cozinha e habitação. Só ficou a diferença das línguas que são originárias de três grandes ramos: tupi, aruaque e caribe.

O dia de Piqui havia começado às quatro horas da manhã, quando todo índio toma seu primeiro banho. Nessa hora, a mais fria da madrugada, a água, que ainda conserva o calor do dia, é quente e agradável. Depois, em casa, à beira do fogo, êle comeu meio peixe, *pacu* de um palmo, e um pedaço de beiju de farinha de mandioca que sua mãe tinha acabado de fazer em uma grande panela rasa de barro. O peixe fôra *moqueado*, assado diretamente sôbre a brasa e na fumaça. A pele estava preta, queimada, mas a carne tinha bom aspecto: sêca e dourada.

SEGUE

Em posição de disparar Piqui procura o peixe. A qualquer momento a flecha silenciosa mergulhará nas águas calmas para ferir de mor



Esta é sua verdade: êle só quer ser um menino de rosto sereno.

Há um menino pescando nas águas do rio amigo

— Assim você acaba arranjando uma namorada — dissera Acucu, sua mãe, quando, depois de passar óleo da fruta **piqui** pelo corpo, o menino começou a ser pintado por Calucumã, o padrasto. A tinta era uma massa vermelha, tirada de **urucum**, outra fruta, e ia sendo esfregada sôbre a pele. O padrasto fêz desenhos triangulares nas costas de Piqui, pintou-lhe o rosto, o peito, os braços e as pernas. Da tinta preta de carvão o menino não quis saber porque não gosta da côr. Quando terminou, Calucumã olhou-o, sorriu aprovando, e disse num tom brincalhão:

— Como você ficou bonito, rapaz!

Foi meio encabulado, mas se sentindo muito elegante, que Piqui saiu de casa para pescar. Carregava remo, arco, flecha de matar peixe, linha de nailon e anzóis. Tem menos de um metro e meio êsse grande pescador, e deve andar pelos 11 anos, mas ninguém sabe ao certo. Índio só conta até 20, nos dedos das mãos e dos pés. A unidade de tempo é **lua,** que é a soma das quatro fases da lua. Assim, o maior período de tempo calculado é de apenas um ano ou 20 luas.

Primeiro pescar de flecha

Piqui empurrou a canoa pequena e leve para dentro do rio estreito que se chama Tutuari, de águas claras e poços fundos. Sentado na pôpa, movimentou a canoa com remadas calmas. Estabeleceu: "primeiro matar peixe com flecha para apanhar isca. Depois, o anzol." Ficou de pé na ponta da canoa, armou o arco e começou a procurar peixe olhando a água cinco metros adiante. Piqui via os peixes que fugiam sem lhe dar tempo de flechar. Atirou e errou algumas vêzes.

De repente, parecia ter desistido. Encostou a canoa a um pé de **enti,** que se inclinava sôbre o rio. Ficou puxando os galhos do arbusto e lambendo os cachinhos da fruta miúda, molhados de orvalho, que soltavam um mel muito doce. Silencioso como um gato o menino não perturbava a quietude do rio espelhado.

Os meninos devem brincar

Piqui remou ligeiro para alcançar um poço conhecido. O pequeno remador não é um menino comum: na sua idade os outros brincam mais e pescam menos. Os pais só exigem que aprendam o que lhes ensinam e que os obedeçam. O resto do tempo, que é imenso, podem brincar à vontade. Mas Piqui perdeu o pai muito cedo numa epidemia de sarampo. Nem se lembra dêle e sabe apenas que era um **cuicuro,** povo que fala a mesma língua caribe dos **nahuquás,** tribo de sua mãe.

Afinal o índiozinho acertou uma flechada violenta num **piau** de bom tamanho. Foi bem no lugar em que o rio estende um braço até uma lagoinha. O peixe arrastou a flecha até uma moita de capim. Piqui remou até lá satisfeito, apanhou a flecha, que tinha atravessado o corpo do peixe perto do rabo e sussurrou:

— Quase que você escapa, piau.

Mordeu-lhe a cabeça, o peixe estremeceu e morreu. Depois cortou um pedaço dêle, botou no anzol e jogou a linha de 15 metros perto da outra margem do rio. Não deixou a isca afundar, quis que deslizasse à flor d'água como um peixinho.

SEGUE

Foto para álbum de família: Piqui, padrasto, mãe e irmãs.

Diauá, você chegou? Eu cheguei. Então está bom.

Era uma armadilha para **Sahundo,** o tucunaré, peixe valente que anda rente ao barranco do rio. O indinho foi repetindo a operação; não demorou quase nada para o tucunaré avançar. Piqui viu-o e parou de puxar a linha. O peixe engoliu tudo de uma vez — estava condenado, mas tentou resistir procurando um poço fundo. Não adiantou: logo estava fora d'água, se debatendo e roncando com a bôca muito aberta. Era um tucunaré gordo, de quase dois palmos. Para Piqui, que conhece tôdas as armadilhas, pegar peixe é muito fácil.

O divórcio de Calucumã

O pensamento do menino estava longe enquanto remava compassadamente, depois de ter pescado vários peixes. Piqui gostaria de continuar descendo o rio, até a casa de Maluaré, o índio triste, que mora num ranchinho na confluência do Tutuari com o Culuene. Mas só teria ido se tivesse um companheiro para ajudar a remar na volta. Maluaré é um índio **carajá** que fugiu para o Xingu para não morrer: tinha matado outro índio e os parentes do morto queriam se vingar. Vive como um desterrado, curtindo saudades da mulher, dos quatro filhos e de Maluá, o velho pai, ex-chefe dos carajás, que está quase cego. Piqui gosta de visitá-lo porque, quando a lembrança das praias douradas do rio Araguaia o assediam demais, Maluaré lhe conta histórias lindas, lendas de sua tribo distante.

Acucu ficou surprêsa de ver seu filho voltar tão cedo:

— Diauá, você chegou?

— Eu cheguei.

— Então, está bom.

Sua mãe só o chama de Diauá. Ela evita chamá-lo de Piqui, que é nome de um antepassado do pai do menino. Isso acontece porque as tradições do Xingu exigem um tratamento respeitoso nas relações do casal com os parentes do cônjuge. Qualquer deslize nessa área — falar o nome do sogro ou fazer brincadeira com o cunhado — é muito vergonhoso.

Tratam-se por **sogro, genro, cunhado.** Por isso, quando a criança recebe o nome de um antepassado, precisa ter também um segundo nome para que o outro ramo de sua família também possa chamá-la sem constrangimento.

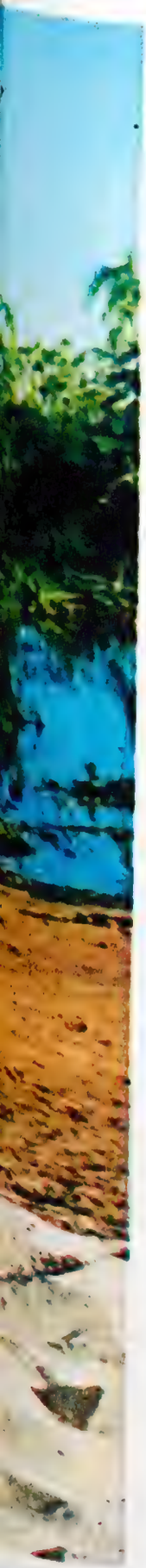
Quando Piqui-Diauá chegou, Calucumã, o padrasto, já tinha saído para a roça. Êle é um **aueti,** tribo de língua tupi, um homenzarrão alegre que não gosta muito de pescar e acha bom que o enteado faça isso para a família. Calucumã prefere cuidar de suas artes de pajé, no que é muito respeitado, e de sua roça de mandioca, banana e batata-doce, uma das maiores do lugar. Como todo pajé, anda sòzinho pelo mato, procurando ervas medicinais. E sempre leva sua velha espingarda 22, para se defender de onça e matar macaco, o único animal que xinguano come. Os índios não comem quadrúpedes, mas "o macaco teve o azar de às vêzes andar em pé", explica êle.

Antes de se unir à viúva Acucu, Calucumã foi casado e se divorciou. O divórcio é uma velha instituição local, que funciona naturalmente, sempre que um casal não esteja vivendo em paz. Aparentemente, Calucumã não se importa quando os outros índios lembram a história de seu divórcio. Em geral, quando uma mulher quer se separar do marido, desamarra sua rêde e volta para a casa dos pais. Ou, quando está com raiva, põe fogo na rêde do marido. Mas a mulher de Calucumã resolveu queimá-lo junto com a rêde.

SEGUE

A felicidade é saltar assim para um mergulho espetacular nas águas muito limpas do Tutuari e desvendar todo recanto do rio tranqüilo.

Piqui e seu amigo Acanain aproveitam a areia branca da beira do rio para brincar de lutar huca-huca, o esporte dos índios do Xin



A amizade é bela e simples para a pureza de Piqui e Acanain.

Vamos correr lá no varjão e lutar o huca-huca

Êle acordou a tempo de não se queimar muito. Só o bastante para ficar bravo.

Foi para o centro da aldeia e fêz um longo discurso para um público que se torcia de rir em suas casas. Entre outras coisas, disse:

— Um homem não pode mais dormir em paz, sem correr o risco de ser queimado. Essa mulher, que não sabe nem fazer beiju direito, pão-dura nas relações sexuais, ciumenta demais, agora seguramente ficou louca. Eu não vivo mais com ela.

Êle nem precisava anunciar a separação, pois àquela hora a mulher já tinha se embrenhado no mato e viajava à casa dos pais, sem nem querer usar o direito de aparteá-lo para se defender, conforme a tradição, pois se arriscava a levar uma grande surra.

Mais tarde, Calucumã casou-se com a viúva Acucu, com quem teve duas filhas e parece viver bem, embora algumas pessoas digam que êle não tem sorte mesmo: agora é mandado pela mulher.

O amigo de Piqui

O menino que parou na frente da casa de Piqui e o chamou tinha cabelos mais longos, olhos bem orientais e o rosto de grande beleza. Êle estava carregando um aviãozinho de madeira cujas hélices finas giravam como doidas com qualquer ventinho. Acanain é um ìndiozinho **meinaco,** tribo que fala a língua aruaque. Êle e Piqui são amigos apesar de nenhum dos dois falar a língua do outro: ambos se etendem em português. Piqui também saiu com o seu avião e convidando:

— Vamos correr lá no varjão?

Daí a pouco os dois eram vistos correndo lado á lado, com o capim pelas canelas, rindo enquanto as hélices de seus aviões davam tudo.

Quando se cansaram dos aviões os dois meninos foram para a água. Atravessaram o rio nadando e Acanain chegou na frente. Piqui propôs então que fôssem mergulhar e pegar peixes dentro das tocas, lá no fundo do rio. Acanain concordou, mas voltou logo à tona dizendo que tinha mêdo de enfiar a mão nos buracos. Piqui riu e mergulhou. Voltava sempre sem peixe, mas dizia: — Quase.

O rio tinha se enchido de gritinhos alegres, água espirrando para todo lado, começos de lutas que se interrompiam quando uma fôlha sêca passava flutuando e era soprada pelos nadadores. De repente, os dois saíram correndo do rio para pedir caramelo a um homem branco que ia passando. Os poucos caraíbas que aparecem por lá estão sempre com os bolsos cheios de balas. Depois, de mãos dadas, Piqui e Acanain andaram à procura do que fazer. Assistiram em silêncio a uma formigona preta arrastar um gafanhoto morto. E Acanain desfez uma imensa teia de aranha que estava pendurada numa árvore.

Acanain já estêve em São Paulo por um mês e meio e Piqui está sempre a lhe fazer perguntas:

— É grande mesmo a aldeia dos caraíbas?

— É muito grande, sim.

Acanain não consegue explicar para o amigo o que é São Paulo. O outro perguntava de nôvo:

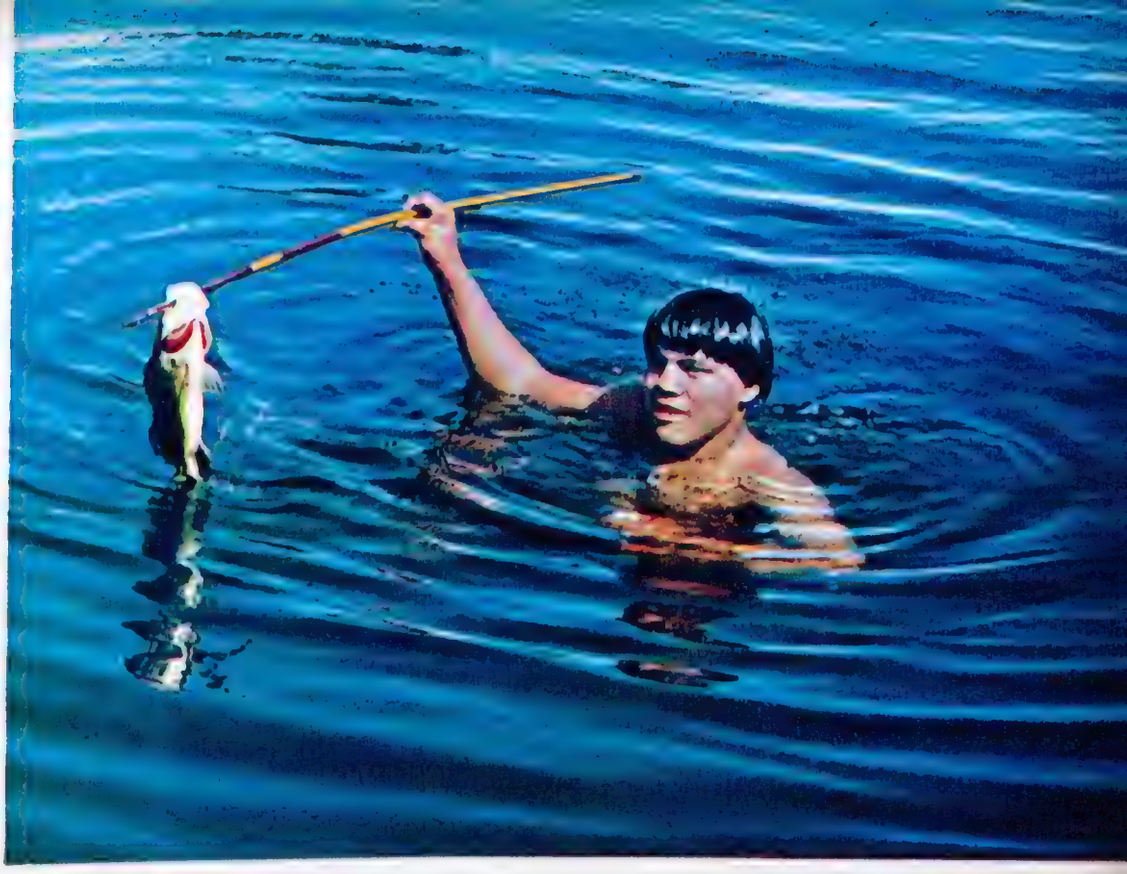
— Do que você gostou mais?

— De guaraná, uma água doce que vem dentro de um vidro como cachaça, só que não mata.

Para os xinguanos pinga mata. Quando vêem um branco bebendo pinga, aconselham:

— Não beba que você vai morrer. SEGUE

Com 16 anos Aritanã já é mais forte que Canato, seu pai. Um dia êle o substituirá na chefia da tribo e também precisará ser



De vez em quando Aritanã sai da prisão para ajudar na pesca.

Agora é a vez de Aritanã ser o grande campeão

Depois da hora do sol quente — quando todos os índios somem dentro de casa — Piqui e Acanain foram andar no mato, armados de arcos e flechas com bolotas na ponta, para matar passarinho. Levavam também, para brincar, flecha com bolota furada, que assobia no ar. Conversavam animadamente, iam procurar jatobá, uma fruta farinhenta.

— Olha a onça!

Acanain saiu correndo, Piqui se dobrou de rir. Quando Acanain parou, disse a Piqui:

— Tenho mais mêdo de onça que de alma.

O amigo olhou-o sério para dizer:

— Eu já matei uma onça com a 22 de Calucumã, mas alma...

— Acanain mudou de assunto:

— Vamos ver o Aritanã?

— Mas êle está prêso para aprender a lutar.

— Que tem isso? A gente vê êle treinar. Dizem que vence todo mundo.

Piqui ficou indeciso:

— Não sei falar a língua da tribo dêle (iaulapiti), tenho vergonha de ir lá.

— É a mesma da minha tribo, Piqui. Vamos lá.

Aritanã, filho do amor

A aldeia dos iaulapitis estava quase vazia. As mulheres e as crianças tinham ido ao rio se banhar. Só os homens tinham ficado, para tocar **jacuí** (flauta) dentro de uma casinha no centro da aldeia — a casa das flautas — onde a mulher não pode entrar. Piqui e Acanain viram Aritanã no seu cubículo escuro, sentado num banquinho em forma de tatu. Esperava que o chamassem para treinar huca-huca, o principal esporte do Xingu. Sôbre o corpo quase branco, pois Aritanã não tomava sol há três meses, não havia nenhum enfeite. Havia crescido muito: com cêrca de 16 anos tinha 1 metro e 80 de altura e uns 80 quilos. Estava imóvel, as mãos abandonadas entre as pernas e o olhar longe dali.

Seu pai, Canato, um iaulapiti inteligente, foi grande lutador. Quando era menino, seu povo — devastado por doenças trazidas pelos caraíbas — não tinha mais aldeia e vivia com outras tribos. Canato foi criado um pouco em cada aldeia e nelas aprendeu as diversas línguas e lendas. Hoje êle sabe muito, reorganizou os iaulapitis numa aldeia própria e, mesmo sem ser herdeiro do lugar de chefe, lidera seu povo (umas 40 pessoas) dividindo a chefia com Sariruá, um grande pajé, a quem chama de irmão.

Aritanã nasceu de um grande amor. Quando era campeão de huca-huca, Canato conheceu Tepori-Amilu, sua primeira mulher. Ela era filha do chefe dos **camaiurás** e casada com um homem influente dessa tribo de língua tupi. Um dia, Canato e Tepori resolveram fugir. Na manhã seguinte, o pai e o marido de Tepori se pintaram com a tinta negra do jenipapo, sinal de disposição para matar, e partiram atrás do casal, pensando em vingança. Não conseguiram encontrá-los.

O tempo abrandou a ira do velho que, não suportando mais a saudade, resolveu conformar-se com o casamento. O casal volta à aldeia e Canato foi tão bom marido e homem empreendedor, que o velho chefe acabou gostando muito dêle: em sinal de grande consideração deu-lhe também a segunda filha em casamento. Com Tepori, Canato teve quatro filhos homens. Aritanã é o primogênito. Com a segunda espôsa teve uma filha. SEGUE

Êle é um bom filho. Só a sua grande tristeza preocupa Canato.

É na luta que se honra a memória dos antepassados

E hoje mais uma mulher mora com Canato: é uma jovenzinha iaulapiti, com quem também se casou recentemente. Dela ainda não tem filhos. A poligamia, especialmente o casamento com várias irmãs, é comum entre estas tribos, embora não haja muitos casos. Não é qualquer homem que consegue produção de alimentos para sustentar três mulheres.

O futuro campeão

Acanain sentou-se na rêde de Aritanã para esperar a hora do treino. Piqui, mais acanhado, acocorou-se junto à parede. Ao alcance da mão havia peixe e beiju, uma panela cheia de água e a cuia. Acanain perguntou:

— Você se aborrece com a prisão?

— Procuro me distrair fazendo flechas, mas às vêzes não tenho nada que fazer e fico aborrecido. Vocês vão ver, quando chegar sua vez.

Os meninos estão entusiasmados, bem que gostariam de começar já. Mas êles não têm certeza, sua vida agora é tão divertida e, além disso, Aritanã está mudado, muito sério e compenetrado.

A sua instrução começou quando êle era muito nôvo. Canato sempre quis que êle se tornasse um homem importante na comunidade xinguana. E como Sariruá, o outro chefe dos iaulapitis, só tem uma filha, Aritanã é candidato certo à chefia da tribo. Por isso insiste em lhe ensinar tôdas as línguas e explicar as lendas até onde sabe. E anda muito satisfeito, dizendo sempre:

— Êle é mais inteligente do que eu.

A outra razão do preparo de Aritanã é que êle precisa honrar seus antepassados. Seus avôs paterno e materno foram homens de importância, como Canato tem sido. Mas para se tornar um homem forte, corajoso e culto, tem de começar assim: prêso por longos períodos num canto da casa paterna, refletindo sôbre as histórias que o pai lhe conta, comendo bastante para desenvolver-se e treinando duramente para ser campeão das lutas, primeiro requisito para tornar-se homem respeitado.

Um pai cuidadoso costuma prender seu filho por períodos de três meses a partir dos 14 e até os 18 anos, para que êle se desenvolva bem. Essa reclusão, quando o pai aproveita para transmitir as tradições e artes manuais, serve também para evitar relações sexuais, consideradas prejudiciais à saúde, nessa idade.

Liberdade sexual

As relações sexuais são fáceis em qualquer tempo entre êles. As môças, depois da reclusão em que ficam pela época da primeira menstruação, ganham uma liberdade sexual razoável. Passam por casamentos temporários com homens influentes da tribo e também mantêm relações com os jovens. Em troca, recebem presentes, sem que isso signifique prostituição. Evitam filhos com ervas que provocam abortos. Depois, casam-se. O casamento não significa o fim da liberdade sexual. Acontecerão relações extraconjugais. Mas se a espôsa exagerar, ou fôr apanhada em flagrante, arrisca-se a levar uma surra de pau e ver a sua infidelidade denunciada em praça pública pelo marido. O homem com quem teve relação não sofre nenhuma punição. Depois do escândalo, a paz entre o casal costuma voltar.

SEGUE

Na luta de huca-huca a fôrça de Aritanã quase sempre vence. Mas a sua ingenuidade o prejudica, ainda está longe de ser um campeão.

Êle ainda tem muito que aprender

— Não é verdade que eu estou vencendo todo mundo — disse Aritanã a Acanain. Eu ainda tenho de aprender muito para ser um bom lutador.

Êle estava contando histórias de lutas aos meninos. Seu pai lhe explicara tudo e agora êle conhece até os estilos dos lutadores que foram "campeões do mundo".

Tacumã, atualmente campeão dos camaiurás, era ligeiro e derrubava o adversário com violência até desnecessária. Iaparé, o lutador meinaco, pai de Acanain, lutava tranqüilo e tinha o golpe certeiro. Caluenê, o **calapalo,** e atualmente campeão do Xingu, é formidável. Canato também teve grandes lutas, mas o preferido de Aritanã é Sariruá, seu tio. Forte, ágil, e elegante, nunca derrubava o adversário. Prendendo-lhe a perna, carregava-o delicadamente para fora do terreiro.

Canato chamou o filho para treinar. Aritanã levantou-se e passou óleo de piqui pelo corpo para ficar escorregadio (enquanto estiver prêso não pode se pintar), amarrou tiras de fibra de coqueiro como joelheira e cordões de algodão nos braços e nas pernas. Saiu piscando os olhos para o sol e convidou Iacao para lutar.

No centro da praça, os dois começaram a girar em roda, frente a frente, roncando como bichos. Ajoelharam-se, deram-se as mãos direitas, enquanto as mãos esquerdas agarraram o pescoço do adversário e as cabeças se apoiaram uma no ombro do outro. Piqui e Acanain ficaram olhando por um buraco na palha da cabana: sentiam vergonha dos adultos. Depois de procurarem se desiquilibrar com movimentos para os lados, os lutadores passaram a lutar em pé. As mãos tentavam atravessar a defesa do adversário e apanhar-lhe a perna. Afinal, Aritanã conseguiu. Agarrou a perna esquerda de Iacao e levantou-o no ar. Depois, resfolegando, vieram sentar-se à sombra da casa.

Canato estava satisfeito, mas dizia:

— Êle precisa treinar muito. Luta bem, mas ainda é ingênuo.

O pai espera muito de Aritanã, filho inteligente e carinhoso. O sonho de Canato é vê-lo chefe respeitado e conseguir a certeza de que depois de sua morte o filho lhe fará um grande **cuarup** para libertar sua alma da terra e poder se reencarnar logo. Mas o abatimento e a tristeza do rapaz deixam o pai inquieto.

Uma grande saudade

Aritanã viveu sete meses e meio em São Paulo, na casa de uma irmã dos Vilas Boas, os irmãos que cuidam do Parque Nacional do Xingu, e há muitos anos defendem a região da invasão dos brancos. Por qualquer motivo, Orlando Vilas Boas não pôde vir buscar Aritanã ao fim de um mês, como faz com os outros índiozinhos que traz para conhecer a terra dos caraíbas. Aritanã tinha uns 14 anos e viveu no meio de gente que o tratava muito bem, dava-lhe presentes, e que também se espantava com a beleza do índio, sua educação e delicadeza.

Êle não consegue se esquecer de que existe outra vida além da aldeia. Essa atração pela vida dos caraíbas é um sentimento muito forte entre os jovens índios (até Piqui, que nunca saiu do Xingu, constrói avião para brincar). Mas para Aritanã é pior porque sua viagem foi longa e boa demais. Principalmente, porque êle conheceu **a menina,** uma môça cujo nome nunca pronuncia, filha de um amigo de Orlando, mas que está viva dentro dêle. Desde o começo, o índio havia se impressionado com ela. Perceberam, perguntaram:

— Você está gostando dela?

— Não! — foi sua resposta envergonhada. Mas estava.

Afinal, Orlando veio buscá-lo. Aritanã disse que queria ficar. O velho amigo, uma espécie de segundo pai, lhe respondeu que êle não entendia nada do mundo dos caraíbas, que [illegible] cando em São Paulo ia sofrer:

— Aqui até os caraíbas sofrem, Aritanã.

Em longas conversas Orlando lhe mostr[ou] que aquelas coisas de que tanto gostara — [os] automóveis, os discos, as festas alegres — [não] seriam para êle, se aqui ficasse. Aritanã [não] conseguiu entender, mas prevaleceu a gran[de] confiança no amigo:

— Se Orlando diz que é assim...

O amigo branco lembrou ainda que [seus] pais iriam ficar muito tristes se Aritanã [os] abandonasse, ainda mais porque Canato, [tão] ligente como é, saberia que êle não ia ser fel[iz]. Então, Aritanã concordou em voltar.

Alguns dias antes de partir, Aritanã ganh[ou] coragem, telefonou para a casa da menin[a]. Falta de sorte, quem o atendeu foi Orland[o]. O rapaz reconheceu a voz, despistou:

— Orlando está?

Orlando também reconheceu a voz do índ[io]

— Não, não está. Quem quer falar?

Aritanã desligou. No dia seguinte estav[a] com vergonha do amigo, mas êste não [lhe] disse nada.

Canato percebeu a tristeza do filho quand[o] êle voltou. Não cessava de abrir a malinha [de] rata em que, além dos presentes para a famíl[ia] trouxera uma calça Lee, algumas camisas, um[a] vitrola de pilha e discos. O pai resolveu co[n]tinuar logo a educação do rapaz.

Jacaré, com amor

Aritanã estava se balançando na rêde, le[m]brando com saudade das partidas de futeb[ol] que jogava numa ruazinha de Pinheiros, e[m] São Paulo, quando sua mãe entrou para co[n]versar. E ficou espantado quando ela lhe c[o]municou, amorosa, que lhe arranjara um[a] noiva. Segundo o costume, os pais pode[m] tratar o casamento de seus filhos desde pequ[e]nos. Tepori conseguira para noiva do fil[ho] uma menininha, filha de um chefe calapa[lo]. Ela estava muito contente e Aritanã resolv[eu] não magoá-la. Mas depois obteve do pai a p[ro]messa de que não o obrigará a se casar an[tes] da hora em que resolver e com a môça [de] quem goste.

Não queria ter nenhum compromisso, ain[da] mais agora que mandara um presente para [a] **menina** e queria saber qual fôra sua reaç[ão]. Sabendo que Orlando ia para São Paulo, p[ro]curou-o com uma caixa amarrada com [bar]bantes. Pediu:

— Orlando, você pode levar êste presen[te] para aquela menina?

— Puxa, você gosta mesmo dela, hein? [O] que há aqui dentro?

— Dois jacarèzinhos que nasceram ontem

Piqui e Acanain ficaram observando atenta[-] mente quando, naquela mesma tarde, depo[is] do treino, Aritanã ligou a vitrolinha e fico[u] ouvindo durante muito tempo, o mesmo dis[co] dos Beatles. E ao partirem, ao pôr-do-sol, Ari[-] tanã lhes fêz um pedido:

— Digam ao caraíba que está passando u[ns] dias no Pôsto Leonardo que venha me ve[r]. Quero encomendar a êle mais um disco dêss[es] cantores que têm cabelo de índio.

O aviãozinho de Piqui, a saudade de Aritanã; o paraíso é pouco para os jovens índios.

A viagem dos repórteres Carlos Azevedo e Jos[é] Butsuem às matas do Xingu foi realizada com a c[o]laboração dos irmãos Vilas Boas. Os dados cultur[ais] a respeito das tribos foram confirmados, princip[al]mente, em trabalhos do antropólogo Eduardo Gal[vão]

o espetáculo começa aqui...

Poderá ser um bom jôgo de futebol...
Ou mais um desenho animado para a garotada.
Ou então um capítulo daquela "emocionante novela".
O importante é que a televisão abriu um mundo nôvo de entretenimento para a família.
E onde quer que você more, quem garante o espetáculo é o TV Colorado RQ — através da máxima fidelidade de som e imagem cinematográfica.
É um televisor incomparável, mesmo nos locais de recepção mais difícil.

COLORADO RQ

O único televisor que tem Reserva de Qualidade

Colorado Rádio e Televisão S. A. — Rua Bueno de Andrade, 732 — Fone: 31-3141 — São Paulo

O HOMEM AMADO

Êle vendeu 70 mil exemplares do seu último romance, "Dona Flor e Seus Dois Maridos", em poucos dias e tudo indica que, em 1967, será candidato forte ao Prêmio Nobel de Literatura. Foi agitador, deputado pelo Partido Comunista e já estêve prêso ou foragido muitas vêzes. Mas hoje é apenas um revolucionário aposentado, que escreveu obras traduzidas para 30 idiomas e dialetos e que, só no Brasil, já vendeu mais de três milhões de livros.

Texto de Alessandro Porro
Fotos de Nélson Di Rago

Aconteceu numa tarde de abril, mais ou menos às três horas, logo depois do almôço simples e silencioso. Calado o doutor Jorge, calados os dois filhos e dona Zélia, a mulher do escritor. Mexendo o café na xícara, ela disse finalmente:

— Jorge, o que você vai fazer agora?

— Vou trabalhar.

— Acha que dá para acabar hoje?

— Talvez — respondeu o romancista em tom de quem quer parar com um interrogatório. Mas dona Zélia acrescentou:

— Então, encontrou um nôvo final?

— Zélia, não sei. Agora não sei de nada. Talvez mais tarde.

Então êle se levantou e foi até a varanda. Sentou diante de uma pequena mesa e enfiou, quase com fúria, a fôlha de papel branco na máquina de escrever. Na sala, dona Zélia já recostava na sua poltrona preferida. Os filhos foram para seus quartos e, quando a empregada acabou de tirar a mesa, a casa pareceu ficar vazia.

De repente, a metralhadora rompeu o silêncio da sesta. Jorge Amado disparou por mais de uma hora os gatilhos de sua máquina. Quando a luta acabou, Amado pôs a palavra **fim** no seu último romance — **Dona Flor e Seus Dois Maridos,** ou **A Espantosa Batalha Entre o Espírito e a Matéria, ou História Moral e de amor.**

"É, desta vez Dona Flor foi-se"

Os biógrafos contam que Alexandre Dumas, quando acabava de escrever um livro, jogava-se na cama, tomado por violento acesso de riso; Machado de Assis, sem se levantar da mesa de trabalho, apanhava mais papel e começava a escrever dezenas de cartas aos amigos, anunciando a grande novidade; Gabriele D'Annunzio chamava à sua casa uma de suas inúmeras admiradoras, a mais bonita e a mais apaixonada, e festejava o acontecimento como convém a um sacerdote do amor latino; e Hemingway telefonava ou telegrafava para Don Ramirez, dono da **Casa de los Toreros,** um botequim sujo de Madri, mandando oferecer a todo mundo, que estivesse presente na hora da mensagem uma dose dupla de conhaque **Fundador.**

Com Jorge Amado acontecem coisas diferentes. Pouco falta para êle chorar quando o livro está terminado. E não sòmente êle: também os filhos, dona Zélia, os amigos mais chegados. Jorge Amado não diz: "Acabei de escrever **Dona Flor,** ou "terminei **Gabriela".** Êle afirma simplesmente, com ar de profunda tristeza, apoiado pelos parentes e amigos:

— É, desta vez Dona Flor foi-se.

Quando acabou de escrever **Gabriela, Cravo e Canela,** entrou no quarto de dona Zélia e disse:

— Gabriela nos deixou. Puxa vida, tinha que ser logo nesta noite de chuva.

Amado não gosta das tempestades e lá fora trovejava. Dona Zélia lembra que o impacto com a ida de Dona Flor foi ainda mais angustiante:

— Nós todos moramos com ela durante dois anos. Vivemos suas aventuras. Jorge nos contava, dia após dia, suas alegrias e segredos, cada reação, cada passo. No final virou nossa amiga do peito. De repente, ela vai embora. E não é só isso. A coisa que mais me desgosta é que de uma hora para outra essa nossa companheira passe a ser do domínio público. É como se nossa intimidade fôsse violada. Enfim, por alguns mil cruzeiros, centenas de milhares de pessoas passam a privar das nossas mesmas amizades, senão a entrar em nosso lar, em nossos pensamentos; porque em cada romance de Jorge estamos todos nós, êle na frente. Ora somos marinheiros, ora somos camponeses, ora árabes, pretos ou louros, feios ou bonitos, honestos ou malandros, heróis ou covardes — mas somos sempre nós, ou algo de nós em cada figura de Jorge.

SEGUE

Seus livros eram queimados em praça pública

Jorge Amado nasceu em 10 de agôsto de 1912, numa fazenda de cacau de Auricídia, Município de Itabuna, no sul da Bahia. Seu pai, João Amado de Faria, era sergipano. Sua mãe, Eulália Leal Amado, baiana de origem indígena. Com sete anos, Jorge Amado participou de sua primeira aventura política. Assistia, em companhia do pai, no Tribunal de Ilhéus, ao julgamento de camponeses responsáveis pela ocupação de terras na região de Sequero do Espinho. O juiz chamou-o para sortear os jurados. O episódio apareceria, 25 anos depois, em seu romance **Terra do Sem Fim.**

Fugiu do colégio para a casa da avó

A intranqüilidade caracterizou os primeiros 12 anos de sua vida. Em 1924, fugiu do colégio onde o pai o internara dois anos antes, em Salvador. Foi parar na casa da avó, em Sergipe. O pai foi buscá-lo e internou-o em outro colégio de Salvador. Aqui Jorge Amado começou a escrever, e fundou um jornal interno, de oposição à diretoria. Quando fêz 15 anos, conseguiu ficar como aluno externo. Trabalhou então pela primeira vez num jornal como profissional: o **Diário da Bahia.** Era repórter. Os velhos da redação, hoje, lembram-se de Jorge Amado sempre andando pelas salas e corredores:

— Dêem-me algo para escrever — dizia.

Aos 18 anos, como era sistemàticamente reprovado no colégio, o pai deu-lhe um pouco de dinheiro e mandou-o para o Rio de Janeiro, para estudar. Esta viagem, a primeira importante de sua vida, era um castigo. Mas acabou virando um prêmio: no Rio, estudante de ginásio, já com uma sombra de barba e bigode, foi morar numa pensão da então quase deserta Avenida Nossa Senhora de Copacabana. No colégio seu apelido era **Fantasma:** aparecia uma vez por semana e nunca chegava a assistir a uma aula inteira. Não suportando a mediocridade do ambiente, corria para a pensão e ficava dias a fio escrevendo seu primeiro romance — **O País do Carnaval.** No ano seguinte conseguiu que o editor Augusto Frederico Schmidt publicasse o livro, numa edição de apenas mil exemplares. Ao mesmo tempo, porém com muito mais trabalho, chegou a prestar o vestibular na Faculdade Nacional de Direito. Quatro anos depois terminou o curso, mas nunca se lembraria de ir buscar o diploma.

Em 1933, Amado publicou seu segundo livro, **Cacau,** e estreou como autor proibido. O conteúdo político do romance não satisfez a Polícia carioca, que mandou apreender os dois mil exemplares da primeira edição. Foi um escândalo. Com a intervenção de Osvaldo Aranha, então Ministro do Exterior, **Cacau** foi liberado e esgotou-se em poucos dias, recebendo grandes elogios dos mesmos críticos que tinham ficado calados quando da publicação de **O País do Carnaval.**

Êsse foi um ano de extrema importância na vida de Jorge Amado, tanto o autor como o homem. **Cacau** marcava o comêço de uma longa caminhada. Junto com o sucesso, veio o amor, e Amado casa-se com Matilde Garcia Rosa. Em 1934 nasceu uma filha — Lila — mas o casamento só ia durar até 1941. Oito anos depois do desquite, Lila morreu, vítima de uma doença tropical.

A partir de 1934, continuando no rumo iniciado com **Cacau,** a preocupação quase que exclusiva de Amado — através de suas obras — foi de denunciar a injustiça social que existia em todo o País, e, em particular, nas regiões onde êle tinha nascido e passado boa parte da infância. Simultâneamente, achando que era a melhor solução, Amado escolheu o marxismo. Em 1935, publicou a poesia rebelde de **Jubiabá.** O drama dos cais foi desenhado magistralmente em **Mar Morto,** em 1936. No ano seguinte, saiu **Capitães de Areia:** outro poema intenso, cheio de idéias revolucionárias. Nesse mesmo ano, seus livros foram apreendidos e queimados em praça pública, na Bahia e em São Paulo. E, em 6 de novembro, quatro dias antes de surgir o Estado Nôvo, o escritor foi prêso em Manaus.

Até 1941, Amado foi prêso e sôlto várias vêzes. Quando tocavam a campainha do apartamento do cronista Rubem Braga — em São Paulo — onde Jorge Amado costumava se hospedar, o escritor respondia logo:

— Estou pronto.

Rubem Braga chegava a achar graça, pois era sempre a Polícia mesmo.

Não podendo publicar nada no Brasil, sendo vetadas até suas colaborações para os jornais, Amado exilou-se voluntàriamente na Argentina, em junho de 1941. E, em Buenos Aires, escreveu **O Cavaleiro da Esperança,** uma apologia do líder comunista Luís Carlos Prestes. O livro, que só seria publicado no Brasil em 1945, começa assim: "Te contarei agora a história do Herói". E acaba: "Êle (Prestes) soube depois fazer com que o símbolo dessa esperança radiosa fôsse o partido, a vanguarda da classe operária, armado com a ciência marxista-leninista, o partido que anuncia a aurora. Que a anuncia e a constrói".

Rua Alagoinhas, 33 *Salvador*

Quem fôr à casa de Jorge Amado em Salvador, hoje, não consegue imaginar o duro passado do escritor. Lá no bairro do Rio Vermelho, na Rua Alagoinhas, 33, uma escadinha convida a entrar. A porta também é pequena e faz pressupor um interior modesto e de uma humildade franciscana. Mas, quando a porta se abre, vem a surprêsa — todos os grandes artistas da Bahia colaboraram na decoração da casa. Carybé desenhou as portas que deixam passar, num jôgo misterioso, o ar, mas nunca o vento; a luz, mas nunca o sol. Nas paredes há uma riquíssima coleção de obras de arte. Móveis coloniais autênticos, ex-votos raríssimos do Recife, galos portuguêses, garrafas cheias de requintados licores, dois aparelhos de televisão (em Salvador há dois canais) e gravadores, aqui e ali, para o divertimento dos filhos. Só a poltrona de dona Zélia, meio quebrada mas confortável, desafina no ambiente da sala. O resto é perfeito.

A casa é formada por um núcleo central (sala, cinco quartos mais serviços), contornado por um pátio coberto, em estilo espanhol. Na parte de baixo, outros cômodos de serviço e a garagem que hospeda dois carros: o Peugeot de dona Zélia e o Chevrolet do doutor Jorge. Êle, no entanto, não dirige e por isso tem um motorista — o Sodré — que recebe o primeiro exemplar de cada livro escrito pelo patrão mas que, obstinado, continua achando **Seara Vermelha** a obra-prima de Jorge Amado.

Dona Zélia é quem recebe as visitas: pode ser uma velha admiradora americana, de cabelos brancos, que o escultor Mário Cravo, por brincadeira, mandou ao Rio Vermelho anunciando antes a seu amigo Jorge uma linda garôta. Outra vez é um editor finlandês que quer comprar os direitos do último romance. Ou ainda pode ser uma turma de 20 estudantes do interior que batem à porta de Amado para ver, em pessoa, o mestre de **Os Velhos Marinheiros** (as garôtas preferem o criador da mulata Gabriela). Em qualquer caso, é sempre dona Zélia que atende a todos, filtrando as visitas antes de incomodar Jorge.

A mulher do escritor

Zélia Gattai, também desquitada, nasceu em São Paulo, filha do anarquista italiano Ernesto Gattai, que emigrou para fugir aos **carabinieri** e acabou sendo morto aos 53 anos pela Polícia do Estado Nôvo. Zélia conheceu Jorge Amado em janeiro de 1945 quando êle, como presidente da delegação baiana, foi à capital paulista participar do Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros. Pelo menos esta era a missão oficial de Amado. Na realidade, a ditadura estava se desmoronando e o Congresso de Escritores escondia um programa mais dramático: o de apressar o fim do regime de Vargas e promover a libertação de Luís Carlos Prestes. Também Zélia, nessa época, era membro do clandestino Partido Comunista Brasileiro. O amor nasceu entre a redação de um manifesto e o mêdo de que a Polícia chegasse para levar todo mundo. De fato, ela chegou, mas só Jorge Amado foi apanhado. A prisão durou alguns meses, e, em 8 de julho do mesmo ano, o escritor e Zélia festejaram, simbòlicamente, o início de sua união. Daqui em diante houve uma sucessão de datas importantes: em 29 de outubro Vargas foi derrubado; os partidos políticos, inclusive o Partido Comunista, voltaram à legalidade. Em dezembro, Amado foi eleito deputado federal, por São Paulo, à Assembléia Constituinte. Sempre em São Paulo, e ainda em dezembro, participou de um grande comício em homenagem à libertação de Prestes. No palanque de honra estavam Zélia, o chefe do PCB, Amado e Pablo Neruda, o famoso poeta chileno.

Com os vencimentos de deputado e o que recebia por suas colaborações para um jornal, Amado achou fôlego para contar mais uma história: **Seara Vermelha,** publicada em agôsto de 1946. Era uma denúncia contra os latifúndios do Nordeste. Em maio de 1947, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela cassação do registro do Partido Comunista Brasi-

Êle conheceu Zélia, a segunda espôsa, numa reunião de escritores. Ambos eram do PC.

leiro. Em novembro nasceu João Jorge, primeiro filho do casal. Em janeiro de 1948, o mandato de Jorge Amado foi cassado.

Novamente o exílio. Voluntário até certo ponto, pois Dona Zélia havia recebido um telefonema anônimo: "O mandado de prisão para vocês dois já está pronto. Mas não haverá obstáculos a uma viagem imediata. A resposta tem que ser rápida, e a saída do País, também". A família embarca logo depois, com destino a Paris, passando pela Itália.

Na hora de apresentar os passaportes, no pôsto policial italiano, o escritor tinha uma porção de pressentimentos:

— Zélia — disse êle — você fica atrás, com o menino. Se acontecer qualquer coisa, deixe que eu me vire sòzinho.

Êle foi na frente, pálido, e colocou seu passaporte na mesinha do agente de fronteira, aguardando o veredicto. O guarda olhou o documento. Confrontou com seus registros. Olhou outra vez a carteira do escritor:

— Amado? — perguntou com um sorriso enigmático.

— Sim senhor, Amado. Jorge Amado.

— Mas mesmo Amado? — insistiu o guarda.

— Sim senhor, mesmo Amado.

— Então... **Aamado Miiooo, é stanotte o mal, mi baceral, ti baceró...**

Era a canção de **Gilda,** o filme com Rita Hayworth que nesse ano fazia grande sucesso na Itália.

— Avanti un'altro! — gritou o guarda depois de lhe ter carimbado o passaporte e continuar cantando.

Apoiado a uma parede, ainda se refazendo do susto e aguardando a chegada da mulher com o filho, o escritor pensava no maldito vício dos italianos, que cantam e brincam também em serviço.

Durante quatro anos, êles viajaram: Polônia, Checoslováquia, Bélgica, Suíça, Rússia, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Hungria, Bulgária, Alemanha Oriental, Albânia, Finlândia, China Popular, Mongólia, e mais uma vez Itália. No caminho a família aumentou — agora havia também Paloma, que nasceu em agôsto de 1951 em Praga, no Castelo de Dobris, sede da União dos Escritores Checos. Dona Zélia é quem lembra:

— Eu sòzinha, numa sala enorme do castelo, sem falar uma palavra de checo, com duas crianças. E Jorge sempre atarefado com congressos, manifestos, comícios. Não foi fácil, mas eu precisava agüentar. Quando conheci Jorge, sabia o que estava me esperando. E já tivera o exemplo de meu pai.

O Mundo da Paz, livro sôbre os países comunistas que Jorge Amado publicou em 1950, foi apreendido. E o autor, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, foi processado outra vez como subversivo. A família só pôde voltar ao Brasil quando o processo foi arquivado e Amado obteve garantias de liberdade, em maio de 1952. A velha zeladora do prédio onde a família morava no Rio de Janeiro correu ao encontro dêles, abraçando-os fortemente. Ela costumava dizer:

— São comunistas, que Deus nos livre, mas são boa gente.

A velha via pela primeira vez a menina Paloma e lembrou que João Jorge quando da ida para a Europa, não tinha sido ainda batizado:

—Dona Zélia, a senhora pensou nisso durante todo êsse tempo?

— Sim, pensei sim. Os dois foram batizados em Paris, no mesmo dia — mentiu dona Zélia, mas com carinho.

SEGUE

"Sou sòmente um baiano romântico e sensual"

Hoje João Jorge tem 19 anos e Paloma, 15. O único "batismo" que receberam foi num quarto do Hotel São Michel, no Quartier Latin de Paris. Presenciaram a cerimônia (simbólica como a do casamento) o poeta cubano Nicolas Guillen, o pintor brasileiro Scliar, Pablo Neruda e Jean-Paul Sartre. Neruda fêz a **madrinha.** Depois, dona Zélia serviu uma macarronada.

Quando ela conta êsses dois episódios, seu olhar inteligente tem um fundo de amargura. Talvez pela lembrança da velha zeladora, talvez por se comover com a recordação da simplicidade daquela reunião de grandes homens. Se alguém tivesse que descrever a figura da companheira de um revolucionário, seria a descrição de Zélia Gattai. O rosto sem sombra de maquilagem, sempre saudável, as mãos que nunca viram esmalte, a beleza simples e madura. Mas hoje ela tem um leve ar de desencanto, pois no fundo é uma revolucionária aposentada.

Êle sempre escreve à vontade, na casa nova.

Sandálias e calças largas

E Jorge Amado? Como é êle? Depois de **Gabriela, Cravo e Canela** (1958); **Os Velhos Marinheiros** (1961); **Pastôres da Noite** (1964); e após a eleição para a Academia Brasileira de Letras — onde ocupa a cadeira que tem como patrono José de Alencar e como fundador Machado de Assis — também pode ser considerado um revolucionário aposentado. Agora êle parece desejar uma existência pacata. Só um detalhe o difere de dona Zélia: êle nunca teve aspecto de revolucionário. Talvez o olhar cortante, exasperado, mas nada mais que isso. Fìsicamente é um homem que não chama a atenção. Veste-se sem método nenhum, sempre de sandálias, camisa esporte bastante comprida, calças largas em cima e em baixo. Aparentemente Amado é muito simples. Mas é difícil seguir seus passos, pois é dono de uma sensibilidade impressionante e temperamental como ninguém. Às vêzes, em família, cria uma atmosfera de frieza, com um grito ou uma palavra inoportuna. Logo depois, porém, êle mesmo procura **quebrar o gêlo,** para obter o perdão de dona Zélia ou dos filhos. E o obtém com facilidade. Há três meses, Paloma estava em Paris e escreveu numa página de seu diário de viagem: "Puxa vida, como gosto de meu pai".

"Eu posso falar; fui prêso 11 vêzes"

Para dona Zélia, Jorge é ciumento e sentimental. Uma manhã, na Itália, dona Zélia recebeu um ramo de rosas amarelas, acompanhadas de um bilhete que dizia simplesmente: "Buon giorno, signora!" Era de Jorge. Êle é capaz dessas atitudes românticas, mas ninguém deve saber. As mulheres, porém, percebem. E gostam muito dêle. Certa noite, o telefone acordou dona Zélia:

— Jorge Amado está? Eu sou uma leitora e preciso conversar com êle já, senão não consigo dormir.

— Acontece, minha senhora, que Jorge Amado está descansando. Não poderia chamar amanhã?

— Mas quem fala? A mulher dêle?

— Sim, às ordens.

— Ah, felizarda — suspirou a leitora apaixonada, antes de desligar.

Numa entrevista em 1958, o escritor disse:

— Sou apenas um baiano romântico e sensual.

Para êle a liberdade sexual é apenas uma simples exuberância da natureza. Acha, em substância, que a moral tradicional é um fenômeno fóssil. E, por isso, sempre disse na frente dos filhos o que muita gente se limita a pensar.

É reservado, quase acanhado, quando a conversa chega à sua atual posição política. Mas responde a qualquer pergunta. Mesmo que sejam assim:

— Muitos intelectuais acham que o senhor, que podia ser um líder, traiu a causa, colocando-se em esplêndido isolamento para escrever — a começar por **Gabriela** — romances de amor. Isso é definitivo?

A resposta de Amado é cheia de convicção, lucidez e lealdade:

— É verdade: eu fui militante ativo. Sofri muito. Vi burrices e fiquei calado. Hoje continuo sendo de esquerda, mas quero pensar sòmente com minha cabeça. Não vejo possibilidade de socialismo sem democracia. A crise dos países socialistas é esta: êles têm socialismo, mas não democracia. Uma coisa exige a outra e vice-versa. Dizem: é necessário ditadura para se chegar ao socialismo. É uma burrice, não é verdade. Talvez eu tenha também acreditado nisso. Mas entrei, simplesmente, numa fria. Hoje, se me pedem, assino quantos manifestos de protesto quiserem; mas depois de ter assinado, e só depois, para não ser chamado de covarde, digo claramente: "Meninos, assim está tudo errado". Eu posso falar: fui prêso 11 vêzes e tive que sair duas vêzes do País.

— E sôbre os livros políticos que escreveu?

— Cada livro que escrevi pertençe a uma fase. Cada livro é um momento. Não me arrependo de nenhum dêles: só acho que estão velhos. Agora é outra fase, outro momento.

— Uma vez, Jean-Paul Sartre, falando dos países subdesenvolvidos, escreveu: "Não é justo nem possível escrever, enquanto no mundo centenas de milhões de pessoas morrem de fome". O que acha? E o que acha de Sartre ter recusado o Prêmio Nobel?

— Gosto muito de Sartre. Estimo-o muito. Acho porém que cada escritor, às vêzes, precisa de uma frase bonita. Essa é uma delas. Puxa, mas escritor que não escreve, o que é? Sôbre o Nobel, acho que Sartre pode se permitir o luxo de recusar 40 mil dólares. Eu não. Acredito não merecer o prêmio, nem ter possibilidade de ganhá-lo, agora. Mas, se por acaso assim acontecesse, eu aceitaria os 40 mil dólares. E, entre outras coisas, compraria um pedaço de terra aqui ao lado, para aumentar o jardim.

— E sôbre os **romances de amor,** tipo **Gabriela** e **Dona Flor?**

— É verdade. Com **Gabriela** comecei a falar de amor. Mas numa tentativa de explicar melhor minha gente. Não sou um alienado, a minha nova fase literária serve para penetrar na alma do povo; são novos tipos, bem brasileiros. Nós não os conhecemos, porque todos nós, brasileiros, não nos conhecemos. E êste é nosso maior defeito. É por esta falta de conhecimento humano que às vêzes chegam à minha casa jovens radicais, afirmando: "Precisamos dar armas ao povo." Muito bem, respondo. Mas, para assim fazer, precisamos de armas e de povo: e onde estão? Os rapazes me olham desconcertados, e vão embora aflitos, à procura de um nôvo líder.

Êle visita Senhora tôda semana

Assim fala Jorge Amado, **"escritor público"** — como êle se define — "estabelecido no bairro do Rio Vermelho, na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, nas vizinhanças do Lago de Santana, onde habita Iemanjá, senhora das águas." Êste é seu cartão de visita. Mas poderia ser acrescentado que êle é **obá confirmado** no Centro Cruz Santa do Axé do Apó Afonjá, talvez o mais famoso terreiro da Bahia. Lá, em cada cerimônia, êle está sentado ao lado da mãe-de-santo **Senhora,** a maior figura do candomblé no Brasil. E, tôdas as semanas, êle vai com dona Zélia e os filhos até a estrada de São Gonçalo do Retiro, onde vive Senhora, para levar presentes, pagar promessas, pedir a bênção. Senhora abraça Jorge, Zélia, os filhos e confessa:

— Mandei **trabalhar** uma galinha: soube que João Jorge viajou de avião. Foi tudo bem, não foi?

E sorri feliz, apertando em seu rosto a mão pequena e nervosa do escritor. FIM

Um momento!...

Esta é uma confecção Camelo

A etiquêta do confeccionista garante a V. um artigo perfeito no estilo, na linha, na modelagem, na qualidade e de impecável elegância, ao mesmo tempo. É o que V. quer, não? Ao escolher a sua próxima roupa **Tergal,** insista neste ponto:

CONFECÇÕES

Camelo M.R.

– atualização permanente

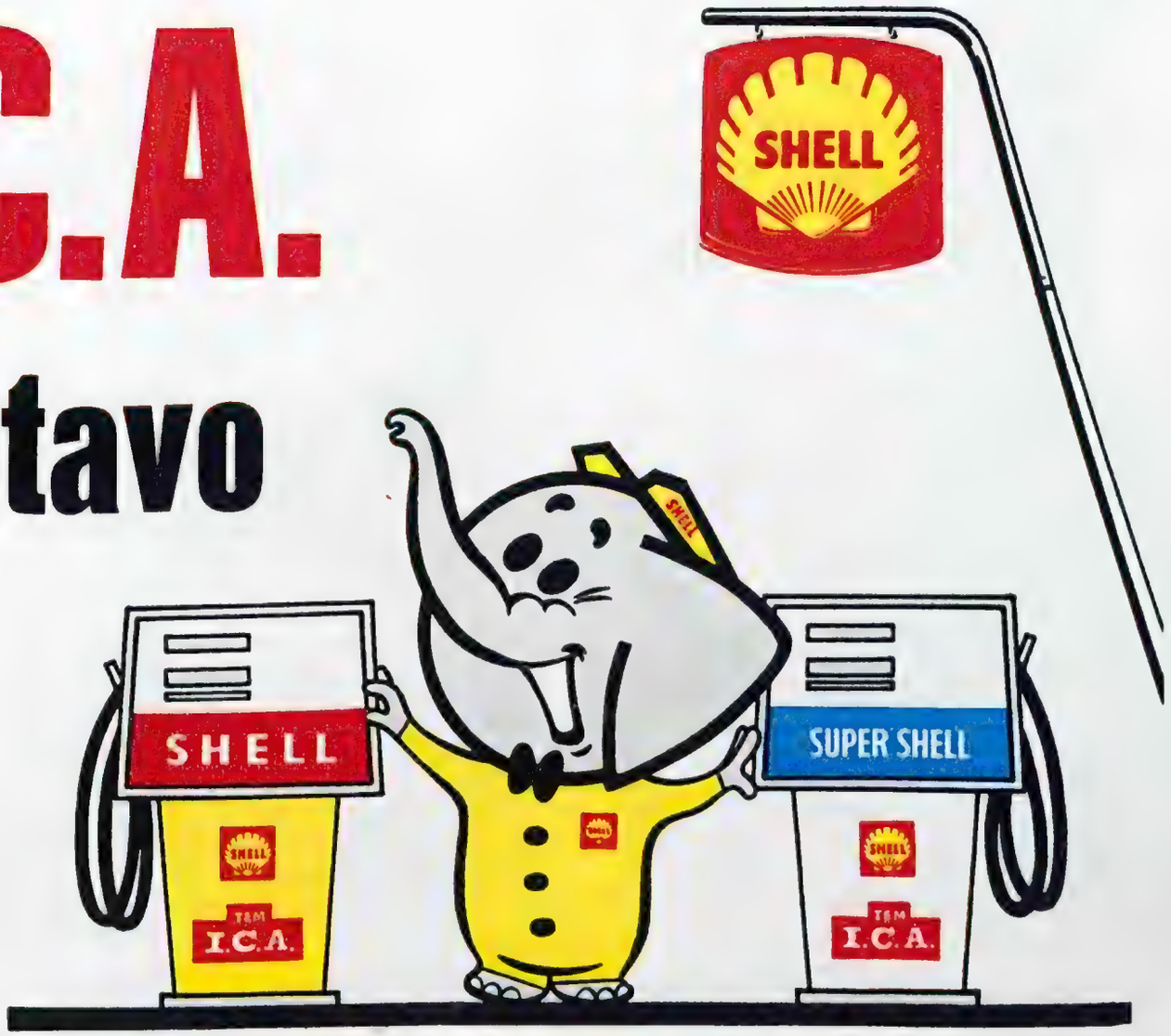
agora, quando lhe
tôdas as gasolinas
lembre-se que só
você encontra
gasolina contendo
e não paga um
a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

disserem que são iguais, nos postos shell

I.C.A.

centavo



OBJETO
OPULAR

Obras de jovens artistas cariocas: um revólver gigante, um vidro que guarda tinta amarela, metralhadoras pregadas numa caixa, o rosto triste de uma criança, um elevador cheio de gente

ESTA É A ARTE DO NOSSO TEMPO

Texto de Mário e Vera Pedrosa/Fotos de David Zingg

"Isto não é arte, é uma loucura! Aposto que quem fêz isto não pode nem desenhar. Não sabe pintar uma árvore nem uma mão! Se soubesse, não pintaria essas coisas medonhas!" Muita gente ainda reage desta maneira diante das artes plásticas de nosso tempo. Ou de maneira menos violenta: "Procuro entender mas não consigo. Não vejo beleza em coisa alguma". Os mais desconfiados vão além: "Que impostura. Meu filho de cinco anos sabe fazer coisa melhor. E ninguém venha dizer que gosta. É preciso ter muita coragem para pendurar um troço dêsses na parede. Ou então muito esnobismo."

SEGUE

Arte Moderna chegou ao Brasil com 30 anos de atraso

Pode haver diversas razões para não se gostar de uma obra de arte. O trabalho pode, simplesmente, não ter grande valor artístico. Ou o observador pode não gostar do tema e rejeitar a obra em si, ou — o que é mais provável — pode procurar na arte do nosso tempo algo que ela jamais poderá dar, porque a sua intenção é outra.

Para chegar à origem dêste choque entre expectativa e intenção, é preciso voltar ao Renascimento. Nos séculos 14 e 15, uma série de descobertas resultaram numa grande revolução do pensamento humano.

Pela primeira vez o homem europeu começou a ter confiança em sua inteligência; sentiu que podia descobrir as leis naturais que regem o universo. A queda da sociedade feudal antiga resultou na ascensão de uma classe mercantilista e de ricos aristocratas, que se cercaram dos grandes homens da época — sábios e artistas — protegendo-os e sustentando-os.

O grande teatro do mundo

A revolução cultural e social do Renascimento refletiu-se nas artes plásticas, pela procura de uma nova representação do espaço pictórico. Na Idade Média, as figuras eram representadas sem que se tivesse a preocupação de criar uma ilusão de profundidade. O homem medieval acreditava que existia apenas uma realidade essencial: Deus. Os outros objetos do mundo não eram senão a representação dessa essência divina. Não era preciso, pois, conferir-lhes valores diferentes ao representá-los no quadro. Mas o homem do renascimento surgiu como um espectador do universo. Falava muito, na literatura e na poesia, do "grande teatro do mundo". E começou a pintar quadros que se apresentavam exatamente como o espetáculo teatral é visto da platéia, pelo espectador; de um ponto de vista único, com os objetos ordenados segundo uma escala fixa de grandezas, dentro de um espaço limitado. Essa visão rígida tornou-se pouco a pouco uma convenção, que com o tempo se transformou em dogma: estava definitivamente descoberta a maneira "natural" de registrar a realidade.

Vergara tenta retratar a condição humana: sonhos de realização, frustração, confusão.

Durante cinco séculos, esta concepção d minou as artes plásticas e o habitante do mun ocidental habituou-se a pensar que a perspe tiva renascentista fornecia a ilusão perfeita realidade. As formas anteriores de repres tação eram consideradas "ingênuas", "prim vas", erradas, em suma. Confiante na sabedoria, o homem se acreditava um instr mento necessário ao desenvolvimento harm nioso da vida sôbre o planêta. Sentiu que d cobria um nôvo espaço, o daquele univer que tão sùbitamente se expandira no século com as grandes descobertas da ciência, grandes expedições marítimas, as novas co cepções astronômicas. Durante 500 anos, homem pensou possuir uma imagem exata universo.

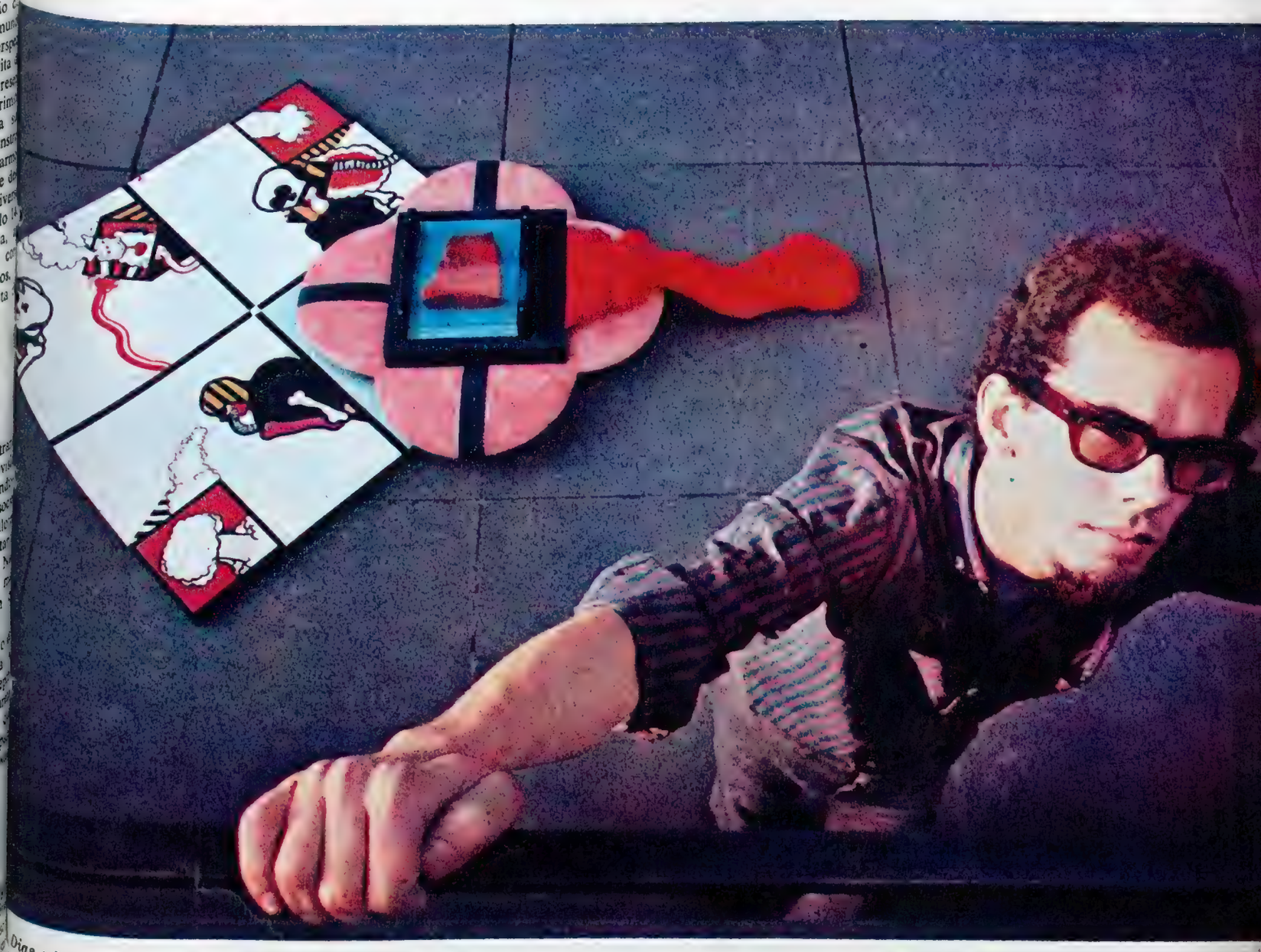
Uma revolução muda tudo

Mas por fim chegou o século que tra profundas mudanças no pensamento e na vis do homem ocidental. Com a revolução indu trial do século 19, tudo mudou. A nova soc dade que surgiu não era iniciada nos valor da cultura anterior. Não se interessava pelo antigo jôgo dos valores humanos. N se satisfazia em contemplar o universo, m desejava dobrá-lo à sua vontade, com instrumentos que a ciência lhe fornecia.

A máquina tudo transformara — o ritmo vida, as noções de tempo e de distância. própria noção de espaço. Era possível repr sentar e reproduzir mecânicamente a natur através da fotografia. Nada mais natural as antigas formas de representação do espa não mais satisfizessem às intenções dos artis

Pintura impressionista não surgiu por acaso

Era preciso romper com as fórmulas anti desvendar os mínimos detalhes da mat procurar familiarizar-se com as novas des bertas que estavam sendo feitas pelos cient acêrca da qualidade da luz e dos fenôme ópticos. Não foi por acaso que surgi pintura impressionista. Ela veio como resp à necessidade social, à exigência de uma n forma de expressão. Assim mesmo, os pint impressionistas foram acolhidos em seu te como um bando de boêmios desocupados se dispunham a romper com os cânones e belecidos, por capricho ou por incompetên A mudança que Degas, Monet, Renoir, L trec, Gauguin, Bannard, Van Gogh, Cézan outros pretendiam parecia gratuita e de cessária. "Isto não é arte! É uma loucura no entanto, se tudo mudara, se tôda a neira de viver, se tôdas as relações entre soas mudaram, se o mundo se apresentava uma maneira inteiramente nova, como



Dias não se contém dentro da tela e sua pintura é cada vez mais tridimensional. Êle procura evocar traumas e choques de sua infância.

haveria de mudar a arte? E, por outro lado, como não entender que o público haveria de custar a aceitar a rebeldia desabusada dêsse punhado de artistas que ousavam desafiar, desmentir, destruir os dogmas defendidos pelos artistas do Renascimento? Como abrir mão de cinco séculos de segurança estética? Em nome de quem? De artistas que ignoravam ou desprezavam as **leis** do belo? Que desconheciam seus princípios mais indiscutíveis e imutáveis?

O conflito que se estabeleceu entre os artistas tradicionais, presos a uma civilização já morta, mas com o público desorientado ainda a apoiá-los, e os inovadores que tinham apenas uma visão incompleta de uma verdade nova, foi o primeiro exemplo do que se viria a chamar o conflito entre a arte e o povo.

Cada um pinta o que quer

A revolução impressionista consistiu na ênfase dada pelos artistas à primeira emoção percebida, à sensação. A arte pretendia representar uma realidade **subjetiva,** ao invés de querer apresentar uma visão **objetiva** do mundo. Com isto, acendeu-se o estopim: a arte perde suas rédeas, cada um que pintasse o que quisesse. Os estilos proliferaram, e quando o público começou a digerir o impressionismo já novos estilos surgiram.

Mas é preciso ter em mente que esta diversidade de estilos nas artes plásticas do final do século 19 e do decorrer do nosso não constitui um fator isolado. Como assinala o crítico Herbert Read: "A complexidade dos estilos em arte, a aparente descontinuidade de seu desenvolvimento não é maior do que a complexidade daquilo que bem poderíamos chamar de moral, religião e economia social. Em tôda parte, existe a mesma falta de unidade, a mesma falta de autoridade, a mesma quebra com as tradições." SEGUE

Era preciso romper com tôdas as fórmulas antigas

A luta dos artistas impressionistas foi difícil e penosa. Alguns conheceram finalmente o sucesso, mas muitos morreram de fome, sem vender um só quadro, como Modigliani; outros morreram na miséria, na loucura e no desespêro, como Van Gogh, ou no destêrro, como Gauguin. Morreram sem apoio e sem incentivo, incompreendidos pelos seus contemporâneos, e, talvez, duvidando da utilidade de tôda aquela luta.

Hoje, o impressionismo já não é considerado herético por ninguém. Entretanto, pelo fato de haver modificado substancialmente as técnicas de figuração espacial, o impressionismo abriu caminho para a conquista de novas formas de expressão. Estas, sim, viriam a perder todo o contato com a arte tradicional.

A vez da Ásia e da África

A influência de outros continentes começou a se fazer sentir na arte européia. Manet e Van Gogh, por exemplo, foram fortemente influenciados pelas .gravuras japonêsas que chegaram a Paris em seu tempo. E o espaço representado na arte oriental não é de modo algum aquêle espaço tridimensional da tradição acadêmica. Depois da influência requintada e sutil do Oriente, outra presença estranha veio imprimir sua marca na cultura ocidental: a arte negra. Da mesma maneira que as gravuras japonêsas levaram a uma redefinição do espaço artístico, a arte da África contribuiu para libertar as emoções, pois a arte dos negros nada tem a ver com o racionalismo: é fruto de uma atitude mágica diante das coisas. Daí sua exuberante liberdade, jamais embaraçada por preocupações realistas e no entanto exibindo uma tendência espontânea à disciplina geométrica e arquitetônica.

Cubismo sem objetividade

Picasso sofreu o impacto da arte negra em 1906, quando pintou **Les Demoiselles d'Avignon,** que muitos consideram um dos maiores momentos da pintura moderna e o ponto de partida para uma nova revolução nas artes plásticas: o cubismo. Picasso procurou decompor a realidade em elementos mais ou menos geometrizantes, como na escultura negra. Suas figuras foram inteiramente estilizadas. Nada de refletir a realidade "como o artista a vê", pois os artistas negros que Picasso tomava por modêlo representavam apenas a realidade "como êles a imaginavam livremente." Assim o cubismo não se preocupava com a objetividade.

Depois do cubismo, que floresceu entre 1907 a 1914, a arte contemporânea conheceu uma multiplicidade de tendências.

O expressionismo continuou sua carreira, pois ao contrário do impressionismo era mais uma atitude do que uma escola pròpriamente dita. O expressionismo tem aparecido em vários períodos da história da arte: é uma atitude introspectiva por excelência, mas pode trazer um caráter de crítica social. Seu tema é o do homem, de sua miséria e de suas emoções: o ódio, o mêdo, o amor. Munch, Nolde, Roult, Soutine e Gross são expressionistas de diversas épocas.

Protesto contra a guerra

Por volta de 1916, surgiu e Dadaísmo, explosão furiosamente iconoclasta, expressão do protesto de artistas plásticos, poetas e músicos contra a sociedade capaz de gerar a Primeira Guerra Mundial. O Dadaísmo se opunha declaradamente à ordem social estabelecida e aos seus valores desumanos. Os dadaístas recorriam à colagem, à montagem, à utilização de objetos fabricados pela indústria, à utilização da palavra escrita para reforçar o significado da obra de arte. Hans Arp, Kurt Schwitters, Marcel Duchamp e Francisco Picabia pertenceram ao grupo dadaísta, que pode ser considerado o precursor das atuais pesquisas a que se dedicam os integrantes da "Pop-Art" e da "Nova Figuração."

Os anos que se seguiram trouxeram o desenvolvimento do "abstracionismo geométrico" (culminando hoje no "Op-Art") e do abstracionismo mais livre, ora impressionista (que leva ao que se chamou de **tachismo)** ora expressionista ("pintura de gesto", ou "action peiting"). Trouxeram também o deslocamento dos centros do movimento estético. Hoje, os Estados Unidos representam, de certo modo, a vanguarda artística mundial. Numerosas escolas, de alto vigor e valor inovativo, florecem no continente norte-americano. Artistas da categoria de Pollock, Tobey, De Kooning, Calder, Jasper Johns, Rauschenberg, Albers, vivem e trabalham nos Estados Unidos, estendendo dali sua influência sôbre os artistas do mundo inteiro. O Japão é também um centro de grande produção artística, bem como a Inglaterra, que assiste a um surto inédito de criação plástica.

Por outro lado, a América Latina, nesta segunda metade do século, vem revelando artistas que nada têm a dever aos mestres europeus. O antigo lapso cultural entre a América Latina e os países colonizadores está sendo superado. Da Argentina e do Brasil, sobretudo, mas também de outros países do continente, surgem agora artistas novos, donos de uma expressão própria.

Na época em que a Europa vivia a revolução impressionista, o Brasil continuava prêso à tradição acadêmica. Havia artistas de qualidade inegável — como Amoêdo, Batista da Costa, Vítor Meirelles, Décio Villares, Souza Pinto — mas seguiram os padrões antigos sem qualquer tentativa de criar uma linguagem própria. Nenhum dos nossos pintores que viajaram para Paris, onde cursaram as academias tradicionais em plena explosão impressionista, tomou conhecimento da revolução em curso. Só em 1900 — com 30 anos de atraso — é que o impressionismo chegou ao Brasil.

Eliseu Visconti, tendo viajado para Paris, ficou integrado pelas novas formas de representação espacial. Voltando ao País, procurou introduzir elementos plásticos mais ligados ao Brasil em sua pintura. As côres de Visconti tinham muito do Brasil, com sua luminosidade tropical e suas calorosas imprecisões.

Segall passou desapercebido

Depois de Visconti, o academismo continuava a imperar. Em 1913 — quando na Europa já se fizera a experiência fauvista, a experiência neoplasticista, a experiência cubista — Lazar Segall, de passagem pelo Brasil, realizou sua primeira exposição. A pintura de Segall era expressionista, com seus temas dolorosamente ligados ao drama humano. Mas a mostra foi em Campinas, e passou inteiramente desapercebida.

Em 1916, chegada de estudos na Europa, a pintora Anita Malfatti apresentou a primeira exposição de "Arte Moderna" de São Paulo. A reação foi das mais violentas. Monteiro Lobato atacou a artista severamente no "Correio Paulistano", em artigo onde o mínimo que fazia era duvidar de sua honestidade.

Uma bomba no centro do mundo

Depois de Anita, o grande acontecimento na história da pintura moderna brasileira foi a "Semana da Arte Moderna", de São Paulo, em 1922. A **Semana** foi um movimento de grande repercussão. Reuniu poetas, pintores e músicos de São Paulo e do Rio. Os "primeiros modernistas das cavernas", como os chamou Mário de Andrade, o grande escritor paulista, reuniam-se em tôrno de Anita Malfatti e do escultor Vítor Brecheret.

SEGUE

Magalhães tem fascínio por objetos. O "microscópio" contém o retrato de um general.

Audácia de artista esbarra na timidez do colecionador

Dessa reunião e dêsses entendimentos, da necessidade de "botar uma bomba no centro do mundo", nasceu a idéia de provocar um escândalo, que fôsse capaz de abalar as estruturas culturais vigentes. Mas ainda que o tenha feito, o movimento modernista encarnado pela **Semana** era na realidade importado da França. Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Vítor Brecheret, Anita Malfatti, embora tivessem todos por tema o Brasil, utilizavam uma linguagem plástica aprendida em Paris.

Lazar Segall, já de volta ao Brasil, onde se instalou definitivamente, compunha com os artistas citados a frente modernista do Brasil. Esta frente se debatia contra a opinião pública e contra a ação enraivecida dos pintores tradicionais. Custou um pouco a ganhar novos adeptos.

Modernismo tem ofensiva no Rio

O Modernismo só começou a se expandir a partir de 1930. Desta vez, a ofensiva coube ao Rio de Janeiro. Quando o grupo de arquitetos brasileiros encarregado do projeto da nova sede do Ministério da Educação convidou o arquiteto francês Le Corbusier a participar da elaboração do trabalho, surgiu no Rio uma equipe de arquitetos de grande fôrça e talento. Ligado ao movimento dos novos arquitetos, aparece um grande artista: o jovem muralista convidado para executar os painéis do andar térreo do prédio do Ministério, chamava-se Cândido Portinari.

Portinari ganhara em 1928 um prêmio de viagem à Europa, ao Salão Acadêmico. Lá, entrando em contato com a arte da época, modificara a sua linguagem pictórica, desejoso de criar um expressão capaz de transmitir a sua imagem do Brasil. Esta linguagem juntava elementos do cubismo e da pintura mural do renascimento, e seu tema era sempre o do trabalho do homem.

Glória para uns, solidão para outros

Nessa mesma época, Alberto da Veiga Guignard, que nascera no Brasil mas fôra educado na Europa, voltou ao país de origem. Também êle se vira para o Brasil, em seus aspectos mais doces e líricos: as festas juninas, a paisagem mineira. Guignard cercou-se de alunos e, como Portinari, exerceu notável influência. Osvaldo Goeldi é outro mestre da segunda fase, o grande gravador cuja visão sombria da realidade urbana é muito típica da tendência humanista de nossa pintura. Ao contrário de Portinari, que morreu coberto de glória, e de Guignard, cujo desaparecimento se deu numa época em que seu talento e seu valor já eram amplamente reconhecidos, Osvaldo Goeldi, apesar do prestígio de que gozava, não teve em vida as compensações merecidas. Morreu em 1960, pobre e solitário, como os personagens perdidos de suas xilogravuras.

Ainda na década dos 30, vale mencionar a presença de Heitor dos Prazeres. Lourival Gomes Machado assinalou em seu "Retrato da Pintura Moderna do Brasil" que Heitor dos Prazeres representou "a primeira investida, no campo da plástica, da cultura criada pelos negros das grandes cidades. O negro deixa de ser o assunto de tantos pintores modernos para ser, êle próprio, o pintor."

Ismael Nery, pintor de inspiração cubista que faleceu muito jovem, e Cícero Dias, mais tarde radicado em Paris, completam, com os escultores Bruno Giorgi e De Fiori, esta segunda leva de artistas contemporâneos, que se seguiu à dos componentes da Semana de Arte Moderna.

Nos próximos vinte anos, o movimento modernista foi se expandindo devagar, apesar de não obter maior repercussão nem maior aceitação popular. Com a exceção talvez de Cândido Portinari, eram muito raros os artistas que conseguiam viver de sua arte. Pertencem a esta fase, entre outros: Lívio Abramo, Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Djanira, Pancetti, Maria Martins, Iberê Camargo — tantos artistas, tantas procuras individuais.

A importância das bienais

De repente, na década dos 50, vários fatôres concorrem para um grande ímpeto criador: a formação dos Museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de São Paulo; a criação da Bienal de São Paulo, e, nos últimos anos, o aparecimento do mercado de arte. Pela primeira vez, as Bienais deram aos artistas nacionais a possibilidade de se tornarem conhecidos do público. E — talvez mais importante ainda — permitiram que nossos artistas tivessem contato direto com a obra dos mestres estrangeiros até então conhecida superficialmente, em reproduções. A Bienal trouxe Picasso, Leger, Klee, Kokoscha, Munch, Morandi, Nolde, Permeke, Calder, Pollock, Bracque e tantos outros grandes nomes das artes de nosso tempo. Apresentou também uma mostra dos trabalhos principais de todos os países do mundo. Como conseqüência, diminuiu a defasagem entre as formas mais avançadas da pintura estrangeira e a **moda** nacional — nem sempre para vantagem nossa.

Contudo, o período foi exatamente fecundo: surgiram artistas como Grassmann, Sérgio Camargo, Ana Letícia, Flávio Shiro, Manabu Mabe e Lígia Clark, todos procurando uma visão nova, pessoal e autêntica.

No final da década, o argentino Alfredo Bonino inaugurou a primeira galeria de arte no Rio de Janeiro, que foi logo seguida por muitas outras. Isto abriu caminho para que os artistas brasileiros se profissionalizassem, procurando viver exclusivamente de seu trabalho.

Nem sempre o público tem avaliado a qualidade dos artistas de acôrdo com a opinião dos críticos. Comentava-se há dias numa roda de jovens o sucesso financeiro de pintores a quem a crítica especializada não parece atribuir qualidade à altura do êxito alcançado. "Ora, acho fácil compreender", disse uma jovem pintora, "pois a pintura dêles é agradável e neutra. Traz uma sugestão de mistério e, além do mais, corresponde muito bem ao estilo colonial que está em moda na decoração de interiores. Seus quadros não interferem com o sofá, e nem brigam com os cristais, as pratas ou as opalinas. Sobretudo, não exigem atenção."

E êste talvez seja o problema principal. Pois apesar de nossos jovens artistas se encontrarem em condições bem mais favoráveis que os das gerações anteriores, continuam enfrentando um público altamente conservador. Assim, se o pintor quiser seguir uma linha mais audaciosa, se abandonar as formas de arte contemporânea já aceitas pelo público, dificilmente encontrará comprador. Os colecionadores são ainda muito tímidos e não ousam jogar com o desconhecido. O artista que desejar inovar ou pesquisar tem de garantir seu ganha-pão através de algum emprêgo auxiliar, ou então enfrentar sérias dificuldades. E não são, infelizmente, apenas os artistas mais jovens que se defrontam com problemas dessa espécie. Alguns de nossos artistas mais importantes não conseguem executar seus trabalhos quando êstes exigem materiais mais caros.

Jovem artista não vive do trabalho

Dos cinco artistas que ilustram esta reportagem, apenas um consegue viver do seu trabalho. Os demais são obrigados a procurar outras fontes de renda para financiar sua pintura. Um é paginador de uma revista semanal, outro cria capas de livros enquanto sua espôsa é desenhista de moda, o terceiro trabalha à noite como químico enquanto sua espôsa representa no teatro, e o último é médico.

Assim mesmo, dois dêstes cinco jovens recentemente ganharam primeiros prêmios na Bienal de Paris.

Solidão das multidões, tema de Gerchman. As bonecas são gente; a baleira, um prédio.

BLOCO 1
APTS.
101.102
103.104
105.106
107.108
109.1010

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Seu concorrente mais forte usa Kombi?

Talvez seja justamente por isso que êle é mais forte.

Com a Kombi Volkswagen êle está entregando as mercadorias pontualmente.

É fácil carregar e descarregar quando se tem duas grandes portas que abrem do lado da calçada.

E é fácil encontrar vaga para estacionar quando se tem uma camioneta que é só 21 cm mais longa que o Sedan VW.

Os fregueses dêle também devem estar satisfeitos por outras razões:

As encomendas chegam intactas porque viajam protegidas por um teto de aço.

Além disso, êle ainda tem maior facilidade de conseguir novos fregueses.

Sua Kombi é um painel circulante. Tem 14 metros quadrados para pintar propaganda.

O que v. precisa fazer para alcançar o seu concorrente? Compre uma Kombi Volkswagen também.

Uma grande pesquisa de REALIDADE: 116 mil respostas, colhidas em três meses de trabalho junto a mil jovens, dão — pela primeira vez no Brasil — o retrato autêntico do que rapazes e môças, do Rio e de São Paulo, conhecem, falam e fazem a respeito dos problemas sexuais.

A JUVENTUDE DIANTE DO SEXO

Texto de Duarte Pacheco

Os questionários foram elaborados pelo psiquiatra José Gaiarsa, que também colaborou na interpretação dos quadros desta reportagem.

No mundo inteiro, a juventude está revendo seus comportamentos e atitudes diante de todos os problemas da existência humana. Segundo as estimativas oficiais, existem hoje no Brasil — entre os 84 milhões e 600 mil habitantes — 44 milhões e 700 mil jovens com menos de 20 anos. O que pensam, falam e fazem êstes rapazes e môças? Ninguém sabe, embora alguns assegurem que tudo vai muito mal. Especialmente na área sexual, onde talvez o maior mêdo, hoje, é o mêdo de saber a verdade. Mesmo assim, muitos educadores, sociólogos, sacerdotes, médicos e pais pedem informações, querem conhecer dados, procuram saber em números o que está acontecendo com o comportamento sexual da mocidade brasileira. Disse o dominicano Frei Francisco Araújo, de São Paulo: "Não devemos temer o homem, nem as grandes realizações da vida humana. O mêdo revela insegurança, e esta jamais poderá servir de base para um progresso humano. Creio que o mais importante é descobrir-se, hoje, uma significação para o sexo, no conteúdo global da condição humana, assumindo a vida sexual como que um valor a ser integrado num conjunto de outros valores". A isto, no Rio, o Grão-rabino Henrique Lemle acrescenta: "O problema sexual não deve ser escondido e sim encarado com responsabilidade." Para o professor Manuel Diegues, diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, da Unesco, as dúvidas sôbre o que pensam os jovens brasileiros se colocam assim: "É importante proporcionar um autêntico conhecimento do problema, na sua essencialidade social." Enquanto isso, afirma o psiquiatra Maurício Schueler, diretor do Instituto Médico Psicológico, na Guanabara: "A desorientação e a má informação sôbre sexo geram personalidades doentias. É preciso corrigir essa distorção, alterando a escala de valores que coloca o sexo como tabu". E, por fim, declara o Juiz de Menores de São Paulo, Pedro Wílson Tôrres: "Os próprios jovens estão mal informados. Muitos interpretam como licenciosidade o simples fato de encarar de frente as questões sexuais". E é por tudo isso, antes que se condene ou aprove a incômoda e nunca estudada revolução sexual da juventude, que REALIDADE projetou e realizou um trabalhoso inquérito: mil jovens foram entrevistados, muitos técnicos compararam dados e calcularam índices. O resultado aqui está: sem retoques nem hiprocrisias, eis a primeira parte da descrição do comportamento e da atitude da juventude urbana brasileira.

Esta pesquisa foi feita com a colaboração da própria juventude. Um questionário longo e minucioso, com mais de 100 perguntas, foi respondido por 1.000 jovens, 500 do Rio e 500 de São Paulo, e em cada uma dessas cidades 250 rapazes e 250 môças. Todos entre 18 e 21 anos e alunos de cursos preparatórios aos exames vestibulares das faculdades. Por isso, a grande maioria é da classe média ou da classe superior. Dos entrevistados, 34% têm emprêgo, e isto muito mais no Rio do que em São Paulo; 75% moram em casa própria, 57% dessas casas com três ou mais quartos e 30% com mais de nove metros de frente.

Quanto à religião, 67% de nossos entrevistados se dizem católicos, 8,5 % se confessam ateus e os restantes se distribuem entre outras religiões. São quase todos de famílias bastante pequenas: 9% são filhos únicos, 36% têm apenas um irmão, 23% têm dois irmãos.

Outra limitação da pesquisa é depender da sinceridade dos entrevistados. E não é fácil ser sincero nesse tipo de assunto. Num dos itens do questionário, pedia-se que fôssem dados os nomes tanto científicos quanto populares dos órgãos sexuais. Uma môça escreveu os científicos e acrescentou: "sem coragem para os nomes populares". Outra, depois de escrever os nomes populares, riscou-os completamente. Para diminuir a possibilidade de inibições como essas, todos os questionários foram respondidos por escrito, em absoluto sigilo e anonimato. E livremente: tanto assim que uma dezena de jovens não quis responder e devolveu os formulários em branco. Além disso, de forma diferente e em pontos separados do questionário, foram feitas várias perguntas sôbre um mesmo tópico, a fim de que se pudesse comparar as respostas. Assim, a ordem em que os resultados são aqui apresentados não corresponde à ordem em que as perguntas foram feitas.

"Qual a freqüência das relações sexuais? Isto é com o casal."

O questionário, em diversas perguntas, verificava até onde chega a informação científica dos jovens. Os resultados são de inquietar: 23% desconhecem que o homem liberta milhões de espermatozóides em cada relação sexual. E o que surpreende mais: muitas mulheres não sabem quantos óvulos amadurecem por mês. Sôbre a menstruação, os rapazes não conhecem tudo. E alto é o número dos rapazes que pensam, ou pelo menos suspeitam, que haja perigo para a saúde em manter relações com uma mulher, durante êsse período. Curioso é que, a êsse respeito, a maioria das môças também está mal informada ou não tem certeza; e é maior o número das que ficam em dúvida se o sangue menstrual contém algum veneno ou toxina, repetindo — sem saberem — velhos preconceitos.

Sôbre a gravidez e o parto, não é mais satisfatório o conhecimento da juventude. A maioria das môças desconhece que a mulher pode, sem perigo, ter relações sexuais durante a gravidez. E perto da metade dos entrevistados não sabe quanto dura aproximadamente um parto normal. A ereção do órgão sexual é uma experiência que todo rapaz nesta idade já deve ter tido. No entanto, a maioria dos jovens não sabe que o congestionamento sanguíneo é que provoca esta ereção. Pensam, ao contrário, sobretudo as môças, tratar-se de contração de músculos, o que os levaria a achar que a ereção seja voluntária.

A época da ovulação e o tempo de vida dos espermatozóides não são conhecidos por muitos jovens que no entanto se mostram — como se verá — preocupados com os métodos anticoncepcionais e que confessam já praticar relações sexuais. Quanto à duração do ato sexual, os rapazes acertaram mais. Já quanto à freqüência de relações sexuais, há uma concordância geral. É para notar, porém, que ao se afastarem da freqüência geral, as môças apontam como regra uma relação por dia, enquanto os rapazes ficam em duas relações por mês. Convém esclarecer que as médias não excluem casos que, sem serem anormais, se afastam da regra geral. Neste sentido, tinha razão a môça que, à pergunta sôbre a freqüência mais comum de relações sexuais, respondeu: "Isto é relativo ao casal; não pode haver regras preestabelecidas."

É interessante observar ainda que os entrevistados de São Paulo, que vão se mostrar mais presos a preconceitos, se revelam em compensação mais bem informados do que os cariocas. Por outro lado, êstes deixam de responder, muito menos do que os paulistas, às perguntas. Confirmação de que o paulista é mais inibido e retraído? E de que o carioca, quando não sabe, arrisca alguma resposta ou inventa outra saída? As respostas de um rapaz carioca são típicas. Duração do parto? "Depende de como a criança vai nascer". Tempo de vida dos espermatozóides? "Depende do encontro dêles com o óvulo".

SEGUE

Quadro I: Informação Científica

(Resultado em porcentagem)

PERGUNTAS	RESPOSTAS	MÔÇAS SP	MÔÇAS RIO	RAPAZES SP	RAPAZES RIO	Total
1. Quantas sementes masculinas (espermatozóides) o homem liberta em cada relação sexual?	uma	4,4	10,4	0,4	0,8	4,0
	centenas	24,8	18,0	4,8	10,8	14,6
	milhões (as respostas certas aparecem grifadas)	60,0	71,6	92,0	84,4	77,0
	não responderam	10,8	0	2,8	4,0	4,4
2. Quantas sementes femininas (óvulos) amadurecem por mês?	**uma**	70,8	53,6	70,4	53,6	62,1
	dezenas	5,2	16,0	8,0	10,4	9,9
	centenas	10,4	20,8	11,2	23,2	16,4
	não responderam	14,8	9,6	10,4	12,8	11,6
3. Quantos dias antes da menstruação ocorre a ovulação, ou seja, a maturação do óvulo?	3 dias	20,0	26,4	34,8	37,6	29,1
	15 dias	49,6	47,2	29,6	23,6	37,5
	28 dias	10,4	18,0	13,6	17,2	14,8
	não responderam	20,0	8,4	22,0	21,6	18,0
4. Em média, quanto dura a menstruação?	1 dia	—	—	12,8	5,6	—
	3 dias	—	—	57,2	61,6	—
	8 dias	—	—	18,8	22,8	—
	não responderam	—	—	11,2	10,0	—
5. Há algum perigo em se manter relações sexuais com uma mulher durante a menstruação?	sim	18,4	24,4	38,4	42,4	30,9
	não	46,4	40,4	41,2	36,0	41,0
	não sei	35,2	35,2	20,4	21,6	28,1
6. O sangue menstrual contém algum veneno ou toxina?	sim	5,6	12,0	—	—	—
	não	47,2	42,4	—	—	—
	não sei	47,2	45,6	—	—	—
7. A mulher pode, sem perigo, ter relações sexuais durante a gravidez?	**sim**	48,0	50,8	—	—	—
	não	17,6	11,2	—	—	—
	não sei	34,4	38,0	—	—	—
8. A ereção do órgão sexual masculino existe:	porque o pênis tem cartilagem por dentro	4,0	2,0	3,2	5,2	3,6
	devido à contração de músculos	32,4	39,6	31,6	37,2	35,2
	em função do congestionamento com sangue	20,0	28,4	53,6	47,2	27,3
	não responderam	43,6	30,0	11,6	10,4	23,9
9. A ereção do órgão sexual masculino acontece porque o rapaz quer ou é involuntária?	voluntária	12,8	14,4	20,0	20,8	17,0
	involuntária	74,0	76,0	74,8	67,2	73,0
	não responderam	13,2	9,6	5,2	12,0	10,0
10. De regra, quanto dura o ato sexual, desde a penetração na vagina até a consumação?	de 30 a 40 segundos	8,8	5,6	19,2	20,4	13,5
	de 3 a 5 minutos	42,8	48,8	65,2	64,8	55,4
	de 30 a 40 minutos	6,8	12,8	4,4	2,4	6,6
	não responderam	41,6	32,8	11,2	12,4	24,5
11. Quanto tempo vivem os espermatozóides no corpo da mulher após uma relação sexual?	3 minutos	19,6	24,8	9,6	25,2	19,8
	2 horas	19,6	21,2	20,4	21,2	20,6
	36 horas	19,2	22,4	45,2	32,0	29,7
	não responderam	41,6	31,6	24,8	21,6	29,9
12. Qual seria a freqüência mais comum de relações sexuais?	uma relação sexual por dia	10,8	16,4	6,8	8,0	10,5
	três relações sexuais por semana	60,8	61,2	58,0	65,6	61,4
	duas relações sexuais por mês	7,2	9,6	29,2	23,2	17,3
	não responderam	21,2	12,8	6,0	3,2	10,9
13. Em média, quanto dura um parto normal, desde as primeiras contrações do útero até o nascimento da criança?	15 minutos	13,6	19,2	25,2	24,0	20,5
	3 horas	66,4	64,4	47,2	51,2	57,3
	15 horas	8,8	4,8	10,4	9,2	8,3
	não responderam	11,2	11,6	17,2	15,6	13,9
14. A sífilis é a mais grave das moléstias contagiosas que se transmitem através das relações sexuais. A sífilis já é curável?	**sim**	61,6	56,0	69,2	70,0	64,2
	não	7,6	6,4	10,8	9,2	8,5
	não sei	30,8	37,6	20,0	17,2	26,4

talento nós não vendemos ✻

mas você encontra instrumentos musicais em Mesbla

Talento não se compra, não se vende. Talento é criação e juventude. Expressão de beleza em composição de linhas, côr e som. MESBLA particlpa também desta atividade, quanto ao estímulo e aos instrumentos de que o talento necessita para expressar-se e desenvolver-se. Instrumentos musicais, do piano à bateria, da gaita ao violino, MESBLA tem. E além disso, equipamento eletrônico para gravação e transmissão, aparelhos estereofônicos, rádios de grande alcance (e também pequenos recèptores transistorizados a pilhas). E completa discoteca, MESBLA tem. Emprêsa de capital 100% nacional, dirigida e controlada por brasileiros, MESBLA vem contribuindo há mais de cinquenta anos, muitas vêzes com pioneirismo, para colocar a técnica a serviço da cultura e o produto de nossa indústria a serviço do progresso do país. Foi assim que, em 54 anos, MESBLA, operando no atacado e no varejo, transformou-se na maior organização de compra e venda de mercadorias da América Latina.

Sociedade de capital aberto, com mais de 13.000 acionistas, MESBLA realiza esta tarefa de ajudar a desenvolver talentos através de 13 filiais (Rio, São Paulo, Pôrto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Belém, Niterói, Pelotas, Fortaleza, Marília, Vitória), 32 lojas e uma rêde de mais de 100 escritórios de venda de norte a sul do país.

do alfinête ao piano Mesbla vende 100.000 artigos diferentes

✻ SÓ AJUDAMOS

"Quando senti as primeiras sensações sexuais? Nasci sentindo!"

Os resultados mostram a pouca informação científica da juventude, que só pode tornar-se mais compreensível quando se pensa na educação sexual que êstes jovens receberam. Os números do Quadro 2 falam por si mesmos. Apenas em relação ao número de môças que receberam educação sexual de suas mães, seria preciso mencionar que — na maioria dos casos — esta instrução se limitou a transmitir informações sôbre a menstruação. É preciso também comparar a idade em que os jovens aprenderam as primeiras noções sexuais com a idade em que sentiram as primeiras sensações. Uma môça de 20 anos, protestante, à pergunta — com que idade sentiu as primeiras sensações sexuais? — respondeu: "Acho que já nasci sentindo".

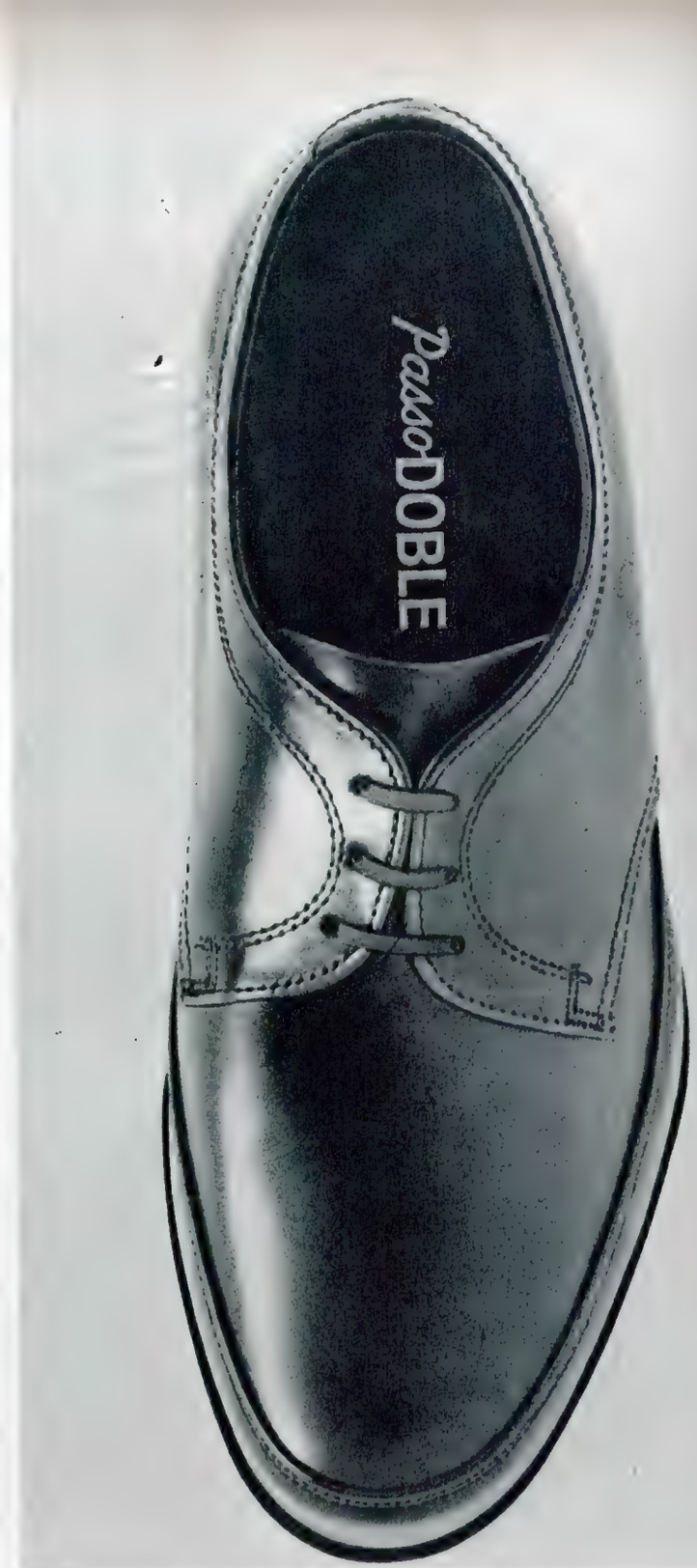
Assim mesmo, sem informação e orientação sexual, os jovens se lançam à arriscada aventura de pôr em questão os padrões sexuais vigentes, como mostram os quadros seguintes.

SEGUE

Quadro 2: Educação Sexual

(Resultado em porcentagem)

PERGUNTAS	RESPOSTAS	MÔÇAS		RAPAZES		
		SP	RIO	SP	RIO	Total
15. Com que idade sentiu as primeiras sensações sexuais?	até 7 anos	3,2	2,4	4,8	5,2	3,9
	entre 8 e 10 anos	4,4	4,0	13,6	13,6	8,9
	entre 11 e 15 anos	48,0	55,6	71,6	69,6	61,7
	entre 16 e 18 anos	21,6	14,8	4,4	4,4	11,3
	19 anos em diante	1,6	2,4	0,4	0,8	1,3
	não responderam	19,6	20,8	4,0	2,4	11,7
16. Com que idade você aprendeu as primeiras noções sôbre assuntos sexuais?	até 7 anos	1,2	1,6	5,6	5,2	3,4
	entre 8 e 10 anos	16,8	11,2	24,4	21,6	18,5
	entre 11 e 15 anos	65,6	64,0	56,4	64,2	63,8
	entre 16 e 18 anos	8,4	9,2	8,0	3,6	7,3
	19 anos em diante	0,4	1,2	0	0,4	0,5
17. De quem você recebeu os seus principais conhecimentos sôbre sexualidade? Pode sublinhar mais de uma resposta	pai	4,8	6,4	24,8	29,2	16,3
	mãe	40,0	44,0	7,6	9,6	24,3
	irmão	2,0	4,8	12,0	11,6	7,6
	irmã	7,6	14,4	1,2	0	5,8
	outros parentes	8,8	6,4	8,0	8,4	7,9
	namorado (ou namorada)	10,4	16,0	1,2	4,8	8,1
	estranhos autorizados (médicos, sacerdotes, etc.)	13,6	24,0	22,4	16,8	19,2
	livros e revistas	44,0	48,0	56,4	46,8	48,9
	colegas e amigos	46,8	36,8	55,6	48,0	46,8
	em aula especial	30,0	25,2	18,8	12,8	21,7
	em aula comum	56,0	52,8	41,6	28,4	44,7
	no cinema	4,4	4,4	11,2	12,4	8,1
	por conversas de estranhos ouvidas por acaso	11,6	12,8	20,4	21,2	16,5
18. Você pretende esclarecer e orientar pessoalmente os seus filhos sôbre questões sexuais?	sim	94,0	98,4	91,6	97,2	95,3
	não	0,4	0	3,6	0	0,5
	não sei	5,6	1,6	10,8	12,8	5,2



sapatos comuns costumam apertar aqui, aqui e aqui

Quem diz "felizmente" são os homens que trabalham em pé o dia inteiro.
Claro, foi para êles que "bolamos" Passo Doble, detalhe por detalhe. Fizemos um calçado com uma fôrma tôda especial, moldado numa única peça, sem colas, sem emendas, sem costuras desnecessárias.

felizmente existe *Passo*DOBLE®

Os homens que usam Passo Doble costumam esquecer os seus pés (e de comprar outros sapatos também...).
Sua sola de borracha microcelular, então, é um colchão de molas. Passo Doble é leve, macio e incrìvelmente durável.
Experimente Passo Doble.
Mesmo que você não trabalhe em pé o dia inteiro.

Solado de borracha microcelular. Fabricado em números e meios números, em vários modelos.

mais um bom calçado **ALPARGATAS**

"Quantas vêzes já me enamorei? Mil vêzes! Sou muito volúvel."

Já houve tempo em que só se namorava para casar. E o contrôle era severo. Hoje, namora-se por namorar, simplesmente. E as restrições são pequenas. Não se pense, entretanto, que as transformações tenham sido radicais para todos. É certo que as coisas mudaram, e mais no Rio do que em São Paulo. Mas 32,4% das môças paulistas entrevistadas ainda não foram beijadas por namorado. E a acreditar nas próprias jovens do Rio, só uma parte relativamente pequena delas se atreveu a carícias mais ousadas em namôro. É verdade que se pode duvidar um pouco da sinceridade dessas informações, sobretudo quando se comparam as respostas das môças com as dos rapazes. Ou quando se observa o número das que declaram fazer carícias mais íntimas, em relação à porcentagem das que afirmam já ter chegado ao orgasmo durante o namôro, ainda que êste dado possa ser atribuído em parte a uma superexcitabilidade compreensível, ou talvez a uma ignorância do que seja exatamente orgasmo. Por outro lado, erra quem pensa que as môças perderam inteiramente a noção dos limites. Elas distinguem entre tipos de namôro. Uma delas escreve: "Meus namoros não chegaram ao terreno sério; jamais consenti qualquer intimidade além de beijos". Mas o que é um namôro sério? E o que se pode fazer num namôro sério? Parece que até relações sexuais, como se verá adiante. Fica a impressão final de que enquanto muitos dêstes jovens já modificaram profundamente os padrões de namôro, uma parte considerável observa ainda os limites tradicionais.

Entre os que romperam com os antigos padrões, nem tudo anda bem. Uma carioca deixou entrever alguns problemas, quando escreveu: "Fico preocupada quando me excito, porque qualquer tarefa interrompida provoca frustração". E o pior aparece quando se verifica como êsses jovens se sentem **depois:** a maioria fica deprimida, arrependida ou pelo menos preocupada. Alguns, é verdade, se sentem felizes. Mas não se pode acreditar inteiramente nos que fazem **pose** e declaram sentir-se "como sempre". E não é estranho que justamente entre os rapazes cariocas se encontre o maior índice de depressão? Estas contradições entre o que se faz e o que realmente se pensa, e entre o que se faz e pensa e o que se diz, podem levar — em alguns casos — a sérios conflitos psíquicos.

Porém o aspecto mais grave parece ser o fato de que esta juventude que já se permite formas tão liberais de namôro, na verdade se enamore tão pouco: 11,2% chegam a dizer que isto nunca lhes aconteceu. E a maioria dêsses rapazes e môças de 18 a 21 anos se enamorou apenas uma vez. As môças, principalmente as cariocas, parecem enamorar-se mais. Uma carioca chegou a responder: "Infinitas vêzes". Mas algumas nem se dão conta de que se censuram por isso. Uma delas escreveu: "Quantas vêzes já me enamorei? Mil vêzes. Sou por demais volúvel." Por que tanta prevenção contra o fato de enamorar-se? Não será porque êle foi confundido com o amor? E por que se tem do amor uma visão pouco realista e muito exigente? Esta visão transparece em muitas frases. Uma, por exemplo: "Quando se ama verdadeiramente, é uma vez só na vida". E a maioria acha até que quando amamos, sentimos amor o tempo todo. Em compensação, outros confundem o enamorar-se com a simples atração sexual. Uma môça de 20 anos perguntou: "O que é estar enamorada de verdade? Forte atração sexual eu já senti". De tudo se conclui que a juventude, além do mais, sofre de uma forte inibição afetiva. Um rapaz de 20 anos foi categórico: "Não pretendo namorar".

O mais estranho porém é que êsses jovens tão liberais são também muito ciumentos e possessivos: os homens mais do que as mulheres, os cariocas mais do que os paulistas. Por quê? Por que as môças ainda não se libertaram do preconceito de achar que os homens têm direito a mais liberdade do que elas? Ou os rapazes estão com mêdo da concorrência, agora mais desenfreada? Ou será porque os jovens sentem, embora sem compreender muito bem, que existe alguma relação profunda entre fidelidade e amor?

SEGUE

Quadro 3: Namôro

(Resultado em porcentagem)

PERGUNTAS	RESPOSTAS	MÔÇAS		RAPAZES		
		SP	RIO	SP	RIO	Total
19. Quantas vêzes você já se enamorou de verdade?	nunca se enamoraram	11,6	7,2	14,4	11,6	11,2
	uma vez	38,0	40,0	34,0	30,8	35,7
	duas vêzes	26,0	41,6	18,8	26,4	28,2
	três vêzes	8,0	3,6	10,0	10,0	7,9
	quatro vêzes ou mais	3,2	6,0	7,6	7,2	6,0
	não responderam	13,2	1,6	14,4	14,0	10,6
20. Quando amamos, sentimos amor o tempo todo?	sim	53,6	59,6	38,8	40,0	48,0
	não	25,6	24,8	42,0	42,4	33,7
	não responderam	20,8	15,6	19,2	17,6	18,3
21. Você é muito possessivo, ciumento (ou possessiva, ciumenta), quando namora?	sim	37,2	44,8	50,0	62,8	48,7
	não	41,2	33,6	28,4	20,8	31,0
	não responderam	21,6	21,6	21,6	16,4	20,3
22. Você já foi beijada por namorado?	sim	65,6	91,2	—	—	—
	não	32,4	6,8	—	—	—
	não responderam	2,0	2,0	—	—	—
23. Em namôro, você já fêz carícias diretamente nas partes mais íntimas do namorado (ou namorada)?	sim	9,6	23,2	50,0	75,2	39,5
	não	85,2	72,8	43,6	21,2	55,7
	não responderam	5,2	4,0	6,4	3,6	4,8
24. Em namôro, você já recebeu carícias diretamente nas partes mais íntimas?	sim	13,6	25,2	40,0	70,0	37,2
	não	79,6	46,8	52,0	27,2	51,4
	não responderam	6,8	28,0	8,0	2,8	11,4
25. Às vêzes você chega a ter orgasmo durante as carícias no namôro?	sim	30,0	39,6	51,6	76,6	49,3
	não	42,4	40,4	39,6	16,6	34,6
	não responderam	27,6	20,0	8,8	8,0	16,3
26. Quando, namorando, você troca agrados bem íntimos e chega a ter orgasmo, como se sente nas horas seguintes? Pode sublinhar mais de uma resposta.	preocupado (ou preocupada)	12,8	30,8	14,0	15,2	18,2
	arrependido (ou arrependida)	10,8	12,8	9,6	20,0	13,3
	deprimido (ou deprimida)	14,8	12,4	16,4	34,0	19,4
	contente	6,4	7,2	12,4	15,6	10,4
	feliz	13,6	25,6	14,4	14,0	16,9
	como sempre	9,2	15,2	24,4	21,6	17,6

Estamos lançando um nôvo produto para o cabelo do homem:

Êle não empasta nem endurece o cabelo.

Êle não dá brilho excessivo.

Tem perfume muito discreto.

E assenta o cabelo naturalmente.

Trim é exatamente o que os homens esperam de um produto para o cabelo.

Se você é homem e tem cabelo, parabéns.

lintas publicidade internacional

"Evitar a gravidez? Não, nunca! Isto não seria um casamento."

Os jovens não namoram mais apenas para casar. Mas pretendem casar-se? E o que pensam do casamento? Para começar, 54,8% dêles acham que o casamento monogâmico e indissolúvel é uma solução satisfatória. Não andam os jovens, portanto, tão revolucionários, como se imagina. Pelo menos em matéria de casamento. Mas esta primeira impressão não deve ser exagerada. Primeiro, porque existem os outros que já estão achando que o casamento com uma pessoa só, para a vida tôda, não é solução satisfatória. Um môço de 20 anos, ateu, escreve: "Não, jamais, é revoltante e medieval a indissolubilidade do casamento!"

Depois, à medida que a questão foi sendo abordada com outros termos e por ângulos diferentes, a percentagem foi caindo, pouco a pouco, até que, traídos pelo amor dos jovens à liberdade individual, 54,4% chegaram à conclusão de que a sociedade não tem o direito de regulamentar a vida sexual de um casal que use meios anticoncepcionais seguros. No fim, só 9,9% acharam que nada justifica o divórcio.

Que significa a reviravolta? Que os jovens não romperam com a visão oficial, mas já não se sentem muito bem dentro dela e não conseguem mais entender suas justificativas. Uma môça resumiu assim sua posição diante do casamento monogâmico e indissolúvel: "Teòricamente sim, pràticamente não". Mas de que vale uma solução teórica sem aplicação prática?

O caso do divórcio vale um destaque: 67% dos jovens se declararam católicos, mas só 9,9% são contra o divórcio. Uma môça de 20 anos, católica respondeu: "Todos êsses itens serviriam para haver o divórcio, e muitos outros não mencionados". Outra môça, 18 anos, também católica, não se conteve: "Razões para o divórcio? Ah! Tôdas!" É verdade que houve também perplexidades e contradições. Muitos sublinhavam várias razões e acabavam sublinhando também que **nenhuma** razão justifica o divórcio. Outros, depois de terem assinalado vários motivos, liam a frase "Nenhuma razão justifica o divórcio", caíam em si e voltavam atrás para anular as respostas que já haviam admitido. E nenhum exemplo foi mais expressivo da desorientação e ansiedade em que se debatem muitos jovens, do que esta frase de uma môça de 21 anos, católica, estudante de psicologia: "Estas razões seriam suficientes para uma separação; divórcio para nós não existe; desquite não é aprovado pela religião". É importante também observar como entre as razões apontadas para o divórcio predominam as de fundo sexual, e como pouca importância é dada ao atendimento de necessidades materiais.

Mas êstes rapazes e môças estão longe de desprezar a fidelidade matrimonial. Pelo menos da mulher, já que 83,5% acham que uma mulher que ame o marido não pode ter relações sexuais com outros homens, sendo necessário observar que as mulheres — nesta resposta — são mais conservadoras do que os homens. Assim mesmo, não seriam tão implacáveis com seus pais e mães, se êstes viessem a ser infiéis, embora, no conjunto, sejam mais severos com as mães do que com os pais. Houve alguns que foram mais equilibrados nas respostas. Um rapaz fêz a ressalva: "Procuraria as razões antes de julgar". Uma môça foi ainda mais explícita: "Procuraria compreender. Ninguém trai por acaso." Outra disse: "Perderia o respeito, dependendo das circunstâncias".

É fácil para um homem corresponder às expectativas amorosas da mulher? Mesmo alguns dêstes jovens que se julgam modernos ainda não perderam a presunção masculina. Um dêles escreveu: "Sim, é fácil, depende única e exclusivamente dêle". As môças se mostram mais prudentes, embora, como sempre, muito confiantes no amor. É fácil para uma mulher corresponder às expectativas amorosas do homem? Uma das môças respondeu: "É difícil, mas se houver amor será naturalmente fácil". Outra não parece tão segura assim: "Deve ser fácil!"

Por fim, note-se que 50,4% das paulistas e 64,4% das cariocas afirmam pretender usar métodos para evitar a gravidez, embora muitas ainda tenham dúvidas e 29,6% recusem o contrôle da natalidade, chegando uma até a escrever: "Evitar a gravidez? Não, isto não seria casamento". SEGUE

Quadro 4: Casamento

(Resultado em porcentagem)

PERGUNTAS	RESPOSTAS	MÔÇAS SP	MÔÇAS RIO	RAPAZES SP	RAPAZES RIO	Total
27. Em nossa sociedade, a solução oficialmente aceita para a realização sexual é o matrimônio monogâmico e indissolúvel, isto é, casamos com uma só pessoa e para tôda a vida. A seu ver, esta solução é satisfatória?	sim	66,0	44,8	59,2	49,2	54,8
	não	26,0	49,6	35,2	45,2	39,0
	não sei ou não quero responder	8,0	5,6	5,6	6,8	6,2
28. Será natural, como se exige no casamento, amar a um homem só (ou a uma mulher só) a vida tôda?	sim	62,8	61,6	53,6	40,8	54,7
	não	23,6	31,6	36,8	50,4	35,6
	não sei ou não quero responder	13,6	6,8	9,6	8,8	9,7
29. Será fácil para o homem (ou a mulher), como se pressupõe no casamento, corresponder à maior parte das expectativas amorosas do outro cônjuge?	sim	48,0	44,0	34,8	41,6	42,1
	não	24,0	20,8	35,2	36,0	28,0
	não responderam	28,0	39,2	30,0	22,4	28,9
30. De uma relação sexual pode nascer uma criança, um nôvo membro da sociedade. Neste sentido, a sociedade tem o direito de regulamentar a sexualidade humana. Mas se um casal quer usar meios anticoncepcionais, você acha que subsiste aquêle direito da sociedade sôbre a vida sexual de cada um?	sim	10,8	12,4	22,8	20,8	16,7
	não	54,0	60,8	47,6	55,2	54,4
	não sei	35,2	26,8	29,6	24,0	18,9
31. Quais, a seu ver, as razões suficientes para o divórcio? Pode sublinhar mais de uma.	infidelidade da mulher	54,8	64,4	72,8	80,4	68,1
	indiferença recíproca	49,6	86,0	46,4	52,4	58,6
	crueldade física ou mental	50,4	61,2	55,2	52,4	54,8
	infidelidade do homem	52,4	63,6	44,0	40,8	50,2
	perversão sexual	44,0	58,4	46,0	52,4	50,2
	impotência do homem ou frieza da mulher	39,6	57,6	40,8	51,6	46,4
	desentendimento crônico	33,2	40,4	38,8	40,8	38,3
	não atendimento das necessidades materiais	8,4	23,2	17,6	20,8	17,1
	indiferença pelos filhos	16,8	16,4	35,2	36,4	26,2
	nenhuma razão justifica o divórcio	14,8	9,2	9,6	6,0	9,9
32. Uma mulher, amando o marido, pode ter relações sexuais com outros homens?	sim	3,6	6,0	9,2	12,0	7,7
	não	87,2	88,0	81,2	77,6	83,5
	não sei	9,2	6,0	9,6	10,4	8,8
33. Se você viesse a saber que seu pai, às vezes, procura outras mulheres para ter relações sexuais, você teria por êle:	menor consideração e respeito	78,8	60,8	31,6	18,0	37,3
	maior consideração e respeito	0,4	1,2	1,6	1,2	1,1
	a mesma consideração e respeito de antes	20,8	31,2	60,0	80,4	48,1
34. Se você viesse a saber que sua mãe teve ou tem amante, perderia o respeito por ela?	sim	56,4	49,2	57,6	43,6	51,7
	não	14,0	26,4	15,2	24,0	19,9
	não responderam	29,6	24,4	27,2	32,4	28,4
35. No casamento, se fôr conveniente, você usará métodos para evitar a gravidez?	sim	50,4	64,4	—	—	—
	não	29,6	29,6	—	—	—
	não responderam	20,0	6,0	—	—	—

V. precisaria de mais razões para ingressar no Montepio da Família Militar?

MONTEPIO *da Família Militar* MFM

(PARA MILITARES E RESERVISTAS DE TÔDAS AS CATEGORIAS)

MFM

"Namorar um homem casado? Eu não namoraria, se pudesse evitar."

Com exceção das môças paulistanas, a maioria dos jovens gosta de ouvir anedotas, embora só um número bem menor goste de contá-las, havendo os que distinguem, com razão: "Depende das anedotas. Quando são sutis e inteligentes, gosto; quando são puramente imbecis, não".

Que deve fazer uma pessoa casada que se enamore de outra pessoa casada? A maioria responde: afastar-se. Porém, uma môça de 20 anos, protestante, escreve: "Afastar-se seria o mais racional, mas às vêzes é impossível". Por isso, outros jovens acham que talvez o melhor seja os enamorados se tornarem amigos. E não são poucos os que pensam como esta jovem de 19 anos, católica: "Afastar-se do outro, se possível; se trouxer infelicidade, fazer-se seu amante". Isso talvez explique porque — segundo as respostas — é elevado o número das môças e rapazes que são amantes de homens ou mulheres casados. E também porque muitas jovens namoriam um homem casado, se houvesse amor correspondido. Mas para avaliar bem a posição dessas môças, seria conveniente conhecer a resposta de uma delas: "Não namoraria, podendo evitar".

Para um jovem protestante de 19 anos, a principal causa da prostituição é "a falta de uma aproximação com Deus através da Bíblia". Mas seus colegas e amigos não parecem ter a mesma opinião. Uma môça de 18 anos, sem religião, vê o problema assim: "A sociedade, constituída por homens e para homens, faz com que exista um comércio no qual êle é tanto o ganhador como o comprador." Outra môça, esta católica e com 21 anos, já pensa diferentemente: "A prostituição resulta de, na maioria das vêzes, as famílias não perdoarem uma môça que erra". Mas para a maioria, as causas principais são mesmo a necessidade econômica e a falta de educação sexual e de um conceito adequado de amor. Alguns ainda ficam com o preconceito da desproporção entre as necessidades sexuais do homem e da mulher. A não aceitação social de atividades intermediárias entre a da espôsa e a da prostituta, justamente a razão que está mais longe da moral atual, é a última causa na preferência dos jovens.

Quanto à nudez, 65% julgam natural que as pessoas do mesmo sexo de uma família se vejam com pouca ou nenhuma roupa, embora, alguns acrescentem "dependendo da idade".

SEGUE

Quadro 5: A Nova Moral

(Resultado em porcentagem)

PERGUNTAS	RESPOSTAS	MÔÇAS		RAPAZES		
		SP	RIO	SP	RIO	Total
36. Você acha que os credos religiosos têm o direito de ditar normas sexuais?	sim	30,0	25,6	35,2	20,4	27,8
	não	52,0	64,8	54,0	72,4	50,8
	não responderam	18,0	9,6	10,8	7,2	11,4
37. Você acha que o amor é naturalmente exclusivista, isto é, quando amamos uma pessoa, não podemos sentir ao mesmo tempo amor por outra?	sim	62,0	72,8	40,0	41,6	53,9
	não	28,4	25,2	46,0	48,8	37,1
	não responderam	9,6	2,0	14,0	9,6	6,8
38. Se uma pessoa casada se enamora de outra pessoa casada, que deve fazer?	afastar-se do outro (ou outra)	80,0	74,4	63,6	48,4	66,6
	tornar-se seu amigo (ou amiga)	10,0	9,2	15,6	18,4	13,3
	fazer-se seu amante	2,4	10,8	11,2	25,6	12,5
	não sei	7,6	5,6	9,6	15,6	9,6
39. Tem alguma amiga ou conhecida que seja amante de homem casado?	sim	15,2	38,0	—	—	—
	não	76,4	58,8	—	—	—
	não responderam	8,4	4,4	—	—	—
40. Você é ou foi amante de alguma mulher casada?	sim	—	—	9,2	30,8	—
	não	—	—	88,8	66,0	—
	não responderam	—	—	2,0	7,2	—
41. Sendo solteira, você namoraria um homem casado, no caso de um amor correspondido?	sim	6,8	17,6	—	—	—
	não	80,4	66,4	—	—	—
	não sei	12,8	16,0	—	—	—
42. Quais são as causas da prostituição? Pode sublinhar mais de uma.	necessidade econômica da prostituta	46,4	38,4	60,0	69,2	53,5
	falta de educação sexual de todos	26,8	52,8	54,4	47,6	45,4
	falta de um conceito adequado de amor	45,2	40,0	35,2	33,2	38,4
	desproporção entre as necessidades sexuais do homem e da mulher	17,2	21,6	18,8	23,2	20,2
	não aceitação social de atividades sexuais intermediárias entre a da espôsa e a da prostituta	16,4	17,2	12,8	16,0	15,6
	outras causas	8,8	2,4	8,0	4,8	6,0
43. Você gosta de ouvir anedotas maliciosas?	sim	38,0	52,4	80,4	85,6	64,1
	não	54,0	40,4	10,4	8,0	28,2
	não responderam	8,0	7,2	13,2	6,4	8,7
44. Você gosta de contar anedotas maliciosas?	sim	22,4	24,4	65,6	76,8	47,3
	não	73,6	72,0	28,0	16,0	47,4
	não responderam	4,0	3,6	6,4	7,2	5,3
45. Você acha natural que as pessoas de igual sexo, de uma mesma família, se vejam com pouca ou nenhuma roupa?	sim	60,8	60,0	72,0	68,4	65,2
	não	32,0	34,8	17,6	24,0	27,6
	não sei	7,2	5,2	8,4	7,6	7,2
46. Você acha natural que os membros de uma família, independente do sexo, se vejam com pouca ou nenhuma roupa?	sim	9,6	15,2	20,8	20,0	16,4
	não	85,2	76,4	53,2	74,0	78,6
	não sei	5,2	8,4	6,0	6,0	6,0

"Relações sexuais antes de casar? Eu não sei, depende do amor."

Mas só 16% dos entrevistados acham natural que isto aconteça quando os membros da família são de sexos diferentes. Dos que não acham natural, alguns esclareceram que pensam assim "mais por maneira de criação familiar".

Por tudo isso e pelo que já foi visto antes, não parece verdadeira a impressão comum de que os jovens não aceitam mais nenhuma moral. Êles não perderam o sentimento de êrro e culpa e de que existem regras morais. Uma mulher que ame o seu marido pode ter relações sexuais com outros homens? Uma môça responde: "Não, moralmente". Outra deixa claro que pretende usar métodos anticoncepcionais, quando casar — mas "só os aprovados por minha religião". E mesmo a môça de 21 anos, sem religião, que namoraria um homem casado no caso de um amor correspondido, não deixou de acrescentar: "embora isso me causasse problemas de consciência". Grande parte da juventude ainda se guia pelas normas tradicionais, embora seja verdade — de acôrdo com os dados colhidos — que muitos outros estão se afastando cada vez mais dessas normas. Ainda neste caso, a reação da juventude não parece ser contra a moral, e sim, precisamente, contra a moral atual. Para um rapaz de 20 anos, ateu, as causas da prostituição são duas: "Estrutura social apodrecida. Falsa moral medieval." É preciso reparar que êle fala em falsa moral, não em moral simplesmente.

Mas o que é uma falsa moral para êstes jovens? É uma moral de fachada, de aparência e fingimento. Uma môça sem religião acha que "os credos têm o direito de ditar normas sexuais, se estas normas visam felicidade e não hipocrisia". É falsa ainda a moral que contraria a natureza do homem. Os credos religiosos têm o direito de ditar normas sexuais? A môça responde: "Sim, se forem com a natureza do homem. Não constrangendo-a, como em algumas seitas." Neste sentido, não concordariam com a resposta que foi dada por uma môça à pergunta: É natural que a mulher se negue a quase tôdas as propostas sexuais que receba? "Natural não, mas a mulher deve se negar por questões morais". Pois, para êstes jovens, é falsa sobretudo a moral que se impõe por pressão social e por tradição, e não por convicção pessoal e interior. Por isso mesmo êles não acreditam numa moral de soluções prontas, de normas gerais e absolutas, que não se preocupe com a realidade concreta da vida, sempre relativa e particular. Que deve fazer uma pessoa casada que se enamore de outra pessoa casada? Para um rapaz de 20 anos, "é duro responder; só na circunstância se pode julgar".

E quais são para êstes jovens os critérios principais de julgamento e decisão? A felicidade e o amor. Deve a mulher ter relações sexuais antes de casar? "Não sei, vem o problema do amor". Uma mulher, amando o marido, pode ter relações com outros homens? "Não acho que, se ela ama o marido e êle a satisfaz sexualmente, não há necessidade". Que deve fazer uma pessoa casada que se enamore de outra pessoa casada? "O que ela achar mais certo, levando em consideração acima de tudo o amor". Porém, não se pense que todos êstes jovens só cuidam de sua felicidade pessoal. Para um rapaz de 19 anos, ateu, a pessoa casada que se enamora de outra, só tem duas coisas a fazer: "Afastar-se da outra (se tiverem filhos). Fazer-se seu amante (caso não haja)".

Pode-se discordar dêsses critérios. Pode-se apontar os perigos que encerram, como demonstra a própria confissão espontânea de uma das entrevistadas: "Já tive um caso de namôro em que me apaixonei por um homem casado, mas só houve um beijo. Gostei muito na época, fiquei apaixonadíssima, mas agora o considero um frustrado". O que não se pode é dizer simplesmente que a juventude não tem mais nenhuma moral. O **Osservatore Romano,** jornal do Vaticano, comentando a atual crise da juventude mundial, reconheceu isto: "Que pretendem os jovens? Desejam decidir por si autônomamente e com responsabilidade. É evidente, na vida dos jovens de hoje, uma necessidade fundamental de que exista coerência entre a moralidade que se prega e a vida que se vive. E esta exigência é profundamente moral em si mesma, independentemente das palavras que a traduzam."

A conclusão de "A Juventude diante do sexo" será publicada no próximo número.

O filme Verichrome Pan da Kodak lhe garante os melhores resultados... se V. não cometer pequenos erros como êste:

Se V. não segurar a câmara com firmeza no momento de acionar o disparador, a fotografia sairá tremida. Compare-a com a mesma foto, já corrigida, e veja a diferença de resultados. Erros também freqüentes são os de focalização e de insuficiência ou excesso de exposição. O foco, por exemplo, depende de vários fatôres, mas V. terá maiores possibilidades de obter resultados positivos, se der pouca abertura à objetiva sempre que as condições de luz forem boas (no contrôle da objetiva de sua câmara,

os números mais altos indicam as aberturas menores). Antes de mais nada, porém, V. precisa estar garantido quanto à qualidade do filme. Habitue-se à qualidade Kodak, que lhe dá a certeza de estar usando o melhor filme, bem como uma base segura para apreciar seus próprios progressos na arte fotográfica. Para fotos em prêto e branco, use o filme Verichrome

Pan, quando desejar fotos de contrastes nítidos e contornos bem delineados (como a gente gosta de ver nos retratos, por exemplo). Quando desejar maior variedade nas graduações dos cinzas (foto de uma paisagem, por exemplo), aproveite a sensibilidade do filme Plus-X e, em situações desfavoráveis de luz ou ação, a alta sensibilidade do filme Tri-X. Em qualquer caso, conte com a qualidade Kodak, como fazem milhões de homens, mulheres e adolescentes, no mundo inteiro.

Kodak

Governar um Estado é tarefa difícil para o candidato que sai das urnas e encontra pela frente uma complicada máquina que terá de comandar; por trás, as promessas espalhadas pelo seu caminho; e, por todos os lados, o povo a lançar-lhe o desafio:

E AGORA, GOVERNADOR?

Reportagem de Luiz Fernando Mercadante
Fotos de Luigi Mamprin

O Governador visita uma repartição pública. Os funcionários recebem-no de pé, com o respeito devido; e os mais graduados têm café quentinho e muitas mesuras para lhe oferecer. No lugar de honra, dignamente emoldurada, a fotografia oficial do Governador aguarda o original de carne e osso. O Governador fita-a vagamente, enquanto os chefes de seção se entreolham cúmplices.

— Será que êle vai perceber o vidro trincado bem na altura da gravata?

Na semana seguinte, o Governador visita outra repartição pública. Há a mesma recepção e o mesmo respeito; e igual café quentinho com muitas mesuras. Na parede mais nobre, dignamente emoldurado, espera-o, onipresente, seu retrato oficial. E, enquanto os chefes de seção se entreolham cúmplices, o Governador fita o retrato, distraído.

Distraído, mas nem tanto, pois neste exato momento o Governador descobre o ardil: o retrato, igual a santo de novena, o antecede nas visitas às repartições. É a mesma fotografia, é a mesma moldura e é o mesmo vidro trincado bem na altura da gravata.

Esta história verdadeira aconteceu há três meses no Paraná e nada tem de original. Já ocorreu, com variantes, em Minas Gerais, em São Paulo e na Bahia. E, vez por outra, poderá ser revivida em qualquer Estado. É que, como explicou o motorista que transportou o quadro de uma repartição para outra, "não será por falta de fotografia que a gente vai deixar de homenagear direitinho um homem tão importante".

— Um homem muito importante, que anda num carro com sirene, assina papéis, corta fitas com uma tesoura, mora num palácio e aparece tôda noite no Repórter Esso, é o que eu penso que seja o Governador — escreveu, em composição escolar premiada, a menina Maria de Fátima de Castro Pereira, aluna de um Grupo Escolar da Guanabara.

O ex-Presidente Jânio Quadros, quando Governador de São Paulo, afirmou em frase clássica:

— O Governador é homem menos importante do que pensam. Importante é o cargo, a investidura, o mandato. Pessoalmente o Governador terá importância na medida igual à dignidade que colocar no cargo, na investidura, no mandato.

A letra fria da Constituição diz apenas:

— O Governador exerce o Poder Executivo.

Que estranho poder será êsse, capaz de fascinar tantos candidatos nas vésperas eleitorais? O que pode e o que não pode? Quais os instrumentos que fornece para o seu exercício? Como é que se processa a chamada ação do Executivo? E, finalmente, quais as fôrças que atuam sôbre o mandatário dêsse poder?

O Governador do Paraná, Paulo Pimentel, respondeu a estas quatro perguntas com quatro palavras:

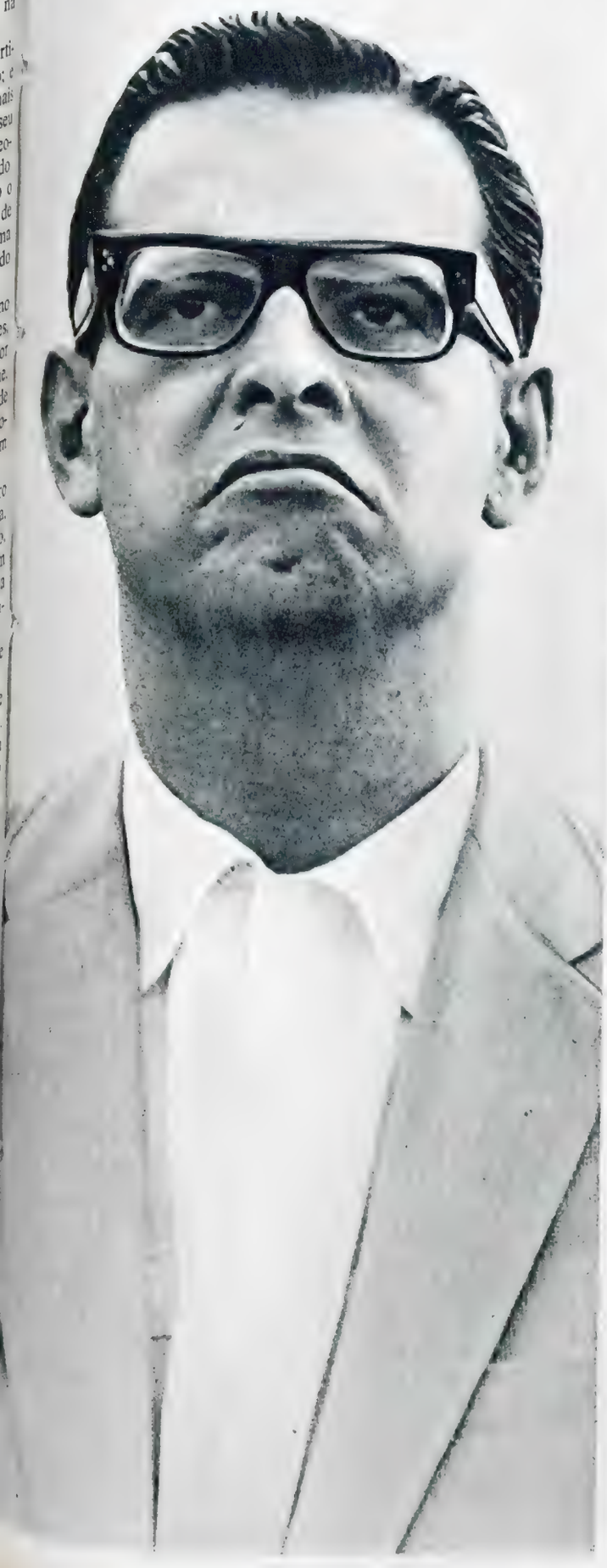
— Venha ver de perto.

A máquina complicada

De perto, o Govêrno é como uma grande e complicada máquina, que recebe os problemas econômicos e sociais do Estado e que deve produzir soluções. No Paraná, essa máquina comandada pelo Governador compreende nove Secretarias de Estado, nove departamentos autônomos, oito autarquias, onze sociedades de economia mista e paraestatais e cinco emprêsas com participação do Estado. O número de servidores públicos é da ordem de 60 mil. Metade dêsse total é formada pelos professôres.

Dentro dêsse complexo que forma o Govêrno do Estado, um verdadeiro cartel de empreendimentos, estão a escola, o hospital, a estrada, a usina elétrica, a água, o esgôto, a promoção da justiça, a Polícia Civil e a Militar, a assistência ao trabalhador e ao menor, o sistema fiscal e o arrecadador, o auxílio à agricultura e à pecuária. Seus interêsses se estendem em tôdas as direções: bancos, companhias de eletricidade, telecomunicações e saneamento; fo-

O ESTADO DO PARANÁ, com uma área de 200 mil quilômetros de terras férteis cercadas e cortadas por rios volumosos, foi desbravado por bandeirantes em busca de ouro e pedras preciosas. Começou a enriquecer, depois, com o comércio do gado: comprava nos campos do Sul e vendia nos mercados de Minas. Floresceu com o aparecimento e a exploração do mate. Cresceu com os pinhos que o conduziram à fase da madeira. E explodiu para o progresso a partir de 1928, quando o loteamento de extensa região do Norte provocou a grande corrida do café que atingiu seu ponto máximo em 1950. A partir de então o Estado passou a ser o primeiro produtor do País e as cidades brotavam da terra vermelha com a mesma facilidade e fôrça do café. Hoje, o crescimento e a diversificação da produção agrícola do Paraná abrem caminho para a industrialização. Sua população de seis milhões de habitantes — a que mais cresce em todo o País — é fruto das maiores correntes migratórias da história do Brasil: só na década de 1950, um milhão e duzentos mil brasileiros se transferiram para lá, somando seu trabalho ao braço nativo e ao imigrante europeu e asiático. Agora, imensa fôrça de recursos, ao lado dêsse potencial de trabalho e mão de obra, exige, mais do que nunca, governos eficientes.



mento agrícola e pecuário; colonização e imigração; institutos biológico e de pesquisas tecnológicas; rodovias, ferrovias, portos e aeroportos; bôlsas de valores, do café e de mercadorias; loteria; companhia de crédito, financiamento e investimento; centro eletrônico de processamento de dados; institutos de polícia técnica, médico legal e de identificação; estabelecimentos penais e serviço de trânsito; teatro, biblioteca e museu; imprensa oficial; fundação de educação; e uma companhia de habitação.

Se o pêso de todos êsses interêsses e a responsabilidade de cada uma dessas peças desabasse, de vez, sôbre o dirigente supremo da imensa máquina, o Govêrno deixaria de ser Govêrno: seria um monstro a engolir e esmagar Governadores. Para não ser triturado pela máquina, o ex-Governador da Guanabara, Carlos Lacerda — para quem "as soluções nacionais devem ser tomadas regionalmente" — aponta a receita que usou no seu Estado:

— Bom senso, sentimento de urgência, capacidade de decisão, faro na escolha dos auxiliares e humildade. É através dos Estados que se salvará a União.

No Itamaraty prêto de estofamento branco e chapa de bronze, que antes das oito atravessa o centro de Curitiba rumo ao Palácio Iguaçu, um môço de 37 anos repete, com palavras suas, a receita de Lacerda e lhe acrescenta nôvo tempêro:

— Diálogo com o povo.

Há seis meses no Govêrno do Estado do Paraná, Paulo Pimentel, que levou para o cargo o dinamismo do seu sucesso de homem de emprêsa, já descobriu que para dirigir a grande máquina é decisivo estar, não à frente, nem atrás, mas ao lado do povo. É êle quem diz:

— O povo tem que ver o Govêrno, sentir o Govêrno, ouvir o Govêrno, falar ao Govêrno, esperar do Govêrno e, sobretudo, ter do Govêrno.

O automóvel vai entrando pelo Centro Cívico, uma grande área onde já estão instalados o Palácio do Govêrno, a Assembléia Legislativa e o Tribunal de Justiça. Para lá, a longo prazo, deverá se transferir tôda a administração pública estadual. O carro evita a entrada principal e estaciona num pátio, onde o polícia militar de serviço numa guarita presta continência com sua metralhadora de mão. A porta discreta, a escada, o elevador e um corredor levam o Governador à sala de trabalho. Um contínuo abre as cortinas. Lá fora há sol, e, ao toque do clarim, as bandeiras do Brasil e do Paraná são hasteadas. Oito horas. O Paraná já acordou faz muito tempo.

Hora de despachar

O Secretário dos Negócios do Govêrno — pasta ligada diretamente ao Governador, espécie de funil por onde passa a montanha de papelada oficial — entra precedido de três pilhas de papéis sobraçadas por auxiliares que combinam a fôrça física ao dom do equilibrismo. A imensa mesa do Governador recebe as pastas com seu recheio de decretos, leis e processos. O Secretário do Govêrno se mexe com facilidade entre os papéis.

— O Secretário Adeodato Volpi — diz o Governador, apresentando-o — foi tabelião durante 31 anos. Papel não o assusta.

Volpi, com 53 anos de idade, é o mais velho dos Secretários de Estado, um grupo de moços cuja idade média não passa dos 40 anos.

Os decretos a assinar são de autoria do Executivo; as leis vêm do Legislativo e a sua iniciativa cabe a qualquer deputado ou Comissão da Assembléia, e ao Governador; os processos são formados por pedidos, requerimentos, propostas e informações, o histórico, o parecer e a documentação que lhes deu origem. Com letra firme, o Governador coloca a data e a assinatura: Curitiba, 20 de julho de 1966, 145.º da Independência e 78.º da República. a) Paulo Pimentel. Um Secretário (ou mais) assina abaixo.

SEGUE

Pela manhã êle luta com as grandes pilhas de papel

GOVERNADOR
CONTINUAÇÃO

Nesta manhã, o Governador assina 72 decretos: quatorze exonerando, doze nomeando, nove transferindo, sete aposentando, seis retificando, cinco abrindo créditos, quatro removendo, três tornando sem efeito, três concedendo pensões, três efetivando, dois revogando, um admitindo, outro demitindo, um transferindo e um declarando de utilidade pública.

Há ainda os despachos, que nesse dia são 60, em que o Governador encaminha processos para estudo, pede parecer, manda redigir decretos e ordena providências. São dez horas e meia quando êle vence a primeira pilha de papel. As duas restantes voltarão depois. Por hoje, está encerrada a parte formal e processual da ação do Govêrno: o diário de bordo está preenchido; é hora de segurar o timão.

Hora de comandar

Girando sua poltrona de espaldar alto para a direita, o Governador tem à mão dois telefones e um terceiro, especial. Êste, o especial, prêto como os outros, é dotado de 20 chaves correspondentes a 20 linhas diretamente ligadas aos gabinetes dos nove secretários de Estado e de 11 colaboradores de alto nível. Acionando uma ou mais chaves, o Governador pode falar com um ou mais membros do Govêrno ao mesmo tempo. É Paulo Pimentel quem conta:

— Já tive oportunidade de promover consultas a todo o Secretariado, a um só tempo, pelo telefone. Êste aparelhinho permite a realização de verdadeiras reuniões telefônicas do Secretariado. E possibilita não só que todos me escutem, mas também que conversem entre si.

Dos outros dois telefones, um é ligado à mesa telefônica do Palácio e o outro é direto. Há ainda, sob a mesa, uma bateria de campainhas para chamar auxiliares imediatos, pedir cafèzinho, avisar o motorista de uma saída próxima. Por um momento, Paulo Pimentel desmancha com um sorriso a austeridade do ambiente:

— Às vêzes tenho vontade de tocar tôdas as campainhas a um só tempo para ver o que acontece. Mas resisto à idéia. E é bem possível que não aconteça nada.

Pelo telefone especial o Governador chama o Secretário da Educação e Cultura, Lauro Rêgo Barros, e pergunta sôbre providências que pediu por um memorando:

— Tudo certo com a Faculdade de Filosofia de Cornélio Procópio?

Satisfeito com a resposta liga para o Secretário de Viação e Obras:

— Saul, quantos quilômetros de asfalto teremos estendidos até o fim do mês?

Da Viação, passa para a Fazenda:

— Orlando, antes que você siga para a reunião dos Secretários da Fazenda precisamos conversar novamente. Quando você viaja? Então venha almoçar aqui hoje. Um abraço.

Toca, em seguida, para o Trabalho e Assistência. Quem responde é o chefe do Gabinete:

— O Secretário está na Saúde tôda a manhã. Só tem vindo aqui no período da tarde.

— É mesmo — diz o governador. E chama o Gabinete do Secretário da Saúde.

— Moro. Bom dia. Esqueci que você está acumulando a Saúde e liguei para o seu Gabinete. Logo o Paranaguá estará de volta e você vai ficar tranqüilo na sua Pasta. O Volpi me disse há pouco que você precisa da liberação de uma verba. Se não tem compromisso para o almôço apareça que o Orlando almoça comigo e a gente já acerta isso ainda hoje.

No telefone direto o Secretário de Agricultura liga de Londrina:

— Conversei com o pessoal. A insatisfação diante dos preços mínimos continua. Mas a exaltação já foi superada. Eu garanti que o senhor voltaria a falar com o Presidente.

— Está bem, José Teodoro. A esta altura já não se pode fazer muita coisa. Mas o possível ainda será tentado.

Por sua vez, o telefone especial chama com seu toque grave. É o Secretário do Interior e Justiça, José Munhós de Mello, que está recebendo uma comissão de 17 Prefeitos do Sudoeste.

— O senhor os atenderia ainda hoje, Governador?

— É claro que sim.

— A que horas, Governador?

— Às três, Secretário.

Outro toque. Desta vez é o Secretário da Segurança, General Junot Rebello Guimarães, que quer lembrar ao Governador uma cerimônia na Escola de Polícia, onde êle deve comparecer. O Governador agradece e promete estar lá.

Lauro, Saul, Orlando, Moro, Paranaguá, Volpi, José Teodoro, Munhós de Mello e General Junot são, possìvelmente, os nomes mais familiares no Gabinete do Governador. Secretariam as nove pastas do Estado. Alguns representam compromissos políticos assumidos; outros, como o da Viação, o da Fazenda e o da Saúde, por exemplo, foram escolhidos à margem dêsses compromissos. Saul Raiz, ex-diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, deixou um cargo de dois mil e quinhentos dólares mensais — equivalentes a 5 milhões e meio de cruzeiros — no Banco Mundial para ocupar a Pasta da Viação onde ganha 980 mil cruzeiros. O doutor Danton Fonseca Paranaguá foi arrancado de sua clínica particular que lhe rendia 6 milhões de cruzeiros mensais. Agora trabalha o dôbro e ganha uma sexta parte. Orlando Mayrink de Góes, um carioca que há dez anos trocou a praia pela poeira vermelha do Norte do Paraná, onde começou como contador e acabou fazendo fortuna como comerciante, amigo antigo e íntimo do Governador, deixou os negócios particulares e veio cuidar dos da Fazenda. E com êxito. Engorda dia a dia a arrecadação. De tal maneira que o Governador brinca:

— A explicação para o sucesso do Orlando é simples. Êle só trocou de lugar: antes, estava do lado dos que pagavam impôsto. Agora passou para a cobrança.

O Governador deixa de lado os telefones, aperta uma das campainhas e é atendido por um dos oficiais de gabinete. Pede a agenda para os próximos dias, examina os compromissos assumidos e faz uma anotação qualquer. Durante tôda a manhã êsses oficiais de gabinete e os assistentes são chamados várias vêzes. Êles fazem parte do Gabinete do Governador, um órgão subordinado diretamente ao Chefe do Poder Executivo que tem por finalidade atender aos assuntos da administração geral e particular de necessidade imediata do Governador, e assessorá-lo nos

assuntos civis, militares e técnico-administrativos. O Gabinete compõe-se da Casa Civil, Casa Militar, Secretaria Particular e Assessoria Técnica.

Uma casa civil

A Casa Civil do Governador é composta da Chefia, do Cerimonial e da Mordomia. Além de receber e preparar a correspondência do Govêrno e de executar os serviços administrativos e burocráticos, compete à Casa Civil recepcionar e acompanhar autoridades e visitantes; receber e encaminhar, sob orientação do Governador, as reinvindicações dos Municípios; assessorar o Governador nos assuntos para os quais fôr solicitada; atender e fazer cumprir as ordens e instruções do Governador. Ao Cerimonial, por sua vez, cabe a observância das regras contidas num livreto chamado "Normas do Cerimonial Público e Ordem Geral de Precedência", que fixa as normas protocolares do Govêrno e, de acôrdo com instruções superiores, a tomada das providências para hospedagem de visitantes ao Estado. A Mordomia se encarrega dos serviços domésticos do Palácio, isto é, a conservação e limpeza do prédio, móveis e utensílios; a manutenção dos elevadores; a organização da portaria; os serviços de jardinagem, copa e cozinha; o cuidado com a parte funcional dos serviços telefônicos; e a ornamentação dos salões para as solenidades.

O Chefe da Casa Civil do Govêrno do Paraná é um general. O que pode parecer estranho. Mas o General Ítalo Conti, da Reserva do Exército, Secretário da Segurança no Govêrno anterior, sente-se à vontade no seu terno bem talhado e nas funções que exerce.

— Acho que já ficou bem claro que ser general não é impedimento para exercer funções civis — afirma sorrindo.

Êsses oficiais e assistentes de gabinete recebem, controlam e distribuem os papéis em trânsito, selecionam os que requeiram trânsito rápido e preferencial, prestam informações, transmitem instruções e as executam.

Dona Luísa Bueno Gomm, Chefe do Cerimonial, cresceu num mundo cheio de protocolo. Seu pai era diplomata. Dona Luísa estudou na Europa, aprendeu seis línguas, tirou brevê de pilôto e virou fazendeira no Paraná. Sem nenhum protocolo. Mas, há dois anos, o então Governador Ney Braga devolveu-a ao protocolo nomeando-a para o Cerimonial. Hoje, Dona Luísa tem uma sala no quarto andar do Palácio Iguaçu, onde divide sua atenção entre um "Tratado de Direito Diplomático" e o "Larousse Gastronomique". É ela que prepara o programa para as visitas e solenidades oficiais, manda fazer os convites e os distribui; também é ela que prepara o menu para os almoços e jantares de gala e cuida da distribuição dos lugares à mesa; e ainda é ela que mantém ligação com os sete consulados oficiais e os 11 de representação existentes em Curitiba.

Com cerimônia e sem

A observância das normas protocolares depende mais do Governador que do chefe do Cerimonial. Nunca houve protocolo que resistisse, por exemplo, ao improtocolar ex-Governador Ademar de Barros. Uma ocasião, durante cerimônia em que recebia título de Cidadão Honorário, tomou o discurso escrito das mãos do vereador que se preparava para saudá-lo e desafiou:

— Quero ver é você falar de improviso. Vamos, mêta o peito que eu quero ver.

Quebrar o protocolo, às vêzes, é até simpático. João XXIII, Kennedy e Kruschev faziam-no com propriedade. E até o General De Gaulle, com seus dois metros de altura muito protocolares, volta e meia fura as barreiras do cerimonial. Mas, enfim, êle é o General De Gaulle.

O Governador Paulo Pimentel se mantém quanto possível dentro das normas protocolares. Isto nas ocasiões oficiais. Fora delas, prefere ser simples e informal como foi simples e informal sua infância de garôto arteiro — filho de um dentista de Avaré, interior de São Paulo — dividida entre a bicicleta, o estilingue e os livros do grupo. E é na sua simplicidade e no seu informalismo que êle sai, às vêzes, com dona Ivone, sua bonita mulher, para um passeio de carro no Volks que êle mesmo dirige. Ou, então, estaciona junto a um cinema, compra os ingressos e entra assim que as luzes se apagam, saindo sempre antes que elas se acendam, para evitar ser reconhecido e obrigado a sair da pele de marido e vestir a de Governador. Êle gosta também de reunir alguns casais amigos e promover um jantar e um bom papo num restaurante da cidade. Sempre que pode, brinca e conversa com as quatro filhas: Altair, de 12 anos, Isabel, de nove, Ivone, de sete e Vera Lúcia, de três. Altair está no Ginásio, acha "bárbaro" o pai ser Governador mas prefere que êle "arrume um emprêgo menos puxado". Reclama:

— Êle não pára. Até quando está em casa fica andando de um lado para o outro. Até já ficou doente uma vez de tanto que corre.

Mas o melhor para Altair, Isabel, Ivone e Vera Lúcia são os fins de semana, quando grandes malas brancas saem em direção ao aeroporto, precedidas pela família que, habitualmente, vai passar o domingo na fazenda, em Porecatu, Norte do Paraná.

Dona Ivone a primeira dama, cuida de obras assistenciais e ajuda o marido no que pode. Só não gosta de fazer discursos. Mesmo assim os faz quando preciso e tem opinião formada:

— Quanto mais breve, melhor.

SEGUE

Hora de trabalhar, trabalhar. O telefone especial ajuda.

Não dá emprêgo nem vaca leiteira; êle não é mágico

GOVERNADOR
CONTINUAÇÃO

Três vêzes por semana, o Coronel Rui Marcondes, Chefe da Casa Militar, e seus assistentes militares vestem quimonos e dão golpes de judô nos membros da Casa Civil. Não é questão de rivalidade. A Casa Militar está apenas ensinando defesa pessoal à Casa Civil. Para cuidar do físico. E para eventualidades. Mas suas funções são outras.

Ela é composta da Chefia, da Secretaria, da Tesouraria e do Serviço de Transporte e Manutenção. A ela compete providenciar e coordenar as medidas necessárias à guarda e segurança do Governador e do Palácio; movimentar verbas destinadas às despesas do Gabinete do Governador. Compete-lhe ainda informar e assessorar o Governador sôbre assuntos militares, quando solicitada; guardar cautelosamente os documentos sigilosos; preparar as viagens do Governador; providenciar o transporte aéreo para os casos urgentes; e cumprir missões especiais.

"Êste Govêrno anda depressa"

O Chefe da Casa Militar acompanha o Governador em tôdas as saídas oficiais e viagens. O Coronel Rui, da Polícia Militar do Paraná, está contente na função que ocupa, tem 36 anos de idade e 16 de serviço efetivo na sua corporação. Conta com um capitão, assistente militar, dois 1.º-ten. ajudantes de ordens e um 2.º-tenente que acumula as funções de secretário e tesoureiro. Êste é o menos graduado mas é muito importante: o homem do dinheiro.

A segurança do Palácio está entregue a uma Companhia Especial de Fuzileiros: 150 homens comandados por um capitão. O Coronel Rui dispõe de 12 automóveis para atender ao Gabinete do Governador. E cinco aviões: um DC-3, dois bimotores Baron, um bimotor Twin Comanche e um Cessna 185, monomotor. E êle quem conta:

— O Governador prefere o DC-3; o Estado, agora, vai comprar um avião mais veloz. O Rio é longe. Brasília mais ainda. E êste Govêrno anda depressa.

Ainda que ande depressa — Juvenal Ramos, motorista do Governador, gosta de experimentar velocidades altas — Paulo Pimentel dispensou os três batedores motociclistas a que seu cargo dá direito. Não gosta de barulho. Nem de formalidades. Dispensou, desde o comêço, a guarda formada à sua saída e à sua chegada. Mesmo assim, teve que admitir a instalação de uma guarita à entrada da residência particular onde, permanentemente, dois soldados ficam de guarda.

A Secretaria Particular do Gabinete do Governador cuida dos assuntos pessoais do Chefe do Executivo, depois dos contatos mantidos a respeito de assuntos políticos. Redige a correspondência pessoal; recebe, orienta, informa e encaminha pessoas, autoridades e entidades que procuram contato com o Govêrno; e executa ordens diretas do Governador.

Ninguém fica sem resposta

Paulo Pimentel recebe diàriamente cêrca de 50 cartas pessoais. Tôdas são respondidas. Há tempos, veio uma de Mato Grosso, assinada por uma jovem que dizia assim:

— Governador: há vinte anos, desapareceu aqui de casa um irmão nosso com o nome de Paulo Pimentel. Lendo notícias sôbre a sua posse no cargo de Governador do Paraná, tive um pressentimento. Não será o senhor o nosso irmão desaparecido? Eu tinha só cinco anos quando êle desapareceu. Mas lembro-me perfeitamente dêle e até acho, pelas fotografias, o senhor parecido com êle. Responda por favor.

O Governador respondeu:

— Lamento decepcioná-la. Não sou seu irmão. Em todo caso, coloco à sua disposição os meios que você julgar convenientes para encontrá-lo. Meu nome todo é Paulo Cruz Pimentel e sou filho de uma família de Avaré, no interior de São Paulo. Esteja certa que se você não encontrou seu irmão, por outro lado ganhou um amigo.

Há muitas cartas pedindo: terrenos, casas, empregos, vacas leiteiras, dinheiro e tudo o mais, como se o Governador fôsse um mago capaz de prodígios. Evidentemente o Estado não tem meios para atender a êsses pedidos. Mas a Secretaria Particular responde às cartas. Uma a uma.

Até àquela de uma menina que pergunta "o que o Governador acha do Roberto Carlos?" Ao que a resposta não foge do lugar comum:

— Uma brasa, mora!

Ao lado da Secretaria Particular funciona a Assessoria Técnica que executa trabalhos e estudos de acôrdo com ordens e instruções do Governador. Os conhecimentos e especializações dos assessôres são da sua alçada. Êles devem opinar sôbre os assuntos que lhes forem encaminhados. Suas especialidades poderão ser Economia, Planejamento, Municipalismo etc.

O que pode o governador

O Governador pode fazer muitas coisas: sancionar, promulgar e fazer publicar as leis, expedir decretos e regulamentos para sua fiel execução; vetar os projetos de lei; nomear e exonerar os Secretários de Estado e os Prefeitos da Capital e estâncias hidrominerais; prover os cargos públicos; representar o Estado e manter relações com os outros Estados e com o Govêrno Federal; remeter mensagem à Assembléia, na abertura da sessão legislativa, dando conta da situação do Estado e pedindo providências; enviar à Assembléia Legislativa, até o dia 30 de setembro

Hora de comer, comer. Com a família quando é possível.

de cada ano, a proposta do orçamento; celebrar convenções e acordos com a União, os Estados e os Municípios; solicitar a intervenção federal; convocar, extraordinàriamente, a Assembléia; abrir créditos especiais nos casos de urgente necessidade pública; contrair empréstimos com prévia autorização da Assembléia; prestar, anualmente, as contas do exercício anterior ao Legislativo; e prover, em geral, as necessidades da administração do Estado.

Mas o homem que, ao meio-dia, se prepara para almoçar com seus Secretários da Fazenda e do Trabalho, sabe que as coisas que êle realmente pode fazer são as que estão ao alcance de sua mão. Efetivamente, o Governador vive com os olhos presos na balança de dois pratos que avalia o orçamento anual. Os pratos da receita e da despesa devem estar equilibrados. O que o obriga a planejar minuciosamente o orçamento. Os empreendimentos materiais, as grandes obras e tôda a ação administrativa do Govêrno desde a compra de material de escritório até a construção de uma ponte gigantesca, tudo deve estar previsto. O Paraná é hoje — graças à administração do ex-Governador Ney Braga, e a seu crescimento econômico — um Estado sem problemas orçamentários.

Há um ano, o Ministro da Fazenda apontava-o como o único Estado do Brasil em equilíbrio financeiro. A renda do Paraná — produto total das atividades da agricultura, indústria, comércio, serviço etc. — já ultrapassa a casa de 1 trilhão de cruzeiros no ano. E o custo social do Govêrno, apesar dos investimentos, não atinge 10% dessa renda, enquanto há Estados em que êsse custo sobe a mais de 20%. O Estado que há seis anos era deficitário, tinha o pagamento do funcionalismo atrasado três meses e seu Banco com apenas 200 mil cruzeiros em notas maceradas nos cofres, vem, de lá para cá, apresentando superavits orçamentários. Agora paga o funcionalismo até adiantadamente e o Banco do Estado, após recuperar seu prestígio, opera largamente nos setores público e privado. Para que isso acontecesse, bastou o povo colocar no Poder, em 1960, um Govêrno jovem, honesto e empreendedor.

Hoje, há um notável programa de obras em execução que pretende cortar o Paraná com 1.250 quilômetros de estradas asfaltadas, cumprir um ambicioso programa de eletrificação, elevando para 700 mil kw os atuais 300 mil kw; instalar no Estado moderna rêde de telecomunicações; atrair indústrias — Matarazzo já levou duas fábricas para lá; diversificar a produção na região cafeeira; aprimorar a agricultura e a pecuária; ampliar o sistema escolar com a construção de 10 mil novas salas de aula; criar uma Fundação Cultural destinada a incrementar e auxiliar as atividades culturais e artísticas; organizar uma Universidade do Trabalho; aperfeiçoar e expandir a prevenção e a assistência à saúde; aumentar e implantar rêdes de águas e de esgôto.

Hora de ir embora, correr. Êle anda sempre atrasado.

O homem que está almoçando com seus Secretários da Fazenda e do Trabalho será sempre apontado pelos erros que ocasionalmente forem cometidos. Os acertos, logo esquecidos, serão sempre divididos.

Êsse homem, o advogado Paulo Pimentel, que deixou a direção de uma emprêsa de usinagem de açúcar para assumir, em 1961, a Secretaria da Agricultura, de onde saiu candidato ao Govêrno, espera êste ano uma arrecadação da ordem de 400 bilhões de cruzeiros, muito superior à despesa prevista de 200 bilhões. O superavit é aplicado em programas especiais ou passa para o exercício seguinte. 80% dessa arrecadação vêm do Impôsto de Vendas e Consignações; os 20% restantes, de outros impostos e taxas.

Um dos primeiros atos do seu Govêrno foi decretar a isenção do Impôsto de Vendas e Consignações nas vendas diretas de feijão, arroz, batata e leite ao consumidor; a isenção do mesmo impôsto nas exportações de milho; e o pagamento direto às Prefeituras das quotas do Artigo 20 da Constituição Federal, sem intermediários e sem discriminação política. Êsse artigo 20 é o que manda o Estado devolver ao Município 30% do possível excesso que a arrecadação estadual tenha sôbre o total das rendas locais.

Audiências e visitas

Uma e meia da tarde e o Governador está de volta ao Gabinete. Até as duas êle conversa com o jornalista Antônio Brunetti, assessor de imprensa. De manhã, com os cachorrinhos das crianças atropelando suas pernas sob a mesa do café, Paulo Pimentel já passou os olhos pelos jornais de Curitiba. Agora, Brunetti mostra-lhe algumas notícias importantes de jornais do Rio e São Paulo e depois discutem a oportunidade de uma entrevista sôbre a posição do Govêrno diante das cassações.

Às duas horas chega o primeiro visitante. É o prefeito de Apucarana, Saul Guimarães da Costa, que vem expor os problemas do seu Município. Meia hora depois, entra o ator Paulo Autran, para uma visita de cortesia. Autran estava em Curitiba, encenando **Liberdade, Liberdade** no Teatro Guaíra, e em sua visita queria agradecer a cessão do teatro. O Governador não aceitou agradecimentos:

— Eu é que tenho de agradecer sua temporada em Curitiba.

Então, entrou o Secretário do Interior e Justiça com os 17 Prefeitos do Sudoeste e os seus 17 pedidos de auxílio. Depois, vieram os integrantes do Conselho Regional de Desportos a quem o Governador entregou o projeto para a construção de um grande estádio. O Governador pediu-lhes que estudassem o projeto para, se viável, transformá-lo em mensagem e enviá-lo à Assembléia.

Em seguida, apareceram muitos deputados, alguns vereadores, líderes políticos e gente que pedia coisas, muitas coisas, que o Governador fingia que não escutava, ou dizia que não, ou anotava para estudo.

Finalmente, chegaram dois padres e nada pediram, para surprêsa do Governador, que recebeu duas bênçãos em troca de dois apertos de mão.

Já passava de seis e meia quando a espôsa do Governador telefonou para lembrar-lhe que tinha um jantar às nove. Êle disse, então, que já estava saindo. E estava. Mas ficou de pé, atendendo a um, atendendo a outro, mandou um representante à cerimônia da Escola de Polícia. Eram mais de sete e meia quando a espôsa do Governador voltou a telefonar. Êle tornou a dizer que estava saindo. Passavam das oito e meia quando a espôsa do Governador telefonou pela terceira vez. Êle falou para um auxiliar:

— Diga que eu acabei de sair.

Só então saiu.

É por isso que o Governador sempre chega atrasado aos jantares. FIM

Beleza anda de braço com ridículo nos concursos em que môças bonitas, ingênuas e decentes emprestam sua graça a essa coisa sem graça que é correr atrás de sonhos numa passarela onde, diante da multidão, um júri escolhe a

Pobre Menina Miss

Texto de José Carlos Marão

As oito da noite, 40 mil pessoas já estão no Maracanãzinho, pois nada mais importante existe para elas que um concurso de **Miss** Brasil. O ginásio está explodindo em gritaria e aplausos, a cada "miss" que dá a paradinha, o rodopio e manda dois beijos para o público.

De repente, a Polícia resolve entrar também na "passarela". As "misses", assustadas, saem correndo e dando gritinhos desesperados. Os guardas, todos de mais de 1,90 m de altura, lutadores de judô, karatê e outras lutas, são mais velozes. Alcançam as **"misses"** menos espertas, que esperneiam, gritam, mas não adianta nada. Levantadas no ar, indefesas, pequeninhas diante do tamanho dos guardas, são levadas para algum lugar misterioso. O cimento armado do ginásio do Maracanã quase cai, nessa altura, com o volume da vaia que a Polícia recebe.

É o fim tradicional do desfile dos **bonecas,** ou transviados sexuais, que todo ano, em algum pedaço vazio da arquibancada, precede o desfile de verdade, no concurso de **Miss** Brasil. O público gosta muito do desfile dos bonecas, pois todos os 40 mil estão lá sentados desde sete horas. Quem chega depois dessa hora não encontra lugar. Como a **mostra** feminina só começa lá pelas dez da noite, o público se contenta muito bem com uma mostra de qualquer sexo, para passar o tempo.

E gostam muito também dêsse desfile extra os organizadores, pois evita a gritaria de reclamação, que acaba sempre por irritar os delicados responsáveis pelo torneio. Mas, neste ano, em virtude da eficiência dos fortíssimos homens do pelotão especial treinado pelo Capitão Jorge, a reclamação não pôde ser evitada. Às nove e cinco, o povo gritava:

— Co-me-ça! Co-me-ça!

SEGUE

Mulher de bengala mede as misses e ensina desfilar

O desfile dos **bonecas** está longe de ser o único ridículo de um concurso de **Miss** Brasil. Há muitos outros ridículos, que as mocinhas do interior, cobiçadoras da glória de ser rainha, têm de enfrentar, quando chegam ao Rio de Janeiro, depois de já terem passado pelos desfiles em seus Estados.

Na hora em que descem do avião, acompanhadas de suas orgulhosas mamães, encontram logo os **donos** do concurso: organizadores, "guardiãs", instrutoras, cicerones e, entre êsses, um senhor de proeminente barriga, paletó jaquetão e bigodinho à antiga, que, desde a segunda-feira, quando elas chegam, até o sábado do concurso, comanda militarmente e aos gritos tôdas as môças, com exceção das suas preferidas. Com tôda a pose e o ar de dono das **misses,** consegue deixar com mêdo as mais bobinhas. Mas outras, que conseguem entender melhor o homem, não têm muito problema em rir dêle, aos primeiros gritos.

Êsse senhor de jaquetão e bigodinho, dito por si mesmo temível colunista social, é eficientemente auxiliado na sua tarefa de comando por outro membro da comissão organizadora, por nome Arnaldo.

O primeiro trabalho dos dois é conhecer o melhor possível, entre o aeroporto e o hotel, no dia da chegada, as **misses** e acompanhantes:

— Pois, afinal, precisamos saber com quem vamos tratar.

Chegam as **misses** ao hotel e, na porta, já está uma multidão curiosíssima para vê-las. É o primeiro contato delas com os **bonecas,** que, a partir dêsse dia, fazem ponto fixo na porta do hotel, tomando conta de tôda a calçada e espantando os hóspedes, que querem sossêgo.

Lá dentro, os organizadores já estão dando ordens ao pessoal de serviço no hotel, acompanhando o preenchimento das fichas das candidatas (as fichas que podem ler, êles lêem), e acompanhando as candidatas aos seus apartamentos.

Quando as mocinhas e mamães sonhadoras estão instaladas, recebem alguns impressos da comissão organizadora: programa, regulamento do concurso, instruções para o comportamento dentro do hotel e informações — estas só para as acompanhantes — de como bem acompanhar as candidatas a **Miss** Brasil.

O programa, cheio de festas, coquetéis, passeios e coisas que as mocinhas na maioria nunca viram, entusiasma a tôdas, mas só antes de começar a ser cumprido. Lá pelo segundo ou terceiro dia, além do cansaço — que êste ano deixou algumas de cama — já começam a perceber que nas festas estão apenas sendo mostradas para pessoas em que os organizadores têm interêsse, e acaba o entusiasmo pelo programa.

Enquanto isso, no hotel onde elas se hospedam, com paredes rachadas e enormes salões vazios, o pessoal de serviço não está absolutamente contente:

— Essa turma do concurso dá serviço e não dá gorjeta. A gente não pode servir direito os que dão gorjeta e passamos uma semana ruim.

Em duas salinhas sujas e cinzentas, funciona, o ano inteiro, a Comissão Central do Concurso de **Miss** Brasil. O emprêgo é até bom, pois concurso só há uma vez por ano.

Lá, os senhores organizadores preparam os regulamentos, onde exigem das candidatas, entre outras coisas, "reputação moral ilibada". O item 8, sòzinho, exige cinco compromissos da **privilegiada.** O primeiro é cumprir rigorosamente o programa. O segundo é mais sério: não pode fazer propaganda de nenhum produto comercial, a não ser o dos patrocinadores do concurso. Compromete-se também a, caso eleita **Miss** Brasil, assinar um contrato de "prestação de serviços", por seis meses, sem dizer nem com quem, nem que serviços devem ser prestados. Mais um compromisso: se não fôr eleita **Miss** Brasil, não pode participar de nenhum anúncio de produto comercial concorrente do patrocinador do concurso no seu Estado.

E esclarece bem o regulamento: a **miss,** ao embarcar para o Rio, deve levar na mala um vestido de gala e um traje típico. Antes de viajar, elas recebem 200 mil cruzeiros dos organizadores, como "ajuda de custas".

Para as excelentíssimas senhoras acompanhantes, a comissão esclarece que deverão pagar todos os serviços extraordinários (lavanderia por exemplo) pois os organizadores garantem apenas cama e comida. O horário do programa deve ser cumprido e qualquer dúvida pode ser apresentada às guardiãs que, se não souberem resolver, a levarão ao **Bigodinho-Jaquetão,** que resolve tudo.

Bengala faz a marcação

Miss tem que saber desfilar, para não dar vexame. E vão para as mãos de dona Maria Augusta, que tem uma escola de modelos, e há nove anos acompanha o concurso de **Miss** Brasil, ensinando andar, parar e rodopiar. Comanda tudo com uma bengala, e umas batidas no chão:

— A marcação da bengala é a marcação internacional. As môças saem daqui já sabendo desfilar como nos outros países.

Na têrça-feira depois da chegada, há o primeiro contato entre as mocinhas e Maria Augusta, para as medidas. Ela mesma, ou uma sua auxiliar, tira as medidas — busto, cintura, quadris, coxa, tornozelo, altura e pêso — só na presença de senhoras, em lugar onde ninguém mais pode entrar. Nesse dia, as candidatas fazem seu desfilezinho inicial, para Maria Augusta ver qualidades e defeitos.

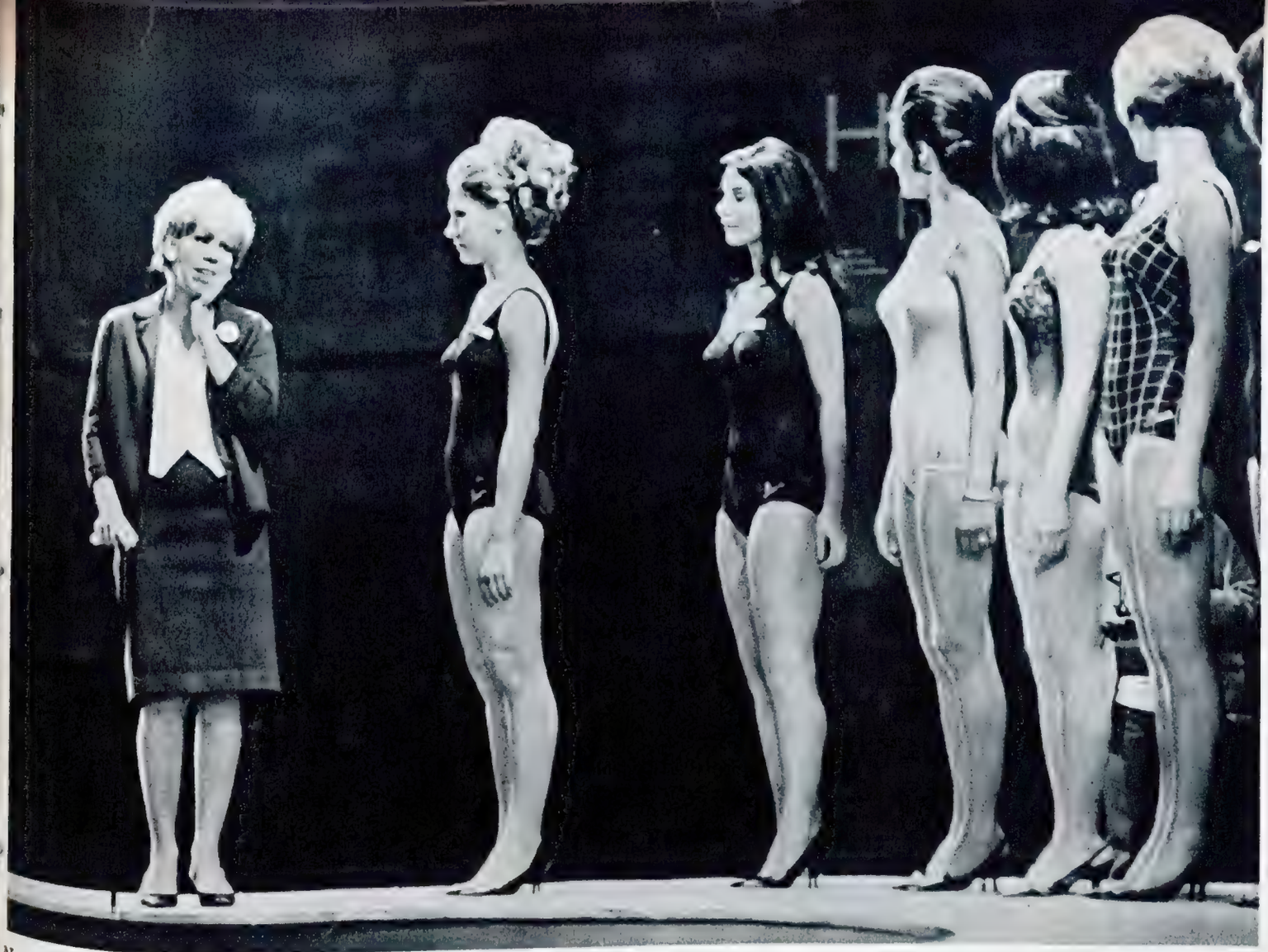
Na quinta-feira, misturados com os coquetéis e visitas, as **misses** têm um ensaio de manhã, outro à noite. Começam a aprender a andar ao som de bengaladas, já no próprio Maracanãzinho. Às vêzes não deixam a imprensa assistir aos **treinos,** porque "as môças estão inibidas".

Na sexta-feira, o ensaio é geral. As mocinhas já aparecem de maiô, como vão desfilar na **contenda** do dia seguinte. Já há público, imprensa e também as **misses** internacionais, chamadas pelos senhores organizadores para desfilar no dia do concurso e entreter assim o ávido público, enquanto as senhoritas brasileiras trocam de roupa.

É o primeiro ensaio, também, para as vaias

Esta é a bengala, que tôda miss obedece

Ver de perto é privilégio de uma minoria



Nem tôdas as môças aprendem a desfilar, como Maria Augusta quer. Na sexta-feira, ensaio geral, quem não aprende desfila errado.

e aplausos, pois a presença dos interessantíssimos **bonecas** e de alguns repórteres tão interessados quanto êles garante uma prévia que, em geral, coincide com o resultado e com as torcidas do dia seguinte.

Duas fora do páreo

Na sexta-feira do ensaio geral, já é feito o primeiro concurso.

De repente, aparece um cidadão, distribuindo papèizinhos em branco para os fotógrafos:

— Olha, é para escolher a **Miss** Fotogenia.

— Já ou depois do ensaio?

— Já.

— Mas como, se eu não sei como elas vão sair nas fotos?

— Ah, que é isso? Coloca qualquer nome aí, rapaz.

Aí, um dêles diz que fulana é fotogênica, os outros acreditam e ela acaba ganhando. Alguns fotógrafos atrapalham um pouquinho a democrática votação:

— Olha companheiro, eu não sei bem em quem votar. Você põe aí o nome que achar melhor. Eu concordo.

A **Miss** Simpatia é eleita na mesma base, com votação um pouco mais ampla. E as duas recebem a faixa durante o ensaio e vão embora, levando a certeza de que não estão entre as favoritas.

Maria Augusta, de muita experiência, diz que é assim. Quando as môças recebem um título antes, já estão fora do páreo.

Miss Brasil quase deu o fora

— Minha filha não recebeu ajuda de ninguém, nem do Govêrno, nem dos organizadores. Além disso, está muito maltratada. O senhor acha que nós estamos aqui para agüentar mau trato?

Na quarta-feira da semana do concurso, a mãe de **Miss** Guanabara, depois eleita **Miss** Brasil, estava falando assim. É que o **Bigodinho-Jaquetão** e o senhor Arnaldo estavam gritando muito. E **Miss** Guanabara ameaçou abandonar o concurso, se o tratamento não melhorasse.

A queixa aconteceu no dia em que as môças têm de posar para as "revistas especializadas em **miss**". Aí são levadas em ônibus para uma praia, convidadas a trocar de roupa atrás de umas pedras, para, depois, tirar as fotos nas mesmas poses em que se vê fotografias de **miss** nas revistas, há dez anos mais ou menos. E ai da môça que se atrasa um pouco. Ouve o que não quer.

Com **Miss** Guanabara, além dos gritos, houve mais um problema: foi a que ficou mais perto das ondas, veio uma das fortes e lá se foi o seu penteado. Na volta, abandonou a "caravana da beleza" (dois ônibus comuns) para fazer penteado nôvo.

O fato é que, no dia seguinte, os jornais concorrentes do jornal que promove o concurso saíram com manchetes aproveitando a ameaça da candidata carioca de se retirar do concurso. E, num dêles, um dos títulos de primeira página era assim: "Homem que beijou **miss** quase leva Ana Cristina a renunciar". Era só o título, a notícia não fazia nenhuma referência a beijos.

A torta de Miss Bahia

Quando chega o sábado, dia do concurso, **misses** e acompanhantes já não se agüentam em pé, de tanto que tiveram de andar, **passear** e mostrar-se. Só não estão muito cansados os organizadores, que podem revezar-se na tarefa de **fiscalizar as môças.**

Na sexta-feira à noite, no ensaio geral, as candidatas desfilaram como se já fôsse o dia do grande concurso. E desfilaram também, sob vaias, as **misses** internacionais, que a organização trouxe, para "dar brilho à grande festa".

As môças estrangeiras ficaram por conta do Arnaldo, auxiliar do **Bigodinho-Jaquetão.** Andou com elas de automóvel para baixo e para cima, pela cidade tôda e a imprensa só conseguia se aproximar quando êle não estava por perto.

SEGUE

Rural?

Um carro com êsse aspecto forte e chamado Rural, só pode ser para trabalho pesado, estrada ruim, serviço no campo. Nem por isso, a Rural tem "alergia" ao asfalto. Até pelo contrário.

A Rural modêlo 4x2 (tração em duas rodas) tem suspensão dianteira independente. Roda firme. E macio. Na estrada de terra ou de asfalto.

A Rural leva muitos passageiros, confortàvelmente, sem escolher caminho. Vai onde fôr preciso. Afinal, nem tôdas as ruas são bem calçadas. Na cidade também há ladeiras, buracos e lama. A Rural sempre passa.

Então, a Rural é rural? É, quando precisa ser. E para ser rural, a Rural tem modêlo com tração nas quatro rodas. Dá o dôbro de tração, o dôbro de segurança, o dôbro de desempenho, — o dôbro de confiança.

RURAL '66

Produto da Willys Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

Bigodinho-Jaquetão gosta é de mostrar autoridade

Arnaldo chegou a tirar a caneta da mão de **Miss** Argentina, que estava dando autógrafo a uns estudantes, para colocá-la dentro do automóvel, e deixá-la lá, esperando um motorista que demorou bastante a aparecer.

Mas o **Bigodinho-Jaquetão** também teve a sua oportunidade de mostrar autoridade às **misses** internacionais. Na sexta-feira do ensaio, **Miss** Argentina e **Miss** Bahia, por fôrça de cumprirem à risca o "muito humano" programa criado pelos organizadores, chegaram para jantar alguns minutos depois das outras.

O **Bigodinho,** muito bravo, começou a correr pelo restaurante do hotel, chamando garçons e mandando as duas comerem depressa. **Miss** Argentina, coitada, acreditou no homem e nem comeu direito. Foi logo para o ônibus que levaria as **misses** para o ensaio. Mas **Miss** Bahia, um pouco mais esperta, tratou de comer o suficiente pelo menos para ter fôrças de ensaiar. Quando terminou, o **Bigodinho** quis fazê-la levantar-se, mas não adiantou. A coisa já tinha virado briga e ela decidiu comer sobremesa. E o **Bigodinho** resolveu então gritar com o garçom, que pagou o pato:

— Oh, seu moleza, quer trazer logo uma torta!

Começa o grande dia

O programa do sábado diz: "manhã e tarde livres para preparação de vestidos, cabeleireiros, manicura etc." Mas de manhã, **miss** nenhuma consegue levantar-se, tentando recuperar o sono perdido nos dias anteriores. As acompanhantes, menos cansadas, vão tratando dos vestidos, dos sapatos e outros pormenores.

À tarde, elas vão aos cabeleireiros, instalados no quarto andar do próprio hotel. Ficam guardadas por duas guardiãs, que não deixam homem nenhum entrar, a não ser o **Bigodinho-Jaquetão,** o Arnaldo, ou algum outro "organizador".

As **misses** deveriam estar no Maracanãzinho às cinco e meia da tarde. Às quatro, o **Bigodinho** anunciava, no quarto andar do hotel, a altos brados, que, desta vez, não ia haver atraso. Quem não estivesse pronta, ia para o ginásio despenteada, descalça, ou como estivesse. O Arnaldo falando mole e mal disfarçando uma certa dificuldade para andar — consequência de um bem regado almôço — não teve participação ativa. Foi apenas capaz de impedir que os fotógrafos entrassem no salão dos cabeleireiros.

Lá pelas seis e quinze, contrariando tôdas as disposições dêsses dois senhores, as **misses** saíram do hotel em um ônibus, as acompanhantes em outro. Chegando ao Maracanãzinho, o porteiro deixou as **misses** entrar, mas implicou bastante com as acompanhantes. E a acompanhante de **Miss** Brasília, que tinha perdido sua identificação, teve de esperar muito tempo, segurando na mão a mala com os vestidos, até aparecer alguém da "comissão" que amansasse o porteiro.

Miss São Paulo sofreu para carregar os prédios na cabeça. Mas dois guardas a ajudaram.

— Maria Helena, quantos anos você tem?

Maria Helena, **Miss** Brasília, não consegue falar. A resposta é uma choradeira. A môça foi acusada de ser menor de idade, pela segunda colocada do concurso, lá em Brasília. Conseguiram até uma sentença judicial, afirmando que a certidão de Maria Helena estava rasurada e que ela tinha 15 e não 18 anos.

No sábado, desceu no Rio de Janeiro a segunda colocada no concurso **Miss** Brasília, disposta a desfilar, esperando a desclassificação da outra. Mas o presidente da comissão, chamado **doutor** Adílson, e seu secretário, chamado **major** Amado, decidiram que seria uma desumanidade impedir a môça de desfilar. Aí, alguns jornalistas, que acreditam na seriedade dos concursos de **miss** e que acompanhavam o caso, comentaram: — Pode ter 15 anos, mas a cara é de 25.

Sôbre irregularidades dêsse tipo e algumas outras, a atriz de televisão Wilza Carla — participante permanente de concursos de fantasia e que, anos atrás, disputou a coroa de **Miss** Guanabara — diz que conhece muitos segredos, pois os juízes das **misses** são quase os mesmos dos concursos de fantasias:

— Êsses homens usam o concurso para conseguir mulheres ou outras coisas. Sei que sou prejudicada, dizendo essas verdades, mas acho que é meu dever.

Wilza Carla previa então que **Miss** Guanabara não ia ser eleita, porque estava descobrindo marmeladas e ia denunciar tudo. Mas Wilza Carla errou e **Miss** Guanabara virou **Miss** Brasil.

"Tá na hora, plá-plá-plá"

Às oito e meia, o Maracanãzinho lotado, começa uma briga (só de bôca não de tapa) bem na entrada da passarela.

A briga foi assim: os jornalistas sempre consideraram o curralzinho que lhes reservam no meio da passarela como o pior lugar para assistir aos desfiles. Êsse lugar comporta 15 pessoas e recebe normalmente umas 60. Neste ano, os fotógrafos decidiram que os redatores atrapalham muito, na hora de tirar fotos, e conseguiram que um dos "organizadores" proibisse a entrada de quem não tivesse máquina.

Os redatores sempre destestaram assistir dali ao concurso, mas resolveram que, neste ano, só dali teriam boa visão. E começou a briga. Grita daqui, grita dali, vem a Polícia, vêm os organizadores. A Polícia fica esperando a "comissão" decidir, mas os "organizadores" também estão divididos, entre fotógrafos e não-fotógrafos. Por fim, entrou quem quis entrar no curralzinho, jornalista ou não.

Essa briga só deu para divertir o público que estava mais próximo.

SEGUE

Ninguém sabe porque depois as môças querem chorar

Os de longe, não conseguiram perceber tudo o que se passava. Nessa altura, pouco mais de nove horas, a turma começou a gritar, com louvável fôlego, que resistiu até 15 para as dez:

— Tá na hora. Plá-plá-plá. Tá na hora. Plá-plá-plá.

Alguns "organizadores" gritavam junto.

Até que, no fim, entre vaias e aplausos, surgem um ator e uma atriz de televisão. O môço começa a falar em "nata das beldades verde-amarelas" e coisas assim. Aí chega Maria Augusta, com sua bengalinha, dá uma batida no chão, as meninas obedecem prontamente e começa o desfile.

Numa das mesas, um senhor — apesar da cara de conquistador de mocinhas bonitas — lembra, um pouco irônico, a opinião do Arcebispo de Cuiabá, dom Aquino, sôbre concursos de **misses:** "O que é um concurso de beleza, senão a exposição e feira de belos animais, que disputam entre si o prêmio por seus mais belos músculos ou robustez?" Nessa hora o locutor começa a ler as medidas das môças que, com o "traje de gala", desfilam tôdas de uma vez, depois uma por uma. São vaiadas e aplaudidas, intercaladamente, conforme o nome do Estado seja simpático ou não ao público da Guanabara. **Miss** Guanabara, pela beleza e pelo bairrismo, é a mais aplaudida. **Miss** Pernambuco — que não tem culpa de se chamar Raiolândia Castelo Branco — recebe a mais violenta vaia da noite. Mas mantém a classe, agüenta quase até o fim, quando começa a correr e é levada aos camarins nos braços de Maria Augusta.

Miss São Paulo muda o passo

Os homens do concurso, não satisfeitos em fazer as môças desfilar com um vestido enorme, pesado (para martírio das candidatas de Mato Grosso, que operou o pé; do Espírito Santo, com o dedão do pé inchado; e de São Paulo, que estava com febre), e depois de maiô, obrigam também as sonhadoras mocinhas a usarem um traje **típico.**

Miss Brasília, a dos prováveis 15 anos, entrou carregando flôres por todo o corpo. **Miss** Minas Gerais estava fantasiada de "esmeraldas e ouro": uma roupa curtinha, tipo maiô, coberta de placas verdes com uma bolinha amarela no centro. Outras carregavam cestas de flôres, generosamente distribuídas, para conseguir um pouco mais de torcida. A **Miss** São Paulo não conseguiu desfilar no mesmo passo que as outras: estava com macacão estilizado de operário, mas carregando na cabeça uma peneira enorme, com maquetas de prédios em cima. Depois que desfilou, foram necessários dois policiais para carregar a peneira com os prédios.

Os trajes **típicos** são criados por costureiros, criadores de fantasias de carnaval. Mas como por traje **típico** entende-se, normalmente, traje que se usa na região onde foi eleita a **miss,** muita gente pode ter saído do Maracanãzinho pensando que as môças de São Paulo vão trabalhar com prédio na cabeça e que as senhoritas sergipanas, nos seus passeios, carregam uma tôrre de petróleo embaixo do braço.

E tudo vai começar outra vez

Das 26 mocinhas simples, de respeitosas famílias do interior ou das capitais, que estão ali sonhando com a glória de ser a mais bonita, oito ganham o apelido de **finalistas.** As outras 18, tristíssimas, são obrigadas a ficar ali, em pé, curtindo mágoa e assistindo à glória das escolhidas. É quando já sabe que não vai mesmo ganhar que a **miss** sente todo o cansaço da "agradável semana da beleza", como dizem os senhores que cuidam do concurso.

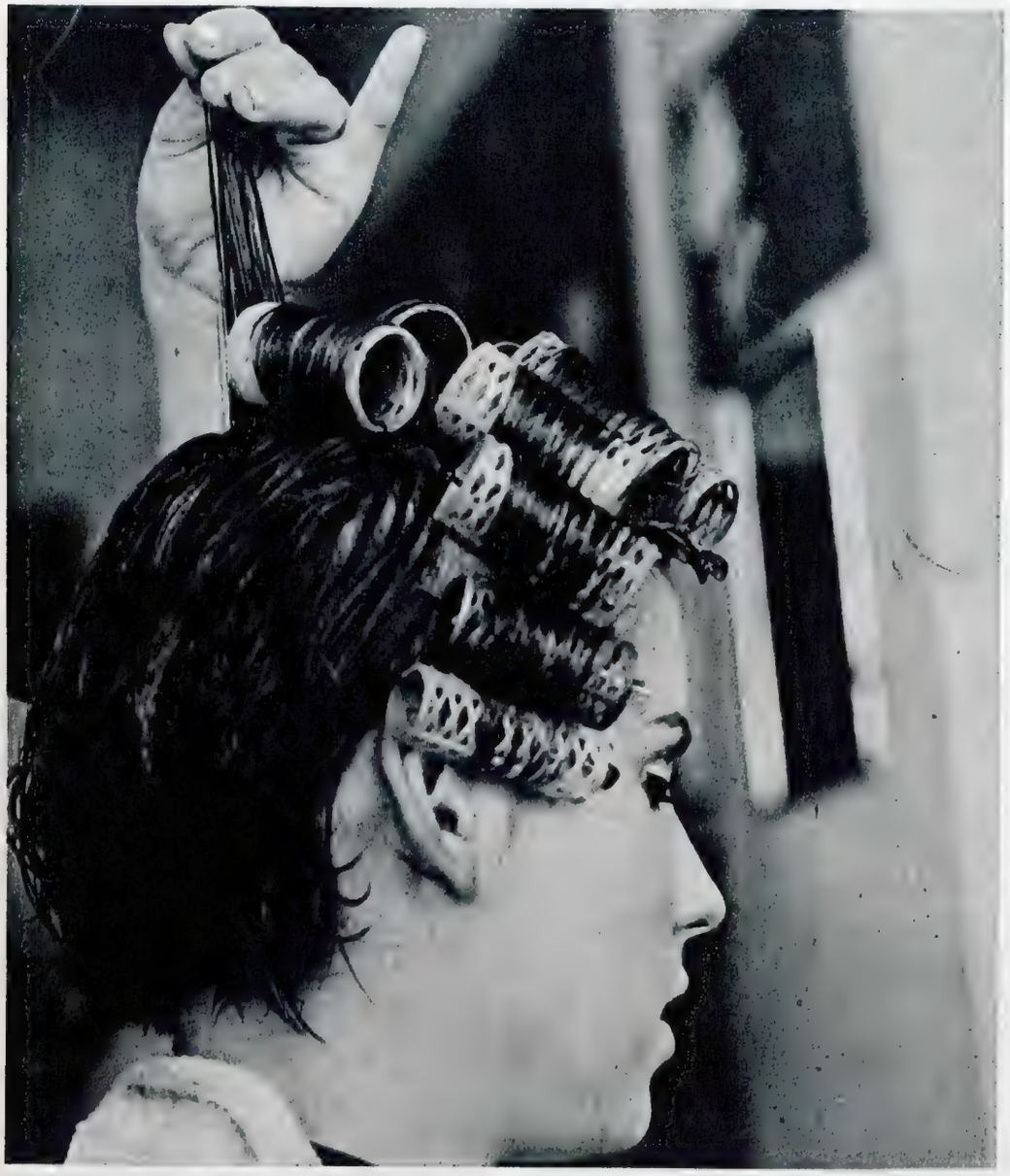
Antes dos jurados chamarem as oito do fim, tôdas as môças são obrigadas a cantar, em côro, uma música chamada **Hino das Misses.** Mas tôdas desafinam e o que salva é o disco, tocado de fundo, prevendo mesmo as desafinações. Só que o artista-apresentador leva o microfone pertinho de cada **miss,** para que se perceba como desafina cada uma delas.

Maria Augusta não entende os desmaios, depois de anunciadas as finalistas:

— As môças querem chorar depois do concurso. Não sei por quê.

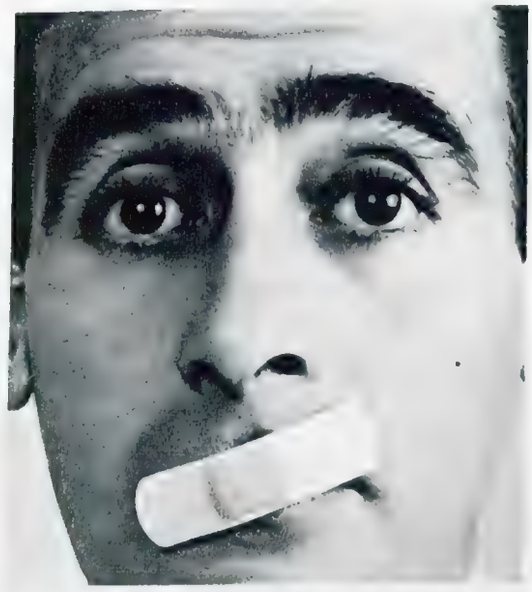
Mas as môças sabem: querem chorar todos os ensaios, todos os desfiles por que passaram desde que foram candidatas a rainha de beleza do seu Estado, até a exibição final, no Maracanãzinho.

O fim é rápido. Os alto-falantes anunciam o nome da **Miss** Brasil e os das segunda e terceira colocadas. Depois, **Miss** Brasil é levada para os estúdios das revistas especializadas instalados no próprio Maracanãzinho. A festa acabou-se; às derrotadas resta ouvir os estouros do champanha que não vão beber; com as três vencedoras fica a certeza de que tudo vai recomeçar, em outros lugares do mundo, onde locutores dirão em inglês — e em polegadas — quanto mede cada parte dos seus corpos. FIM



Depois de oito dias de mostrar-se, mal dormir e mal comer, a "glória" de ser a mais bonita.

A última palavra já foi dita:



Em matéria de qualidade e perfeição, fazemos questão de dizer a última palavra. Bem entendido, a última palavra segundo o avanço técnico-científico da época.

Veja-se, por exemplo, o nosso primeiro Curativo Band-Aid* lançado em 1934. Naquela época representou uma verdadeira revolução em matéria de curativos já prontos. Era, então, a última palavra no assunto. Entretanto, deixaria muito a desejar se comparado com o atual Curativo Transparente Band-Aid*, quase invisível e de uma eficácia excepcional.

Isto se deve às nossas pesquisas, testes e aperfeiçoamentos, que continuam, à medida que a ciência e a técnica avançam.

O que é válido para o Curativo Transparente Band-Aid*, também se aplica a todos os produtos de nossas diversas linhas: Cirúrgica, Hospitalar, Farmacêutica, Dental, Pronto Socôrro, Proteção Higiênica e Industrial.

Êles serão sempre a última palavra, em seus diversos campos de aplicação.

*Marca Reg.

Johnson & Johnson

e agora, mora! a onda máxima é Monareta

É brasa nos States. É a onda firme das turmas suecas. Genial foi na Inglaterra: teve gente que foi casar de Monareta... êle de fraque... ela com grinalda e tudo. Na França, na Itália... barra limpa no mundo inteiro! Agora no Brasil também, o bom é esnobar com a Monareta. É o bom pr'a deixar os brotos gamados. É o bom p'ra botar uma banca legal. É o bom p'ra passear com a turma. Quem está por dentro só vai de Monareta. É a onda máxima, mora!

VOCÊ MESMO REGULA O TAMANHO DA MONARETA, MORA! O selim você levanta e abaixa como quiser. O guidão você inclina, abaixa ou levanta à vontade. Monareta é diferente: um tamanho só para gente de todos os tamanhos. Genial!

MONARETA É CHEIA DE BOSSA Veja que linhas: um estouro! As côres são bacanérrimas. Monareta tem bôlsas geminadas: cabem discos, livros, roupas. O bagageiro é p'ra dar carona p'ra turma. Dá até p'ra levar a vitrolinha. É uma lenha!

ATENTE PARA O DETALHE: MONARETA TEM MINI-RODAS. As mini-rodas são o máximo. Correm quanto você quiser... rodando na maciota... naquela base! Graças às mini-rodas, é só virar o guidão, abaixar o selim e a Monareta cabe até dentro do Volks. Que brasa!

ATENÇÃO, PAPAI! ATENÇÃO, MAMÃE! Meninos e meninas dos 3 aos 7 anos também podem mandar sua brasinha. Tem um modêlo especial, que cresce com êles. E ajuda a crescer. As velinhas do bôlo vão aumentando? A Monareta também. É economia legal, mora!

Uma brasa lançada pela
Monark
a bicicleta
do
Rei Pelé
Reclam

energia que promove a cultura

90% dos livros editados no país são impressos na região Rio-São Paulo

A região Rio-São Paulo tem sido o centro de irradiação da cultura do Brasil, neste século. Nove em cada dez livros que se editam no país são impressos nas oficinas gráficas instaladas nessa reduzida mas poderosa faixa de nosso território, servida pela energia elétrica da LIGHT. Os jornais cariocas e paulistas alcançam 65 % das tiragens da imprensa brasileira e são cariocas e paulistas 92 % das nossas revistas, assim como estão no Rio e em São Paulo 68 % dos teatros brasileiros e 80 % das produtoras cinematográficas.

A LIGHT — que se orgulha de ter contribuído para promover, com sua energia, a disseminação do saber, da arte e da informação — está ampliando ainda mais sua participação no desenvolvimento da cultura brasileira: desde 1965 e até 1970, ela está investindo 100 bilhões de cruzeiros por ano, na expansão de seu sistema de transmissão, transformação e distribuição de energia.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

Charles De Gaulle, herói da resistência ao nazismo e Presidente da República Francesa há oito anos, acaba de deixar Moscou, onde teve triunfal acolhida. Isso depois de abandonar a OTAN e de pedir aos americanos que retirem suas tropas do território da França. Êle é um homem silencioso quase sempre, bom orador quando quer e o único político que fêz a II Grande Guerra e continua em ação. Hoje, sòzinho, De Gaulle enfrenta tudo e todos, em nome de seu País.

Um homem contra o Mundo

Texto de Alessandro Porro

Paris, 27 de agôsto de 1944. À frente da catedral de Notre Dame, tanques blindados formam guarda de honra. Festeja-se a libertação da capital francesa. Na praça, aguardando o herói, a multidão agita lenços brancos. Na igreja, estão as autoridades e os comandantes da grande jornada: homens e mulheres da Resistência que ajudaram os Aliados a expulsar os alemães da cidade.

De repente, ao meio-dia, é o delírio. Quem consegue conter as lágrimas canta a Marselhesa: chegara o herói, Charles De Gaulle. Levantando os braços, também cantando, o General caminha lentamente em direção à porta da igreja. Um repórter da BBC de Londres, de microfone na mão, acompanha-o e grava seu canto. E então a fita magnética começa a registrar o crepitar de uma metralhadora: alguns nazistas que não conseguiram fugir, escondidos em cima de um telhado, atiram desesperadamente. A multidão se aterroriza e por um momento faz silêncio. Só De Gaulle continua cantando, e cantando entra na catedral.

Há mais nazistas, escondidos atrás do altar. Outros tiros, correria, gente buscando a proteção das colunas ou dos bancos. Mas De Gaulle continua avançando, impassível, surdo aos tiros e aos gritos. Num instante, os nazistas estão dominados pelos soldados franceses. O órgão começa o **Te Deum,** enquanto De Gaulle chama seu ajudante-de-campo e, num murmúrio severo, pergunta: "Não se podia evitar essa barulheira tôda?".

SEGUE

O môço que escrevia peças virou ator no palco do mundo

À esquerda, Churchill e De Gaulle. No co-
mêço êles se deram bem; depois brigaram.
Acima, encontro com Stalin, em Moscou.

1944, *Libertação de Paris*: *De Gaulle passa as tropas em revista.*

Este é Charles De Gaulle. O enigmático, o imprevisível De Gaulle, de quem diziam seus três irmãos, quando meninos: "Charles, sem dúvida, nasceu numa geladeira", tal sua frieza, sua impassividade. Hoje, muita gente diz que De Gaulle não é bastante frio para o papel que desempenha na Europa. Ao contrário — dizem os críticos — é um temperamental que ameaça o que de bom foi feito no Velho Mundo, nos 20 anos que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial. Frio, ou temperamental? Político lúcido e conseqüente, ou homem ambicioso e arrogante?

Uma vez Charles De Gaulle escreveu a respeito de Napoleão: "Em presença duma carreira tão prodigiosa, o juiz fica dividido entre a condenação e o entusiasmo." E isto é também o que se afirma sôbre o próprio Presidente da França.

Primeira Vitória: versos

Charles De Gaulle nasceu em Lille, na região de Flandre, a 22 de novembro de 1890. E começou a ser alguém ainda bem longe das armas quando — aos 16 anos — escreveu uma peça de teatro em versos. Nunca foi representada, embora a mãe do rapaz, Jeanne Maillot, e o pai, Coronel Henri De Gaulle, tenham gostado muito da obra. Como o Coronel era tesoureiro de uma Associação Militar, seus companheiros também acabaram lendo a peça e até a premiaram com um diploma.

Em 1909, Charles De Gaulle entrou para a Academia Militar de Saint-Cyr e os colegas logo se dividem: uns julgam-no inteligente e sonhador; outros, cruel e calculista. Mais quatro anos, já tenente, De Gaulle é destacado para o 33.º Regimento de Infantaria, em Arras, onde, logo no primeiro dia, briga com o comandante e com o sargento de plantão, a quem pune com cinco dias de prisão: o sargento não usava as luvas brancas regulamentares. Ao comandante, reclama: não há disciplina no quartel. De Gaulle quer autorização para aplicar com firmeza os artigos do regulamento, que conhece de cor. O comandante é um coronel, Philippe Petain. Olha para o jovem tenente, e diz: "Muito bem, precisamos de disciplina: mas não exagere."

Quarenta anos mais tarde, De Gaulle será o grande acusador no processo contra Petain, que acabaria condenado por ter feito o jôgo dos nazistas na França, durante a ocupação.

Tenente muito alto não foge

1914, Primeira Grande Guerra. O Tenente De Gaulle parte para o fronte. Um dia está com dois oficiais, na linha de frente, e ouve o silvo de um obus lançado pelos alemães. Os outros dois se jogam no chão, De Gaulle continua em pé. Quando o perigo passa e os dois se levantam, o Tenente pergunta: "Os senhores ficaram com mêdo?"

Em 1916, o jovem oficial, é ferido e aprisionado, num combate em que morrem 90 por cento dos homens de seu pelotão. Tenta várias vêzes fugir, mas sua altura (1,83 m) sempre atrapalha. Dizem dêle os outros prisioneiros da Fortaleza de Ongolstadt, depois da terceira tentativa de fuga: "Tem a mentalidade de um rei no exílio." Mas ninguém brinca em sua presença, ninguém pensa desrespeitá-lo ou sequer convidá-lo para um jôgo de baralho.

Quando acaba a guerra, De Gaulle é enviado em missão à Polônia, de onde retorna a Lille, dois anos mais tarde. Está com 31 anos. Em sua cidade natal conhece Yvonne Vendroux. **Mademoiselle** Yvonne tem 20 anos, é sorridente e mal chega, de salto alto, ao ombro de Charles De Gaulle. No dia da apresentação, o vestido de Yvonne é rosa pálido, muito bonito. Mas o Capitão (a promoção fôra em 1918), talvez emocionado, deixa cair sua xícara de café no vestido da môça. Pouco depois, é o noivado; mais um ano, o casamento.

Hoje Yvonne De Gaulle tem 66 anos e é a única pessoa que fala com o General chamando-o de **você**. E é também a única pessoa em quem De Gaulle tem tôda confiança: o testamento político e todos os papéis do arquivo secreto do marido estão sob sua guarda. Só ela sabe a quem entregar os documentos, se Charles morrer.

Um general faz frases

Yvonne De Gaulle é quem comanda as recepções oficiais no palácio presidencial. O aspecto austero do marido às vêzes intimida um pouco os hóspedes. E o General não é homem de animar festa alguma.

Para se ter idéia do tipo de conversa de De Gaulle, basta lembrar o diálogo com Jacqueline Kennedy, durante um banquete que o General ofereceu ao então presidente norte-americano:

— O senhor sabe, General — disse Jacqueline — que minha família é de origem francesa.

— Não diga — respondeu De Gaulle — a minha também.

Mais tarde, durante o mesmo banquete, Jacqueline Kennedy perguntou a De Gaulle:

— O senhor que já conheceu em sua vida tantas pessoas interessantes e famosas, qual achou mais dotada de humor?

E De Gaulle, sem sequer pensar:

— Stálin, minha senhora.

Com seus conselheiros, com seus ministros, De Gaulle fala pouco. Mas são famosas suas reprimendas. Conta-se que certa vez, achando que Jean Dejean, Comissário dos Negócios Exteriores, não era bastante ativo, mandou chamá-lo e o criticou. O comissário tentou defender-se:

— O senhor não pode dizer isto de mim. Afinal de contas, sou patriota e francês como o senhor.

Calmo, De Gaulle começou a falar lentamente:

— Eu sei, o senhor é bom patriota. Eu sei, o senhor é tão bom francês quanto eu.

Uma pausa, e depois aos gritos:

— Mas eu sei também que a partir dêste momento o senhor não é mais Comissário dos Negócios Exteriores!

Na TV o grande orador

No rádio e na televisão, De Gaulle torna-se o grande orador. Êle mesmo escreve os discursos. Num francês um pouco clássico, surgem obras-primas de oratória.

Charles e Yvonne De Gaulle. Hoje, o General só confia na espôsa. É ela quem guarda os papéis secretos do Presidente francês.

Êle ama o poder, ama a França, ama o perigo e se ama muit

Na noite de uma crise na Argélia, os ministros achavam que só um discurso do General poderia salvar a situação. E todos lhe pediram que se apressasse.

— Senhores, meu discurso ainda não está pronto.

— Mas, General, a cada minuto que passa a situação se complica — insistem os ministros.

E De Gaulle estoura:

— Então os senhores acham que porque a situação é grave eu vou fazer um mau discurso?

O dia em que êle fugiu

Foi a 18 de junho de 1940, que De Gaulle começou a dominar os microfones, falando pela BBC de Londres. No dia anterior, tinha deixado a França para exilar-se na Inglaterra. Não pudera aceitar o armistício que o velho Marechal Petain queria pedir aos alemães, e, rebelando-se, colocou-se à disposição de Churchill, para continuar, com o Exército Francês de Libertação, a guerra contra o nazismo.

E quem era De Gaulle em 1940? Após o casamento, em 1921, tinha passado dois anos na Academia de Saint-Cyr, como professor de História Militar. Depois, foi nomeado para a Escola Superior de Guerra, e de 1925 a 1927 foi ajudante-de-campo de Phillippe Petain, quando auxiliou o Marechal à escrever um tratado sôbre **A França e seu Exército.** (Em 1938, De Gaulle publicou o livro, mas não pôs na capa o nome do Marechal. Petain protestou. De Gaulle respondeu que, tendo dedicado a obra a Petain, considerava resolvido o problema da autoria. A segunda edição, por ordem do Ministro da Guerra, saiu com o nome de Petain na capa, ao lado do de De Gaulle.) Em 1933, veio a promoção a coronel. É considerado o oficial mais preparado do Exército, e quando começa a Guerra (1939) confiam-lhe o comando das fôrças blindadas, na linha de frente. Entre 18 e 30 de maio de 1940 enfrenta os alemães nas batalhas de Laon e d'Abbeville, e consegue para a França as únicas vitórias, nesta fase da Guerra.

Logo depois é chamado a Paris e nomeado Subsecretário da Defesa Nacional, no gabinete de Paul Reynaud. Passam-se nove dias e Reynaud entrega o poder ao Marechal Petain. Mais uma vez, êle e De Gaulle estão juntos. Mas por pouco. Quando Petain anuncia a decisão de pedir armistício aos alemães, De Gaulle vai embora. Diziam os inglêses ao recebê-lo:

— De Gaulle traz consigo a honra da França.

Diziam muitos franceses, que ainda hoje criticam sua atitude de rebeldia:

— De Gaulle deixou a França mergulhada na tragédia, e foi ao encontro da glória.

Winston Churchill, Primeiro-Ministro inglês, recebeu muito bem De Gaulle. Talvez o General fôsse o homem capaz de convencer as fôrças francesas aquarteladas na Inglaterra a continuar a luta contra os alemães. Mas, antes de lhe fornecer armas, navios e aviões (foram os primeiros pedidos de De Gaulle), Churchill lhe pôs à disposição um microfone. Neste dia, 18 de junho de 1940, De Gaulle fêz o primeiro discurso pelo rádio:

"Eu, General De Gaulle, vos pergunto, franceses: a última palavra foi dita? Devemos perder a esperança? A derrota deve ser considerada definitiva? Não! Acreditem em mim: nada está perdido. A França não está sòzinha. Atrás dela temos um vasto Império. Ela pode fazer bloco com o Império Britânico, que controla os mares e continua na luta. Ela pode, como a Inglaterra, utilizar sem limites a imensa indústria dos Estados Unidos. Esta é uma guerra mundial: todos os sofrimentos, todos os erros, todos os atrasos não impedirão — com os meios que existem no universo — que nosso inimigo seja um dia esmagado. Despedaçados hoje por uma fôrça mecânica, nós poderemos ganhar amanhã com uma fôrça mecânica mais possante. O destino do mundo está nisso."

"Quem tem uma arma resista!"

No dia seguinte êle voltava ao microfone da BBC: "Todos os franceses, que ainda têm uma arma, têm o dever absoluto de continuar a resistir." O resultado dêste discurso é imediato. Milhares de soldados e oficiais respon-

À esquerda, De Gaulle e os Kennedy. Ao lado, com Brejnev.

dem ao chamado. E, enquanto a Resistência se organiza na França, De Gaulle cria em Londres um **govêrno francês livre,** que em 28 de junho de 1940 a Inglaterra reconhece.

Em 3 de agôsto o tribunal militar francês (inspirado pelos nazistas) condena De Gaulle à morte. Mas Petain manda suspender a sentença. O velho Marechal diz a um grupo de oficiais: "Proíbo que se diga na minha frente que De Gaulle é traidor. Êle é apenas um orgulhoso."

Durante quatro anos, o General faz sua guerra contra os alemães, nem sempre de acôrdo com a Inglaterra ou com os Estados Unidos. A simpatia do primeiro encontro entre De Gaulle e Churchill durou muito pouco. Logo começaram as crises: o general francês pretende entrar em tudo, e quer participar de operações que nem sempre os inglêses ou os norte-americanos estão dispostos a revelar antes do tempo. Ou então quer intervir em conferências de alto nível, onde nem todos estão de acôrdo em recebê-lo.

"É preciso lembrar a êste De Gaulle que nós também estamos enfrentando uma guerra", desabafa um dia Winston Churchill, em conversa com F.D. Roosevelt.

Hoje, De Gaulle não quer mais os americanos na Europa, nem os inglêses no Mercado Comum Europeu. E há quem diga que a atitude de De Gaulle vem daqueles dias de insegurança e amargura. Quando êle foi para a Argélia, organizar sua frente de resistência aos alemães, queria um documento dos Aliados que o confirmasse como o chefe da França, logo depois da libertação do país. Churchill e Roosevelt recusaram. Mais tarde, êle queria participar da Conferência de Yalta, ao lado dos dois aliados e de Stálin. Talvez Stálin tivesse aceito, mas Roosevelt foi irremovível. De Gaulle estará se vingando agora? É impossível saber. Êle pode também ser realmente, como afirma, por uma **Europa das Pátrias,** isto é, dos nacionalismos: quando era menino e o pai presenteou os quatro filhos com uma coleção de soldadinhos de chumbo de diversas nacionalidades, Charles não fazia questão de brincar sòmente com os soldadinhos franceses?

De Gaulle parece imprevisível, mas no fundo é sempre fiel a si mesmo. Tudo o que fêz, tudo o que faz e tudo o que vai fazer daqui por diante está dito em seus livros mais importantes: **O Fio da Espada** e **As Memórias.**

General com maiúscula

Em 1946, dois anos depois da libertação de Paris, retirou-se para a cidadezinha de Colombey-les-deux-Eglises. Os partidos políticos estavam contra êle, e o General não gosta dos partidos. Mas, mesmo assim, em 1947 êle será o fundador de um partido, o **Rassemblement du Peuple Français,** que não vive muito: 35 dos 120 deputados **gaullistas,** eleitos na lista do RPF em 1951, no ano seguinte votam contra suas diretrizes. De Gaulle fecha seu **Rassemblement** e anuncia aos franceses: "Digo-lhes adeus, e talvez por muito tempo."

Durante três anos êle quase nunca sairá de sua casa de Colombey. Escreve suas **Memórias** em estilo de historiador clássico e faz até ironias ortográficas: põe a palavra **General** com inicial maiúscula, quando fala do General De Gaulle. E com minúscula, quando se refere, por exemplo, a seu inimigo, o General Catroux.

A vez do salvador de pátrias

Em 1958, a França precisa mais uma vez de De Gaulle. O govêrno está em crise e o próprio Presidente, René Coty, acha necessária a intervenção de um **salvador de pátrias.** O único sob medida é Charles De Gaulle. No fundo, ninguém gosta muito dêle: nem os deputados, sabendo que não terão vida fácil; nem os militares de direita, que na Argélia tentam dar um golpe para continuar lutando contra os argelinos. De Gaulle aceita o poder e em 1959 presenteia a França com uma nova Constituição. Os franceses, em troca, o elegem Presidente com 80 por cento dos votos.

Hoje, Charles De Gaulle é novamente Presidente da França, reeleito a 5 de dezembro do ano passado. Mesmo sem obter a maioria esmagadora da primeira vez, conseguiu derrotar o candidato dos socialistas, comunistas e radicais de esquerda.

Oito anos de muito poder

O trabalho do General, desde 1958, foi amplo e inovador em todos os setores. Sem provocar grandes choques, resolveu a questão das colônias, dando a independência não sòmente à Argélia mas a outros 14 países africanos. Graças a De Gaulle, a França ficou livre de uma antiga herança. No campo da economia êle levou o país, de 1959 a 1963, a um aumento de 30 por cento na produção industrial e fêz da França um dos cinco países mais dinâmicos do mundo ocidental. A maior parte das dívidas externas está paga, a reserva de ouro (quase zero, em 1958) é de 5, 4 bilhões de dólares americanos, em 1965.

De Gaulle não é economista. Porém soube escolher como primeiro-ministro, em 1958, o então diretor do Banco Rothschild, Georges Pompidou, considerado agora seu eventual sucessor. Pompidou é a única pessoa que êle chama de "mon cher ami".

Êsses caprichos, e tôda sua ação política sempre levantaram dúvidas, para muitos o General é um mistério. Mas De Gaulle vê tudo claro: êle só quer que a França cumpra seu papel na Europa e no mundo.

Três exemplos bastam para mostrar a atual política externa de De Gaulle:

1) De Gaulle resolveu retirar os soldados franceses da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte — e pediu aos Estados Unidos, sem usar meias palavras, que retirem suas tropas da França o mais depressa possível. A tese do General é a seguinte: a OTAN é um instrumento militar superado. Foi criada quando a URSS ameaçava a Europa. Hoje a política soviética mudou — diz De Gaulle — e a França, saindo da OTAN (pelo menos militarmente, porque ela continua fazendo parte da Aliança Atlântica), pode abrir um diálogo mais amplo e mais pacífico com a União Soviética. (A esta tese, Dean Rusk, Secretário de Estado norte-americano, respondeu na noite de 20 de março, durante um programa de TV em Nova Iorque: "Eu gostaria de saber quem foi que disse ao nosso amigo De Gaulle que a URSS não é mais a de 1949, quando foi criada a OTAN. Embora nesses últimos 17 anos a tensão na Europa tenha diminuído, eu acho ainda cedo para se afirmar que desapareceu a ameaça da Europa Oriental contra a Europa Ocidental.")

2) Segundo De Gaulle: "Os Estados Unidos defendem hoje a Europa com tropas aquarteladas em diversos países. No dia em que tiverem uma grande reserva de foguetes intercontinentais, capazes de alcançar sem dificuldade os objetivos militares soviéticos, então os EUA levarão para sua pátria a linha defensiva, e nos deixarão, de repente, sòzinhos. É por isso que a França tem que providenciar a sua segurança com os próprios esforços." E, assim, De Gaulle mandou explodir sua sexta bomba atômica no atol de Mururoa, no oceano Pacífico, apesar dos protestos de muitos países.

3) Chegando a Moscou, em junho último, disse De Gaulle: "Excluamos os americanos, deixemos de lado os outros europeus, e tratemos entre nós, franceses e soviéticos, da pacificação da Europa." Brejnev respondeu com outra oferta: convocar uma conferência de todos os países europeus para resolver os grandes problemas do continente, principalmente o caso de Berlim e do reconhecimento da Alemanha Oriental por parte de todos. Brejnev queria dizer a De Gaulle que a URSS não lhe reconhecia o título de mandatário da Europa Ocidental. A URSS deseja tratar não sòmente com a França, mas com tôda a Europa. É claro que tanto a proposta de De Gaulle quanto a oferta de Brejnev são difíceis de realizar. A proposta de De Gaulle, excluir os americanos e os outros europeus, é impossível: qual país europeu ocidental, depois desta desconcertante manobra do General, gostaria de ser representado por êle? A 2.ª é impraticável pela ausência dos EUA, prevista pela URSS: SEGUE

"A OTAN é uma sociedade ditada pelas contingências."

As duas Europas: a Ocidental e a Oriental. Na primeira está a OTAN, agora sem a França, enquanto o bloco comunista se alinha no Pacto de Varsóvia, onde a Romênia protesta contra alianças militares e exércitos aquartelados fora de seus próprios países.

Neto de César e filho de Napoleão

Qual país membro da OTAN, por exemplo, sentaria a uma mesa internacional, para tomar decisões que constituem, desde 1945, a preocupação principal da política norte-americana na Europa?

Em Washington não foi dada muita importância às declarações de De Gaulle em Moscou. Os americanos não dão muita importância às viagens de De Gaulle, depois de sua **tournée,** em 1964, pela América Latina. Parecia que o General trazia na mala muitos planos (e muito dinheiro) para fazer desaparecer a influência norte-americana e a Aliança para o Progresso. E os resultados? Foram bem poucos, e todos no terreno cultural. As conseqüências da viagem de De Gaulle à URSS não são muito diferentes. Com uma pequena diferença: enquanto na América Latina De Gaulle chegava com a auréola de herói antinazista, na URSS, apesar da acolhida igualmente entusiástica — êle deve ter-se perguntado o porquê de tantas festas. Pois a edição da Enciclopédia Soviética, de 1952, traz o seguinte verbete: "De Gualle, Charles — Chefe reacionário, político francês, chefe do partido fascista "Rassemblement du Peuple Français", ex-aluno de um colégio de jesuítas, monárquico e clerical, muito ligado à oligarquia financeira francesa, pouco antes da capitulação dos dirigentes franceses diante da Alemanha de Hitler, fugiu para Londres e criou, por ordem de Churchill, a organização da France Libre, cuja missão principal foi a de pôr as fôrças coloniais da França ao serviço do imperialismo e de impedir que um movimento libertador antifascista se desenvolvesse na França ocupada". Esta definição jamais foi corrigida pela Enciclopédia Soviética.

Se a viagem de De Gaulle à URSS não preocupou os americanos, o mesmo não se pode dizer do caso da OTAN. Sem a França, o Pacto do Atlântico perde fôrça e consistência. Além disso a Alemanha pode tornar-se o centro europeu da OTAN, como a grande aliada dos Estados Unidos. E esta aliança servirá sòmente para esfriar ainda mais as relações Moscou-Washington.

De outro lado, o Pacto de Varsóvia (ou seja, a OTAN da Europa Oriental) não pode deixar de assistir com satisfação à crise do bloco militar ocidental. Mesmo num momento crítico para o bloco oriental: se o Ocidente tem De Gaulle, o Oriente tem o romeno Ceausescu, que em 7 de maio dêste ano declarava: "É tempo de abolir os blocos e desmantelar as bases militares no exterior." Como sòmente a URSS tem tropas em outros países da Europa Oriental (principalmente na Hungria, Bulgária e Alemanha Oriental), ficava claro que estava falando com Moscou, embora em junho o primeiro-ministro acrescentasse que a abolição dos blocos e a retirada das tropas estavam condicionadas, é claro, à mesma atitude por parte das fôrças americanas na OTAN.

Os soviéticos não gostariam de nenhum dos pronunciamentos de Ceausescu. Moscou não tem nenhuma vontade de retirar suas tropas dos países-satélites, nem — por mais estranho que pareça — gostariam, atualmente, de um súbito desmantelamento da OTAN. E isso porque, enquanto a Alemanha ficar sob a proteção nuclear da OTAN, não precisará construir uma indústria atômica própria. Se um dia a OTAN não existir mais, Bonn não poderá deixar de pensar em têrmos nucleares e a URSS, a esta altura, não saberá como impedir a Alemanha Ocidental de criar sua fôrça atômica. Outra conseqüência, talvez mais grave, poderá ser no futuro o exemplo "desintegrador" da França ser seguido por outros países, grandes ou pequenos, dos 14 que ainda fazem parte da OTAN. Para evitar êsse perigo, Londres pediu uma declaração coletiva de todos os membros do Pacto, confirmando que a OTAN continuará a mesma, embora sem a França.

A batalha econômica

A atitude de De Gaulle reflete-se também na área do Mercado Comum Europeu, empenhado, durante êste mês, em discutir os problemas da política agrícola dos seis países da Comunidade. Bélgica, Itália e Holanda (três dos membros do MCE, os outros três são França, República Federal da Alemanha e Luxemburgo) estão se perguntando se é justo subvencionar a agricultura francesa (que no ano passado recebeu 276 milhões de dólares) quando De Gaulle, recusando o ingresso da Inglaterra no MCE, impede a integração econômica européia, e, além disso, tenta desintegrar a OTAN. Foi graças ao MCE que a França conseguiu exportar para a China Comunista, em 1965, seus excedentes agrícolas.

A Europa está em crise, dizem por lá. E De Gaulle está bastante satisfeito, dizem em Paris. De resto, para êle, o MCE foi um simples **pacto comercial,** como disse uma vez, e a OTAN uma **sociedade ditada pelas contingências.** Agora êle está fazendo tudo para fechar as duas **firmas** e comandar sòzinho a Europa Ocidental. O velho General não sabe viver sem lutar. FIM

1º festival nacional da criança

DE 8 À 23 DE OUTUBRO
RIO - GUANABARA

criança... A MAIOR RAZÃO PARA V. PARTICIPAR DESTE NOTÁVEL ACONTECIMENTO!

- EVENTO OFICIAL DA SECRETARIA DE TURISMO DO ESTADO DA GUANABARA
- APOIADO PELA FUNDAÇÃO PARQUE DO FLAMENGO

EMPREENDIMENTO E PROMOÇÃO

M. S. A LVES

VISA - PROPAGANDA E PROMOÇÕES LTDA.

GUANABARA: AV. RIO BRANCO, 128 - 6.º - S/ 611 - TEL.: 42-4742 E 22-7211 - RUA ALCINDO GUANABARA, 15 - 6.º - CONJ. 603 TEL.: 42-2202 - SÃO PAULO: R. D. VERIDIANA, 288, - TEL.: 51-4262

SILÊNCIO: ÊLES ESTÃO ABRINDO UM CORAÇÃO

A natureza desta reportagem exige sigilo. Por isso, os nomes dos médicos, das enfermeiras e da paciente são fictícios muito embora a história se baseie em caso real ocorrido em um dos grandes hospitais de São Paulo.

Texto de Narciso Kalili
Fotos de Jorge Butsuem

— Bisturi!

O dr. Campos abriu o corte: da base do pescoço de Cristina, uma garôta de quatro anos e meio, até o fim do osso esterno. Afundou o aço fino várias vêzes, ultrapassando a pele e a camada amarela de gordura. O corte não tinha mais do que dez centímetros. Depois usou o bisturi elétrico, cauterizando e fechando os pequeninos vasos que sangravam, tingindo de vermelho as primeiras toalhas. Costurando a pele da paciente ao lençol, limitando assim a área da operação a um retângulo de 20 por 15 centímetros, o dr. Campos comentava com seus assistentes a notícia que lera nos jornais, aquela manhã:

— Um médico americano usou ontem um coração artificial. Se der certo, será ótimo. Vou dizer ao Professor, depois da operação, para pedir informações.

Os drs. Javier, da Bolívia, e Matsumoto, do Japão, concordaram com um menear de cabeça. A sala ficou silenciosa por alguns minutos e foi possível ouvir até o zumbido da serra elétrica cortando o osso esterno, como uma môsca mais insistente que teimasse em permanecer na sala da cirurgia.

Pelas quatro janelas entrava a luz do meio-dia, iluminando cada um dos cantos da sala. A mesa de operações, no centro, estava sob o enorme refletor e os que se movimentavam na sua extremidade pareciam envoltos num halo fosforescente. As roupas e lençóis, de um cinza lavado, mostravam ainda as dobras feitas pela máquina de esterelização. Um cheiro de desinfetante flutuava no ar.

Sílvio, o médico anestesista, anotou mais uma vez a pressão arterial de Cristina e olhou para o quadro onde eram marcadas as quantidades de sangue perdidas pela paciente. Comparou o número com a pressão, fêz um cálculo relativo ao pêso e altura da menina, abriu o tubo que saía da garrafa de plasma e o sangue começou a pingar lentamente nas veias de Cristina. Depois de verificar a coloração dos olhos da menina, na parte irrigada pelo sangue, voltou a sentar-se. Sílvio era um gordo bondoso, de olhos mansos, os gestos delicados e quase dois metros de altura. Falava pouco e anotava muito em sua tabuleta de escalas. Mexia-se contìnuamente, indo de sua cadeira, colocada junto à parede, até à mesa de operações, fazendo medições e cálculos com dados que obtinha diretamente da paciente ou dos aparelhos. Êle comandava a operação fora do campo de ação, até que o médico da máquina de circulação extracorpórea — que fazia as vêzes de pulmão e coração da paciente durante a intervenção — assumisse o contrôle de tudo. E ainda faltava muito para isso.

Campos, ajudado por Matsumoto, colocou uma peça de metal muito grossa, o **afastador,** na fenda aberta depois de serrado o osso esterno. O afastador foi regulado e fixado ao corpinho de Cristina. As duas partes em que o tórax ficou dividido afastaram-se lentamente, à medida que Campos apertava a rôsca do aparelho. A luz do refletor batia diretamente no orifício que aumentava, descobrindo os pequeninos órgãos da menina. Enquanto executava suas tarefas, Campos virou-se para um dos estagiários, o boliviano Javier, que gostava muito de Pelé:

— Como é, o Servílio vai ou não vai jogar ao lado de Pelé em Londres?

Numa mistura de espanhol e português, Javier respondeu com outra pergunta:

— Você acha que a turma do Rio vai deixá-lo entrar no time? Até em futebol a política de grupos é que manda.

O campo operatório onde trabalhavam Campos, Javier, Matsumoto e Magda — a enfermeira instrumentista — tinha a forma de um enorme J deitado. A cabeça da paciente estava isolada por uma parede de lençóis esterilizados e suspensos por duas hastes de metal, formando o traço superior do J.

Em plano mais elevado, na outra extremidade, uma mesa com gazes e toalhas. Magda trabalhava na base inferior do J, formada pelas mesas de operação e de instrumentos, junto a Campos. SEGUE

A tesoura do médico procur
o caminho do coração

Sob a luz do enorme refletor, a roupa dos médicos parecia fosfor-
cente e os olhos do Professor ainda mais cinzentos e estranh-

O silêncio dominou a sala quando o médico começou a serrar o esterno.

Do outro lado, Matsumoto e Javier: o japonês ajudando diretamente a Campos, o boliviano dissecando a artéria femural — na dobra formada pela ligação da coxa ao abdômen — por onde, mais tarde, entraria o sangue oxigenado, quando a máquina de circulação extracorpórea substituísse o coração e os pulmões de Cristina.

— Tesoura — pediu Campos.

Magda hesitou antes de entregar o instrumento. Estava nervosa e não conseguia se controlar na presença de Campos. Precisava resolver: ou lhe dizia o que sentia, ou então o esquecia. Não podia comprometer seu trabalho por causa de problemas pessoais. Na última operação foi repreendida em voz alta pelo Professor, pois êle tivera que repetir a ordem três vêzes, antes de Magda atender.

Depois de afastar e retirar um pedaço do timo, uma glândula localizada logo atrás do osso externo, muito desenvolvida nas crianças mas que desaparece nos adultos, Campos iniciou a abertura no pericárdio, um saco protetor dentro do qual o coração de Cristina batia compassada mas violentamente. Atento, com a mão firme, Campos ia vencendo a membrana, abrindo-a de alto a baixo. Algumas aderências do músculo ao coração dificultavam a tarefa: qualquer descuido com a tesoura, e haveria hemorragia.

Enquanto Campos abria o pericárdio, Sílvio, o anestesista, falava a Matsumoto:

— O curare faz milagres. Esta menina estava berrando quando chegou. Três minutos depois estava mais calma do que um padre.

O processo de anestesia utilizado por Sílvio, em Cristina, imobilizava os nervos e os músculos, inclusive os pulmões, com uma substância conhecida dos índios brasileiros — o curare. Depois a paciente era obrigada a respirar através de uma bomba pneumática, que impelia e expelia o ar, evitando complicações, pois os pulmões eram forçados a se encher e esvaziar compassadamente, a intervalos certos e regulares. E mais: quando a máquina de circulação extracorpórea substituía os pulmões da paciente, era possível imobilizá-los, parando a bomba pneumática. Usando curare, não eram necessárias, também, grandes quantidades de anestésico, pois bastava pouco para a paciente dormir.

Matsumoto não disse nada depois do comentário de Sílvio sôbre o curare. Êle pouco falava, talvez porque soubesse apenas algumas palavras em português, que misturava constantemente ao castelhano. Trabalhava sem fazer perguntas, executando suas tarefas com perfeição. Estava estagiando há seis meses com o Professor e dentro de outros seis meses regressaria à sua terra, uma pequenina cidade no sul do Japão, conhecendo todos os segredos das operações no coração e não deixando nenhum sôbre a sua vida. Só uma vez êle brincara e sorrira, quando soube do resultado da luta de Eder Jofre no Japão:

— Harada é uma parada, mora!

A um canto da sala, longe do campo operatório, próximo a uma das janelas, três enfermeiras esperavam a entrada de outros médicos para ajudá-los a se vestir. Conversavam num quase sussurro, e a mais jovem dizia para as outras:

— Não agüento mais a madre. Agora ela está implicando com o comprimento dos meus cabelos. Se achar lugar para mim em outro hospital, vou embora. Isso aqui está virando um inferno.

Parou de falar na hora em que a enfermeira de plantão na portaria do Centro Cirúrgico entrou na sala:

— O Professor já começou a operar?

— Não, êle ainda não chegou. Mas a operação já começou.

Ela saiu, andando rápida e silenciosamente pelos corredores vazios, até a portaria, em cuja sala de espera estavam Marta e Carlos, pais de Cristina, a menina de quatro anos e meio que estava sendo operada. A enfermeira deu a informação pela janelinha, em tom impessoal:

— A operação já começou, mas o Professor não está na sala.

Carlos, levantando-se com a espôsa, pediu:

— Por favor, quando o Professor passar por aqui a senhora pode pedir a êle para dar uma palavrinha com a gente?

— Não sei se subirá por aqui. Se subir, dou o recado.

Carlos voltou-se para a espôsa, segurou-lhe as mãos, levando-a novamente para um dos bancos. Sentaram. Ela não chorava e o marido admirava sua coragem:

— Você vai ver. Tudo dará certo e Cristina sairá curada.

Marta apertou mais forte a mão do marido e olhou para o crucifixo na parede. Não fêz nenhuma prece, mas seu pensamento voou para a fazenda, no sul de Santa Catarina, a casa de madeira quente e acolhedora onde Cristina nascera e crescera, sem dar quase nenhum trabalho, vivendo suavemente. Ela chorou pouco enquanto bebê, só reclamando na hora da mamadeira. Marta apenas estranhava o chiado surdo que por vêzes ouvia, nas noites silenciosas, saindo do peitinho de Cristina, do lado do coração. Porém, como a filha dormisse bem e quase nunca chorasse, ela e o marido não se importaram muito, aceitando a explicação de dona Rosa, a tia de Marta:

— É bronquite, minha filha. Não se assuste que isso passa com a idade.

Uma noite, porém, Cristina — que já estava com mais de quatro anos — sentiu-se mal. Desde algum tempo Marta vinha notando que ela não era igual às outras crianças. Tinha uma côr azulada nos lábios e no rosto e se cansava muito mais depressa do que as outras meninas. Depois de uma pequena corrida sentava-se de cócoras, esquecida do mundo, mais azul que antes, respirando com dificuldade. Naquela noite Marta assustou-se, embora a princípio julgasse que Cristina havia apanhado um resfriado mais forte. Como ela não melhorasse depois dos remédios, e o chiado no peito aumentasse sempre, Marta e Carlos decidiram.

— Amanhã vamos à cidade falar com o doutor.

No dia seguinte, quando a enfermeira lhes disse, "é a sua vez", levantaram-se apreensivos, Marta segurando a filha, Carlos sentindo o peito oprimido. O doutor fêz Marta desembrulhar Cristina do cobertor e colocá-la sôbre a cama. O exame foi demorado e o rosto do médico perdeu o sorriso. Depois êle disse palavras desconhecidas, que soaram aos ouvidos de Marta como coisa grave:

— Sua filha tem uma estenose pulmonar, possìvelmente provocada por uma comunicação anormal entre os ventrículos. É a doença azul. Vocês devem levá-la a São Paulo e obter, lá, um diagnóstico mais seguro. Vão depressa que a doença é grave.

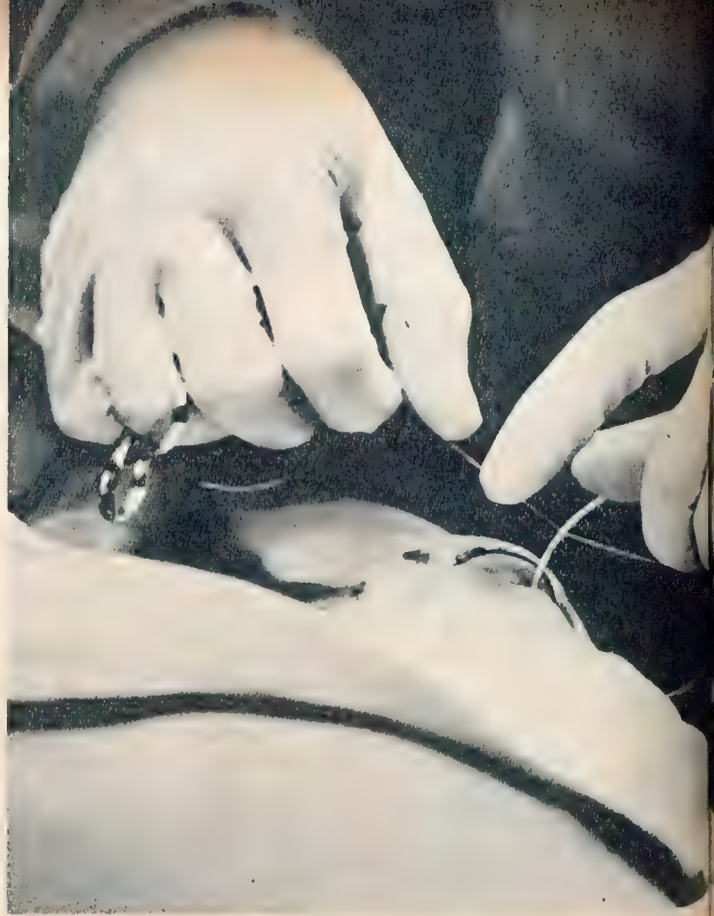
— Mas o que é isso, doutor?

— Vou tentar explicar. O coração é dividido em quatro cavidades, duas superiores e duas inferiores, chamadas respectivamente aurículas e ventrículos. A aurícula e o ventrículo esquerdo têm sangue com oxigênio, o sangue arterial; e a aurícula e ventrículo direitos, sangue com gás carbônico, o sangue venoso. Quando existe uma ligação entre os ventrículos, o sangue arterial mistura-se com o venoso. O corpo humano, para funcionar, queima oxigênio do sangue arterial e elimina o gás carbônico no sangue venoso. Quando o sangue arterial diminui, o paciente vai se envenenando aos poucos, está continuamente cansado, seus orgãos e músculos vão parando e êle fica com essa côr azulada.

Carlos lembrou-se do irmão que morava em São Paulo. Juntou o dinheiro, vendeu o cavalo, a charrete, o gado pouco, hipotecou uma parte da colheita do próximo ano e viajou com mulher e filha. Seu irmão foi recebê-los na estação. Dois dias depois da chegada, levou-os a um médico amigo, para um diagnóstico mais seguro. O doutor repetiu as palavras do médico de Santa Catarina, depois de ter feito um eletrocardiograma — medição dos impulsos do coração através de ondas elétricas. Fêz várias perguntas e deu-lhes um conselho:

— Procurem o Professor. Êle trabalha com sua equipe no Hospital das Clínicas, mas êles não têm muitos leitos e o atendimento chega a levar meses. Há pacientes que morrem na fila, esperando chegar sua vez. Por isso é mais conveniente vocês procurarem o Professor em sua clínica particular. Êle compreenderá a situação financeira de vocês e é capaz de não cobrar nada. O endereço está aqui neste papel.

SEGUE



Na luta contra a morte o professor não sabe perder

Durante a operação, a enfermeira, nervosa, hesitou apenas uma vez.

Quando costura, o Professor tem mãos de hábil e caprichosa costureira.

Carlos fêz o cálculo do dinheiro que possuía, somou o que seu irmão podia emprestar — o total deu 500 mil cruzeiros — e com Marta e Cristina resolveu procurar o Professor em sua clínica particular. Não gastaram nada com os exames preliminares. Carlos ficou impressionado com o volume de perguntas que lhe faziam sôbre sua vida e a de sua filha. Dez dias depois, viram o Professor pela primeira vez. Marta lembrava-se sempre dessa entrevista.

O Professor era homem rijo, de poucas palavras, os cabelos embranquecendo nas têmporas. Seus olhos atrás dos óculos refletiam uma segurança e determinação que Marta jamais vira. Suas mãos finas pareciam ter vida própria. A voz era firme, determinada. O Professor ouviu a história de Cristina, com as mãos cruzadas sôbre a mesa, olhando e fazendo anotações numa ficha que um dos médicos estagiários lhe entregara e onde estava contada a vida clínica de Cristina e as dificuldades econômicas de Carlos. Depois a conclusão veio objetiva:

— Vamos operar logo. O senhor sòmente pagará a hospitalização e a utilização do instrumental cirúrgico. A intervenção não lhe custará nada. Interne sua filha ainda hoje. Apanhe a guia com o dr. Javier. É só.

Depois disso, Marta vira o Professor várias vêzes, nos 15 dias que Cristina passara internada no hospital, aguardando o dia da operação. Soubera muita coisa a seu respeito, não por êle, que quase nunca falava, mas pelas enfermeiras, outros médicos e pacientes já operados. E na sua simplicidade ela comparava o Professor a uma grande e bondosa galinha que reunia seus pintinhos protegendo-os e ensinando-lhes tudo o que sabia. Os pintinhos eram mais de 30 médicos estagiários, cirurgiões especialistas em seus países de origem, na Ásia, África, Europa e América Latina. O Professor não tinha domingos ou feriados. Operava diàriamente três ou quatro pacientes, atendendo a todos a tôda hora. Viajava muito, criando clínicas-escolas em quase tôdas as capitais brasileiras e no exterior. Simples e sério, era respeitado pelos alunos e pacientes como um herói: em seus combates com a morte, raramente perdia.

Nos 15 dias que ficara no hospital, Cristina fêz muitos exames, com nomes complicados que Marta ouvia sem saber exatamente o que queriam dizer. Os médicos que a examinavam utilizavam-se de tudo. Desde o simples estetoscópio para fiscalizar as batidas do coração, até os complicados aparelhos para medir a pressão cardíaca interna. Depois chegara o dia da operação. Médicos e enfermeiras entravam e saíam do quarto de Cristina desde as primeiras horas da manhã, examinando-a e dando-lhe remédios. A papeleta colocada aos pés de sua cama foi se enchendo de anotações e números. Finalmente, ao meio-dia, uma enfermeira carregou Cristina no colo, diretamente para o Centro Cirúrgico. Ela começara a chorar, excitada, mas sossegou com a promessa da mãe de não abandoná-la. Na portaria da seção, Marta ficou na entrada, ouvindo os gritos da filha que se afastava. Depois foram o silêncio e a espera.

Era uma e meia da tarde quando o Professor chegou. Êle se levantara, como em tôdas as manhãs, às seis horas. Depois do banho e uma rápida conversa com a mulher e os dois filhos, tomando o café, dirigira-se ao aeroporto. No táxi, pensava em como interessar seu filho mais nôvo nos estudos — êle estava dando muita atenção ao ié-ié-ié. Também o preocupava a exigência da espôsa: ela o queria em casa nos domingos e feriados.

Interrompeu os pensamentos quando o táxi parou no aeroporto. Às 7h30 estava apanhando o avião da Ponte Aérea para o Rio de Janeiro, onde ia pronunciar conferência, para um grupo de cirurgiões, sôbre as novas técnicas norte-americanas de intervenção cardíaca. Queria estar de volta a São Paulo antes das 12 horas, a tempo de acompanhar desde o início a operação de Cristina, aquela garotinha de Santa Catarina. Mas a reunião começara tarde, o avião custara a descer em São Paulo e êle chegou bem depois do meio-dia. Estava irritado com o atraso.

A caminho do hospital, o Professor lembrou-se de que precisava comer. Iria enfrentar uma longa e exaustiva operação — as intervenções no coração duravam de 3 a 6 horas, em média — e êle teria de usar tôdas as suas energias. O melhor era se alimentar. Entrando no hospital, pensou em voz alta, o bom humor já voltando:

— Não sou mais nenhum brotinho!

Na portaria pediu sanduíche de queijo e suco de laranja. Deixou recado para a enfermeira avisar sua espôsa de que não almoçaria em casa e dirigiu-se para o vestiário, sem nem passar por sua sala. Enquanto trocava de roupa, substituindo o terno pelas calças e blusão de brim branco, rememorou o caso que teria pela frente:

— Tetralogia de Fallot: comunicação interventricular, estenose pulmonar; colocação mais à esquerda da veia aorta e hipertrofia do ventrículo direito. A doença azul.

Comeu seu sanduíche às pressas e saiu da sala pensando na operação. Não reparou no boa tarde que a madre lhe dirigiu, tomou o elevador dos médicos e subiu pelo lado da portaria do Centro Cirúrgico. No corredor, a enfermeira chamou-o:

— Doutor, os pais da menina que está sendo operada querem falar com o senhor. É possível?

Respondeu com um aceno de cabeça e dirigiu-se para a sala de espera. Marta e Carlos levantaram-se quando êle entrou. Os três se olharam durante alguns segundos. Marta não resistiu: segurou a mão do professor e as lágrimas correram-lhe pelos olhos. Era jovem, bonita ainda, 23 anos. A vida, porém, já fizera estragos naquele rosto. O Professor estava com a voz mais terna quando falou:

— Não se preocupe, minha filha. Tudo dará certo. Fiquem tranqüilos que dentro de algumas horas tudo estará terminado. Agora sentem-se e esperem.

Soltou a mão e saiu direto para a sala de operações, a última no fim do corredor do Centro Cirúrgico. Naquele dia reparou nas salas colocadas uma após a outra. Algumas estavam frias e vazias. Outras conservavam, ainda, o calor das batalhas travadas: lençóis manchados de sangue, desarrumação, aparelhos fora do lugar, instrumentos espalhados. Prosseguiu preocupado, quase bateu numa maca em que uma enfermeira transportava um paciente desacordado. Desculpou-se, a enfermeira riu e êle entrou no lavatório dos médicos. Estava vazio. Colocou uma capa de flanela nos sapatos, o gorrinho na cabeça e a máscara de pano no rosto, fixando os óculos no nariz com um pedaço de esparadrapo. Lavou as mãos cuidadosamente, esfregando as unhas e os dedos com uma escova dura. Enxugou-se e entrou na sala. Nos olhos cinzentos havia brilho e decisão.

Brincou com o anestesista ao passar por êle, cumprimentou os estagiários com um aceno de cabeça e acercou-se da bacia onde estava a água destilada com desinfetante. Lavou-se novamente e esperou a enfermeira lhe entregar a toalha esterilizada para enxugar-se. Vestiu o avental cinza, de mangas compridas, forçando os punhos estreitos. Uma das enfermeiras amarrou os cordões do avental às suas costas, enquanto êle passava talco nas mãos e colocava as luvas de borracha. Depois, o Professor cobriu as costas com um avental invertido cujos cordões êle mesmo atou ao peito. Nenhuma parte da roupa que vestia fôra tocada por mãos contaminadas. Estava pronto, caminhou para o campo operatório. O dr. Campos, seu assistente, que até agora dirigira a operação, cedeu-lhe o lugar.

O Professor fêz o reconhecimento do terreno: o pericárdio havia sido todo aberto sem acidentes; a máquina coração-pulmão artificial estava carregada de sangue, já na temperatura normal pronta para entrar em funcionamento; Javier já dissecara a artéria femural por onde entraria o sangue vindo da máquina; Cristina resistia muito bem à fase inicial da operação, sua pressão era normal, e o coração batia ritmicamente.

A verdadeira operação, no centro do coração, ia começar e o Professor pediu:

— Sutura!

Magda deu-lhe agulha e linha prêsas a uma pinça e êle começou a costurar em círculo a parede externa da aurícula direita. SEGUE

O Simca Emi-Sul tem nôvo teto e vidro traseiro mais amplo e é apresentado em novas e fascinantes côres.

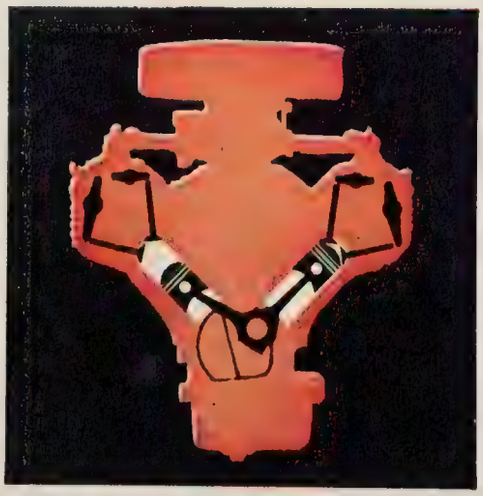
Sinta V. também como é excitante dirigir um carro de classe internacional. Experimente o Simca Emi-Sul V8 130 e 140 HP

CLASSE INTERNACIONAL

O nôvo super-motor Emi-Sul foi especialmente estudado para as condições brasileiras tais como: elevadas temperaturas, constantes variações de altitude e gasolina com características não uniformes. Graças às soluções básicas e radicais introduzidas no nôvo motor, o Emi-Sul:

- *aproveita ao máximo qualquer tipo de gasolina,*
- *jamais esquenta, mesmo trabalhando nas mais elevadas temperaturas.*

O Emi-Sul é um motor de classe internacional. Apresenta um conjunto de aperfeiçoamentos que poucos motores do mundo possuem e é construido com os melhores e mais adequados materiais, o que lhe permite:



- *potência elevada — (130 e 140 HP),*
- *elasticidade excepcional e rápida subida de rotação,*
- *robustez e longa vida.*

O automóvel Simca, cuja estabilidade, freios e durabilidade já eram incomparáveis, agora, com o nôvo motor Emi-Sul, atinge, indubitàvelmente, o nível dos carros de grande classe internacional.

Experimente o nôvo Simca Emi-Sul nos revendedores autorizados.

Emi-Sul — o primeiro motor V8 com câmara de combustão hemisférica fabricado no hemisfério sul.

O coração não bate nas mãos do operador

Agia com perícia e rapidez, enfiando a agulha com a pinça e puxando-a depois que atravessava o tecido delicado do coração, que continuava batendo. Êle sabia que qualquer pressão mais forte romperia a parede cardíaca, provocando hemorragia. O Professor fêz então uma pergunta a Campos:

— Já aplicou a heparina?

Campos disse sim, pois minutos antes do Professor chegar aplicara uma injeção de heparina, diretamente no coração de Cristina, líquido que impede a coagulação do sangue na máquina ou no paciente. Pronta a bôlsa circular, que preparara na aurícula, o Professor fêz um corte seguindo-lhe o diâmetro e atravessou-a com um tubo de plástico. Para impedir que o sangue brotasse violento, Campos puxou as extremidades dos fios com os quais o Professor costurara a bôlsa, fazendo-a franzir-se, para que o tecido aderisse intimamente ao plástico.

— Tubo, pediu o professor.

Foi Matsumoto quem lhe passou o tubo que saía da máquina de circulação extracorpórea, depois de alargar a borda por onde entraria a extremidade do tubo que saía do coração. O Professor uniu os dois tubos e interrompeu a saída do sangue, pinçando o conjunto em dois lugares, com muita fôrça. Enfiou outro tubo, delicada mas firmemente, na veia cava — que sai do coração — procurando por alguns momentos o orifício. Depois ligou o tubo à máquina. A seguir foi a vez da artéria femural.

Tudo pronto, o Professor correu o olhar pelo campo operatório e deu ordens para a circulação artificial começar. Um minuto depois começou a parte mais importante da intervenção.

A sala, agora, estava cheia de médicos, todos da equipe do Professor. Dois estagiários cuidavam da máquina coração-pulmão e outros três acompanhavam todos os seus movimentos, para aprender a técnica de manobrá-la. Quatro médicos, todos estrangeiros, estavam à cabeceira da paciente, não perdendo uma só das ações do Professor. Estavam em cima de pequenos pedestais e, quando aumentava o seu interêsse, debruçavam-se sôbre a mesa de operação quase tocando com a cabeça o refletor de luz. No campo operatório havia quatro homens e uma mulher: de um lado Campos, colado aos lençóis que isolavam a cabeça da menina, um pouco atrás do Professor. Do outro lado, os drs. Javier e Matsumoto. Ao lado do Professor, Magda, a instrumentista. Ela não errara ainda nenhuma vez, atendendo pronta e eficientemente a todos os pedidos. E isso porque já decidira confessar seu amor a Campos.

Campos estava à vontade ao lado do Professor. Era muito mais alto do que êle e, embora fôsse o mais nôvo de todos os assistentes, havia sido escolhido para primeiro-cirurgião, por sua perícia e conhecimentos. Percebia as intenções de Magda e em alguns momentos ficava perturbado. Mas não sentia nada por ela e não poderia aceitar o amor que ela lhe oferecia cada vez que lhe entregava um instrumento. Campos não queria complicações:

— Não posso oferecer nada a essa môça.

— Pinça — pediu o Professor.

Magda passou-lhe uma pinça forte e delicada com o qual o Professor pinçou a aorta, quase em cima da ligação com as coronárias, artérias que alimentam de sangue o coração. Sem sangue, e por isso sem oxigênio — o coração parou de bater. O Professor precisava agir ràpidamente, pois o coração poderia ficar parado, no máximo, 15 minutos, caso contrário entraria em processo de decomposição. Abriu o ventrículo direito com uma tesoura e o sangue surgiu, obrigando-o a usar imediatamente o dreno de sucção. Era ali que iria se processar a parte mais delicada da operação. Começou então a exploração do coração pela nova abertura, apontando para os estagiários as causas da estenose, o estreitamento da passagem que levava o sangue aos pulmões:

— Vejam a válvula pulmonar como está fechada e as paredes do ventrículo como estão hipertrofiadas, grossas.

— Isso está parecendo um bíceps de atleta — brincou Javier.

O Professor olhou-o sèriamente, depois sorriu, dirigindo-se a todos:

— Vamos corrigir tudo isso.

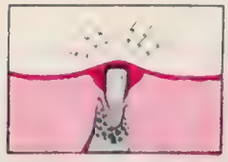
A válvula pulmonar — fazia a ligação entre o ventrículo direito

SEGUE

Todos os dentinhos que vão nascer precisam muito de **NENÊ-DENT**

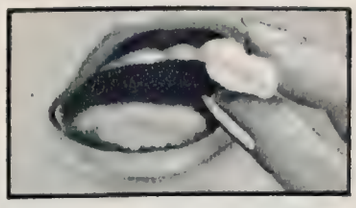
Quando o nenê chora, fica irritado... e não pára de chorar, em 80% dos casos são os dentinhos que estão querendo nascer.

Ao nascer, o dentinho força o tecido, provocando tensão na gengiva.



Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

colábor

Com Nenê-Dent - o nenê fica tranqüilo, não perde o apetite, não tem febre e dorme satisfeito. Pais descansados, Nenê contente... com Nenê-Dent.

NENÊ-DENT

PORTAS para BOX

AMERICANBOX

Máxima perfeição em BOX e PORTAS para BANHEIROS

MODERNO - PRÁTICO DECORATIVO

Exposição e Vendas

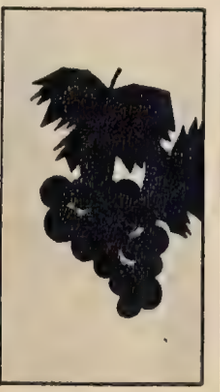
RUA BASILIO DA CUNHA, 1097 - 1101
"AMERICANBOX" - TEL. 63-3368 - SP
(DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL)

Seja um técnico!

Como? É fácil. Matricule-se em um de nossos cursos por correspondência e assegure um futuro rendoso e brilhante.

Sob a orientação e administração de competentes e renomados engenheiros, agrônomos e veterinários, mantemos eficientes e bem organizados cursos de:

- Administração Técnica Agrícola.
- Técnologia Agrícola - (industrialização e conservação dos produtos e sub produtos Agro-Pecuários)
- Bovinocultura - (criação de gado leiteiro, corte e misto)
- Suinocultura - (criação de suinos) - (porcos)
- Fruticultura - (frutas em geral)
- Horticultura - (hortaliças em geral)



- Cunicultura - (criação de coelhos)
- Avicultura - (criação de pintos, frangos para corte, galinha para postura, codorninha, faisão, doenças das aves etc.)
- Apicultura - (Criação de abelhas)
- Médio Veterinária - (doenças dos suinos, bovinos, aves, coelhos, cabras, carneiros, cavalos, jumentos, burros etc.)

Faça como muitos já fizeram! Matricule-se em um de nossos cursos e colha os lucros de seu sucesso.

Solicite-nos folhetos explicativos, enviando-nos Cr$ 160 de sêlos de correio, indicando que curso prefere fazer e em que jornal ou revista encontrou esta nossa mensagem.

Instituto Campineiro de Ensino "Agrícola"

Av. Francisco Glicério, 989 - 5.º and. C. P. 1148 - CAMPINAS - S. Paulo

No fim, o cansaço nos olhos e o beijo nas mãos

e a artéria pulmonar — parecia um pequeno vulcão, com um orifício muito pequeno na extremidade. O Professor precisaria abrir a válvula com três cortes, partindo do orifício, e dividindo-a em partes iguais. Os cortes que deu com a tesoura foram precisos e firmes, seguindo as marcas existentes nas paredes do coração e que mostravam como a válvula se desenvolveria, se não tivesse sofrido uma atrofia na formação.

— Compressa — pediu o Professor.

Enxugou o sangue que inundava o coração e mandou soltar as pinças que prendiam a aorta. O sangue voltou a circular farto e o coração a bater violento. E depois de alguns instantes, batia regularmente. Os médicos esperavam. Mais cinco minutos, o Professor deu ordem para pinçar novamente a aorta. O coração parou e a operação prosseguiu.

— Bisturi.

Magda entregou-lhe o instrumento e êle começou a esculpir as paredes do ventrículo, deixando-as mais finas. Levantava as bordas do músculo, pinçando-as e cortando por baixo com o bisturi. Precisava dar a mesma espessura a tôda a parte hipertrofiada, para que o coração pudesse voltar a bater normalmente. O Professor estava cansado, suava. Trabalhava com muita atenção, pois a posição difícil em que era obrigado a operar complicava a ação. Retirou as pinças da aorta e o sangue voltou ao coração. Tudo certo, tratou de fechar a comunicação interventricular, por onde o sangue venoso se misturava ao arterial e que dava a Cristina, desde que nascera, aquela côr azulada.

Não era possível unir simplesmente as bordas do orifício interventricular, pois as paredes delicadas do coração não resistiriam à pressão do sangue. Era necessário tapar o buraco com uma tela de nailon e por isso o Professor deu 15 pontos em círculo, atando-os, depois, ao resistente tecido de nailon que uniu firmemente às paredes do coração. Testou a emenda enchendo o coração de sangue e, como êle não passasse mais de um lado para o outro começou o fechamento do corte no ventrículo, com fio de nailon. Parecia uma costureira empenhada na emenda de um vestido de gala: todos os pontos tinham o mesmo comprimento e a mesma profundidade. Cada ponto, cada entrada e saída de agulha eram calculados e medidos com precisão.

Uma servente de branco entrou na sala, um balde e um pano na mão, e começou a recolher as gazes ensopadas de sangue, limpando o chão onde havia algumas manchas. Limpava e resmungava:

— Essa Magda é uma chata. Atira tudo no chão. Não tem cesto? Por que ela não usa? É uma chata. Um dia me encho e ela vai ver.

A intervenção, pròpriamente dita, estava concluída. Agora era reconstituir a anatomia da menina, fazendo o processo contrário ao usado para abrir seu tórax. O Professor entregou a paciente ao dr. Campos.

Enquanto o Professor retirava as luvas, o avental, e ia se lavar, o dr. Campos fechava o coração de Cristina. Primeiro retirou os tubos, suspendendo a circulação e respiração através da máquina. Depois fechou os orifícios abertos para a introdução dos tubos, restabelecendo a pressão dentro do coração. Quando começou a costurar o pericárdio, o Professor já seguia em direção à sala de visitas. No fim do corredor, a enfermeira chamou-o:

— Professor, o seu suco de laranja.

Êle parou, olhou-a e respondeu:

— Depois.

E apareceu sorrindo para Marta e Carlos. Não precisou dizer nada, êles entenderam. Marta beijou o braço do marido e correu para o operador, beijando-lhe as mãos. O Professor corou, fêz uma rápida carícia nos cabelos da menina, e depois, refeito da emoção, pôde dizer, como sempre, com voz de vencedor:

— Foi tudo bem. Sua filha está curada.

Se V. vai aplicar milhões num apartamento e sua família vai morar nesse apartamento, V. concordaria com uma "pequena economia" justamente nas fundaçōes?

O custo das fundações representa uma das menores parcelas do custo total da obra. Pois, parece incrível, tem gente que procura sacrificar essa parcela, comprometendo a segurança da construção. Para o seu sossêgo, aconselhamos: antes de fechar negócio, verifique se a responsabilidade pelas fundações foi confiada a uma firma especializada.

fundações ■ infra-estruturas

FRANKI

Avenida R. Branco, 311 - 10.º and. - telefones 22-7630 e 52-6659 - Rio de Janeiro ● Rua Marquês de Itú, 266 5.º andar - telefone 36-3790 - São Paulo ● Pôrto Alegre, Curitiba, B. Horizonte, Brasília, Salvador e Recife.

R

Poemas para Rezar

"Estas preces foram vividas e rezadas antes de serem escritas" — Assim, Michel Quoist apresenta seu livro "Poemas Para Rezar", que já vendeu milhões de exemplares no mundo e mais 100 mil no Brasil, onde foi traduzido pelo dominicano Frei Lucas Moreira Neves e editado pela Livraria Duas Cidades. Trecho de cinco dos poemas-orações aparecem nestas páginas, ilustrados com fotos de Olivier Perroy.

Oração do sacerdote (numa tarde de domingo)

Esta tarde, Senhor, estou sòzinho.
Na igreja, pouco a pouco, os ruídos se calaram,
Foi-se embora tôda a gente,
E eu voltei para casa, passo a passo,
Sòzinho.
Cruzei com gente que voltava de um passeio.
Passei pelo cinema: vomitava uma pequena multidão.
Vaguei ao longo dos terraços de cafés onde, cansados, os passeadores tudo faziam para esticar um pouco mais a alegria de viver de um domingo de festa.
Esbarrei nos guris que jogavam bola na calçada,
Os garotos, Senhor,
Os filhos dos outros, que não serão nunca os meus.
E aqui estou, Senhor,
Sòzinho.
O silêncio me dói, a solidão me oprime.
Tenho 35 anos, Senhor,
Um corpo feito como os outros corpos,
Braços moços para o trabalho,
Um coração reservado para o amor,
Mas tudo isto Te dei.
É verdade que de tudo precisavas,
Tudo Te dei, mas é duro, Senhor,
É duro dar o próprio corpo: êle queria dar-se a outros.
É duro amar tôda gente e não possuir ninguém.
É duro apertar u'a mão sem poder retê-la.
É duro fazer que brote uma afeição, mas para dá-la a Ti
É duro nada ser para si mesmo, a fim de ser tudo para êles.
É duro ser como os outros, entre os outros e ser um outro!
É duro dar sem cessar, sem procurar receber.
É duro ir ao encontro dos outros, sem que jamais alguém venha ao nosso encontro.
É duro sofrer os pecados dos outros, sem poder recusar acolhê-los e carregá-los.
É duro receber os segredos, sem poder compartilhá-los.
É duro arrastar os outros sem cessar e nunca poder, um instante sequer, deixar-se arrastar pelos outros.
É duro sustentar os fracos sem poder apoiar-se sôbre um forte.
É duro estar sòzinho.
Sòzinho diante de todos.
Sòzinho diante do Mundo.
Sòzinho diante do sofrimento, do Pecado, da Morte.
Não estás só, meu Filho,
Estou contigo,
Eu sou tu.
Eu precisava, na verdade, de uma humanidade a mais para continuar Minha Encarnação e Minha Redenção.
Desde tôda a eternidade, eu te escolhi.

SEGUE

Oração no futebol

No Estádio, esta noite
A noite se mexia, povoada de dez mil sombras.
Logo que os refletores tingiram de verde o veludo
imenso gramado,
A noite entoou um coral, alimentado por dez mil
vozes.
É que o mestre-de-cerimônia dera o sinal para
começar o ofício.
A imponente liturgia se desenrolava perfeitamente
em ordem.
A bola branca voava de oficiante para oficiante com
se tudo tivesse sido preparado de antemão,
minuciosamente.
Passava de um para outro, corria pelo gramado
voava por sôbre as cabeças.
Cada um se achava em seu lugar, recebendo-a por
sua vez, com chutes compassados passava-a ao outro
— e o outro lá estava para acolhê-la e dar o passe.
E porque cada qual fazia seu trabalho, no lugar onde
era preciso,
Porque cada qual dava o esfôrço pedido, porque cada
qual sabia que precisava de todos os outros,
Lentamente, mas com segurança, a bola ia avançando.
E, então, após ter recolhido o labor de cada um,
Após ter reunido o coração dos onze jogadores,
O time lançou a bola
E marcou o tento da vitória.
Estou de volta agora, Senhor, vou descansar no
vestiário; amanhã se deres o sinal de saída, jogarei
de nôvo um meio tempo.
E assim cada dia...
Faze que esta partida, celebrada com todos os meus
irmãos, seja a imponente liturgia que Tu de nós
esperas. A fim de que, quando deres o último apito
interrompendo nossas vidas,
Sejamos selecionados para a
Taça do Céu.

Oração de muito obrigado

Obrigado, Senhor, muito obrigado.
Obrigado por todos os presentes que hoje me ofereceste,
Obrigado por tudo quanto vi, escutei, recebi,
Obrigado pela água que me despertou, pelo sabonete perfumado, pelo dentifrício refrescante.
Obrigado pela roupa que me veste, pelas côres que ela tem e pelo talhe que a faz bela.
Obrigado pela noite serena,
Pelas estrêlas. Pelo silêncio.
Obrigado pelo tempo que me deste...
Pela vida. Pela Graça.
Obrigado por estares aqui, Senhor.
Obrigado porque me escutas, me levas a sério, recebes em tuas mãos o feixe de meus dons para oferecê-los ao Pai.
Obrigado, Senhor. Muito obrigado.

Oração dos corpos

Eis, Senhor, nesta noite, os corpos dos homens adormecidos:
Eis o corpo quentinho do frágil bebê, extraído como fruto maduro do corpo da mamãe.
Eis o corpo da criança descuidosa que cai e se levanta, chupando o sangue escarlate.
Eis o corpo do adolescente irrequieto, que não sabe quanto é belo um garôto que cresce.
Eis o corpo da bela espôsa despida para o espôso.
Eis o corpo do homem feito, possante, e ufano de sua fôrça.
Eis o corpo do ancião que suavemente se extingue.
Todos, Senhor, a Ti os ofereço, e Te suplico que os abençoe enquanto vivem em silêncio, envolvidos na Tua noite.
A Ti pertencem, abandonados sob Teu olhar, graças à alma que têm, agora em repouso.

SEGUE

Oração diante de uma nota de mil

Senhor, esta cédula mete-me mêdo.
Entre quantos dedos terá passado, Senhor,
E que fêz ela nestas longas viagens silenciosas?
Ofereceu rosas brancas à noiva radiosa,
Pagou os bolos da festa do batizado, deu de comer ao bebê corado.
Foi ela quem botou o pão na mesa do lar.
Desatou o claro riso dos jovens e a alegria dos mais velhos,
Pagou a consulta do médico salvador,
Deu o livro que instrui o garotinho,
vestiu a donzela
Mas ela também fêz seguir a carta de rompimento.
Pagou, no ventre da mãe, o trucidamento da criança.
Foi ela quem mandou correr o álcool e fêz o bêbado.
Projetou o filme proibido para crianças e gravou o disco asqueroso.
Seduziu o adolescente e fêz do adulto um ladrão.
Por algumas horas, comprou o corpo de uma mulher.
Foi ela quem pagou a arma do crime e as tábuas de um caixão. FIM

TRAJE CRIADO E EXECUTADO POR LINO ANDREOLLA — PÔRTO ALEGRE

não estranhe quando, de repente, V. estiver sendo alvo das maiores atenções... -seu traje em Tergal-lã Guahyba tem muito que ver com isso!

Porque é o melhor Tergal brasileiro: combinação exata da fibra Poliester com a lã mais selecionada do Rio Grande do Sul. Padrões evoluidos, dão presença a quem veste uma roupa em Tergal-Lã Guahyba, nos mais finos ambientes.

Mais um tecido da

CIA. INDUSTRIAL RIO GUAHYBA

Rua México, 175
Pôrto Alegre

Um processo policial comemora êste mês seu segundo aniversário. Nêle estão envolvidos quatro mulheres, muito doce de mamão, algumas feijoadas e doze cadáveres.

DE AGRADO TAMBÉM SE MORRE

Alto de quase dois metros, o investigador Euricão é o homem que cuida de quase todos os crimes de morte que a Polícia de Uberaba, Minas Gerais, tem de resolver. Foi por isso que numa tarde, há dois anos, aquela mulher apareceu na delegacia à sua procura. Tinha 46 anos e queria fazer uma denúncia e uma confissão. Falando sem parar, Maria Eduardo Peixoto Costa contou que uma sua vizinha, usando pó de rato e pó de sapo, tinha envenenado várias pessoas. Ela denunciava os crimes porque o Claudionor, seu marido, sabendo de tudo e temendo que ela também estivesse implicada, a havia abandonado. Queria que a Polícia provasse sua inocência, com o que — Maria estava certa disso — o Claudionor voltaria.

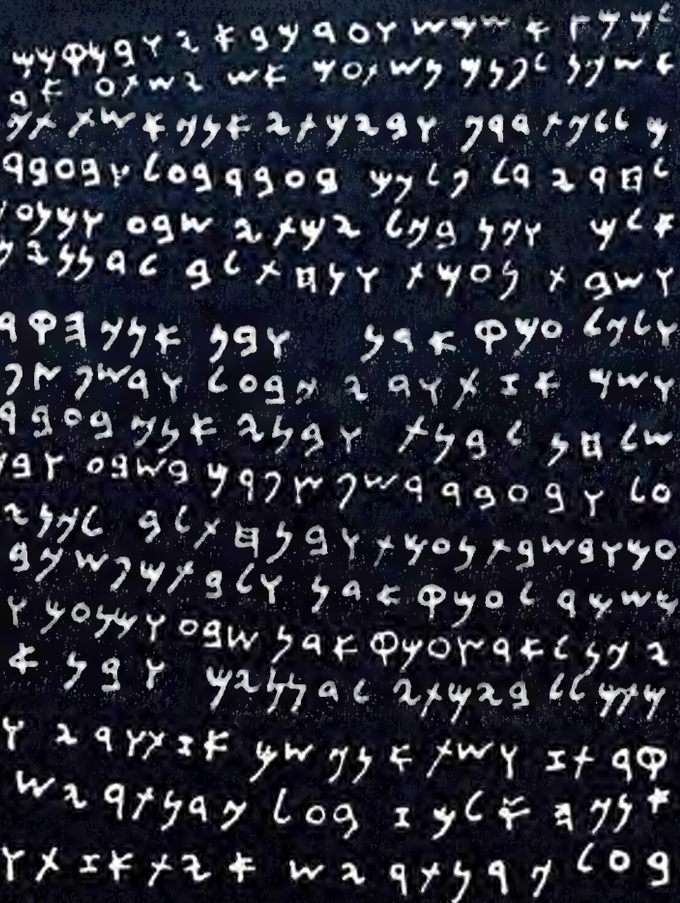
O investigador ouviu a história até o fim e depois dispensou-a, dizendo que ia tratar do caso. E comentou com um colega:

— A gente não dá conta nem dos crimes de verdade, e ainda aparece um tipo dêsses, com pó de sapo na cabeça...

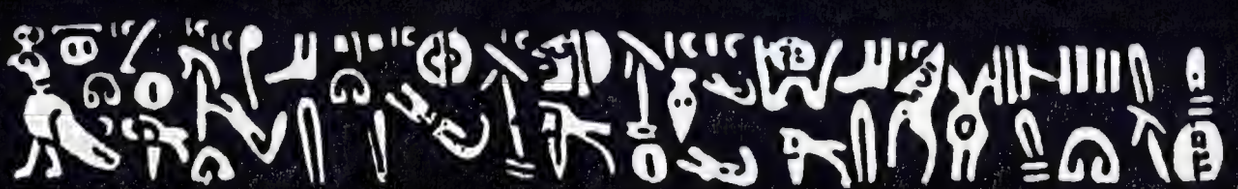
Duas semanas depois, o guarda-civil Ernesto Elias foi acordado em sua casa, às quatro da madrugada. Era novamente Marilinha Peixoto. Moravam na mesma rua e se conheciam de vista. Nervosa, a mulher pediu ajuda ao guarda, pois precisava tirar um "grande pêso da consciência". E repetiu a história contada na delegacia. Ernesto Elias era um guarda que acreditava que tudo era possível: levou a denúncia a sério, contou o caso ao delegado e ficou êle próprio, ajudado por um investigador, encarregado de pôr tudo em pratos limpos.

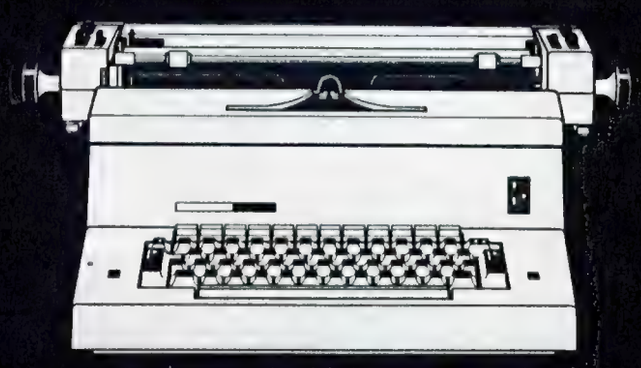
Seis dias depois, a cadeia de Uberaba, pequena, suja e superlotada, era arranjada às pressas para receber, numa das celas, as quatro mulheres do agradinho. As investigações iniciais tinham indicado que não uma, mas quatro mulheres, usando arsênico, tinham envenenado um número ainda não esclarecido de pessoas — seguramente mais de dez. Marilinha Peixoto, a delatora, era uma das quatro.

Texto de Hamilton Ribeiro Desenhos de Edmar Salles



CADA ÉPOCA TEM A SUA ESCRITA





A eletro-escrita da Tekne 3 expressa o ritmo da era tecnológica que dinamiza o Brasil de hoje.

olivetti tekne 3

máquina de escrever elétrica

Do pó de matar rato, um pouquinho só

A história tôda girava em tôrno de Francisca Coelho do Nascimento, mulher de 52 anos, óculos de aro de metal, e ar de muito mistério. Era respeitada no seu bairro, o Alto da Abadia, como entendida em passes, reza brava e defumação. De fala mansa, mantinha amizade com os vizinhos e gostava de dividir com êles um pouco de carne de porco, tôda vez que matava algum. O próprio guarda Ernesto Elias andou ganhando dela algum pernil ou lombinho.

— Eu aceitava, mas não comia — diz o guarda.

Chiquinha Coelho recebia muitas visitas. A gente do bairro a procurava em busca de conselhos e soluções para problemas sentimentais. E a muitos ela sugeriu a solução do **agradinho.** E a receita era mandar um agrado para a pessoa que perturbava ou impedia a paz sentimental do consulente. Isto é, uma coisa gostosa de comer: doce de leite, de abóbora, milho cozido, cocada, ou um bom salgado. Com um detalhe: no tempêro do **agrado** entrava também pó de matar rato, que contém arsênico. O remédio era certo e seguro. E ninguém jamais desconfiava.

A barba-azul de saia .

O depoimento de Chiquinha Coelho na Polícia foi de assustar. A cada frase aparecia um morto. Contou ela que inventou o **agradinho** em 1958. Nesse tempo, já viúva uma vez, era casada com José Durval. No comêço, tudo ia bem entre os dois, mas com o tempo êle foi se mostrando violento e mau. Tendo em casa **trigo roxo** — o pó de matar rato — passou a adicioná-lo ao feijão, o prato preferido do marido. E Durval, em pouco tempo, emagreceu, definhou e morreu.

— Quando Durval caiu de cama, eu fiquei com mêdo e parei de pôr o pó no feijão. Mas os remédios que o médico mandou êle tomar não adiantaram nada.

Mais uns meses e Chiquinha Coelho já tinha arranjado nôvo companheiro. Era Natal Natalino do Nascimento, funcionário dos Correios. Viveu dois anos com êle, o tempo necessário para constatar que Natal bebia muito e "tinha uma prosa muito enjoada". Nessa altura já estava de ôlho em Baltazar, um moreno escuro que tinha uma churrascaria na cidade. Francisca Coelho lembrou-se do **agradinho** e aplicou a fórmula. Mais um pouco e era novamente viúva. Aí procurou Baltazar, mas esbarrou no ciúme de Geralda Rosa dos Santos, que também apreciava um churrasquinho. Francisca não titubeou: preparou um doce de mamão maduro, dosou-o bem com **agradinho** e pediu a uma amiga comum, de nome Sandra, que fôsse levar o presente a Geralda. O doce devia estar muito bonito, pois dêle comeram, além de Geralda, Maria Teresa e Maria Luísa, suas filhas, e ainda Sandra, a portadora, e seus filhos. Foi uma correria. Todos os seis passaram mal, com enjôos, dores de estômago, vômitos e desmaios. E Maria Teresa, com 18 anos, morreu antes do socorro médico.

Na Polícia, nessa altura do seu depoimento, Chiquinha Coelho faz uma pausa e garante:

— Êsses foram os meus **agradinhos.** Os outros são da Mariinha e das outras.

Mas a lista de Francisca, segundo a Polícia, não parava aí. Havia ainda a morte de Maria Aparecida Gonçalves Borges, irmã de Baltazar, **agradada** com doce de abóbora, e a de Jocelina Malaquias de Jesus, sua segunda sogra, desaparecida em 1959.

Jôgo na bôlsa do crime

Depois de Chiquinha Coelho, chegou a vez das outras prêsas e o interrogatório, então, transformou-se numa bôlsa de crimes. As mulheres distribuíam os mortos entre si, cada uma ficando com o menor número possível, arranjando lugar e motivos para que muitos cadáveres coubessem nas listas das outras. Aniceto, um môço sadio e trabalhador, morto em 1960, foi pôsto na lista de Chiquinha Coelho, mas ela reagiu:

— Não, êsse não é meu. É da Mariinha. Eu não tinha nada que mandar **agradinho** para êle, que nunca perturbou minha vida. Foi a Mariinha que deu um beiço de porco ao Aniceto, concunhado dela, porque êle não queria que o Claudionor voltasse para casa.

— Não, comadre! — retrucou a Mariinha. Não dei beiço de porco nenhum pro Aniceto. Êle morreu foi de um agarramento no peito.

Mariinha diz que não matava nem galinha

Mariinha Peixoto desde o comêço jurava inocência:

— Nem galinha eu sei matar, **seo** doutor. Quando tem galinha em casa eu chamo a vizinha para torcer o pescoço dela.

A vizinha era Francisca Coelho, que ajudou a Polícia a fazer a lista dos **agradinhos** de Maria Peixoto. E foi tudo por causa do Claudionor. Êste a abandonara, mas já se dispunha a voltar para casa quando Juventino e Maria Rosa, seus pais, se opuseram à reconciliação. Mas Mariinha não se deu por vencida e, de comum acôrdo com Francisca, preparou uma feijoada e convidou os sogros, para que fizessem as pazes. Êles foram, o tempêro estava bom e a confraternização foi total. Total e fatal. Juventino morreu, Maria Rosa caiu de cama, foi levada às pressas para São Paulo, mas também não escapou.

Num sábado, feijoada para três

Mortos os sogros, Mariinha ainda não acreditava estar inteiramente livre o caminho para a volta de Claudionor. Havia ainda a irmã dêle, Antônia, o marido desta — o nosso já conhecido Aniceto — e Maria de Lurdes, que continuavam pondo coisas na cabeça do rapaz. Mariinha, de nôvo, consultou Francisca e o resultado foi mais agradinho. Numa feijoada de sábado, lá foram os três, famintos e inocentes, comer gostoso pela última vez.

O guarda Ernesto Elias, que ouvia os depoimentos, fêz uma observação:

— Eu conheci o Aniceto. Era forte como um danado. Até fui visitá-lo quando êle caiu de cama, e estranhei aquela doença tão repentina. O corpo dêle estava encarquilhado e a pele parecia de sapo sêco. Desconfiando de alguma coisa, levei o môço para o Samdu e contei minha estranheza ao médico. Êste, depois de se aconselhar com um colega, disse que se tratava de uma intoxicação muito forte, que passaria logo. No dia seguinte, Aniceto morreu.

A lista de Mariinha terminava com um caso de milho cozido que ela temperou para Maria Engrácia, uma menina de 10 anos, que passou mal, mas escapou.

A Polícia estava eufórica. Tinha nas mãos a mais espantosa série de crimes de que já se ouviu falar no Estado de Minas. Tudo vinha fácil e parecia suficientemente claro. Tão claro que a Polícia esqueceu de procurar Claudionor, o pivô de tantas mortes.

Francisca atava e desatava casos de amor

Os depoimentos continuam: faltam para depor, e ser acareadas, as outras duas mulheres, acusadas de viuvez por encomenda. A primeira é também Francisca — Francisca Silva Ferreira. Conta que vivia mal com o marido, Antônio Dias Ferreira. Êste passava longo tempo fora de casa e, quando vinha, era para maltratá-la. Morando no alto da Abadia, ouviu falar que Francisca Coelho era boa conselheira, para atar e desatar casos de amor. Procurou-a e foi logo ouvindo:

— Num homem dêsses a gente tem que dar jeito, comadre. Eu tenho prática.

O jeito foi **agradinho,** bem dosado, no almôço e no jantar. Francisca Silva Ferreira confessa tudo, esclarecendo que o pó de rato era fornecido pela outra Francisca.

Entra em cena a última das mulheres. É Maria Helena Moura, morena, 23 anos, bem diferente — na idade e no aspecto — das outras três.

SEGUE

VÁ À EUROPA E VOLTE VIA NOVA YORK PELA BRITISH UNITED

Em sua próxima viagem à Europa inclua em seu roteiro de volta uma visita aos Estados Unidos. Viaje pelo VC 10, o mais moderno jato comercial e desfrute da tradicional cortesia britânica, preferindo os serviços da BRITISH UNITED, a mais avançada frota aérea da Europa. Aproveite bem sua estada em Londres, utilize, se quizer, as conexões que oferecemos para as principais capitais européias e depois "dê um pulinho" a Nova York completando o roteiro mais agradável para suas férias ou conveniente para seus negócios. E não se esqueça: voar pelo VC 10 da BRITISH UNITED é viver uma experiência inesquecível, um autêntico privilégio. Os motores são Rolls-Royce. O vôo, o mais silencioso e tranqüilo, tal como você deseja

Passageiros de São Paulo serão transportados para o Rio em vôo especial pelos "Dart-Herald" da Sadia.

BRITISH UNITED

Consulte seu agente de viagens ou nossos escritórios - Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 251-B - Tel. 42-4046; São Paulo: Rua São Luiz, 258 - Lojas 32/33 : Tels. 33-7715 e 37-5788.

Varinha mágica para achar cadáver

Mílton Dias, seu marido, é a vítima. Francisca Coelho diz que Maria Helena usou **agradinho** no chá, para livrar-se do rapaz. Um irmão de Mílton depõe, para dizer que o môço era forte, tinha assistência médica, e não era para desaparecer assim, com 31 anos de idade. Maria Helena nega. Não podia matar Mílton, pois gostava muito dêle.

— Mas e o chá, você não lhe deu o chá?

— Dei sim. Mas não com pó de rato. O que eu pus no chá foi glândula de macaco, para ver se êle recuperava a potência.

O perigo de gostar de doce de mamão

A imprensa de Uberaba, depois de tantas confissões, só falava em morte, cadáveres, venenos, crimes de amor. Na cidade não se comentava outra coisa. Nos dias de visitas aos presos, formava-se fila de vários quarteirões para ver as quatro mulheres. Com a insistência das duas estações de rádio da cidade, as envenenadoras quase viraram personagens de novela. Mariinha Peixoto, muito falante, saudava cordialmente os ouvintes, antes de começar a contar coisas. E Francisca Coelho não fugia a nenhuma indagação. Quando um locutor perguntou se ela não tinha pena de ter matado uma môça de 18 anos — Maria Teresa — que nada tinha a ver com os seus casos de amor, Francisca respondeu:

— O agradinho eu mandei para Geralda, mãe dela. Ninguém mandou ela gostar de doce de mamão...

A imprensa não economizava elogios ao trabalho da Polícia: tinha livrado Uberaba de quatro inimigos públicos.

Garrucha, incenso, pinga e defumador

A primeira parte — prisão das mulheres, suas declarações e depoimentos de testemunhas — estava concluída. A Polícia agora buscava o principal: as provas materiais dos crimes. Realiza-se uma batida na casa de Francisca Coelho para encontrar pó de rato, mas o resultado é pouco animador: uma garrucha, alguns pacotes de incenso, três charutos, três caixas de defumador, uma garrafa de pinga e pólvora preta, tudo **instrumentos de trabalho.** O próximo passo ia ser decisivo: exame dos atestados de óbito das vítimas. A Polícia sabe que a morte por arsênico — que não é imediata — ocorre por complicações no aparelho digestivo, coração, pele e nervos. Se a **causa mortis,** em todos os casos, indicasse perturbações nesses órgãos ou regiões do corpo, meio caminho estaria andado. Primeira surprêsa: das 12 vítimas, só 8 haviam sido regularmente sepultadas em Uberaba. De quatro delas não se tinha notícia. Segunda surprêsa, e maior: os atestados de óbito não permitiam nenhuma conclusão.

Indicavam várias e diferentes causas de falecimento: Juventino José da Costa, edema agudo dos pulmões; Natal Nascimento, colapso cardíaco e uremia; Maria Aparecida Gonçalves Borges, colapso circulatório, coma, hemorragia cerebral; Maria de Lurdes, doença de Chagas; Aniceto Martins Costa, broncopneumonia, Antônio Dias, doença de Chagas, síncope cardíaca, colecistite calculosa; Mílton Dias, sem assistência médica; Maria Teresa, sem assistência médica, com uma anotação em separado: "Foi retirado material para exame pericial, no dia 15 de abril de 1962." Podia estar aí a chave do enigma.

Mas, no cartório, não havia nenhuma anotação sôbre o resultado da perícia.

O livro diz que foi envenenamento

A Faculdade de Medicina, para onde poderia ter ido o corpo, nada pôde esclarecer. O médico que assinara o atestado de óbito, dr. Jorge Furtado, prefeito de Uberaba na ocasião, lembrava-se de um caso de extração de víscera para exame, mas não tinha certeza se era êsse. De qualquer modo, perícia de arsênico só era feita em Belo Horizonte. Qualquer resultado, pois, devia vir de lá. Restava, para algum esclarecimento, o livro de sepultamentos da Prefeitura, onde a **causa mortis** é obrigatòriamente registrada. E achou-se, na página 200 do grande livro negro, a seguinte anotação: "N.º de ordem, 342, guia 1341. Nome: Maria Teresa, 18 anos, branca, residente na Rua Prudente de Morais, 478. Data do falecimento: 14/4/62. Causa do falecimento: envenenamento."

De onde, entretanto, o funcionário que faz a transcrição dos atestados de óbito no livro teria tirado aquela informação, no dia seguinte ao da morte, se em Uberaba não havia quem fizesse a perícia? Teria o resultado vindo de Belo Horizonte? Em um dia? E, se assim fôsse, por que a Polícia, na época — dois anos antes de vir a público o caso dos **agradinhos** — nada investigou?

Taco Ferreira, chefe dos jardins e cemitérios de Uberaba, não soube responder a essas questões. Mas sua conclusão continua inabalável:

— A mão de dona Santinha, que é quem faz a anotação no livro, foi guiada por um espírito que quer ver êsses crimes esclarecidos. Não pode ser outra coisa.

Um cemitério sem vagas

Tinha ficado para o fim a diligência que podia encerrar o assunto: a exumação de todos os restos mortais, para verificar se nêles havia presença de arsênico. O resultado positivo para o veneno seria definitivo: as mulheres seriam condenadas. Lá foi a Polícia, em aparatosa movimentação, marcar as sepulturas que deviam ser abertas, para a coleta do material: ossos, cabelos e terra, que é onde o arsênico mais se retém. Quando a caravana policial chegou, um dos coveiros tentava localizar terrenos vagos no cemitério, onde há sempre falta de vagas. Com uma comprida vareta de ferro, ia caminhando pelas alamêdas e cutucando o chão. Se a vareta não encontrava resistência, o coveiro assinalava o lugar: ali cabia mais um.

Sete túmulos desaparecidos

A Polícia tinha o nome e número da sepultura de oito vítimas. Mas nem com todos — policiais, coveiros, administradores — usando a vareta **mágica** foi possível descobrir os corpos das vítimas. A muito custo conseguiu-se encontrar o túmulo de Maria Aparecida Borges, falecida a 2 de março de 1962. Não se localizou as sepulturas dos que foram enterrados depois dessa data, muito menos as dos que morreram antes. Sete túmulos haviam desaparecido, e com êles um precioso material para a Polícia Técnica. Partiu-se então para a única exumação possível: ossos, cabelos e terra da sepultura de Maria Aparecida Borges foram encaminhadas ao Departamento de Medicina Legal de Belo Horizonte.

As mulheres continuavam prêsas. A Polícia seguia ouvindo testemunhas, fazendo acareações, avolumando o processo. E até o Claudionor apareceu.

— Êle ficou me olhando uma porção de tempo, mas não falou nenhuma palavra — diz hoje Mariinha. Tenho certeza de que quando isso tudo acabar, êle volta para mim.

Especialistas descobrem arsênico

A batalha das provas prossegue. Volta-se agora para os vivos, já que os mortos renderam tão pouco. Dos vários sobreviventes conhecidos dos **agradinhos,** a Polícia encaminha dois — não se sabe por que só dois — para o Pôsto Médico Legal, que organiza uma equipe de especialistas da Faculdade de Medicina, para exame de restos de arsênico no organismo. O laudo médico, assinado por gastrenterologistas, cardiologistas, dermatologistas e neurologistas, não registra nenhuma anormalidade no estado da menina Maria Luísa dos Santos, que havia comido **agradinho** de doce de mamão. No caso de Geralda Rosa dos Santos, sua mãe, a conclusão foi outra: "Através do eletrocardiograma foi constatado bloqueio completo do ramo direito do feixe de His.

SEGUE

Promotor sem prova não tem o que fazer

Isso caracteriza a miocardite crônica chagásica, mas não se pode afastar a hipótese de lesão cardíaca por agente químico, especialmente o arsênico. A prova de função hepática, apresentou alterações de um processo crônico que pode ter como causa um quadro infeccioso, tóxico ou carencial".

Nesse meio tempo, a Polícia recebe duas notícias. Uma do coveiro, que informa ter descoberto, sob um monte de terra, a sepultura de outra vítima — Natal Nascimento. Outra, do Departamento de Medicina Legal. Era um telegrama e dizia assim: "Resultado do material de Maria Aparecida Borges, enviado para exame, positivo para arsênico. Segue laudo completo."

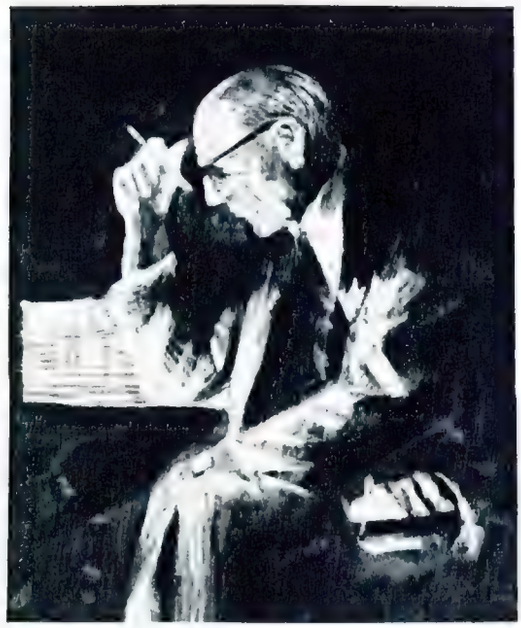
Promotor quer 500 anos de prisão

Com êsses elementos, o processo chegou à Justiça. O 1.º promotor da Comarca, Ângelo Manzan, professor de Processo Penal na Faculdade de Direito, nunca tinha, nos seu 20 anos de Ministério Público, redigido denúncia tão impressionante. Com base no inquérito policial, incriminou as quatro mulheres por uma dúzia de assassinatos com veneno (o que é agravante) e seis tentativas do mesmo crime. Se elas confirmassem as confissões feitas na Polícia, e a instrução criminal fornecesse as provas do delito, as quatro **agradáveis** senhoras poderiam ser condenadas a quase 500 anos de prisão.

Mariinha é débil, mas Francisca é normal

Foi pedido exame de sanidade mental nas duas principais acusadas. Psiquiatras da Faculdade de Medicina examinaram demoradamente Maria Geralda Peixoto Costa e Francisca Coelho do Nascimento. Para a primeira, o resultado foi definitivo: não tinha, na época dos fatos, nem tem hoje, condições mentais para avaliar o caráter criminoso dos seus atos: é débil mental. O processo ficou por um fio. Se Francisca Coelho tivesse, como todos esperavam, as suas faculdades mentais abaladas, não haveria nem julgamento. Tudo se resolveria com o internamento das duas num hospital psiquiátrico, ou no manicômio judiciário. Mas o laudo médico afirmava que Francisca Coelho é pessoa normal, apesar de influenciada por soluções fantásticas de macumba e feitiçaria, e é capaz de distinguir o bem do mal, sendo pois jurìdicamente capaz. Se deve, tem de pagar.

O processo continua. Começam os depoimentos na Justiça. Maria Helena de Moura, que já negara na Polícia, continua negando o crime. O chá era mesmo de glândula de macaco e não de pó de rato. E seu marido, ao contrário do que dizem os irmãos, era homem doentio. Francisca Ferreira da Silva, a outra viúva sob encomenda, declara que seu depoimento anterior fôra feito sob ameaça de espancamento. Desmente tudo: não matou o marido e mal conhece a outra Francisca, que lhe teria aconselhado a solução e dado a fórmula do **agradinho.** E apresenta, como arma de defesa, o atestado de óbtido, cuja **causa mortis** pouco ou nada tem a ver com arsênico ou outro veneno qualquer. Quanto ao corpo, foi regularmente sepultado no cemitério local. Podiam examiná-lo, se quisessem (e encontrassem).



Ocorre nessa altura uma espécie de greve-tartaruga na Magistratura Mineira, em luta por vencimentos mais elevados. Dois juízes da cidade, nessa mesma ocasião, são promovidos para Belo Horizonte, e apenas um magistrado passa a responder por três varas. Muitos processos se atrasam. E, entre êles, o do **agradinho.** Esgota-se, com isso, o prazo de 81 dias que o juiz tem para pronunciar os réus e mantê-los presos, à espera de julgamento. As quatro mulheres, sob **habeas corpus,** são postas em liberdade.

Nesse meio tempo, chega o resultado completo do exame do material de Maria Aparecida Borges, que havia seguido para o Departamento Médico Legal de Belo Horizonte: "Na terra da sepultura foram efetuadas reações químicas que acusaram a presença de arsênico. As reações nos ossos e nos fios de cabelo foram negativas para o tóxico em questão".

Cinco advogados tranqüilos

Neste mês de agôsto, o processo do **agradinho** faz o seu segundo aniversário na Justiça. Já podia ter sido julgado, mas só agora caminha para a decisão, em júri popular. O promotor, conhecido pela sua impetuosidade, está aborrecido. Nem a Polícia nem a instrução criminal armaram-no de boas provas para a acusação.

Os advogados da defesa — são cinco — estão tranqüilos. Farão com que suas clientes neguem na Justiça o que confessaram na Polícia, e argumentarão apenas em tôrno das provas. Acreditam que os poucos elementos contidos no processo vão ser fàcilmente destruídos. O resultado do exame dos restos mortais de Maria Aparecida Borges é, no seu modo de ver, favorável à defesa. A presença do arsênico devia estar contida nos ossos e nos cabelos, pois êsses são realmente da vítima. Mas a terra do cemitério não é só dela. E não estará tôda a terra do cemitério de Uberaba impregnada de arsênico? E não se usa arsênico em inseticida e desinfetante?

A perícia a que foram submetidas duas das sobreviventes é também propícia à defesa. Num caso — o da menina — totalmente. No outro, o da mãe, fàcilmente contornável, dada a grande incidência do mal de Chagas na região — 40% das autópsias em Uberaba revelam essa doença.

A anotação de envenenamento no livro negro da Prefeitura, em 1962, pode ser atribuída a um lapso ou a uma arbitrariedade da funcionária que faz as transcrições. Onde está o laudo pericial que comprovou o fato? Houve realmente êsse laudo? Por que a Polícia, na ocasião, não apurou o caso? E quando diz **envenenamento,** isso quer dizer obrigatoriamente que se trata de arsênico?

E sobretudo a defesa está rindo por dentro com o fato de que a Polícia, num caso de tantos mortos, só encontra o corpo de dois e dêsses dois só faz o levantamento pericial de um...

Agradinho é lição para Uberaba

Qualquer que seja o resultado do processo do **agradinho,** êle está ensinando muita coisa a Uberaba. Os médicos que assinaram os atestados de óbito das vítimas passaram por um bom susto. Se tivesse sido realizada a exumação de todos os restos mortais, ninguém sabe o que teria acontecido. O exame do livro de sepultamentos da Prefeitura revelou que, nos anos do **agradinho** — de 1958 a 61 — de cada dez enterros em Uberaba, dois foram feitos sem **causa mortis** definida. Se aconteceram realmente os 12 envenenamentos citados pelas mulheres, quem garante que não foram 24? E quanto ao fato de o cemitério não conseguir localizar uma sepultura devidamente registrada — dizem os advogados de defesa — isso é de morte.

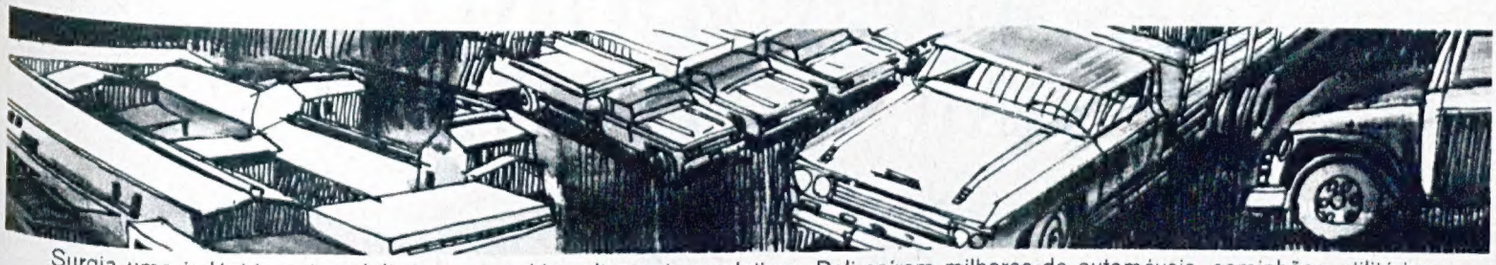
No fim, resta a saudade de Claudionor

O processo está atualmente num impasse. Francisca Coelho do Nascimento, cujo depoimento é fundamental, desapareceu. Assim que se viu em liberdade, vendeu a casa e sumiu. Ninguém dá notícias dela. O mesmo fêz Maria Helena Moura. E também Francisca Silva Ferreira. Só ficou em Uberaba, à disposição das autoridades, na sua casinha de pobre no Alto da Abadia, Mariinha Peixoto, a débil mental. Quando alguém vai procurá-la e não se consegue uma pista das outras três, ela desconversa. Uma coisa é certa: Mariinha não deixa Uberaba de jeito nenhum, pois só tem um mêdo na vida, que vai logo confessando:

— Só não quero é que o Claudionor, quando voltar, ache a casa vazia. Estou morrendo de saudade de Claudionor.

E oferece às visitas, já sem muita esperança de que alguém um dia venha a aceitar, um pouco de doce de mamão.

Antes, era a longa travessia do Oceano. Em seguida, eram montados um a um, 25 por dia. A intensa procura dos veículos Chevrolet exigiu então uma decisão: foi construída a fábrica de S. Caetano. Novas máquinas. Linha de montagem moderna.



Surgia uma indústria automobilística em moldes altamente produtivos. Dali saíram milhares de automóveis, caminhões, utilitários e ônibus. Todos os anos surgiam inovações marcantes. Chevrolet tornava-se cada vez mais um padrão de qualidade.

Nacionalizar a fabricação foi a próxima etapa. Para tanto, construiu-se a fábrica de motores de S. J. dos Campos. Em tempo recorde, foi atingido o índice de 99,57%. 1964 marcou o lançamento da nova linha, de concepção inteiramente brasileira.

Chevrolet, que teve a primazia de lançar o 1.º utilitário brasileiro de classe, deve o seu sucesso ainda aos Concessionários autorizados, funcionários, técnicos e centenas de fornecedores. Cada qual contribuiu para o triunfo geral.

Há inúmeros outros fatos importantes para serem contados. Mas êstes já são suficientes para ilustrar nossa história. Êles documentam a longa jornada de glórias dos veículos Chevrolet através dêstes anos de sua existência no Brasil.

—— uma viagem que começou em 1925 !

GM BRASIL

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

COSTA E SILVA JÁ PODE SER CONSIDERADO NOSSO PRÓXIMO PRESIDENTE?

SIM

Ninguém pode obstar-lhe a natural ascensão à Presidência, senão Deus. Não porque o Marechal o almeje ou porque nós o desejemos. É porque êle representa uma fôrça revolucionária. É porque êle foi considerado por todos os revolucionários (os de há muitos anos antes de março de 64) como uma personalidade digna e capaz de conduzir esta Nação nos rumos da redenção democrática que fará a Revolução venerada pelo povo. Um govêrno precisa, antes de tudo, de uma filosofia, de uma política e de homens capazes e eficientes. A filosofia êle a tem nos princípios de recuperação moral e de contenção da ação comunizante que afloraram com a própria Revolução. A política êle a traçará, estabelecendo o justo equilíbrio entre as necessidades do desenvolvimento nacional e as servidões decorrentes das injunções econômicas e das circunstâncias sociais. Homens honestos e eficientes sobram neste País. É só permitir que êles apareçam. Os diamantes não fulguram nas sombras. Não há dúvida de que o Marechal Costa e Silva será o Presidente. Resta-lhe aguardar, como nós pacientemente aguardamos, o desenvolvimento das normas legais já estabelecidas para a sua eleição e posse.

Coronel Ferdinando de Carvalho

Acredito que sim. E essa crença é animada pelas mesmas esperanças que me impulsionaram, a 31 de março quando, com tantos outros, lutamos contra as fôrças desagregadoras da nacionalidade. Cremos que se abrirá uma nova era na qual as manobras políticas sub-reptícias e personalistas hão de esboroar-se improficuamente contra a firmeza dos princípios de uma ética renovadora. Cremos que se formarão condições para o renascimento das lideranças ansiadas pelo povo como uma expressão das realizações revolucionárias. Chegará o momento de declararmos, não o "adeus às armas", mas o "às armas, cidadãos", como expressão de que todos se devem unir para a preservação democrática de nossos padrões tradicionais e para consecução da obra de redenção nacional. Assim como eu, milhões de brasileiros estão na expectativa da revitalização revolucionária que o Marechal Costa e Silva encarnará, porque êle prometeu continuar revolucionário.

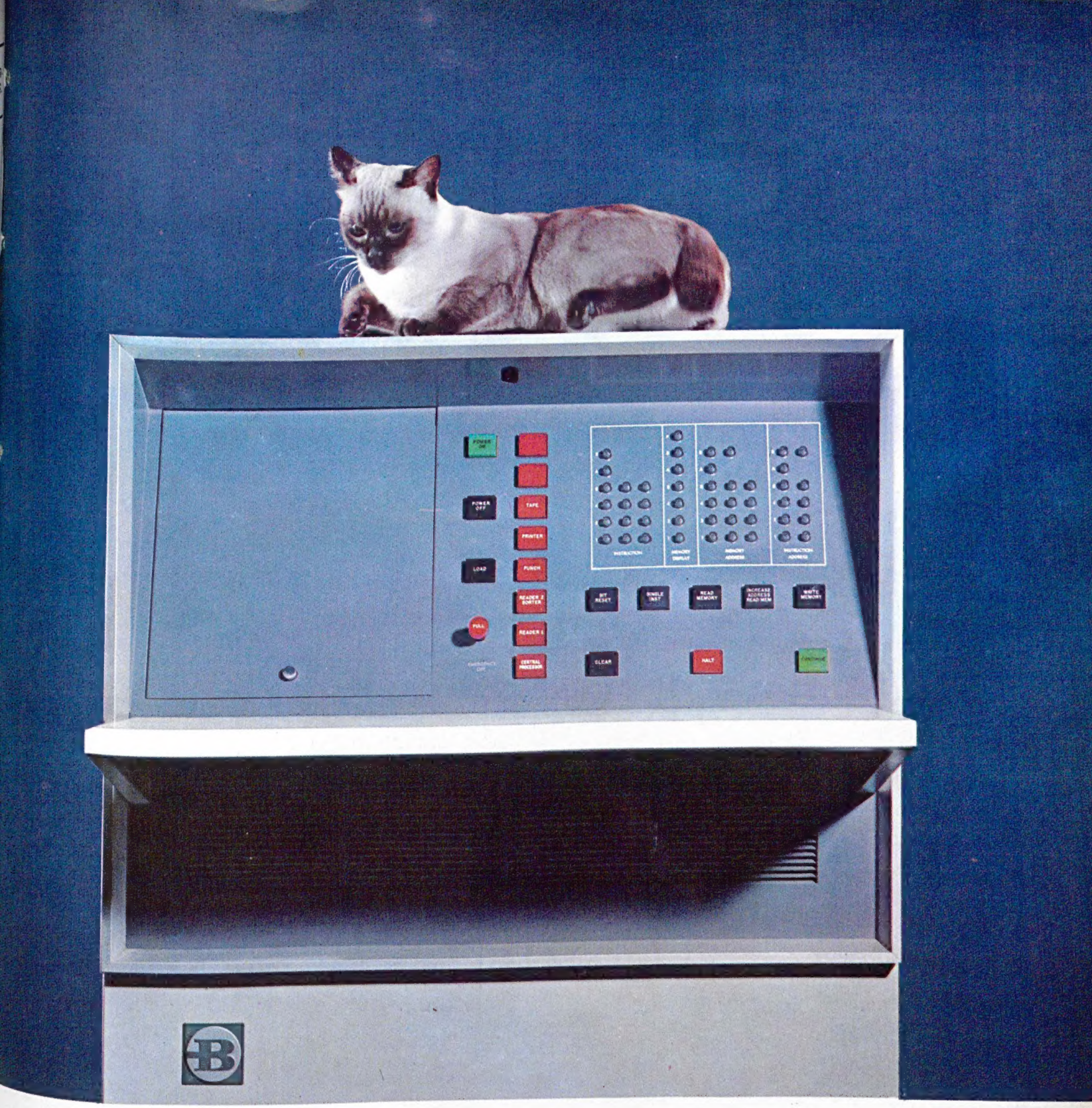
Coronel Gérson de Pinna

NÃO

Na atual situação brasileira ninguém pode se considerar seguro de alguma coisa. Nem eu, de continuar deputado, nem êle, de imaginar que já é Presidente da República. Muito menos seguro êle, do que eu. Só por suposição, e para podermos argumentar, entremos pela selva política, mais perigosa agora, nesses dois meses que nos separam da eleição presidencial indireta. Dentro da Arena, onde a candidatura do Marechal está posta em têrmos ditos irreversíveis, militam dois terços da Câmara Federal e do Senado. Nesses 60 dias, espécie de limbo eleitoral, tudo pode acontecer. E, quando digo tudo, quero dizer **tudo** mesmo. Por exemplo: a convocação de uma nova convenção tendente e reexaminar o esquema sucessório do sr. Castelo Branco, tendo em vista a "gravidade da situação nacional e o não menos grave panorama da situação internacional". E aí, então, o Marechal Costa e Silva, não mais de Exército, mas de pijama — não mais Ministro da Guerra, mas candidato apenas — pode ser engolido pela máquina de triturar da atual política brasileira, regida pelos ditames de um só homem que, em doses inacreditáveis, vem digerindo com absoluta tranqüilidade todos os que colaboraram para colocá-lo à testa do govêrno dito revolucionário. As farsas "eleitorais" que se vêm processando nos Estados são uma prova disso. O sr. Castelo Branco "elege" quem e como quer. Em alguns casos escolhendo dentro de uma lista; em outros, fora; noutros, mais, sem lista mesmo. Para não falar nessa verdadeira degradação a que se submete o País com o triste espetáculo do Rio Grande do Sul, onde, para vencer na Assembléia, proclamou-se a necessidade de cassar deputados, com o mesmo despudor de juízes de futebol do passado, que, até que o resultado fôsse o que desejavam, anulavam tantos gols quantos fôssem necessários. Pensar-se que estamos vivendo sob o comando de um presidente democrata e constitucional, ultrapassa, em muito, os limites da ingenuidade e da cegueira. Ou compreende o Marechal Artur da Costa e Silva, como devemos compreender todos, que existe um ditador de fato, movido pela convicção de que sem êle êste País se esfacelará, ou o Marechal Artur terá o mesmo fim de dois outros Artures, vizinhos nossos: Illia e Frondizi. O Marechal Artur da Costa e Silva não pode ainda se considerar Presidente. Pelo menos, enquanto o "seu mestre" mandar". E o seu mestre, nosso mestre e mestre de todos nós, é um Onganía mais velho, e que veste o manto rôto de um democrata, tão curto quanto a sua sinceridade, para sob êle esconder o **onganismo** que é o seu supremo objetivo. Todos nós, deputados, senadores, ministros, ou seja lá o que fôr, continuamos a ser ministros, senadores, deputados, enquanto êle quiser e permitir. E o que êle mandar "fazeremos todos". Não pode considerar-se Presidente da República o Marechal Costa e Silva. Como não pode considerar-se revolucionário o govêrno que hoje temos. Com êste govêrno ninguém — nem mesmo Costa e Silva — pode considerar-se seguro de nada.

Amaral Neto Deputado Federal

Pergunta do leitor Eduardo de Bada — São Paulo, SP.



À noite todos os gatos são pardos (e os computadores também)

Parados, computadores podem ser confundidos. Mas em ação, vamos ver quem fala mais fluentemente o Cobol (Common Business Oriented Language). Quem reduz mais os custos e aumenta a produtividade. Quem executa várias tarefas simultâneamente (multiprocessamento).

Apostamos que é um Burroughs. E ganhamos.

Burroughs Eletrônica NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO DE DADOS

44.015

Há quem o prefira sòzinho, muitos o apreciam em calda de caramelo. Outros gostam mais com ameixa. Seja como fôr, é Flan Royal: basta.

FLAN ROYAL

Mais um produto de qualidade F&R Fleischmann-Royal

7.914